OBRAS COMPLETAS

DO

CARDEAL SARAIVA

(D. FRANCISCO DE S. LUIZ)

PATRIARCHA DE LISBOA

PRECEDIDAS DE

UMA INTRODUCÇÃO PELO MARQUEZ DE REZENDE

PUBLICADAS POR

ANTONIO CORREIA CALDEIRA

TOMO IX

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1880

OBRAS COMPLETAS

DO

CARDEAL SARAIVA

OBRAS COMPLETAS

DO

CARDEAL SARAIVA

OBRAS COMPLETAS

DO

CARDEAL SARAIVA

(D. FRANCISCO DE S. LUIZ)

PATRIARCHA DE LISBOA

PRECEDIDAS DE

UMA INTRODUCÇÃO PELO MARQUEZ DE REZENDE

PUBLICADAS POR

ANTONIO CORREIA CALDEIRA

TOMO IX

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1880

TRABALHOS FILOLOGICOS

ESTUDOS PARA A HISTORIA DA LINGUA PORTUGUEZA

ADVERTENCIA

Os tres primeiros e o ultimo dos trabalhos comprehendidos n'este volume foram delineados pelo auctor em 1811. Divertido de certo de suas investigações litterarias por instantes cuidados e talvez impreteriveis deveres, não pôde o auctor dar-lhe mais tarde o acabamento de que haviam mister. Entendeu-se, entretanto, por conveniente imprimil-os taes quaes elle os deixára, mas foi necessario demorado estudo para proporcionar logar proprio a notas e a additamentos, que se encontravam sem ordem nem concerto em papeis soltos. Póde ao leitor parecer ter havido menos acerto n'este empenho e diligencia, e se assim acontecer deve a falta attribuir-se tão sómente a quem, sem possuir os dotes e elevadas faculdades que tão distincto tornavam o nome do fallecido conselheiro Antonio Correia Caldeira, se viu na penosissima obrigação de o substituir, para que não ficasse interrompida publicação por elle tão superiormente dirigida.

Lisboa, 10 de junho de 1880.

V. D.

GLOSSARIO

DE

VOCABULOS DA LINGUA VULGAR PORTUGUEZA
QUE TRAZEM ORIGEM DO GREGO

GLOSSARIO

DE

VOCABULOS DA LINGUA VULGAR PORTUGUEZA
QUE TRAZEM ORIGEM DO GREGO

A

A—Artigo feminino; no plural *as, a mulher, as mulheres; a* caza, *as* cazas; corresponde ao masculino *o, os, o* homem, *os* homens, &c. Vem, segundo Rezende, do grego ὁ e ἡ mudado este em ἁ no dialecto dorico. Os nossos antigos escrevião *ho, ha, hos, has,* conservando, ao que parece, o vestigio do espirito rude do original.

He mui notavel, que nenhum dos idiomas da Europa se conforme com o portuguez e gallego nos artigos *o* e *a*. Mr. Raynouard confessa que *a lingua portugueza parece, á primeira vista, ter formado os seus artigos segundo hum typo particular;* mas logo depois acrescenta, que elles são na verdade identicos com os da lingua romana, e que sómente se differenção pela suppressão do *l*. Assim diz, que supprimindo o *l* nos artigos *lo* e *la,* he que o portuguez adoptou *o* e *a;* e pretende confirmar esta conjectura com argumentos que julga *incontestaveis.*

Diz que *pello, pella, polla, pollas,* &c., são meras contracções de *per-lo, por-lo,* &c.; mas nisto se engana o douto escriptor, por não advertir, que o *l* naquelles vocabulos he eufonico, e não pertence aos artigos. *Pelo, pela, polo,* &c. (que se devem escrever com hum só *l,* e não com dous) são os vocabulos *per-o, por-o,* &c., ado-

çando com o *l* a desagradavel pronunciação do *r* antes de *o, a,* &c.

O mesmo se deve dizer do outro exemplo, apontado pelo escriptor, *todolos, todalas,* &c., aonde a pronunciação *todos-os, todas-as,* se adoçou, substituindo o *l* á sibilante *s,* que pareceo menos eufonica. E ainda hoje, que na linguagem polida e escripta, dizemos *todos os* homens, *todas as* cousas, &c., o povo rustico (que nisto o não parece) continua a usar do seu antigo idiotismo *todolos homens, todalas cousas,* &c., seguindo o conselho do ouvido, que acha esta articulação mais doce que a primeira.

A palavra *el-Rei,* que he outro argumento de Mr. Raynouard, he huma formula solemne, consagrada desde longos tempos, e adoptada do castelhano, quasi como caracteristica da veneração que se deve ao objecto, que ella significa. O *el* prova tanto o que pretende o escriptor, como se provaria que os Portuguezes ainda falão castelhano, porque as frases adverbiaes *a la moda* e *a la par* tem sido empregadas por alguns escriptores nossos. São restos da antiga irregularidade, e mistura dos idiomas, que o tempo tem, em grande parte, corrigido.

Abatido — O que não tem a altura e elevação, que lhe convem. De ἀβαθὴς, o que carece de profundidade; do α privativo e βάθος, profundidade. (Veja-se *Baixo.)*

Abaxar ou **Abaixar** — Veja-se *Baixo.*

Abrazar — Veja-se *Braza.*

Abrochar — Veja-se *Brocha.*

Acalentar ou **Acalantar** — Exprime a acção da ama, ou da mãi que faz mimos e afagos á criança, para

a fazer adormecer, ou para a consolar quando chora. De ἀικάλλω, amimar, fazer meiguices, afagar, lisongear.

Acatar, Acatamento — Mostrar respeito a alguem por acções externas, abaixando-se, inclinando, dobrando o corpo. Tem origem no grego κατα, para baixo (particula que exprime *inclinação, quéda),* descenso.

Ache ou **Axe,** que nos nossos diccionarios he caracterisado como *palavra de meninos* — Significa huma pequena arranhadura, huma feridinha, hum *dóe,* como dizem os meninos, ou se lhes diz a elles. He o grego ἀκία, ferida, o que dóe.

Adamastor — Nome proprio, que se dá nos *Lusiadas* ao fero gigante, guarda do grande Cabo das Tormentas. Parece derivado do grego ἀδάμαστος, *indomavel, indomito,* do α privativo e de δαμάω, domar: epitheto bem expressivo, e com razão applicado áquelle temeroso cabo.

Afastar-se — Abster-se de alguma cousa, apartar-se della. Parece-nos que este vocabulo tem alguma relação com o grego ἄπαστος, o que se abstem de comer, &c., de α privativo e πάσομαι, futuro de πατέομαι, *edere,* comer. O allemão tambem diz *fasten,* jejuar; e o gothico *fastan* e *gafastan,* com a significação mais generica de conservar, guardar, tirar do uso.

Afouto ou **Afoito,** que alguns dizem **Fouto** e **Foito** — Homem resoluto, determinado, denodado, talvez com temeridade; em frase plebéa, homem *botadiço,* que ás vezes se arremessa imprudentemente. Vem de φοῖτος, furor, insania, v. φοιτάω, ser vagabundo, insen-

sato, louco, furioso. Moraes o deriva do latim *fautus*, favorecido; mas esta significação tem mui pouca analogia com a do nosso vocabulo.

Afreimar-se, Amofinar-se, Consumir-se, Affligir-se — He formado do substantivo *freima*, e exprime a acção de quem se está *inflammando*, amofinando, &c. Na provincia do Minho se diz, v. gr., de quem trabalha muito, que *trabalha com freima*, isto he, com grande diligencia, com ardor, e como quem se *afreima* de ver o trabalho diante de si, &c. Vem de φλέγω, queimar, abrazar, arder; donde φλέγμα, inflammação ardor, &c. (Veja-se *Freima.)*

Agonia, Agoniar-se, &c. — Tambem são vocabulos frequentissimos no Minho, aonde o povo diz, v. gr., de huma pessoa afflicta com alguma infelicidade, ou caso adverso, que *se agoniou muito* com tal successo; que está muito *agoniada*, isto he, agastada, descontente, afflicta, &c. He o grego ἀγωνία, afflicção, angustia; de ἀγών, lucta, peleja, turbação, contenda, &c.

Agrião — Planta bem conhecida. Póde vir de ἄγριος, ou ἄγριον, o que nasce nos campos e não he hortense; o que he *agreste* e *silvestre*, não cultivado.

Agro — Adjectivo; cousa aspera, fragosa, cheia de *agrura*, v. gr., *caminho agro*, fragoso, difficil de andarse; *monte agro*, ingreme, inaccessivel, &c. He o grego ἄγριος, agreste, rustico, selvatico, &c.; ou ἄκρος, elevado, eminente, mui alto; donde ἄκρον, rochedo, pico; e ἀκρωτήριον, promontorio, &c. O latim *acer* tem differente significação, e deo-nos outra familia de vocabulos, a que pertencem *acre*, isto he, *picante*; e *agro*, isto he, *azedo*, &c.

Ai! — Interjeição de dor e sentimento. He o proprio grego *αἶ* que os Latinos disserão *hei! heu! heus!* &c.

Ai-la-lé — Vozes de alegria, que a plebe da provincia do Minho, e especialmente a gente das aldeias, mistura e intercala nas suas cantigas rusticas, como retornello. De *ἀλ-αλή*, clamor bellico, com que os soldados se animavão á peleja, quando hião entrar em combate; donde o v. *ἀλαλάζω*, gritar *a-la-lé*, dar o grito de combate.

Al — Outra cousa: vocabulo antigamente mui usado, e que ainda hoje se conserva em certas formulas juridicas. Nos documentos, que continhão ordens dos nossos Soberanos, se dizia muitas vezes no fim *e al não façades*, e outra cousa não façaes. Hoje no fim dos ditos das testemunhas se escreve *e al não disse*, isto he, e outra cousa não disse. He o grego *αλ*, que tambem se acha na lingua celtica. A simplicidade desta palavra monosyllabica mostra que ella não vem do latim *aliud*, antes que o proprio latim foi tomado de hum idioma mais antigo, amoldando-o ao seu genio com lhe dar huma terminação sua.

Alambique — Este vocabulo veio-nos immediatamente do arabe, como mostra o artigo *al:* os Arabes porém o tomárão do grego *ἄμϐιξ*, vaso, caldeira, calix. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica*, v. *Alambique.*)

Alazoar — Vocabulo usado na provincia da Beira: significa gabar-se, pavonear-se, jactar-se, dizer alguem de si mentiras vaidosas. De *ἀλαζών*, o que se gaba, se gloria, se jacta; o que he insolente, immodesto, &c.; donde *ἀλαζονεῖα*, fasto, arrogancia, ostentação.

Alçar — Levantar alguma cousa acima da sua natu-

ral posição ou estatura. De ἀλκή, auxilio, esforço, vigor; em dialecto dorico ἀλκά, com a mesma significação; de ἄλξ, esforço, potencia, &c.

Alfita — He em Theocrito «*mola, seu farina cum sale mixta ignetosta*». E Eustachio diz: «*Usurpant* ἄλφιτον, *profarina hordeacea, aut furfuribus, quia* ἄλφιτον, *facile propter vilitatem a pauperibus invenitur*».

Alfitete — Especie de massa doce. Póde vir do grego ἄλφιτον, no plural ἄλφιτα, que tambem significa huma certa massa de farinha, tostada ao fogo, ou frita.

Alló — Antigo adverbio de lugar: lá, ali, áquelle lugar, &c. Tem analogia com ἀλλόθε, ἀλλότε, ou ἀλλοσε, que são adverbios de lugar.

Almario ou **Armario** — Bluteau o suppõe derivado de ἁρμὸς, compostura, arranjamento.

Aluir — Abalar o que está fixo. Lembra-se Moraes de que póde vir de ἀλοιάω, no dialogo jonico, de ἀλοάω, abater, abalar (latim *tundo, pulso, tero,* &c.).

Ama — Mulher que cria uma criança, que lhe dá de mamar. He vocabulo do diccionario da infancia, e por isso commum a muitos idiomas. Hesychio diz que na lingua grega αμμα significava o mesmo que mãi e nutriz, e que era tambem appellido de Rhea, mãi, ama, ou nutriz dos homens. E no liv. 5.º das *Vidas dos Padres,* de Rosweyd, que foi originalmente escripto em grego, se usa do vocabulo αμμᾶς por mãi espiritual. Tambem he vocabulo hebraico, arabe, &c.

Amarfanhar — Vocabulo que não vem noicciona-

rio de Moraes, mas que he frequentissimo no Minho, aonde se diz, v. gr., do cão, que correndo atrás do gato, em breves instantes o *amarfanha*, isto he, o alcança, e agarra e mata; o galgo *amarfanhou* de hum salto a lebre; o gato *amarfanhou* o rato, &c. De μάρπτω, alcançar, attingir o alvo, tomar, apprehender, agarrar, empolgar, &c. Fique aqui advertido, que o *a* inicial, em muitos vocabulos portuguezes, se deve desprezar na indagação das etymologias, por ser a addição desta vogal propria do genio da lingua, ou do orgão portuguez, e se acrescentar a hum grande numero de palavras, sem alterar, nem modificar a sua significação.

Amproom — Adverbio ou frase adverbial antiquada, que segundo o auctor do *Elucidario*, quer dizer *adiante, em direitura, a diante por caminho direito*, v. gr., pelo alto da montanha *amproom*, isto he, adiante, caminho recto, sem declinar. De ἀμπρὸν, a corda com que são puxados os bois; designando-se por este modo o caminho recto, a direcção dos bois, ou do carro adiante, em linha recta, sem declinação para nenhum dos lados.

Anafado — Nedio, lizo, luzidio, mimoso, que não tem defeito, em que se não deve pôr a mão, &c. Vem do grego ἀναφὴς, cousa que não se deve tocar por mimosa; de α privativo, e de ἀφὴ, tocamento.

Anão — Homem de mui pequena estatura. He o grego νάνος ou νάννος, que significa o mesmo.

Anca — A parte do corpo do homem, ou do animal, aonde encaixa o alto das côxas, fazendo com ellas huma especie de curvatura. Tambem chamâmos *anco* a qualquer cotovello ou curvatura que faz a terra: «Caminho (diz Barros) de tres legoas, com as torturas e ancos,

que fazia a enseada». Tudo emfim, segundo Bluteau, o que faz angulo com o encontro de duas linhas se póde chamar *anco*. Vem de ἀγκών, cotovello, curvatura do braço, ou de outra cousa: ἀγκαὶ, *(ulnae)* os braços arqueados para receber alguma cousa; e tambem os Gregos dizem ἄγγος, vaso, urna, utero, cousa capaz de recolher outra no seu bojo, as quaes significações todas suppõem a primaria e formal de *curvatura*.

Andorinha—Nome de huma avesinha mui conhecida (latim *hirundo)*. Nós o julgâmos derivado do grego ἀηδονίς, que significa propriamente hum pequeno rouxinol (latim *lusciniola)*, a que outros dão o nome de *philomela*.

Andrajos—Remendos, farrapos, vestidos lacerados. Vem de ἀνδράγρια, a que corresponde o latim *spolia homini detracta:* ανδραγχος, o que dilacera, estrangula e faz pedaços, &c.

Anthrás—Carbunculo, nascida maligna, assim chamada da côr inflammada, ou da febre ardente, que a acompanha. He o proprio vocabulo grego ἄνθραξ, carbunculo, braza acceza, de θερω *(calefacio)*.

Aosadas—Frase adverbial antiquada, que Cardoso traduzio pelo latim *affatim*, e que se acha em alguns dos nossos antigos escriptores com a significação de *assás*, em *quantidade bastante*, &c. Póde ter origem no grego ὅσά, ou ὅσος, que tambem exprimem quantidade; donde ἐφ' ὅσον, καθ' ὅσον, emquanto, tanto que, &c.

Apenar—Veja-se *Penar*.

Aqui—Adverbio de lugar (latim *hic)*. Parece tomado do grego ἐκεῖ, neste lugar (latim *illic, illuc, eo)*.

A reio, que tambem se escreve **Arreio** — Frase adverbial, que quer dizer sem interrupção, sem intervallo, correndo sempre, v. gr., ganhar muitos jogos *a reio*, continuar a bateria quatro dias *a reio*, &c. Parece derivado de ῥέω, correr, ῥέος, fluxo, fluxão, acção de correr continuamente. Os nossos antigos escrevião *arreo*, como ainda se lê em Frei Luiz de Sousa; mas na pronunciação adoçámos mais o vocabulo com o ditongo, segundo o idiotismo portuguez, e depois passámos o mesmo ditongo á escriptura, dizendo *arreio*.

Aresto — Accordão, resolução, ordenação. He o grego ἀρεστὸν, que significa o mesmo; do v. ἀρεσκώ, *(placere)*.

Arrazar — Tirar ou cortar o que passa acima do nivel do plano; pôr a cousa raza, igual na superficie. De ἀράσσω, amputar, cortar?

Arrefens, que em antigos documentos talvez se escreve **Arrafenes** ou **Arrafens** — Pessoa que se dá em penhor, caução, fiança, &c. He o grego ἀῤῥαβὼν, de origem oriental, que significa o mesmo.

Arrotear — Romper as terras incultas; dar-lhes os primeiros trabalhos para as reduzir a cultura. Do grego ἀρόω, lavrar a terra; ἄροτος, lavor, tempo da lavoura; ἀροτὴρ, lavrador, &c.

A rodo — Frase adverbial, que significa em grande copia, v. gr., *ter dinheiro a rodo*. Vem de ῥυδὸν, abundantemente, em grande quantidade, com affluencia (latim *fuse, affatim, affluenter)*.

Arruido ou **Arroido** — Veja-se *Ruido*.

Artemão — Véla grande que se punha nas galés. De ἀρτέμων, véla maior do navio; antenna.

Arteza — Amassadeira, vaso em que se amassa o pão. Vem de ἄρτος, pão. Na linguagem da giria tambem se diz *artife* (por *pão),* que tem a mesma origem.

Asco — Tedio, nojo, causado por alguma cousa suja, torpe, hedionda, nojenta. De αἰσχρὸς, adjectivo, o que he torpe, sujo, asqueroso; de αἶσχος, substantivo, torpeza, infamia, deformidade, *foeditas, probrum,* &c.

Ascoroso ou **Asqueroso** — Torpe, nojento, tedioso, que causa *asco.* Do grego αἰσχὸς, asco, tedio, nojo; donde αἰσχρὸς, adjectivo.

Asmo — Veja-se *Aziumado.*

Asobar — Este vocabulo não vem em Moraes; nem o temos ouvido em outras partes, senão na provincia do Minho, aonde mui frequentemente se usa no mesmo sentido que *açular,* isto he, estimular, incitar os cães a que avancem a alguem, e o enxotem e botem fóra. *Asóba, asóba* (dizem aos cães) exhortando-os a que avancem, e botem fóra. He sem duvida derivado de σοβέω, repellir, enxotar, lançar fóra (latim *abigere, expellere);* donde σόβη *(illud quo muscae abiguntur)*. enxotador de moscas, &c. *(muscarium, flabellum, quo muscae abiguntur).*

Assuada — Ajuntamento de gente, talvez em tumulto, e para fazer algum mal. Os nossos antigos dizião *assunar-se,* por ajuntar-se, congregar-se; e *assunada* ou *assumada* por ajuntamento. Em hum documento de 1331 *(Dissertações chronologicas,* tom. 5.º, pag. 262), se

diz: «Na claustra da dita See, em cabido asuados, juntos, e chamados», &c. He vocabulo formado do grego συν, donde fizerão συνάγω, ajuntar, congregar; e συναίσσω, cahir sobre, cahir com impeto em união, &c. Do mesmo συν se derivão os nossos antigos *em-sum*, *con-sum*, *de-sum* (unanimemente, conjunctamente, em commum), os quaes erradamente se tem pretendido derivar do latim *insimul*. *Assuada* he *a-sum*, com a terminação *ada*, que ao pé da letra quer dizer *pancada de gente em união*.

Atarantar — Perturbar, desatinar alguem; fazel-o tontear, perder o tino, &c. De ταράσσω, ou ταράττω, perturbar, atemorizar, amedrontar, aterrar; donde ταρακτὸς perturbado, &c.; ταράχὴ, perturbação, inquietação, tumulto, sedição, &c.

Atiçar — Espertar, avivar o lume, ou a luz, espevitando a vella; e no figurado excitar, v. gr., a discordia, a guerra, &c. Vem do grego στίζω, pungir, picar, estimular, excitar. A plebe da provincia do Minho ainda diz *astiçar*, conservando a articulação do original; e ao instrumentosinho, com que se esperta a luz, atiçando-a, espevitando-a, dá o nome de *estiça*, ou *stiça*, vocabulo que falta em Moraes.

Átimo — He outro vocabulo plebeo, frequente no Minho, corrompido de *átomo*. Fez (dizem) o que se lhe mandou *n'hum atimo*; desappareceo *n'hum atimo*, isto he, em hum momento, em hum instante, em hum *indivisivel* de tempo. He o grego ἐν ἀτόμω, que significa precisamente o mesmo; de α privativo, e de τέμνω, cortar, dividir; donde ἄτομος, o que he indivisivel.

Atoleiro — Chão muito embebido em agoa; lameirão, lodaçal, em que os homens, os animaes e outros

corpos pesados se *atolão* e afundão, quando nelle entrão. Vem de θολος, o que he turvo, lodoso, lameirento. Ainda hoje os Gregos dizem θολο-ποταμος para designarem hum *rio turvo*, que leva terra, lama, ou lodo na sua corrente, &c.

Atroar — Aturdir, fazendo grande bulha, ou estrondo; e tambem se diz na provincia do Minho, que he *atroado* o rapaz inquieto, estouvado, que tudo faz repentinamente, sem tino, sem compostura geitosa, &c. Em grego θροέω, falar como clamando, e fazendo grande tumulto; θρόος, grande clamor tumultuoso; αθρόος, repentino, &c.

Auge — O ponto da maior elevação de qualquer objecto. Chegou (dizemos) ao *auge* da grandeza, da infelicidade, da riqueza; ao *auge* das fortunas do mundo, &c. Do grego ἀυγή, luz do sol, brilho, o ponto mais alto a que chega o sol; o ponto do seu maior esplendor. Bluteau deriva este vocabulo do arabe *aux*, que significa (diz) *a parte superior do excentrico, ou epicyclo dos planetas.* Mas devêra o douto escriptor advertir, que os Arabes tomárão dos Gregos em grande parte as suas noções astronomicas, e alguns dos termos com que as exprimião.

Avantesma ou **Abantesma** — Imagem de cousa má que apparece de noute; espectro, visão de finados, sombra de mortos, figuras medonhas, delirios da fantasia desordenada. Vocabulo frequente na linguagem da plebe rustica e ignorante, corrompido de *fantasma*, que he o proprio grego φάντασμα, com a mesma significação.

Axe — Veja-se *Ache*.

Aziumado — Diz-se do pão, ou da massa, quando

levou fermento de mais, ou quando a fermentação passou do ponto justo. Vem de ζύμη, fermento, ζυμόω, fermentar; donde ἄζυμος, sem fermento, ou (como nós dizemos) *asmo, pão asmo*, não fermentado (contracção de *azymo)*.

Azo — Occasião opportuna, conveniente, geitosa. Vem de αἴσιος, cousa prospera, favoravel; αἰσίως, prosperamente, opportunamente, &c.

Azoado — Agastado com algum successo adverso, apaixonado, afflicto. Não vem em Moraes, mas he vulgarissimo. Póde derivar-se do grego ὀϊζύς, tribulação, trabalho oneroso, molesto (latim *aerumna)*; ὀϊζυρὸς, infeliz, funesto, apaixonado, afflicto.

B

Babão — Tolo, estulto, insensato, que articula mal as palavras, &c. He voz formada por onomatopeia, e tem analogia com o grego βαβάζω, proferir vozes inarticuladas; βάβαξ, garrulo, vão, impudente; βαβαί, interjeição de admiração, que Hesychio chama θαυμαστικὴ φωνὴ *(vox admirantis)*, o que he proprio do *babão* e *basbaque*.

Baço — Especie de côr, que Moraes chama *morena amarellada;* o halito *embaça, empana* o vidro; dá-lhe esta côr, &c. (Veja-se *Embaçar.)*

Badulaque — Guizado de figados, bofes e outras entranhas. Vem do grego βάθος, baixo, e λαγών, entranhas *(partes imi ventris)*.

Baêta ou **Bayêta** — Tecido de lãa, grosseiro e tal-

vez felpudo. Do dorico βαῖτα, ou βαίτη, pelle, vestido de pelles *(vestis pastoralis)*, &c. Era costume dos Gregos doricos trazerem sobre o vestido huma capa grosseira, donde vierão porventura os capotes grossos, tão usuaes nos povos da provincia do Minho, e nos Gallegos.

Bagatela — Vocabulo não muito antigo no idioma portuguez, e tomado, ao que parece, do francez *bagatelle,* que tambem o tomou do italiano. Vem o vocabulo grego no *Livro da Sabedoria,* cap. 15.º, v. 9.º A sua origem he o grego βραχυτελής, cousa de pouca importancia, de pouca duração, &c. (βραχὺς-τέλος).

Baile, Baile, &c. — Dançar, saltar dançando, dança, &c. Vem de βαλλίζω, que significa o mesmo. São vocabulos usados no nosso idioma desde tempos antiquissimos. Os Padres do Concilio Provincial Bracarense, do anno 572, já fizerão este canon. «*Si quis* balatisnes *ante ecclesias Sanctorum fecerit; seu quis faciem suam transformaverit in habitu muliebri*», &c. E no Concilio Toletano III, do anno 589, se prohibem certas *danças* nas igrejas, as quaes são designadas pelo vocabulo *ballimachia,* que he de composição grega, e parece referir-se ás *danças* ou *bailes* antigamente usados, de homens armados, representando huma especie de combate, das quaes diz Bluteau, que passárão de Lacedemonia ás Hespanhas. Ainda nos nossos dias vimos, em algumas aldeias da provincia do Minho, representarem-se estes bailes ás portas das igrejas, entrando no combate de huma parte Christãos, e de outra Mahometanos, ou Mouros, que sempre ficavão vencidos, &c.

Baio — Côr de algumas bestas cavallares. (Veja-se Moraes.) He o grego φαιός, fusco, entre branco e negro. Em latim barbaro *badius,* castanho claro.

Baixo ou **Baxo,** donde formâmos **Abaixar, Abaixo, Debaixo,** &c. De βαθύς, profundo; βάθος, profundeza, cavidade; βάσσων, no dialecto dorico, cousa mais profunda, &c.; celtico *bach.*

Bala — Corpo redondo de pedra, ferro, chumbo, &c., que se atira com armas de fogo, ou de arremesso. De βάλλω, atirar. Deste verbo grego dizem alguns que se formou o nome *Baleares,* dado ás ilhas do Mediterraneo, assim chamadas, por serem os seus habitantes mui peritos em atirar com a funda. Diodoro, liv. 5.º, de *Balearibus:* «*Hos* (diz) *populares et Romani* Baleares, βάλλειν, *id est, a jaculando, nuncupant, qui magnos fundis lapides melius, quam universi mortales, ejaculantur*». Mr. Depping, *Histoire générale de l'Espagne,* diz que esta derivação he errada; que o nome de *Baleares,* dado ao principio a estas ilhas he evidentemente *fenicio;* e que os Gregos não fizerão mais que traduzir o vocabulo fenicio, chamando as mesmas ilhas *Gymnezias,* ou *Gymnezianas.*

Balausta ou **Balaustia** — Flor da romanzeira silvestre. Do grego βαλαύστιον, que significa o mesmo. Schoell, Dioscorido, Plinio e Scapula.

Balsa — Especie de jangada, ou armação de madeira, em que se transportão pelo rio, ou mar, cousas pesadas, ou em que talvez se salva do naufragio a gente do navio sossobrado. Do grego barbaro βάλκα, *(navigii genus),* ou de βάλκα, *(scapha),* segundo João Meursii, no *Glossarium graeco-barbarum.*

Bambaleiar — Mover-se, agitar-se, não estar firme, v. gr., o cavalleiro na sella, inclinando ora para huma parte, ora para outra. Do grego βαμβάλω, segundo Moraes, ou βαμβαλίζω, tremer, não estar firme.

Bandurra — Instrumento musico de cordas; especie de cithara pequena. De πανδοῦρα, que tem a mesma significação. Da mesma origem póde vir *pandorga,* outro instrumento musico, de que fazem menção alguns nossos escriptores (como por exemplo o padre Antonio Leite, na *Historia da Virgem da Lapa,* Coimbra, 1639, liv. 5.º, cap. 3.º). Os Italianos e Francezes disserão *mandore,* e os Inglezes *bandora,* &c.

Bandurrilha — Veja-se *Bandurra.* Vem da mesma origem.

Basbaque — Veja-se *Babão.*

Bastar — Ser bastante; ter capacidade e sufficiencia, &c. Póde vir de βαστάζω, levar o peso, hindo debaixo; sustental-o, poder com elle; ser *bastante* para isso. (Veja-se Roquefort, *Glossaire de la langue romaine, Supplément.)*

Bieito — Vocabulo que não vem em Moraes: termo plebeo, com que na provincia do Minho se exprime hum máo geito, habito, costume, talvez ridiculo, cacoethes, que alguem tem tomado nas palavras, ou nas acções, contra o uso geral das outras pessoas. Alguns (por exemplo) a cada frase mettem o estribilho, ou bordão, *tal et cetera, et sic de cetires, d'aqui, d'acolá, aquelle e aquella,* &c. Outros estão sempre anafando o cabello, brincando com as cadeias do relogio, &c. Tudo isto são *bieitos,* que as pessoas polidas devem evitar. Vem de βιαίως, obliquamente, contra o natural, violentamente. (Veja-se *Viés.)*

Biltre — Nome que damos a hum homem vil, desprezivel, ridiculo. Alguns o derivão de ἀβέλτερος, tolo, insipiente, insensato, estulto.

spar — Alcançar com a vista, lobrigar o que está ; o que he miudo e pouco visivel; o que está no da confusão; o que acaso se occulta para não ser Vem de ἐπιςκοπέω, especular, ver de longe.

asmo — Parece o mesmo vocabulo, que depois se *prasmo* e *prasmar;* censura, reprehensão, injuria, erio, &c. Parece derivado de βλάπτω, fazer mal, ler; donde βλάμμα, damno, injuria, detrimento.

ato — Noticia que corre no publico, e se dá em lta. De βοάω, clamar.

dega — Loja, taverna, tenda, caza, em que se m fazendas, se dá de comer e beber, &c. He o ἀποθήκη, que significa o mesmo. Daqui vem tam-*otica,* que entre nós exprime loja, tenda, ou caza, ue especialmente se vendem drogas medicinaes e amentos.

ieiro — O que tracta dos bois. O adjectivo grego significa de boi, pertencente a boi.

la — O que se atira, cousa atirada, &c. De βόλος, ıdo Gebelin, *Origine grecque.* Schoell deriva o fran-*oule* de βῶλος, pedaço de pedra tosca. (Veja-se)

léo — Pancada na pella, antes de cahir no chão; vem as frases: fazer as cousas *de boléo,* isto he, ncada, sem consideração; levar hum *boléo,* isto he, pancada forte, hum tombo, &c. Vem do grego ς, cousa lançada com impeto; de βάλλω, atirar; βολή, acção de atirar, de percutir, de vibrar, &c.; nbem de ἄβουλος, o que he inconsiderado, temera-

rio, sem conselho, e ἀβούλως, temerariamente, inconsideradamente, loucamente.

Bolsa—Saquitel, talvez de pelle, ou de couro, em que se mette dinheiro ou outras cousas. De βύρσα, couro, pelle.

Bomba e **Bombarda**—Vocabulos formados por onomatopeia. De βόμβος, que significa o zunido da abelha, o estrondo do trovão, &c.; donde o v. ἐμβομβεῖν, fazer estrondo, &c.

Borborinho—Susurro de gente junta; som, rumor confuso e surdo, como o que faz a lama, ou terreno alagadiço, quando nelle se patinha. Vem de βόρβορος, lama, lamaçal; donde βορβορόω, e βορβορύζω, fazer estrepito, fazer ruido.

Boróa—Pão de milho com mistura de centeio, e talvez de outras farinhas, mui geralmente usado na provincia do Minho. Póde vir de βορά, comida, pasto, alimento; donde βορὸς, comedor (Scapula). Em castelhano *borona* significa o *maïs*, ou outra casta de milho, de que se faz pão.

Bosque, que antigamente se dizia tambem **Bosco**—Porção de terreno povoado de arvores silvestres. De βόσκω, pastar, dar pasto.

Bosta—Excremento de bois. Os nossos antigos dizião tambem *bostal* e *busto* por curral de bois, lugar em que se criavão as manadas, &c. São vocabulos derivados de βοῦς, boi, no dialecto dorico βῶς, donde elles mesmos fizerão βουστάδιον, βουστασία, curral dos bois, &c.

Botelha — Garrafa de vidro ou de barro. Voltaire o deriva do grego βοῦττις, especie de vaso, cuba, talha *(cupa,* Meursii, *Glossarium graeco-barbarum),* e o põe entre os vocabulos que passárão dos marselhezes e provençaes ao francez.

Botica — Veja-se *Bodega.*

Boubas e **Bubão** — Tumor nas virilhas, &c. He o grego βουβών.

Bousear — Falar aos bois e a outros animaes, para os espertar no trabalho. De βαύζειν, bousear, vozes dos cães ladrando; donde por onomatopeia se formou este verbo (latim *baubari).* Não se deve dizer *bozear,* e ainda menos *vozear,* como pretende Moraes, por não attender á origem do vocabulo, e á sua energia imitativa.

Braga ou **Bragas** — Calças usadas dos antigos Bracaros, e dos habitantes da Gallia bracata. Alguns derivão o vocabulo do grego eolico βράκος, εος, ou de βράκαι, ων, que tem a mesma significação; nós porém temos por mais provavel, que os proprios Gregos o recebêrão dos Celtas, conforme a opinião de Diodoro e Hesychio. Pelo que he verosimil que de huns ou de outros viesse ao nosso idioma, visto que ambos aquelles povos habitárão as Hespanhas, e determinadamente as regiões da Lusitania e Galliza.

Bramar — Dar bramidos; diz-se especialmente das vozes de alguns animaes, como do leão, do elefante, talvez do touro, &c. Do v. βρέμω, bramir, ou *bramar,* dar grandes gritos. Em gothico *bram* tambem significa hum grande grito, huma grande voz. He vocabulo for-

mado por onomatopeia, e por isso commum a varios idiomas.

Braza—Carvão ardente, todo em fogo, todo penetrado de fogo. Do v. βράζω, ou βράσσω, ferver, arder, queimar-se.

Brida—Freio. Voltaire e Gébelin o derivão do grego eolico βρυτήρ, redeas, redeas do freio. Em vasconso *brida,* e tambem no celtico e allemão, segundo Denina.

Brio—Elevação da alma; elevação de sentimentos; valor, nobre esforço, &c. De βριάω, exaltar-se, elevar-se, ser valeroso, poderoso, forte, &c.

Brocha—Damos este nome a duas pequenas peças de metal, que prendem huma na outra, e se pregão, v. gr., nas pastas dos livros para os ter fechados, ou em outras cousas semelhantes. De βρόχος, laço, prisão, cousa que prende; donde ἀποποβροχίζω, abrochar.

Brodio—Póde vir de βρῶσις, ou βρωτός, ou βρωτύς, comida; acto de comer; comestivel; v. βρώσκω, comer, pastar. Schoell deriva o francez *brouter* de βρύττω, comer.

Broma—Bichinho que roe os páos e madeiras; *bromar* a madeira, isto he, roel-a, esfuracal-a. Do grego βρῶμα, o que he ou está comido, ou ruido. (Moraes, v. *Broma* e *Bromar.)*

Bubão—Veja-se *Boubas.*

Burrico—Burro pequeno. Em grego barbaro

βουρίχος, (Meursii, *Glossarium graeco-barbarum*). Em provençal *bouriske*, e no antigo romance francez *bourriquet*.

Busto e **Bustello** — Veja-se *Bosta*.

C

Cá — Conjuncção antiquissima *porque*, que talvez se escrevia *ka*, como no antigo romance francez. A sua origem parece ser o grego γάρ, que tem a mesma significação.

Cabaz — Cesto de junco ou vime. Vem de κάβος, que segundo Hesychio significa não sómente huma certa medida, mas tambem huma *cesta de vime*, que provavelmente servia para a medida; da mesma sorte que nós chamâmos, v. gr., *cabaço* o casco secco da cabaça, e tambem a medida de capacidade, que com elle se faz.

Cabidella — Guizado que se faz da moela, figados, pescoço, pontas das azas, &c., das aves. He o grego κίβδηλος, aquillo a que se achão misturados residuos, restos, escorias, sobejos inuteis, cousas vãas, e de nenhum valor; e tambem cousas vãas, e sem substancia, preparadas com arte e com alguma apparencia agradavel; de κίβδηλος, donde κιβδηλεύω, *arte aliqua quidpiam pro vero assimilare*, o que he falso, bastardo, contrafeito; mas assemelhado por arte ao natural, &c. Veja-se o *Livro da Sabedoria*, no cap. 15.°, v. 9.°, e no cap. 2.°, v. 16.°, nos quaes lugares ambos se traduz por *res spuria, falsa, fucata, fallax, cui scoria admixta*, epithetos que bem se podem applicar todos á *cabidella*. Ali se

acha este vocabulo, com as notas dos commentadores, que o explicão.

Caco — Fragmento de qualquer vaso, ou obra de louça. De κακὸς, cousa vil, ruim, objecto de nenhum preço.

Cacoéte — Aindaque este vocabulo pareça mais scientifico do que vulgar, comtudo muitas vezes o temos ouvido, na provincia do Minho, a pessoas que nunca lêrão os livros. Significa máo costume, máo geito, &c. He o grego κακὸς, máo, ruim, e ἦθος, costume, geito, &c. (Veja-se *Bieito.)*

Cada — Especie de adjectivo, ou formula invariavel, distributiva: v. gr., *todos* fizerão o seu dever; *cada hum* no lugar em que foi posto, &c. He o grego κατά, que ás vezes tambem he distributivo, v. g., καθ' ἕνα, *cada hum*; κατ' ἔτος, cada anno; κατ' ἑκάστην ἡμέραν, cada hum dia, &c. Na *Profecia* de Ezechiel, cap. 46.°, vv. 14.° e 15.° da edição Vulgata se lê a expressão *cata mane mane*, que quer dizer *cada manhãa;* sobre a qual notão os interpretes e commentadores, que o κατά he particula grega; que seria introduzida no texto (pois não existe no original hebraico) por algum hespanhol; e finalmente que he hum *hispanismo*. «*Quis hoc in loco* (diz Maldonado, ao v. 14.°) *et versu sequenti* graecam praepositionem *cum latina versione miscuerit, haud equidem scio. Nam nec Hieronymus ita vertit, nec ipsi Septuaginta, cum grace loquerentur.* Aliquis fortassis Hispanus. *Nam Hispani graeca phrasi, et praepositione utuntur, cada mannana*». E o douto Marianna: «*Hispanismus videtur; dicimus enim cada mannana*».

Calaça — Preguiça, mandrianice, repugnancia ao trabalho, negligencia nelle: *calaceiro,* homem preguiçoso,

tardo para o trabalho, &c. Vem de χαλάω, futuro χαλάζω, estar languido, laxo, pouco para trabalhar; χάλασις, languidez, relaxação de forças. Moraes não traz *calaça* neste sentido; mas he vulgarissimo na linguagem do Minho, e certamente tão portuguez como *calaçaria*, que vem da mesma origem.

Calantar — Veja-se *Acalentar*.

Calar — Abater, metter no fundo, descer, &c. (Veja-se Moraes.) Vem do grego χαλάω, descer, abaixar; laxar a prisão para deixar descer, para deixar hir abaixo. Schoell, caracterisa-o como termo de marinha.

Calhandra — Ave que se parece com a cotovia; mas sem topete, e com coleira de pennas negras. Alguns o julgão formado de καλῶς e ᾄδειν, exprimindo a suavidade do canto desta ave. Assim Marianna e outros. (Veja-se Bluteau.)

Calháo — Parece corresponder propriamente ao *silex*, ou *saxum* dos Latinos. A plebe chama *calháo* a qualquer pequeno seixo, com que se atirão pedradas, e dá o nome de *calhoada* á pancada, ou golpe da pedra atirada, vocabulo que falta em Moraes. Estas palavras tem intima relação com o grego κάχληξ, seixo redondo, pequena pedra frequente nas praias do mar; κόχλαξ, pedra volvida pelas ondas, e tambem χάλιξ, pedra miuda com areia e cal (latim *caementum*, &c.) (Veja-se Gebelin, *Origine grecque.)*

Calma — Calor forte e intenso. De καῦμα, calor que suffoca, incendio (Aldrete, *Del origen y principio de la lengua castellana);* de καίω, queimar; καύομαι, arder, ser queimado.

Caloiro — Frade da Terra Santa, a que os Gregos dão este nome, segundo diz Frei Pantaleão no seu *Itinerario,* cap. 14.º, aonde dá a etymologia do vocabulo. Outro escriptor (Schoell) diz que os monges gregos são ordinariamente chamados *caloyers,* vocabulo corrompido de *calogeros* (καλόγηρος), que propriamente quer dizer *bom velho (Tableau des religions chrétiennes d'Orient).* Veja-se tambem Diogo do Couto, Dec. 5.ª, liv. 7.º, cap. 7.º Ainda hoje (diz Pouqueville), os Gregos dão este nome aos monges chamando-lhe *calo-ieroi* (bons ecclesiasticos), assim como chamão *calo-iatri* (bons medicos) a certa classe de empiricos, que fazem algumas operações cirurgicas, e que tradicionalmente transmittem a pratica dellas a seus filhos ou discipulos.

Calotear — Suspeitâmos que este vocabulo nos veio do grego χαλκολογέω, pedir, mendigar dinheiros com mentiras e enganos (latim *aeruscare;* donde *aeruscator, qui malis artibus pecuniam conradit undique).*

Cama — Leito de dormir com o apparelho proprio para isso. (Veja-se Moraes.) Alguns o suppõe derivado do grego κεῖμαι, jazer, jazer deitado; donde κείμενος, deitado, ἀνάκειμαι, κατάκειμαι, &c., jazer em terra, jazer deitado estendido ao comprido, &c. (κέιω-κεῖμαι, jazer, estar deitado).

Camara — He propriamente caza, ou quarto de caza, que tem o tecto em abobada. He o grego καμάρα, abobada; de κάμπτω, encurvar, dobrar em curvatura *(curvum facere).* Daqui vem tambem καμαρωτὸς, *camarote,* pequena caza abobadada, pequena *camara.*

Camba ou **Caîba** — He o nome de huma das peças da roda do carro. Tambem chamâmos *cambaio* o que

mette os joelhos para dentro quando anda, *arqueando* as pernas pelo lado externo; *cambado* e *cambar* o que tem as pernas tortas como em *arco*. Chamâmos *cambota* o *arco* de madeira, sobre que se forma a abobada, &c. Todos estes vocabulos e seus derivados, e outros cuja significação se funda na idéa principal e formàl de *curvatura*, são derivados, mais ou menos remotamente, do v. κάμπτω, encurvar, dobrar em curvatura, arquear; donde καμπτή, e κάμψις, curvatura; καμπτός, o que se dobra, e he flexivel, &c.

Camba — Peça do freio das bestas. Em grego se diz κήμος, freio, bocado, e κημόω, enfrear, encabrestar, e tambem χαμὸς, ou καϐὸς, freio.

Cambalear — Dar passos mal firmes, inclinando ora para hum lado, ora para outro, a modo de quem tem a cabeça mal segura, e que não governa bem. De κάμπτλεός, encurvado, &c.; de κάμπτω. (Veja-se *Camba.*)

Cambota — Veja-se *Camba.*

Camêlo — Duas são as significações, bem diversas, deste vocabulo. Na primeira, he o nome do animal quadrupede conhecido, que chamâmos *camêlo*, em grego κάμηλος, nome tomado do oriental *qamal*, usado (segundo Bochart) dos Hebreos, Arabes, Caldeos e Syrios. Na segunda significação quer dizer *calabre nautico*, em grego κάμιλος, que significa o mesmo *(funiculus crassus*, segundo Suidas). E neste sentido parece dever-se entender no Evangelho de S. Matheus, cap. 19.°, v. 24.°, que o padre Pereira traduzio «mais facil he passar hum camêlo pelo fundo de huma agulha, do que entrar hum rico no reino dos ceos».

Canapé — De κωνωπεῖον, veo, ou armação delle para livrar das moscas e mosquitos. (Schoell.)

Canastra e **Canastro** — Caixa, ou como cesto, tecido de varas espalmadas e flexiveis, com tampa, ou sem ella. De κάναστρον, que em latim se diz *canistrum.* O nosso vocabulo conservou a vogal dominante, postoque tambem dizemos *canistrel.*

Cantaro — Na provincia do Minho he vaso de barro, não vidrado, que serve especialmente para ter agoa dentro das cazas, e para serviço das cozinhas. Em outras partes he tambem medida, v. gr., hum *cantaro* de azeite, dous *cantaros* de mel, &c. He o grego κάνθαρος, vaso.

Canto — He o grego κανθὸς, que significa *canto do olho.* Nós lhe damos, por analogia, huma applicação mais generica, e chamâmos *canto* na frase vulgar o que em outros idiomas se chama *angulo, canto* da caza, *canto* da rua, *canto* da cozinha, &c., entendendo por *canto* o angulo externo ou interno que fazem as paredes, ruas, &c., no seu encontro.

Capella, ou antes **Capéla** — Moraes não traz este vocabulo senão com a significação de *lugar destinado para o culto divino;* e quando no artigo *capellista* fala das lojas de *capella,* dá huma origem particular e meramente local a esta palavra. Nós julgâmos pouco verosimil, que a circumstancia de estarem algumas destas lojas proximas á capella real em Lisboa fosse bastante para que em todo o reino se chamassem as lojas semelhantes *lojas de capella;* os donos dellas *capellistas;* e fazendas de *capella* as que ahi se vendem. Entendemos pois que o vocabulo tem origem mais antiga no grego κάπηλος, taberneiro, tendeiro, homem que vende drogas

e fazendas; donde καπηλεῖον, caza de venda, tenda, taberna, albergue aonde se dá de comer, &c. Acresce á nossa conjectura, e em confirmação della, que na provincia do Minho ainda hoje ás proprias tabernas e lojas aonde se vende vinho, se dá, em frase plebéa e chula, o nome de *capellas*. Platão, no livro 2.º da *Republica*, chama καπήλους, os albergues em que se vende vinho, bem como os Latinos designavão pelo vocabulo *caupo* os donos ou chefes destas cazas, ás quaes chamavão *stabularia*. Adoptando-se a nossa etymologia, deve escrever-se com hum só *l* lojas de *capéla, capelista*, fazendas de *capéla*, &c. Á significação, que damos a este vocabulo, allude Arraes, Dec. 5.ª e 6.ª, dizendo que Dario, Rei dos Persas, foi chamado *capelo*, que quer dizer *negociador, homem questuario, tratante* ἀνδραποδοπώλης, vendedor de escravos.

Cara—O rosto do homem e de alguns animaes. He o grego κάρα ou κάρη, cabeça, alto da cabeça, e tambem rosto ou face. (Veja-se Roquefort, *Glossaire de la langue romaine*, v. *Chere.*)

Caravella—Especie de navio mui conhecido dos nossos Portuguezes, descripto por Osorio, *De rebus Emmanuelis Regis*, cap. 2.º Aldrete o deriva do grego καράβιον, pequeno navio, pequena embarcação. Parece que o vocabulo *caravella* tem alguma affinidade com *carabus*, que Santo Izidoro, *Orig.*, liv. 18.º, cap. 1.º, explica por *parva scapha, ex vimine facta, quae contexta crudo corio, genus navigii praebit*. Nos nossos antigos documentos se acha *cáravo* e *cárevo*, que Moraes diz ser embarcação usada no Mediterraneo, e d'ahi deriva *caravella*.

Caricias—Veja-se *Querido*.

Carinho—Veja-se *Querido*.

Carneiro—Animal lanigero, mui vulgarmente conhecido. Alguns tem derivado este vocabulo de *carne*, sem outro fundamento attendivel mais que a apparente semelhança material entre elles. No grego achâmos κάρνος, εος, (τὸ) a que Hesychio dá a significação de *ovis* e *pecus;* mas nós temos por mais provavel a derivação do hebraico, como em seu lugar dizemos[1].

Carosso—Veja-se *Carunho.*

Carunho—Vocabulo que falta em Moraes. A plebe do Minho dá este nome ao caroço duro, e quasi osseo, de alguns fructos, taes como as ameixas, as cerejas e outros semelhantes. He o grego καρύϊνος, de noz, ou cousa que semelha a noz: de κάρυον, que exprime todo o fructo de caroço duro.

Cassão—Termo indecente, com que a infima plebe costuma appellidar as mais vis meretrizes. Póde vir de κάσσα, meretriz; donde κασσαύρα, e κασσωρὶς, com a mesma significação; e κάσσυμα, *lupanar;* ou tambem κασαυρειον, de ηάσσυμα, couro; como em latim *scortum* significa *couro* e *meretriz.*

Catarro—Fluxão de humores, a que tambem chamâmos *defluxo.* He o grego κατάῤῥους, v. καταῤῥέω, correr (latim *fluo, defluo*, &c.).

Catatáo (fazer o)—Moraes diz *catatáo*, espada má; e *fazer o catatáo*, isto he, fazer a caridade ironicamente; e lembra que virá de κατατράω, furar. Nós julgâmos melhor derival-o de καταπτοέω, metter medo; ameaçar, atemorisar, ameaçando (latim *pavefacio); κατα,* πτοέω, aterrar, amedrontar.

[1] Veja-se tomo VIII, pag. 244.

Catrapós — Termo plebêo, e mui usado na provincia do Minho. Levar (diz o vulgo) o cavallo *a contrapós*, isto he, a galope, *a quatro pés;* andar *de contrapós*, andar correndo muito a cavallo; e no figurado fazer as cousas *de contrapós*, á pressa, inconsideradamente, sem ponderação, &c. Vem do grego antiquado κατερων, quatro (donde o antigo romance francez fez *katre)*, e πoῦς, pés; ou do proprio vocabulo τετράπους, o que he de quatro pés, corrompida a primeira articulação.

Çafar — Alimpar raspando; apagar, v. gr., as letras de hum papel com o raspador; letras *çafadas*, isto he, apagadas, como se fossem raspadas; no figurado, *çafar-se* bem de hum negocio, isto he, sahir, livrar-se delle limpamente, &c. Póde vir do v. ψάω, raspar para tirar manchas, limpar raspando.

Ceira — Alcofa tecida de corda de esparto. (Veja-se *Seira.)*

Celeuma — Grito nautico da chusma do navio De κελεύω, incitar os remeiros com vozes proprias para isso; exhortal-os á manobra; donde κέλευσμα, grito da chusma, quando se alevanta a ancora, e se dá *boa viagem* aos navegantes.

Celha — Veja-se *Selha*.

Cepo — Instrumento de páo com seu encaixe, em que se mette o pescoço ou os pés do criminoso por castigo. Virá de [illegible], [illegible], que significa o mesmo.

Cerce — Adverbio rente, pela raiz, v. gr., *cortar cerce*, isto he, pelo mais baixo, rente com o plano; donde vem *cercear*, *cercear*, &c. De κείρω, tosquiar,

cortar a lãa ou cabello rente com o pello; κερθεις, trosquiado, &c.

Chamalote — Certo tecido de lãa de camêlo. Parece vir de κάμηλος, camêlo, ou de καμηλωτή, pelle de camêlo. (Aldrete): e seria semelhante ao que hoje chamâmos *camelão*, que sem duvida he vocabulo vindo da mesma origem.

Charneca — Veja-se *Enxára*.

Chato — O que tem a superficie abatida á feição do plano; o que he espalmado, &c. Vem de πλατὺς, que significa o mesmo, mudada a articulação *pl* em *ch*, conforme o idiotismo portuguez, que do latim *plaga* fez *chaga*; de *planus*, *chão*; de *plantare*, *chantar*; de *plorari*, *chorar*, &c. Os Gregos tambem dizem πλάτη, a extremidade espalmada e *chata* do remo; e πλάτος, o que tem largura; porque o corpo *achatado* ganha mais nesta dimensão.

Chó e **Choz** — Armadilha de caçar perdizes e outras aves. (Veja-se *Ichó*, que he o seu verdadeiro nome.)

Chuço ou **Chusso** — Veja-se *Géso*.

Chué — Veja-se *Xué*.

Chusma — A gente de serviço dos navios; a gente mais baixa que trabalha na manobra. Vem sem duvida de ξύσμα, raspas, que sahem da madeira, ou de outros corpos, que se raspão para os alizar, ou lhes dar polimento; do v. ξύω, raspar, polir raspando, &c., por ser a *chusma* o refugo (digamos assim) que resta nos navios, tirada a gente limpa. Alguns escriptores nossos escre-

vem e querem que se escreva *churma*, julgando o vocabulo derivado do italiano *ciurma*, ou do latim barbaro, que tambem diz *ciurma*.

Cima e **Cimo** — O alto; o *cume*, v. g., da serra, do monte, do edificio, &c. Do grego τὰ σιμὰ, *(loca ardua, acclivia)*, o que he ingreme, arduo de subir, escarpado, &c. Já em antigos documentos achâmos *cimalia* e *cimalias*, pelos lugares mais elevados das montanhas, donde vem *cimalha*.

Cithara — Instrumento musico de cordas. He o grego κιθάρα.

Coar — Fazer passar o liquido através de hum panno, de hum papel, de qualquer corpo poroso, para o purificar das partes grosseiras, que nelle se contém. Parece vir de χοός, ou χοῦς, vaso, donde se derrama, ou se verte o liquido, &c.; do v. χέω, verter, derramar, fazer verter, &c. Da mesma origem vem *escoar*.

Cooa — Certo fructo da feição de ervilhas, que contém huma semente amarellinha, que mata os peixes. He do grego κόκκος, que significa em geral *baga, grão*, &c., donde se formou κόκκιον, a pilula, por causa da sua figura.

Coi-coi — Com estas vozes repetidas se chamão na provincia do Minho os porcos quando andão por longe, e os querem recolher ao cortelho, posilga ou chiqueiro. He o grego κοὶ-κοὶ, *(vox grunniensium porcellorum)*, voz dos porcos pequenos, que a gente da plebe imita para os chamar.

Coirão — Termo baixo e indecente, que a gente da

infima relé costuma empregar, denominando com elle, por injuria e desprezo, as mais vis e impudentes prostitutas. Póde vir de κορεύω, deflorar; ou de χοῖρος, porco, porca que já pario; e tambem *pudendum muliebre;* ou finalmente, por anti-frase, de κόρη ou κούρη, rapariga, moça ainda nova, &c.

Coitado—Miseravel, pobre, infeliz, cheio de penas e desgostos. Os nossos antigos tambem dizião *coita* e *cuita*, por miseria, necessidade, indigencia, pena, &c. Vem do grego οἶτος, calamidade, desgraça, miseria; acrescentando a articulação inicial *c*, para supprir a aspiração gutural.

Colla, Collar—Grude que se extrahe de couros e pelles, para com elle se unirem peças de madeira, de papel, &c. He o grego κόλλα, e κόλλη, grude; κολλάω, grudar.

Comaro—Damos este nome ao tapigo de terra levantada em roda das vinhas, campos, pomares, &c., para os defender. Virá de κόμαρος, que significa o medronheiro e outros arbustos sempre verdes, que ordinariamente se plantão nos tapumes e *comaros* para impedir a entrada de homens ou de animaes?

Conca—Veja-se *Cunca.*

Copos—Da espada: os que guardão a mão, e tambem o punho, por onde se pega nella. Grego κώπη, cabo, punho, manubrio (latim *capulus).*

Corossa ou **Crossa**—Capa de tecido de palha, contra a chuva, mui usada dos camponezes e aldeãos do Minho em tempo de inverno. Póde vir de κρόκη,

trama, *subtegmen*, &c.; ou de κρόξ, trama, tecido, ou do v. κροσσόω, tecer.

Cortar—Alguns o derivão de κόπτω, que significa o mesmo.

Corte—Já no seculo VII se encontra em documentos da Hespanha o vocabulo *corte*, significando huma especie de *pateo*, ou *parque*, á entrada de hum mosteiro. No antigo Provençal *cortilio* tambem significava *pateo*. Nos nossos documentos se acha a cada passo *cortelho*, *cortil*, *cortinhal*, &c., significando huma pequena herdade, cerrada, com arvores e horta; hum como quintal, &c. Hoje se dá este nome na provincia do Minho ás cazas baixas em que se recolhe o gado, os animaes de lavoura e outros, as quaes cazas são quasi sempre proximas ás da morada do lavrador ou dono da fazenda, e formão ordinariamente na sua frente hum pateo, parque, enxido, ou como quintal, em que ha horta, algumas arvores, &c. Parece vocabulo derivado de χόρτος, que quer dizer hum recinto cultivado de horta, jardim, &c.; e tambem significa o feno, herva que se dá aos gados; donde χόρτων, lugar em que se guarda o feno, &c.

Côvo—Veja-se *Cuba*.

Crestar, Cresta—Crestar as colmeias he lançar fóra as abelhas e tirar-lhe o mel, tirar-lhe o util. *Dar crésta* a huma provincia he colher, talvez com violencia, as rendas della, ou as contribuições que se lhe tem imposto. Barros, Dec. 4.ª, liv. 7.º, cap. 12.º: «Que mandasse recolher a renda, antes que os Mouros *lhe dessem alguma crésta* contra sua vontade, como costumavão fazer», &c. Vem de χρηστός, o que he util, commodo, e de

que se usa. χρῆςθαι, *usar*, tirar o *util;* de χραόμαι, &c.; donde χρῆσις, uso. Cicero, liv. 7.º, epist. 29.ª, tomou este ultimo por *fructo;* porque o *fructo* das cousas he o de que se *usa* e tira *utilidade*.

Crysol—Cadinho em que se purifica o ouro e a prata. De χρυσός, ouro. (Aldrete.)

Cuba—Vasilha em que se guarda o vinho ou outros liquidos. De κῦφὸς, cousa convexa, que tem bojo. Daqui formâmos tambem *cubo*, pipote; *cubo*, cano por onde corre a agoa ao moinho; *covo*, engenho de pescar, &c., nos quaes todos se verifica a idéa principal de *cousa convexa*.

Cueiro—Panno de envolver os meninos recemnascidos, ou ainda no berço. (Veja-se em Moraes a etymologia que elle dá a este vocabulo.) O grego diz κυέω, e κύω, trazer no ventre, andar gravida; e κύος, feto, filho, menino. *Cueiro* póde ter alguma relação com estes vocabulos.

Cumbo—Curvo com o peso, fazendo concavidade; a cervis *cumba;* o corpo *cumbado*, &c. De κύμϐος, o que he concavo, o fundo do vaso; donde κύμϐη, em latim *cymba*.

Cunca ou **Conca**—Tigella, ou sopeira; vocabulo ainda usado no Minho entre a plebe, principalmente nas aldeias. De κόγχη, concha, vaso em fórma de concha. O italiano tambem tem *conca* com significação de vaso; e no antigo romance francez *conque* era tigella ou sopeira.

Çumo—O que se extrahe das fructas e hortaliças

espremendo-as. Do grego χυμός, succo, çumo, &c. (Aldrete.)

D

Deixar e **Deleixado** — Veja-se *Leixar.*

Denosto, que depois se disse **Deosto** e **Deostar,** e ultimamente **Doésto** e **Doestar** — Significa injuria, afronta, convicio; afrontar, injuriar com convicios, &c. Vem do grego δέννος, injuria, contumelia, convicio; donde δενναστός, e o v. δεννάζω, maldizer, afrontar de palavras, &c. Por onde se vê que a verdadeira pronunciação e orthografia he a mais antiga *denósto.*

Deseinar — He vocabulo mui vulgarmente usado no Minho, no sentido de irritar, fazer exasperar, affligir alguem, &c. *Fez-me deseinar* (dizem), isto he, fez-me exasperar; fez-me perder a paciencia, consumio-me, &c. *Estou-me deseinando,* isto he, estou-me consumindo, estou-me affligindo, &c. Do grego σαίνω, inquietar, abalar, perturbar, pôr em movimento, &c.

Dique — Junio e Salmasio, citados por Bluteau, o derivão do grego τεῖχος, *murus, strues lignorum.* Mas acha-se em muitas linguas; e nós, em outra parte, dizemos que póde vir do hebraico *diq,* que significa o mesmo.

Doilo — Vocabulo antiquado, que significava pena, dôr, desgosto, trabalho, &c.; donde se formou *choradoilos,* isto he, o que sempre se está lastimando, queixando-se dos seus males, chorando lastimas, &c. Vem de δοῦλος, servo, condição infeliz e trabalhosa, do v. δουλεύω, servir; δουλεία, servidão, &c.

E

Eido — Moraes escreve *heido*, e na provincia da Beira em alguns lugares se diz *aido*. Vocabulo frequentissimo no Minho, aonde significa hum pequeno cerrado em frente da caza do lavrador ou cazeiro, murado, com algumas arvores, horta, &c. Parece derivado de ἔιδω, eu vejo; ou de εῖδος, boa vista, face, apparencia agradavel, fórma graciosa; porque estão estes *eidos* debaixo dos olhos do lavrador, aformoseião a sua habitação, e a fazem agradavel á vista.

Eito — He propriamente o seguimento recto do caminho. Hir *a eito*, quer dizer, sem desviar da via recta; seguindo sempre a mesma direcção, marchando na mesma linha. Dar hum *eito* com o arado he seguir o rego direito até o fim do campo. Os segadores, os mondadores, os sachadores seguem cada hum o seu *eito*, sem declinarem para o eito vizinho, &c. (Moraes, v. *Eito.*) He o proprio vocabulo grego ἐυθύς, cousa recta; o que marcha direito sem mudar direcção; ἐυθύ, ou ἐυθύς, rectamente, sem circuito, e tambem sem consultar, sem escolher, na qual ultima significação lhe corresponde o portuguez *levar as cousas a eito*, isto he, sem escolha, taes como se vão offerecendo, humas depois das outras, &c. Cardoso deo ao vocabulo *eito* a significação de *perpetuo*, que nos parece não ser a propria. Acaso este escriptor o julgou derivado do grego ἀεί, sempre.

Eivado — Dizemos que está *eivado* o vaso, que verte o liquido por alguma fenda, falha, ou rachadura subtil; e dizemos *eiva* essa falha, ou fenda. Vem de ἔιϐω, verter, distillar, &c.

Éllo ou **Élo** — Argola que prende os fuzis da cadeia huns a outros; argola do grilhão; bracinho, com que a vide se vai apegando aos ramos da arvore, a que está encostada, &c. Assim que a idéa principal e formal de *éllo* he prender, atar, envolver, &c. De ἐιλέω, ajuntar, envolver, cercar em volta (latim *cogo, coarcto, concludo, circumago, involvo,* &c.); donde ἐιλύω, e ἐλύω, envolver; e ἧλος, cousa com que outra se prende.

Em ou **En** — Esta particula, que entra na composição de hum grande numero de vocabulos portuguezes, he manifestamente, na maior parte delles, de origem grega; ou antes he a propria particula grega εμ, ou εν, adoptada no portuguez, ou se attenda á sua fórma material, ou á sua significação e energia. Assim εμ, ou εν, na composição dos vocabulos gregos, tem a força de significar o estado, habito, situação ou disposição do sujeito: v. gr., ἔν-οπλος, o que está vestido em armas, todo (digamos assim) mettido nellas; ἔν-τονος, o que está ensoberbecido, elevado, orgulhoso, &c., e o mesmo se observa na maior parte dos vocabulos portuguezes de semelhante composição, como em *en-amorado,* todo possuido de amor; *em-possado,* mettido de posse; *em-pégado, en-faixado, en-feitado, en-fardado,* &c.; ao mesmo passo que os vocabulos de composição latina tem significação (pela maior parte) negativa, bem differente da primeira, como se póde notar em *in-deciso, in-completo, in-coherente, in-decente, in-fallivel,* &c., differença, que se devêra attender, para corrigir a nossa orthografia, e ainda para evitar algumas incoherencias que nella se podem notar. V. gr., *enfermo* e *enfermar,* seria melhor escrever-se *in-fermo* e *in-fermar,* &c. Moraes diz *ave in-plume,* a que ainda não tem pennas; e logo (com manifesta incoherencia) *ave inplumada,* ou *im-plumada,* a que já está guarnecida de pennas, quando devêra dizer *in-*

plume a que não tem pennas, e *em-plumada* a que já as tem, composto o primeiro do *in* negativo latino, e o segundo do *em* grego e portuguez.

A mesma particula *em,* ou *en,* considerada fóra da composição, he tambem grega, como se vê por exemplo nas palavras ἐν-ὅις, que nós dizemos *em os quaes,* ἐν ἀυτῆ, *em-ella,* ou *en-ella,* ou finalmente *'n-ella,* &c.

Embaçar ou **Embaciar** — Tirar a transparencia e lustro, dando huma côr *baça,* como succede ao vidro bafejado com o halito, ou banhado de agoa, que perde o crystallino e fica *empanado,* &c. He o grego ἐμϐάπτω, banhar, tingir, dar côr, e tambem *empanar* o vidro, diminuir-lhe a transparencia, &c. (Veja-se *Baço.)*

Emballar — Agitar brandamente o berço do menino para o adormentar; *emballo* das ondas, o seu movimento undulatorio, &c. De ἐμϐάλλω, impellir, lançar de huma banda para outra, &c.

Embate — Choque, pancada, encontro que hum corpo movido dá em outro. «Este vento não he geral, mas *embate* da terra», diz Barros; e em outro lugar «na véla dianteira dá-lhe *o embate* do vento contrario», &c. Parece vir do v. ἐμϐατέυειν, embater, calcar, vexar, &c.

Emgrimpar-se — Veja-se *Grimpa.*

Empantufado — Veja-se *Pantufo.*

Empinar — O copo, bebendo todo o vinho. Grego ἐμπίνω, beber, beber tudo, embeber.

Encurtar — Fazer mais curto. Póde vir do grego

κυρτόω, encurvar; donde κύρτωσις, encurvamento; porque o que se encurva faz-se mais curto.

Enguiçar—Este vocabulo, que he de difficil explicação, parece que tem alguma analogia com *fascinar, dar olhado, fazer mal com* os olhos ou com o aspecto. Diz o vulgo, v. gr., que hum torto olhando para alguem o *enguiça,* isto he, lhe faz não sei que mal; e o deixa tolhido, atado, pêco, encolhido; que se hum homem, sahindo de sua caza pela manhã, encontra outra pessoa, ou cousa com que tem *teiró,* fica *enguiçado;* que se alguem passar huma perna por cima de alguma criança a criança fica *enguiçada, tolhida,* e não cresce mais. Alguns dão-se por *enguiçados* só porque estando no seu quarto teve algum criado a perigosa inconsideração de pôr o candieiro ou o castiçal no meio do chão. Os mirões, no jogo, tambem costumão *enguiçar* os jogadores, e tirar-lhe a fortuna, &c. Este singular vocabulo, que assim exprime tão ridicula preoccupação popular, he tomado do grego ἐγγίζω, que algumas vezes significa chegar-se a alguem para lhe fazer mal *(appropinquare, ut noceat),* e neste sentido se entende no Psalmo 37.°, v. 12.°, aonde os Setenta dizem ἤγγισαν, e os interpretes explicão: *appropinquaverunt, et steterunt, ut nocerent.* Tambem na Profecia de Isaias, cap. 29.°, v. 13.°, em que Deos se queixa do seu povo, que se *chegava a elle;* se *appropinquava (appropinquat* diz a Vulgata), louvando-o e honrando-o sómente com os labios, usárão os Setenta do grego ἐγγίζει, e parece digno de notar-se para intelligencia do vocabulo, que o que lhe corresponde no texto hebraico he *naghasch,* isto he, *negaça,* como se o texto quizesse dizer: este povo *me faz negaça,* me *quer enganar,* me *quer engodar,* louvando-me com palavras, não com animo simples, verdadeiro, sincero e leal, mas fingido, falso e cheio de hypocrisia;

o seu coração está longe de mim, e por isso o seu culto se me faz grave, importuno, molesto e odioso; me embaraça, me encolhe, me ata, me tolhe de o attender, e lhe fazer beneficios, &c.; me *enguiça,* poderia dizer-se se este vocabulo, e a particular e ridicula significação que se lhe dá em portuguez, podesse ter lugar em assumpto tão serio e tão respeitavel.

Entonado—Insoberbecido, desvanecido, altivo. *Entono,* soberba, orgulho, altivez. De ἔντονος, o que he elevado, vehemente, firme, &c.; de τείνω, estender-se, fazer-se maior.

Entranhas—Tudo o que se contém nas cavidades do ventre; tudo o que com nome latino chamâmos *intestinos.* Vem de ἔντερα, que tem a mesma significação; donde se formou o vocabulo medico δυς-εντερία, dysenteria.

Entufado—Inchado, soberbo, arrogante; do v. *Tufar,* inchar-se, irar-se com soberba, &c. Vem de τύφος, fasto, ostentação, arrogancia vãa, e este de τυφόω, elevar-se, fazer-se insolente.

Enxara—Terra despovoada, pouco apta para cultura, que sómente produz mato; quasi o mesmo a que hoje chamâmos *xarneca* ou *charneca.* Podem vir ambos de ξηρά, terra arida, ξηρός, arido, secco, sem verdura. Os nossos antigos tambem dizião *xira,* ou *cira,* por mata, brenha, &c., que póde vir da mesma origem, postoque alguns o derivão do arabe *xara,* que tem identica significação.

Enxundia—A gordura que a gallinha e outras aves tem no ventre ou oveiro. Os antigos davão o mesmo

nome á gordura do porco, de cujas virtudes medicinaes falando Plinio, liv. 28.º, cap. 9.º, diz: «*Axungiam Graeci appellavere*»; o vocabulo grego he ἀξύγγιον.

Ergo—Vocabulo antiquado, que se usava com a significação de *excepto*. (Veja-se o *Elucidario*, vv. *Eigo* e *Ergo)*. Do grego ἔργω, ou εἴργω, excluir, apartar, vedar, &c.

Escangalhar de riso—καγχαλάω, exulto; summo gaudio; *afficior, rideo*. (Scapula, col. 1722.)

Escapar—Livrar-se, esquivar-se a algum perigo, difficuldade, oppressão, &c.; e activamente, *escapar a vida*, isto he, pol-a a salvo, pol-a a coberto, debaixo de protecção, &c. Póde vir do v. σκεπάζω, cobrir, encobrir, proteger; donde σκέπαζις, protecção, defensão, abrigo, e σκέπη, com as mesmas significações.

Escara—Costra, ou casca, que a ferida cria. Grego ἐσχάρα, que significa o mesmo. (Schoell.)

Escatafeder—Assim se pronuncia na provincia do Minho este vocabulo, que Moraes escreve *escafeder*. *Vai* (dizem lá) *escatafedendo*, &c. A primeira palavra componente he o grego σκάτος, ou σκάτον, excremento.

Escavar—Fazer cova, tirando a terra, v. gr., ao pé da arvore para ali se ajuntar a agoa da chuva. He o grego σκάπτω, (latim *fodio)*, escavar, e σκάφη, cova.

Escoar—Veja-se *Coar*.

Escoteior—O que viaja sem apparato, sem comitiva, sem numero de criados, sem grande bagagem. Do

grego σκοτεινός, que significa propriamente *obscuro, occulto, que não quer ser conhecido, pouco conspicuo, que dissimula a sua nobreza no apparato exterior,* &c.; de σκότος, obscuridade, tomando-se estes vocabulos quasi no mesmo sentido que hoje dizemos *viajar incognito.* (Calepino, v. *Obscurus.)*

Escuma—As bolhas que se fazem na superficie da agoa, muito batida e anassada. De κῦμα, onda, vaga. Os Latinos formárão daqui mesmo o seu *s-puma,* que alguns nossos escriptores adoptárão por ser latino, e hoje se tem talvez por mais polido. Mas a pronunciação popular, e mais antiga, *escuma,* nada tem de grosseira, e he mais conforme á origem.

Esfusiar—V. gr., o vento, isto he, assoprar e assoviar agudo e rijo; *esfusiada* de vento, isto he, rajada forte; *esfusiada* de artilheria, isto he, descarga, surriada; levou hum *esfusiote,* isto he, hum repellão, huma reprehensão aspera e forte, &c. Vem de φυσάω, ou φυσέω, ou φυσιόω, assoprar, inchar assoprando com força, &c.

Esguelha—Dizemos andar de *esguelha,* isto he, obliquamente; posto de *esguelha,* isto he, em postura não recta, obliquamente, sobre hum dos lados; olhar de *esguelha,* isto he, torcido, não encarando direitamente o objecto. Póde vir de σκαιός, esquerdo; rustico, inurbano, &c.

Esmerar-se—Apurar-se; empenhar-se em fazer com perfeição; *esmerado,* apurado, &c. De μαίρω, luzir; donde μαρασσω, e σμαράσσω, luzir, resplandecer; ou tambem de σμάω, e σμέω, limpar, purificar, apurar. (Veja-se Gebelin, *Origine grecque.)* Desta mesma origem parece

derivar-se σμύρις, em latim *smyris*, em portuguez *esmeril*, pedra e areia, que serve de polir vidros, armas, &c.

Esmooar—Termo plebêo, que se diz na provincia do Minho de quem parte o pão á mão, tirando-lhe algum pedaço. Póde vir de σμώχω, partir, romper, roer, espedaçar, &c.

Espada—Este vocabulo não veio do latim, como alguns pensárão, antes foi hum dos que passárão da Hespanha á lingua latina, como se collige de Suidas, v. μάχαιρα. Póde ser que viesse do grego σπάθη, se os Gregos mesmo o não tomárão tambem dos antigos Hespanhoes.

Espairecer—Respirar o ar livre, v. gr., passeando no campo. Póde derivar-se de σπαίρω, respirar. (Em germano *spatzieren*); ou ἀσπαίρω, respirar.

Espanar, Espanado—Dizemos *espanar* huma caza, hum traste, hum vestido, por alimpar, tirar o pó, &c. Caza *espanada* he tambem a que não tem traste algum, que está desguarnecida, vasia, limpa de tudo, &c. He sem duvida do grego σπάνος, que na sua mais generica significação diz o mesmo que *raro*, não frequente, &c. Os Gregos actuaes ainda dizem σπάνος, o homem imberbe, limpo de barba, de barba *espanada*, onde a barba he *rara*, &c. E no Epiro ha hum monte, a que os habitantes chamão σπάνος por causa da sua nudez, e falta de arvores e plantas. (Pouqueville, *Voyage dans la Grèce.*)

Esparragado—Deste vocabulo diz Bluteau, que he *huma especie de* [illegible]: porquanto os Gregos chamavão *esparagos*, ἀσπάραγος, em geral aos talos tenros, ou grellos de quaesquer hortaliças: e os Portuguezes derão

o nome de *esparragado* a todo o genero de hervas hortenses, que se comem em nossas mezas, depois de cozidas, espremidas e ensopadas em môlho, &c.

Esparto—He o mesmo que o latim *spartum;* vocabulo que passou da antiga Hespanha aos Romanos, pelo que Quintiliano lhe chama *herva iberica.* Em grego σπάρτον.

Espedaçar, ou **Espadaçar** ou **Despedeçar**—Pôr em pedaços; fazer pedaços, dilacerar, &c. Vem de σπαράσσω, ou σπαλάσσω, lacerar, rasgar, pôr em pedaços, &c.

Espora—Peça que se accommoda no salto da bota, e tem ponta aguda para picar o cavallo. De πείρω, penetrar, traspassar. Em germano *sporen,* com a mesma significação.

Esporão—Damos este nome ao extremo da proa do navio, que remata em ponta, e tambem á pua ossea, ou córnea, que nasce nos pés do gallo e de outras aves, e semelha a *espora.* Desta semelhança lhe veio sem duvida o nome, e consequentemente a origem do vocabulo. (Veja-se *Espora.)*

Esquecer, que d'antes se dizia **Escaecer**—Vem do grego σχάω, omittir, não mencionar.

Esquerdo—Alguns o derivão de σκαιὸς, esquerdo *(laevus, sinister),* e tambem *inepto* e *tolo.* (Veja-se *Esguelha.)* Donde σκαιῶς, esquerdamente, rusticamente, tolamente; e σκαιὰ χείρ, a mão esquerda. Κάρσιος, *obliquus,* ἐςκάρσιος, *obliquus, transversus, suc in obliquum porrectus* (Scapula).

Estaca—Vara aguçada em huma de suas extremidades, pela qual se enterra, ou finca no chão, para ficar ao alto, a prumo e segura. De στῆκα, perfeito de ἵσταμαι, estar firme em pé; estar seguro; ou de ἑστῆκα, com a mesma significação. Em germano *stiken*, estacar, sustentar com estaca. Na Provença e Languedoc se dizia antigamente *estaco;* e na baixa latinidade *stacha* e *estecha.*

Estardiota—De certa fórma de sellas, em que se anda a cavallo, dizemos *sella á estardiota.* Roquefort, no *Glossaire de la langue romaine, Supplément,* v. *Archegaye,* diz que *estardiotas* erão cavalleiros albanezes, que servião em França, no tempo de Carlos VIII e Luiz XII, os quaes descreve Commines nas suas *Memorias*: «*Equites levis armaturae, ex Epirotis, seu Albanensibus, quos* stratiotas *appellant*». Os Gregos dizem στρατεία, milicia, e στρατιώτης, o soldado, o cavalleiro. Esta he a origem do vocabulo.

Coriolano Cepion, na *Historia de Veneza,* ao anno 1735, diz: «*Per omnes urbes Peloponesi, quae Venetorum sociae ac subditae sunt, habent Veneti mercenarios equites, natione epirotas, quos graeco verbo* stratiotas *vocant, viros magni animi*», &c. E Palmerius, liv. 1.º, cap. 14.º «*Saepe ex ea gente (Albanensium), Itali principes, et praecipue Veneti copias accersunt, quas vocabulo graeco* stratiotas *dicunt, et ad nostram usque Galliam etiam eorum* equestres copiae *pervenerunt, sub factionis guisianae ducibus militantes*». (Pouqueville, cap. 70.º)

Esteira—Do navio: he o nome que damos ao rasto, ou aberta que deixa na superficie do mar o navio, que vai cortando as agoas. He o proprio vocabulo grego στεῖρα, quilha do navio.

Estropear—Damnificar alguma cousa, cortando,

alterando, mudando de huma parte para outra as suas partes, de modo que se perca, ou desconcerte o natural arranjo e composição; v. τρέπω, volver, voltar. *Estropear* huma perna, hum braço, he *aleijal-o;* soldado *estropeado* na guerra, isto he, aleijado, mutilado, &c. He do grego στρέφω, deslocar, torcer algum membro, desconjunctal-o (latim *luxare);* donde στροφή, curvatura, dobra (latim *flexura, curvatio).*

F

Faca — Instrumento de cortar, vulgarissimo. Virá acaso de φακός, escalpêlo *(scalprum medicum)?*

Fada — Veja-se Moraes. Do grego φάτης, loquaz, mentiroso, nomes que quadrão perfeitamente ás chamadas *fadas:* de φάω, falar, dizer.

Faisca — Chispa de fogo, que sahe da pederneira ferida; da braza quando estala; do ferro em braza malhado, &c. De φάω, luzir. (Veja-se *Fogo.)*

Fanal — Luzeiro, que se põe em lugar alto para servir de signal. De φανός, facho, lanterna, luzeiro; do v. φαίνω, brilhar, dar luz, alumiar, &c.

Fanfarrão — Veja-se *Panfarrão.*

Fardo — Sacco, ou outro envoltorio, em que se amanhão fazendas, para poderem ser commodamente transportadas em carga ou carro, ou de outro modo. Bluteau diz que vem do grego *fartos,* peso, carga, querendo acaso dizer φόρτος, que significa o mesmo.

Faro, Farol — Chamâmos *faro* o facho, ou lumieira

que se accende nos montes mais elevados, para dar signal ao longe da entrada do inimigo no paiz: em outro tempo como hum bosquejo do que hoje se chama *telegrafo*. Ainda temos alguns lugares em Portugal, que se ficárão chamando *do Faro*, monte *do Faro*, &c., os quaes tomárão este nome da circumstancia da sua elevação, e de haverem servido para d'ali se darem signaes em tempo de guerra. E chamâmos *farol* o luzeiro que se põe na pôpa do navio para dar signal e servir de guia aos que navegão na mesma esteira; ou tambem o que se põe em terra, junto da costa, e em lugar alto para dar signal de noite aos navegantes, e os avisar do lugar em que estão, &c. Em grego se diz φᾶρος. (Veja-se *Fanal.*)

Farpar, Farpa—Veja-se *Harpéo*.

Fasquia—Nome que dão os carpinteiros a huma faxa, ou tira de madeira, comprida, estreita e pouco grossa, com que se costumão engradar as taipas de sebe para melhor poderem suster o barro ou cal amassada. Assemelha-se á *ripa* com que tambem se engrada o madeiramento do tecto das cazas, para suster as telhas. He o proprio vocabulo grego φαςκία, que significa tira, faxa, ou fita, donde certamente veio o latim *fascia*, e o portuguez *faxa*.

Faúla—Centelha, ou faisca que salta, ou espirra do lume, e cahe logo, ordinariamente já apagada e feita cinza. Grego φαύλη, que parece composto de φαω, luzir, e de ὕλη, fezes dos elementos, fezes do fogo. Os Gregos tambem dizem φαῦλος, cousa vil, desprezivel, que de nada presta, e φαύλη, fallacia, apparencia enganosa, como se dissesse *chispa brilhante, mas que não dura*, que nenhum prestimo tem. Da mesma origem veio provavelmente o latim *favilla*.

Nos *Proverbios* de Salomão, cap. 5.º, v. 2.º se lê: «*Ne alludas fallaciae mulieris*»; aonde o texto grego diz elegantemente φαυλη φυναιχ, *á faúla da mulher, á chispa brilhante mulheril, á enganosa apparencia mulheril, &c.*

Fleimão—Veja-se *Freima*.

Fogo—He o nome que damos a hum dos quatro chamados elementos, terra, agoa, ar e fogo: he o que dá luz, e queima. Vem com os seus derivados do vocabulo grego pouco usado φώγω, ou φώζω, accender, queimar, que mais frequentemente se diz φωγνύω, e φωγνύμι, da raiz φαω, luzir; donde tambem φῶς, fogo (em latim *focus*).

Foito ou **Fouto**—Veja-se *Afoito*.

Fôro—Pensão, ou conhecença, que se paga ao directo senhorio pela terra *aforada*. De φορός, pensão, especie de tributo, que se paga pela terra e seus fructos: ou tambem de φορὸς, fertil, porque o fôro se paga da terra productiva, e he elle mesmo hum producto que o senhorio percebe pelo dominio directo da sua propriedade. Alguns escriptores põem entre os usos dos Lacedemonios os arrendamentos das têrras por huma pequena porção do seu producto, ou por hum pequeno fôro. Não se deve confundir este vocabulo com o *forum* dos Latinos, que tem mui diversa significação, postoque tambem no grego moderno se diz φόρον.

Foscas—Apparencias, representações fugitivas, &c. Fazer *foscas* he apparecer aqui e ali com differentes vistas, &c. (Veja-se Moraes.) De φώςχω, começar a apparecer, começar a luzir, &c.; de φῶς, luz, fogo.

Freima—Grande diligencia e ardor no trabalho,

amofinação, &c. (Veja-se *Affreimar-se.*) No sentido proprio dizemos *freimão,* ou *fleimão,* doença conhecida com inflammação. De φλέγμα, ardor, inflammação; do v. φλέγω (latim *uro, flagro, ardeo, angor,* &c.).

Fresco — Viração do mar; ar temperadamente frio, que talvez se levanta do mar, e tempera a calma. Temos vento *fresco,* dizem os que navegão: faz *fresco,* está o tempo *fresco,* &c. Vem do grego φρίξ, que significa propriamente a leve agitação da agoa do mar, na sua superficie, quando he brandamente movida pelo ar, e parece encrespar-se; o estremecimento das agoas agitadas por hum vento ligeiro, &c.

Fula-fula — Pressa de muita gente; frequencia de povo; aperto da multidão. De φυλή, povo, multidão de gente; donde veio tambem o francez *foule,* o italiano *folla,* &c. Alguns dizem *lufa-lufa,* que he huma mera transposição das syllabas.

Fuzilar, que melhor se escreveria **Fosilar** — *Ferir* lume; fazer sahir chispas de fogo de hum corpo duro, ferindo-o com outro, v. gr., a pederneira com o fuzil de aço. De [illegible], accender, queimar; de φῶς, luz, fogo. Da mesma origem vem o nome de *fusil* dado á espingarda; *fusilar,* isto he, matar a tiros de espingarda; *fusilaria,* grande copia destas armas, &c.

G

Gaio — Dizemos verde-gaio o verde alegre; e chamamos gaio o rapaz esperto, vivo, alegre, talvez [illegible]. Poderá acaso derivar-se do grego γαίω, gloriar-se, jactar-se, gabar-se?

Gala — Garbo, graça no vestido e ornato; dia de *gala*, dia em que se apparece na côrte com vestido e aceio esplendido. Em outra parte dissemos que vinha do hebraico. Póde porém derivar-se tambem de κάλλος, εος, formosura, elegancia, ornato; ἀγάλλω, ornar, enfeitar; ἀγλαὸς, esplendido, &c. Vocabulos que parecem formados de καλος, bello, agradavel; e todos do primitivo *gal*, festivo, esplendido, festivalmente alegre, &c.

Galerno — Vento favoravel, prospero á navegação. De γαλήνη, serenidade, tranquillidade do mar, alegria; γαληρὸς, ou γαληνὸς, tranquillo, sereno.

Galopar — Grego καλπάζω (Schoell); *equum ad ingressum exultantem urgere.*

Galope — Certo modo de andar dos cavallos. Póde derivar-se de καλόπους, o que tem formosos pés; ou de κάλπη, em Pausanias certa andadura, certo modo de correr *(cursus quoddam genus)*. Alguns dizem que vem do gothico *galaupan*, correr muito, correr a toda a força.

Galrar — Moraes parece ter este vocabulo por synonymo de *garrir;* mas isto não he assim. *Galrar*, que he mui frequente na provincia do Minho, diz-se de quem fala muito, e jactanciosamente; de quem se mostra em palavras arrogante, presumido, jactancioso. Fulano *galra* (dizem), porque tem muito dinheiro; *galra*, porque tem as costas quentes, &c. Vem do grego γαῦρος, soberbo, arrogante, jactancioso; donde γαυρότης, soberba, presumpção, jactancia vãa, &c.; γαυριάω, mostrar muita alegria, &c. Bluteau diz que he vocabulo da giria.

Gambias — Vocabulo frequente no Minho, que em

frase chula significa pernas delgadas, altas, mal feitas, e talvez tortas. Tambem se diz de quem anda muito, que tem boas *gambias*; de quem foge, que *deo ás gambias*, &c. Vem de καμπτὸς, o que anda por torcicolos, por caminho não recto; ou de καμπτὴ *(flexura)*, curvatura, &c. (Veja-se *Camba.*) A mesma origem tem *gambito*, *gambernia*, ou *gamberria*, &c.

Gana — Termo popular, frequentissimo no Minho, que significa vontade, desejo, appetite forte, &c. Ter *gana* de comer; estar-lhe com *gana*, isto he, estar com grande appetite, com fome. Vem de γάνος, alegria, prazer; donde γανόω, sentir gosto, prazer, &c. (Aldrete.) Tambem he vocabulo do idioma valenciano, que diz *dė boa gana*, isto he, de boa vontade, de bom grado; e achâmos notado, que no Indostão *ghana* significa *comer*.

Gancho — Ponta de ferro curva, com que se prende alguma cousa. De γαμψὸς, o que he curvo, adunco, por καμψὸς, derivado de κάμπτω, ou de γαυσον, que significa o mesmo.

Ganço — Ave conhecida. De χὴν, no dialecto dorico χὰν, ανος, pato. Em germanico *ganz*. (Gebelin, *Origine grecque.)*

Garfo — Pequeno raminho, rebentão, ou renovo da arvore, que serve para fazer o enxerto. He o grego καρπὸς, fructo, semente; ou καρφίον *(surculus)*, o rebentão, o pequeno lançamento, que serve para a enxertia.

Gargalhada — Vem de γάργαλος, titillação, que provoca o riso; γαργαλίζω, provocar a riso, &c.

Gargalo — Collo ou pescoço longo de alguns vasos.

Gargarejar, Gargarejo, ou, como outros dizem, **Gorgolejar,** &c. — São vocabulos formados por onomatopeia. Em grego γαργαρεών, garganta *(gorge)*; γαργαρίζω, gargarejar, &c.

Géso — Arma dos antigos Hespanhoes e Gaulezes; especie de lança. Em grego γαισός. (Veja-se Vossio, *Etymologia.)* Hum escriptor douto conjectura que d'aqui viria o castelhano *chuso,* que nós os Portuguezes dizemos *chusso,* ou *chuço,* e que melhor, póde ser, se derivaria do grego ξυστὸν, lança curta, dardo, arma de arremesso (latim *spiculum).*

Gingibre — Raiz medicinal mui conhecida, a que Dioscorides dá o nome de ζιγγίβερις.

Ginnete — Cavallo de casta fina, docil, agil, &c. Do grego ὕννος, pequeno cavallo (latim *mannus),* acrescentando-lhe o *g* inicial, em supplemento da aspiração; ou tambem de γίννος, que significa o mesmo. Os antigos (diz hum naturalista), davão o nome de γίννος ao filho do cavallo e da jumenta. Outros pretendem derivar *ginnete* das linguas africanas.

Glotão — De γλῶσσα, lingua?

Goivo — Flor conhecida. Diz Faria e Sousa, que vem do grego λευκόιον. Este vocabulo significa *goivo branco,* de λευκος, branco, e κοιον, goivo.

Golfo ou **Golfão** — Massa de agoas do mar; entre duas terras postas como em arco, formando enseada mais ou menos espaçosa e profunda. De κόλπός, seio, en-

seada; κολπόω, formar enseada, &c. Em celtico e baixo breton *gwlf*. (Veja-se Mayans e Gebelin, *Origines françaises.)*

Gonzo—Ferro que encaixa em outro, e sobre elle anda a porta, a tampa da caixa, &c. Gebelin, nas *Origens francezas*, o deriva de γόμφος, cravo, com que alguma cousa se prega.

Gramar—Termo plebêo e chulo, que significa *comer; gramou* o jantar; *gramou* o pão todo, &c. Tambem se diz *gramado* o panno mui tozado do uso, e a ponto de romper-se; *comido* do uso. Vem de γράω, comer, devorar.

Gravar—De γράφω, γράφειν, gravar, escrever, imprimir, &c. Em teutonico *graben*. D'aqui vem a familia latina de *scribo* com os seus derivados, o portuguez *escrever* com os seus, o outro vocabulo *cravar*, &c.

Grimpa—He propriamente grande altura, lugar mui alto; por onde dizemos *grimpa* o mais alto da torre, onde se põe a bandeira para indicar a direcção dos ventos; e á mesma bandeira chamâmos *grimpa*. Tambem dizemos figuradamente pôr-se nas *grimpas*, isto he, elevar-se, mostrar-se altivo; huma dama he a *grimpa* da formosura, isto he, o seu apice: *engrimpar-se*, subir-se ás *grimpas*, remontar-se, subir ao mais alto. De χρίμπτω, fazer esforço para subir, firmar-se para trepar ao alto. Em francez *grimper* he trepar a grande altura.

Grulha—Em frase plebêa damos este nome á pessoa que com enfastiada impertinencia se mette em tudo, falando sempre, fazendo murmurio, interrompendo e perturbando os que falão, &c. Vem de γρυλλίζω, grunhir, γρύλλη, grunhido, que he o que fazem os *grulhas*.

Guai! — Interjeição antiga de dor e sentimento. He o proprio grego ὀυαι, adoçada a aspiração forte em *g*. Do mesmo vocabulo fizerão os Latinos o seu *vae*.

Guaiar ou **Goiar** — Dizer ou dar *guais;* lamentar-se; cantar canto triste; e *guaia*, lamentação, &c. Duarte Nunes diz que he vocabulo arabe. Larramendi e Bullet, que he vasconso. Moraes conjectura que viria do grego γοάω, gemer, deplorar, lamentar, &c.

Guela — Grego γύαλον, latim *collum*, francez *gueule*, &c. Eichoff, pag. 170. Heder. γύαλον, *cavitas*.

Guia — O que mostra o caminho. Hé o grego γυία, caminho, donde os Latinos tomárão, ao que parece, o seu *via*.

Guitarra — Instrumento musico de cordas, mui conhecido. Alguns o derivão de κιθάρα. (Veja-se *Cithara.)*

Gurupés — Mastro que vai meio deitado, ou obliquamente inclinado sobre a proa do navio; e tambem a roda de proa. De γρυπὸς, o que tem o rostro adunco, encurvado; de γρυπόω, fazer curvo, adunco, &c.

H'

Harpéo e **Harpão** — Ferro farpado e recurvo na extremidade, com o qual se prendem os navios inimigos na guerra naval. *Harpoar*, prender com *harpéo* ou *harpão*, v. gr., a baleia, ferindo-a, e prendendo-a com o ferro farpado, &c. Do v. ἁρπάζω, ou ἁρπαω, prender, arrebatar, tomar por força; ἅρπη fouce, espada recurva, &c. A mesma origem se devem referir *farpa, farpão,*

farpar, que são os proprios *harpar, harpão,* &c., mudado o *h* em *f,* como se faz em outros muitos vocabulos.

I

Icha-corvos — Veja-se o *Elucidario.* Significa propria e litteralmente *caçador,* ou *pescador de offertas e donativos;* nome bem apropriado a certas pessoas, que com religiosa fraude abusão da devoção do povo, para comerem á sombra dos santos. Desta casta de gente fala a *Ordenação do reino,* no liv. 5.°, tit. 103.° O padre Bento Pereira dá com rasão a *ichacorvos* a significação generica de *embusteiro.* Os Castelhanos tambem dizem *echacuervos* no mesmo sentido. Moraes, v. *Echacorvos,* diz que assim se deve escrever de *echa* castelhano, como *enchota-corvos;* no que se vê que ignorou a origem do vocabulo, e até a sua genuina significação, postoque ahi mesmo diz que «erão os que sendo leigos, alguns máos prelados os deixavão prégar aos povos... a fim de os taes tirarem esmolas, ou extorserem multas». A origem do vocabulo he o grego ἰξος, canna de pescar, visco com que se cação aves; e καρϐᾶν, donativo, oblação, offerta; vocabulo hebraico, mas adoptado no texto grego do Novo Testamento, aonde lemos *korban, quod est donum* (Evangelho de S. Marcos, cap. 7.°, v. 11.°), que Pereira traduzio: «Toda a *corban* (que he toda a offerta) que eu faço a Deos», &c. O vocabulo *icha-corvos,* com parecer antiquado, ainda vem no *Thesouro dos vocabulos das duas linguas portugueza e belga,* impresso em Amsterdam em 1714, 8.°

Ichó — O *Thesouro,* que acabámos de citar, lê *icha* e *ichão,* ou *ição.* Outros dizem *chó* e *choz.* He tudo hum só, e o mesmo vocabulo *ichó,* que significa *armadilha de*

caçar aves. Vem do mesmo vocabulo ἶξος, canna de pescar; visco de caçar aves. Delle se formou, no dialecto eolico, βιςκὸς, em latim *viscum,* em portuguez *visgo,* com que tambem se prendem e cação as pequenas aves.

Ilhó — Pequeno furo redondo nas bordas do vestido, por onde se enfia o atacador para prender de hum lado ao outro. He o grego ἶλλος, olho; ou o v: ἴλλω, envolver, atar, prender; εἰλέω, ajuntar, &c. (Veja-se *Élo.)* No *Thesouro* citado se traduz *ilhó* pelo belgico *het oog,* isto he, *o olho,* como se se traduzisse o proprio grego ὁ ἶλλος, *o olho.*

J

Jarra — Vélho que anda alcatruzado e cabisbaixo, de quem dizemos que está muito *jarra.* Vasconso *zarra,* velho? talvez do sanscripto *jara,* velhice; do v. *jar,* declinar, envelhecer.

Jarreta — Denominação com que designâmos o homem que traja á antiga, e de máo gosto; que não segue as modas, e talvez affecta o contrario. Póde vir de γέρων, *senex;* γῆρας, *senectus, senium;* γηράω, *senescere,* &c.

L

Laçada — Este vocabulo, que não vem em Moraes, he mui usado da plebe do Minho, que exprime com elle a quéda que dá, v. gr., a roda do carro, quando sobremonta alguma elevação, ou pedra no caminho, e cahe de golpe sobre o plano; ou quando do plano cahe tambem de xofre na abertura, ou excavação do terreno, e talvez se quebra e faz pedaços. Em sentido figurado, falando,

v. gr., do homem que se mette sem consideração em negocios superiores ás suas forças; que arrisca imprudentemente o seu cabedal; que gasta sem calculo, &c., se costuma dizer *esperem-lhe a lacada,* isto he, a quéda, o baque, a ruina. Vem do grego λακάζω, lacerar, fazer pedaços com estrondo; λάκος, som, estrepito; do v. ληκέω, em dialecto dorico λακέω, soar, estalar; λακη, valle, precipicio, abertura da terra; λακίς, abertura, rasgadura feita com estrepito, &c. Todos estes vocabulos tem alguma relação com *lacada,* e correspondem á sua significação.

Laço—Nó com que se prende e aperta alguma cousa; armadilha para prender aves e outros animaes. De λάζειν, em dialecto dorico, por λάζου, de λάζομαι, tomar, prender, apanhar.

Lage—Taboa de pedra, plana, ou quasi plana, ordinariamente liza na face superior. Póde derivar-se do grego λᾶς, ou λᾶας, pedra (latim *lapies*).

Lama—Terra ensopada em agoa, que suja as ruas. Vem acaso de λύω, limpar; donde λῦμα, immundicies, varreduras. (Veja-se *Limar*.)

Lampas—Em frase popular se diz *levar as lampas,* isto he, levar a dianteira, a primazia, a preferencia; chamâmos *lampos* os figos que primeiro amadurecem; dizemos que vem *lampeiro,* tudo que vem com cedo, que madruga, que se apresenta primeiro, talvez com affectada promptidão. São vocabulos tomados do grego λάμπω, luzir, porque a luz he a que mais madruga, a que primeiro brilha e apparece.

Lampo—Nome que a plebe do Minho dá ao relam-

pago, ou relampado, isto he, á luz viva, ao clarão brilhante e rapido do raio. Vem do grego λάμπω, luzir, dar esplendor. (Veja-se *Lampas.)* Aqui pertencem *relampo* e *relampago, lampejar, relampejar* e *relampadejar,* que todos são mais ou menos usados do vulgo, e todos vem da mesma origem.

Lamuria — Cantilena com que os cegos, ou outros miseraveis, andão pedindo esmola; queixumes sentidos que alguem faz para mover compaixão e conseguir o seu intento. He o grego λαμυρία, loquacidade, impudencia, talvez facundia, qualidades ordinarias em quem usa de *lamurias.*

Lasca, Lascar — *Lasca* he estilhaço de páo, ou pedra, que salta em pequenos pedaços do corpo quebrado ou estalado com violencia; *lascar* he fazer *lascas* o corpo que quebra estalando. De λαςκάζω, romper, quebrar.

Latagão — A plebe do Minho emprega este nome para significar hum homem grandalhão, desamanhado, talvez tolo, brutal, &c. Os Gregos dão o nome de λάταξ, αγος, a hum animal quadrupede; e tambem tem o v. λαταγεω, fazer estrondo com desmancho; fazer traquinada (latim *strepo).*

Leixar — Vocabulo ainda hoje usado da gente rustica da provincia do Minho, de que fizemos o verbo *deixar,* hoje geralmente usado. De λείπω, com a mesma significação; donde λείψανα, reliquias, restos, o que resta e se deixa; ou melhor de ληγω, deixar de obrar, cessação do trabalho; donde λῆξις, cessação, descanso. Os nossos antigos escrevião leixar, leisar e leissar; e em hum documento do principio do seculo XI se lê *lecsavit*

ipsa hereditas. (Veja-se o *Elucidario.)* Em germanico *lassen*.

Lérias—Dizer *lérias* he estar parolando; dizer cousas vãas, impertinentes, insignificantes, ineptas; dizer nadas, bagatellas, desvarios, &c.; ληρέω, *tricor*, *nugas ago*, *ineptio;* donde o latim *lirare*, e o portuguez *delirar*. De λῆρος, ou no plural λῆροι, inepcias, sandices, pequenos desconcertos, desatinos, delirios, cousas desatadas (latim *nugae, tricae, ineptiae)*. Do mesmo vocabulo derivão alguns o latim *lirae (nugae)*, usado de Plauto, e delle *lirare (ineptire)*, delirar.

Lidroso—Chamâmos *lidrosa* a lãa suja, a lãa das tuberas do gado; lãa não lavada. Do grego λοῦτρον. (Veja-se *Ludro.)*

Limar—Verbo mui frequente na linguagem do Minho, aonde se diz, v. gr., de hum campo, ou propriedade, que tem agoa de *rega* e *lima*, ou agoa de *regar* e *limar;* de *regar*, quando em certas horas, ou dias, se abre a preza, ou deposito de agoa, e esta se dirige pelo pé das plantas; de *limar*, quando a agoa corre perenne e continua, derramada por todo o terreno, alimentando a herva dos prados, a que naquella provincia dão, talvez por isso, o nome de *lameiros*. Vem do grego λειμών, prado; λειμάς, pequeno horto, ou prado; do v. λείβω, regar, derramar agoa, &c. Da mesma origem veio sem duvida o nome que se dá ás terras de *lima* em Galliza, aonde se vê a grande lagoa e terras alagadiças, que dão nascimento ao rio Lima de Portugal, donde se chama *Ponte do Lima* a minha patria; sendo mui provavel que por aquellas terras habitassem povos gregos nos mais antigos tempos. Marieta, no *Tratado da fundação das villas e cidades principaes da Hespanha*, v. *Limario*, diz

que o Lima nasce em hum lugar cheio de pantanos, que em grego chamão *limia;* que ainda hoje se chama *terra de lima* aquelle territorio, e que antigamente se chamavão *limicos* os seus habitantes. He provavel que d'aqui venha *limo*. Os Francezes tambem derivão de λειμὼν, prado; e de γῆ, terra, o seu vocabulo *limoges*, que no antigo romance significava prado, e terra de prados. (Veja-se Roquefort, *Glossaire de la langue romaine.)* Moraes parece ter ignorado a significação de *lima* e *limar* no sentido deste artigo.

Os Latinos usavão de *oblimare* significando o effeito das agoas dos rios, que retirando-se ao seu leito depois da inundação deixavão as terras cobertas de lodo. Cicero, *De natura Deor.*, liv. 1.°, falando do Nilo, diz: «*Aegyptum irrigat, et quum tota aestate obrutum, oppletamque tenuerit, tum recedit, molitosque et oblimatos agros ad serendum relinquit*».

Lioz—Especie de pedra marmore; pedra de cantaria, fina e susceptivel de bom polimento. Póde vir de λεῖος, o que he lizo e doce ao tacto. (Veja-se *Lizo.)*

Lizo—O que não tem aspereza; o que he doce ao tacto, &c. De λισσὸς, o que he polido, não aspero; λεῖος, doce ao tacto, lizo, macio, &c.

Loba—Vestido talar, de que usão os clerigos. De λώπη, vestido, especie de manteo. (Aldrete.)

Lobinho—Dá-se este nome a certos tumores, ou elevações na pelle, que nascem em differentes partes do corpo, e parece ser o mesmo a que em linguagem cirurgica se dá a denominação de *lupia*. Vem de λοπία, tumor na casca, ou cortiça das arvores; do v. λοπάω, ou λοπιάω, inchar a casca, mostrar-se entumecida, &c.; ou de λόγος,

que significa em geral qualquer elevação acima do plano. Da mesma origem vem *lomba,* elevação, planura pelo alto da serra, &c., nazalando o primeiro *o.*

Ludro ou **Ludre**—He na provincia do Minho a immundicie do corpo, proveniente da transpiração, ou a immundicie da roupa mal lavada. He o grego λοῦτρον, agoa em que alguem se lavou *(aqua sordida, qua nos lavamus;* ou *in qua quis lavit);* donde se deriva *ludroso,* sujo, mal lavado; e *lidroso* ou *lidrosa,* a lãa suja dos testiculos do carneiro, &c., lãa que tem *ludro.* (Veja-se *Lidroso.)*

M

Madeixa—Meada de cousas finas e delgadas, v. gr., de cabello, de seda, de retroz, de fio de ouro, &c. He o grego μεταξα, seda em rama. Os Italianos tambem dizem *seta in mattasse.* Mayans o julga derivado do arabe.

Maganão—Este vocabulo parece ter relação com μαγγανεύω, usar de prestigios, ser astuto, esperto para enganar, vendedor fraudulento, &c.; donde μάγγανον, prestigio, engano, astucia, e tambem lenocinio.

Malacia—Estado do mar em calma. Grego μαλακεία, moleza, inacção das agoas do mar em calmaria; de μαλασσω, estar mole, &c.

Malato—Enfermo, debilitado de saude, indisposto. De μαλατος, que significa o mesmo.

Maleitas—Doença conhecida e frequente. No antigo romance francez se dizia *bon-hait, mal-hait,* sendo

a primeira frase huma especie de saudação, e a segunda huma imprecação ou praga, como se se dissesse *mal hajas, mal te venha.* (Veja-se Roquefort, *Glossaire de la langue romaine,* vv. *Hait, Dehait* e *Malait.)* D'aqui veio, ao que parece, o portuguez *mal-eitas,* doença que ainda hoje entre a plebe se attribue a causas supersticiosas, a pragas, imprecações, &c.; e por isso diz ainda a plebe *leve-te a maleita,* como exprimindo o desejo de que succeda mal a alguem. Nós presumimos que este vocabulo, bem como o antigo francez *mal-hait,* foi composto de *mal,* e do grego ἔιτε, sejaes, ou estejaes, voz do verbo εἰμί, ser ou estar, como querendo dizer *mal sejas, mal estejas, mal hajas, mal te venha,* &c.

Mania—Especie de loucura, doudice, delirio, &c. Hoje na locução familiar damos a este vocabulo huma significação mais vaga, chamando ás vezes *mania* a huma apprehensão que alguem concebeo, e em que insiste com teima e com demasiado afinco; a huma idéa fixa e dominante, a que talvez se referem muitas outras acções, que aliás parecerião estranhas, &c. Neste sentido dizemos que alguns tem *mania* de fidalgo, de rico, de sabio, &c. O nome he o proprio grego μανία, furor, insania, doudice, delirio furioso; de μαίνομαι, *insanire.*

Maninho—Terreno que nada produz. Virá de μάνος, o que está ermo, não frequentado *(infrequens,* ἔρημος)?

Manopla—Armadura da mão; luva de ferro, que defendia a mão e o pulso do homem armado. De μάννος, ornamento das mãos, ou dos braços, e ὅπλον, ou no plural ὅπλα, armas.

Marrão—Martelão de ferro, com que se bate rijamente. Grego μαῤῥὸν, que significa o mesmo.

Méco—Tem este vocabulo huma significação mui particular na plebe do Minho, aonde se diz do homem acanhado no trabalho; miudo e impertinente em tudo o o que faz; pouco desembaraçado, &c., que he hum *méco*. Parece derivado de μῆκος, prolixo, vagaroso, demorado com prolixidade, &c. *Mécho* por *adultero*, vem de outra origem, e he mui differente em significação. Vem de μοιχεύω, adulterar.

Meison—Caza; vocabulo antiquado, que se conserva no francez *maison*. Aldrete o deriva de μαίσων, cozinha.

Méla—Mal que dá nos trigaes, cebolaes e outras plantações. De μέλας, mancha negra, cousa negra, cousa ruim, &c.

Melancia—Fructo mui vulgar entre nós. Parece tomado do grego μελάνθιον, nome que se dá á nigella officinal por ter a semente negra. Esta mesma circumstancia concorre na maior parte das *melancias*, e poderia dar occasião á identidade do nome. Bluteau, notando que a plebe pronuncia *belancia*, procura dar huma singular origem a esta voz, o que nos parece desnecessario. A pronunciação da plebe he errada, e nasce da facilidade com que ás vezes permutâmos o *m* por *b*, como articulações do mesmo orgão. Assim dizemos *Belchior* por *Melchior*, &c.

Melão—He outro fructo não menos vulgar e conhecido que a melancia. Os Gregos davão o nome de μῆλον a qualquer pomo, e especialmente á maçãa, como pomo mais formoso. Dahi formárão os Latinos o seu *malum* com a mesma significação generica, especificando quando era necessario, com hum vocabulo adjunto, as outras especies de pomos, e dizendo, v. gr., *malum persicum*, o

pêcego; *malum punicum*, a romãa; *malum cydoneum*, o marmelo, &c. Comtudo huns e outros davão ás vezes o nome commum, como por excellencia, a algum pomo mais estimado e mais precioso. Nós julgâmos que o *melão* mereceo esta distincção pela suavidade do seu aroma, e pelo excellente sabor que tem os que são de melhor qualidade, e que por isso se ficou chamando μῆλον, melão, como se dissessemos *pomo por excellencia*.

Mellote—Especie de vestido, ou antes pelle de cabra ou ovelha, que os antigos monges trazião sobre a capa ou pallio. De μηλωτή, pelle de ovelha, de μῆλον, ovelha.

Menencorio, Menincorio ou **Merencorio**—Não he o mesmo que *melancholico*, como pensão alguns; mas derivado de μῆνις, ira diuturna, ira lembrada de alguma antiga injuria, resentimento ou rancor *(ira diuturna, et memor; ira pertinax)*; do v. μηνίω *(iram, odium pertinaciter exercere; iram memorem retinere)*; e de κόρος, enojo, tedio, agastamento. Camões, nos *Lusiadas*, cant. 1.º, est. 36.ª, serviu-se do vocabulo *Merencorio*, para exprimir o gesto iracundo do deus Marte.

Miga—Certo genero de sopa; *migar*, partir em pequenos bocados, e misturar para fazer sopa. Do verbo pouco usado μίγω, misturar; μίγα, misturadamente; μιγάς, mistura, &c.

Miólos e **Miolo**—He huma especie de medulla, e parece derivado de μυελὸς, medulla.

Misto ou **Mistho**—He entre alguns monges a porção de alimento, que antes da mesa commum se dá aos que hão de servir a ella. He o grego *misthos* (μισθὸς),

paga, premio, reconhecimento por algum trabalho ou serviço; e tal he o que fazem os monges que servem á mesa. Não se deve escrever *mixto* (como escreveo Moraes), nem se póde derivar de *mixtus* ou *mixtura*, com cuja significação não tem affinidade alguma.

Mixordia—Vocabulo omittido por Moraes, mas frequentissimo na provincia do Minho, com o qual se exprime huma misturada de cousas disparatadas, sem ordem, e sem concerto, &c. Vem de μιξοδια, mistura, confusão de caminhos; de μίγνυμι, misturar, e οδος, caminho.

Moca—He outro termo plebeo, usadissimo no Minho; fazer *moca*, isto he, fazer escarneo, zombaria. De μῶκος, escarnecedor.

Mochacho, Moço—Rapaz novo de serviço. Póde vir de μόθαξ, e μόθων, o que foi criado na caza ou familia, e a ella pertence (latim *verna*). (Veja-se Gebelin, *Origine græcque.*) Tambem he vocabulo celtico.

Molhe ou **Mole**—Obra de pedraria nos portos de mar para abrigar os navios. He o grego μῶλος, obra no mar; porto artificial.

Molluria—Mollidão, molleza fysica; e no figurado brandura e mansidão, talvez affectada, com que alguem se insinua para fazer o seu negocio. De μολυρὸς, brando, molle, remisso, &c.

Mouquir—Diz a plebe do Minho, em frase chula, por comer, mastigar. De σμώχω, comer sofregamente. Bluteau, no *Supplemento*, traz *moquideira* por *bóca*, na linguagem da giria.

Muela—Bucho ou estomago de algumas aves. (Veja-se *Miólos.)*

Nabulo, que depois se disse corruptamente **Nabo** e **Nabam**—Veja-se o *Elucidario*. São vocabulos antiquados, que significavão o direito que antigamente se pagava de cada barco, ou navio, pela pesca, por frete do transporte, &c. De ναῦλον, e ναῦλος, frete, preço da conducção, e estes de ναῦς, navio. Os nossos antigos trocavão facilmente o ditongo *au* e *ou* em *ab* e *ob*, e ao revés; assim dizião, v. gr., *absente*, *obtro*, *obsia*, por *ausente*, *outro*, *ousia;* e *ausequio*, *ausoluto*, por *obsequio* e *absoluto*. Pelo que do grego *naulov* e *naulos* disserão *nablo* e *nabulo*, e ultimamente com mais corrupção *nabo* e *nabam*. Na Real Bibliotheca Escurialense existe uma obra do jurisconsulto Cesaraugustano Abulcasemo, cujo titulo he *De naulo, ac de nautarum mercede*. (Casiri, *Bibliotheca arabe-escurialense*, tom. 1.º)

Parece que desta mesma origem viria o francez *noliser*, *nolissement*, &c., *fretar* hum navio ou barco; *ajustar a passagem*, &c. *Naulage*, paga de passageiro; *nolis*, afretamento; *nolisé*, afretado.

Nanar—Vocabulo que se usa falando com as crianças no berço. (Veja-se Bluteau, no *Supplemento*, v. *Nana*, e Moraes, vv. *Nana, Nené, Nina* e *Ninar.)* Todos vem do grego ναννάζω, brincar á maneira das crianças; νάννη, tia, &c. Ainda na Grecia actual as mãis, embalando os filhinhos no berço, cantão certas canções, que a cada verso começão pelo vocabulo *nene*, que significa *mãi*. A estas canções chamava Estacio *longa somnum suadere querela*. (Pouqueville.)

Nave—Nome que se dá ao corpo da igreja, aonde ora o povo. Igreja de tres *naves*, isto he, cujo corpo he

dividido em tres, por duas ordens de columnas, &c. Vem de ναὸς, templo.

Nédio — O que he suave ao tacto, mui lizo, macio, sem ruga, nem aspereza, &c. Vem de ἡδὺς, ἐος, o que he suave, agradavel, que deleita e causa prazer, donde os mesmos Gregos fizerão νήδυμος, muito suave, doce, agradavel; e ἀνήδος, o que não he deleitavel. Parece que o vocabulo ἡδὺς seria tomado do hebraico *hheden* (voluptas), donde dizemos o *jardim de Eden*, jardim de delicias. Em grego ἡδονὴ, significa o mesmo.

Negro — A orthografia e significações portuguezas deste vocabulo tem mais analogia com o grego νεκρὸς do que com o latim *niger*. (Veja-se Moraes, v. *Negro*, adjectivo.)

Nenho — Vocabulo que falta em Moraes, usadissimo no Minho, aonde chamão *nenho* hum homem acanhado, inepto, pêco, que para nada presta, &c.; donde se diz *nenhice, nenharia,* &c. Vem de νεννὸς, parvo, estulto, fatuo, estolido, &c. (Veja-se Moraes, vv. *Ninharias* e *Inhenho.)*

Notho — Grego νόθος. Não he termo da medicina, como diz Moraes, mas sim de significação generica, que os Gregos applicavão a tudo o que era illegitimo, e consequentemente aos filhos illegitimos, ou bastardos, que os Romanos chamavão *espurios*. Camões o empregou (segundo nossa opinião) nos *Lusiadas*, cant. 8.º, est. 47.ª, falando de Mahumet, a quem denomina *profeta falso e notho; notho* (e não *noto*, como se lê em algumas edições), por ser sua mãi descendente de Ismael, filho de Abraham e da escrava Agar. Para evitar ou encobrir etse desdouro da illegitimidade he que os Ismaelitas, os

Agarenos, e os proprios Mahumetanos, se chamão *Sarracenos*, pretendendo ser descendentes, não do filho da escrava, mas sim da legitima Sara (ou Sarra), a qual vendo-se em idade avançada, e sem filhos, quiz que Abraham os houvesse na escrava, e lhes chamou *seus*.

O

O—Artigo masculino. (Veja-se *A.)*

Obreia—Folha mui delgada de massa de farinha fina, cozida entre ferros quentes, que serve para fechar cartas. Diz Moraes que vem do francez *oublie*, ou do grego ὀβελίας.

Ochre—Terra fina, ordinariamente amarella, que tem uso na pintura. De ὠχρὸς, pallido; donde ὤχρα, a dita terra amarella.

Ogeriza—Aversão, antipathia, má vontade que se tem a alguma pessoa, ou contra ella. Do v. ὀργίζω, incitar a ira; ὀργίζομαι, irar-se, &c.; de ὀργή, ira. Na provincia do Minho tambem se diz ter *osga* a alguem, isto he, ter-lhe aborrecimento, má vontade, raiva; e dos que andão desavindos, que andão *osgados;* vocabulos que parecem derivados do mesmo ὀργή, ira, iracundia, &c.

Olga—Leira de terra; courella de terra. (Veja-se *Elucidario.)* Póde vir de ὁλκὸς, tira, ou tracto de terra; rego (latim *sulcus);* ou de ὀργὰς, vinha, agro, campo lavradio; ou de ὄρχος, lugar plantado, renga de plantas. Na baixa latinidade se dizia *olca*, o jardim, vergel, terra de cultura, &c. (Veja-se Roquefort, *Glossaire de la langue romaine*, vv. *Oche* e *Oque.)*

Orça—Voz nautica com que se exhorta o timoneiro a certa manobra, a qual (segundo Vieira, *Sermão do Rozario,* part. 1.ª, pag. 326) consiste em pôr a prôa á onda que ameaça o navio. Virá de ὄρσεο, imperativo, que se traduz em latim *surge, concitare?*

Orgulho—Elevação da alma, talvez excessiva, e talvez com soberba e arrogancia, que a faz viciosa. De ὀργίλος, iracundo, arrogante, agastadiço; de ὀργή, ira, soberba, &c.

Oussia, que tambem se escrevia nos antigos documentos **Ousia, Oussia, Obsia** e **Adussia**—Capella mór do templo. (Veja-se *Elucidario.)* Tem manifesta relação com o grego ὅσιος, santo; το ὅσιον, o santo; ὁσιόω, santificar; e ὁσσεία, oraculo, santuario.

Oxéo—Diz hum escriptor nosso, que a morte nos dá de quando em quando hum *oxéo,* ou repellão de peste, &c. Parece voz derivada de *ox,* vocabulo castelhano, com que se afugentão as aves, donde fizerão *oxear,* espantar e afugentar as aves, e *oxéo,* voz, grito, apupo com que se espantão e fazem fugir. Póde vir do grego ὀξύς, cousa repentina, veloz; ὀξέως, de repente, &c.; porque o *oxéo* he hum grito repentino, inesperado, &c.; e o escriptor citado deo esse nome á peste, como grito com que a morte nos adverte e desperta.

P

Page ou **Paje,** que hoje dizemos **Pagem**—He o aio, que acompanha e dirige o menino. Vem, segundo Voltaire e outros, do grego παῖς, menino, filho, servo (latim *puer).* He o moço de pouca idade que ainda não

tinha o gráo de *escudeiro;* que acompanhava o cavalleiro á guerra para lhe ministrar a espada, a lança, &c. (πᾶις, *puer puella),* criado na familia, &c.

Pampillo—Flor dos prados, mui vulgar e conhecida. De πάμφιλος, amigo de todos; significação bem acommodada ao outro nome, que damos á mesma flor, chamando-lhe *bem-me-queres.*

Panca, Pancas—Dizemos *panca,* no singular, hum páo de fórma cylindrica, grosso e roliço, e d'ahi formâmos *pancada,* golpe com panca, espancar, sacudir com panca, &c. E dizemos *pancas,* no plural, grossos rolos de madeira, que se mettem por baixo de grandes pesos, v. gr., de hum barco, navio, caixão, &c., para os mover com mais facilidade. Vem do grego φάλαγγες, que tambem significa rolos, que se mettem por debaixo dos navios para os tirar á praia. Os nossos antigos talvez escrevião *paancas,* supprimindo o *l,* segundo o genio do idioma, que de *ala* formou *aa;* de *pala, paa;* de *tela, tea;* de *angelus, angeo,* e depois *anjo,* &c.

Pandeiro—Veja-se *Bandurra.*

Pandorga—Veja-se *Bandurra.*

Pantufo—Veja-se *Entufado* e *Tufar.*

Para—Preposição, que não ha na lingua latina, e que sem duvida tomámos do grego παρά, designando o termo de alguma acção, e outras muitas relações analogas. O exame analytico das frases em que ella entra como preposição separada, e dos vocabulos, de que he parte componente, mostraria isto mesmo, se não receassemos fazer este artigo nimiamente extenso. Nós

dizemos, v. gr., venho *para alguem*, παρά τινα: *para o seu costume*, mostrou-se moderado, παρά τὸ ἔθος, &c.; fica lá *para o mar* balearico, παρά τὸ βαλιαρικὸν πέλαγος; lá *para a Lusitania*, παρα την λουσιτανιαν, &c. Na composição quasi todos os vocabulos portuguezes, de que ella faz parte, são gregos, ou derivados do grego.

Pardés—Especie de juramento, de que se achão exemplos na nossa poesia bucolica, e que ainda ás vezes he usado da gente rustica e montanheza. Parece ser o grego παρ Διὸς, por Jupiter, formula que se conserva sem alteração no idioma gallego *par Dios*, por Deos. D. Francisco Manoel ainda nos seus *Apologos* usa algumas vezes de *par Deos* no mesmo sentido. (Veja-se Moraes, v. *Pardés*, aonde parece lembrar-se de que *pardés* vem do castelhano *pardiés*, e he juramento pelos dez mandamentos do Decalogo! *Obras metricas*, de D. Francisco Manoel de Mello.)

Parolar—Falar muito, e nesciamente; usar de muita parola e palavrorio, &c. Vem do grego παραλαλέω, falar sem juizo, dizer parvoices (Aldrete); de λάλος, loquaz, falador.

Pasmo, Pasmar—Exprimem o estado do homem que fica estupefacto á vista de alguma cousa, que lhe parece maravilhosa, que lhe causa medo e terror, que o assombra, &c. De σπασμὸς, convulsão, que em linguagem medica se diz *espasmo*.

Pata—Chamâmos assim o pé largo e espalmado do boi, do cavallo, &c.; e dizemos andar *á pata*, por andar a pé. (Veja-se *Patear*.)

* **Patáo**—De ἀπατάω, *decipio;* ἐναπάτητος, *deceptu facilis.*

Patear — Dar pateada; bater com os pés. De πατέω, calcar; donde πάτος, caminho calcado e trilhado, &c. Da mesma origem deve vir *pata*, e outros semelhantes vocabulos de significação analoga. (Aldrete.)

Pateta — Homem parvo, atolado, sem juizo, &c. De πατητὸς, cousa vil, de nenhum preço, nem valor, cousa mui vulgar, &c. Póde vir de παθητὸς, *(patibilis)*, o que he capaz de tudo sofrer, o que tudo sofre.

Patio — Lugar como claustro, cercado de cazas; lugar em que se póde passear. Vem de πατέω, calcar, &c. (Veja-se *Patear.)* Delle se formou o v. περιπατέω, andar passeando; e d'ahi *peripatetico*.

Pegar — Unir fixamente huma cousa com outra; *pegar* com colla, com massa, &c. De πήγω (latim *figo, cogo, compingo*, &c.); donde πηγὸς, o que está bem pegado, compacto, &c.

Peita, Peitar — Offerta que se dá, talvez ao juiz, ao magistrado, a outras pessoas, para nos favorecerem na causa, ou negocio, com justiça, ou contra ella. Póde vir de πειθὴ, persuasão; πείθω, persuadir, ser obsequente, fazer obsequio, &c.; vocabulos que parece terem relação com o hebraico *petah*, alliciado, seduzido, persuadido. Os Gregos, cuja imaginação animava todos os objectos, pozerão a *Persuasão* no numero das Graças, debaixo do nome de *Pitho*. Entre os Romanos lhe chamou Ennio *Suada*, e Horacio *Suadela*.

Peleja — Contenda, briga, combate, &c. De πάλη, lucta; παλαίω, luctar; donde alguns querem derivar o latim *bellum*, e donde sem duvida vem *palestra*.

Pella—Pequena bala de couro, cheia de lãa, elastica, com que se joga o jogo chamado *da pella*. De πάλλα, pella; πάλλω, agitar, bater, vibrar, &c. Germanico *ballen;* inglez *ball*.

Pellote—Parece ser o mesmo que *mellote,* mudado o *m* na articulação analoga *p*. (Veja-se *Mellote.)*

Penar—Sentir *pena,* dor, afflicção, mágoa; estar em *pena;* dar *pena,* &c.; e activamente, *penar* alguem, pol-o em *pena,* fazer-lhe força e violencia; donde vem *despenar,* livrar da *pena,* e *apenar,* &c. A origem destes vocabulos he o grego πένω, sentir-se gravado, cuidadoso, magoado, penalisado. O latim *poena,* de que fizemos *pena,* punição, castigo, &c., tem differente origem, e vem de ποινή, trabalho, &c.

Perilampo ou **Pyrilampo**—Insecto fosforico, que de noute lança de si huma luz viva, e talvez scintillante. De περιλάμπω, lançar luz em roda de si; ou de πυριλαμπίς, o que luz como fogo.

Pia—Vaso de pedra em que bebem os animaes; e na linguagem da giria *piar,* beber; e *pio,* vinho; vem todos de πίω, que significa o mesmo que πίνω, beber. (Veja-se Moraes, v. *Aciqua.)*

Pinga—Gotta, ou minima porção de qualquer liquido; pinga de vinho; he boa pinga, &c. De πίνω, beber.

Placa—Táboa chata de páo, metal, ou outra materia, com diversos feitios, segundo o uso que se lhe quer dar. He o grego πλάξ, com a mesma significação. Da mesma origem vem *plancha,* na opinião de Mayans.

Plancha—Veja-se *Placa.*

Porca—No sino he a peça de madeira, em que se embebe o argolão, de que pende o sino. Do grego πόρκης, annel, fivella, circulo de ferro, com que se prende, v. gr., o ferro da lança com a hastea de páo, &c. He tambem termo de artilheria e outras artes. (Veja-se Moraes.)

Pote—Vaso para ter agoa, ou outro liquido. *Poto,* bebida. Vem de πότης ou πότος, bebedor, e acção de beber e bebida; de πίνω, beber.

Praça—Lugar aonde se compra e vende, e fazem commercios. De πράσσω, vender; donde πρατης e πρατίας, vendedor; πρατήριον, lugar do mercado, &c.

Prasmo e **Prasmar**—Veja-se *Blasmo.*

Prato—Peça de barro, metal, páo, ou vidro, em que se servem as iguarias na meza. De πλατὺς, o que he largo e chato. (Veja-se *Chato* e *Placa,* que todos tem a mesma origem, fundando-se a sua analogia na idéa primaria de *peça chata, espalmada, larga e pouco funda.)*

Prega—Veja-se a segunda definição de *Prego.*

Prego—Pequena peça de ferro, cobre, madeira, ou outra semelhante materia, aguçada em huma de suas extremidades, a qual por essa ponta se embebe nas táboas, ou madeiras, para as unir, prender e segurar fixamente. De πλὴξ, γος, aguilhão com que se picão os bois; de πλήσσω, ferir.

Prego—Carta fechada, que se ha de abrir em determinado lugar e tempo. De πλέκω, atar, dobrar, fechar

com dobras e plicas. Os Castelhanos dizem *pliego,* conformando-se mais com a articulação original do *pl,* que nós neste e n'outros vocabulos mudâmos em *pr.*

Prema—Oppressão, constrangimento, violencia, &c.; de πρῆγμα, tarefa, occupação trabalhosa.

Proes—Veja-se o *Elucidario,* vv. *Proe* e *Prohe.* Chamâmos *proes* de hum officio os proveitos que delle tirâmos; os seus uteis; as gratificações, que talvez nos vem por elle. De προίξ, o que provém de alguma cousa, os seus fructos; o donativo que se dá por algum serviço, &c. Temos por erro escrever no singular *prol,* e dizer que vem do latim *proles.* O singular he *proe,* ou *prohe,* como dizião os antigos, &c. Os Italianos dizem *pro,* e não *prol,* v. gr., *mangiarai, ma non ti farà prò,* comerás, mas não te aproveitará, não te fará *pró;* hoje se diz *bom pró lhe faça,* em lugar de bom *proe,* bom *proveito* lhe faça, e não *bom prol.*

Proeza—Acção notavel por sua nobreza e galhardia; fazer *proezas* he fazer acções illustres, gentilezas, &c. De προέσις, acção em que se mostra liberalidade, largueza, generosidade, profusão, fidalguia.

Purrio—Significa *bebedo* na linguagem da giria. Vem de πυῤῥίας, o que tem côr rosada; côr de fogo, effeito ordinario do vinho bebido com excesso.

Q

Queimar—Em certos jogos populares he pôr o pé *sobre a risca,* perdendo o jogo, ou cousa semelhante, que se deve examinar.

Querido—Adjectivo com que qualificâmos as pessoas, ou cousas, a que temos grande amor, e que nos são aceitas, agradaveis, &c., v. gr., meu *querido* amigo; meu *querido* irmão; minha *querida* caza, &c. Póde vir de χάρις, graça, agrado; donde χαρίεις, o que nos dá gosto, o que nos he grato e aceito, &c. Daqui mesmo se podem naturalmente derivar *carinho* e *caricias,* que são os modos amorosos, os mimos e agrados meigos, que fazemos ás pessoas mais *queridas,* χαίρειν, ter gosto, gozar *(gaudere).* Χαριτόω, cuja desinencia indica plenitude e abundancia, *amar muito,* donde o participio κεχαριτωμένος, *valde gratus, vehementer amatus* (muito querido, &c.).

Quilate—Grego κεράτιον, pequena fava, que se cria nas vages da alfarrobeira, e que *servio* (diz Pouqueville) *de primeiro numerador dos pesos em Athenas.* Sousa, nos *Vestigios da lingua arabica,* o deriva do arabe *quirat,* mas já dissemos que os Arabes tomárão alguns vocabulos dos Gregos, em especial os que pertencião ás sciencias e artes. Outros o querem derivar do hebraico *gherah* (גרה), que significa o mesmo que o grego κερατιον.

R

Raio—Fogo electrico, que se solta das nuvens com o trovão. De ῥαίω, destruir, profligar, devastar.

Rasgar, Romper, Lacerar—De ῥαγόω, com a mesma significação (latim *rumpo, lacero, scindo);* do v. ῥήσσω, romper, quebrar; donde ῥάκος, vestido rasgado, lacerado. Hesychio diz: «ῥάκος, διεῤῥωγος ἱμάτιον, *lacerum vestimentum;* e ῥάχη, *rupturae, divulsiones»;* ῥήγνυμι, romper; ῥαγεὶς, rompido, rasgado. Calepino deriva o vo-

cabulo latino *rhagades (scissurae, quae in sede et pedibus proveniunt);* do grego ῥαγίζω, *abrumpo.*

Raxar, que outros escrevem **Rachar,** e **Raxa** ou **Racha**—*Raxar* huma madeiro he fazer delle hachas; fendel-o, abril-o, partil-o á cunha ou machado, segundo o longor das fibras. (Veja-se *Rexa.)*

Rebocar—Dar reboque, sirgar. Schoell o deriva do grego ῥυμουλκέω, tirar por meio de cordas ou loros.

Relampo, Relampado, &c.—Veja-se *Lampo.*

Reuma—Fluxão ou corrimento de humor crasso e indigesto (Moraes). *Reima,* o tal humor, de que abundão alguns alimentos. He o grego ῥεῦμα, fluxão de humor; de ῥέω, correr; donde ῥευματισμὸς, &c.

Rexa—Moraes diz que he o *arado,* e o qualifica de pouco usado. Couto, Dec. 5.ª, liv. 2.°, cap. 3.°, diz: «Herdades lavradas com a *rexa* do forte Camillo, e que forão abertas com os arados daquelles antigos Curios». He propriamente o ferro do arado que vai rompendo a terra quando se lavra. Vem de ῥήσσω, romper; donde ῥῆξις, acção de romper, &c. Daqui derivâmos tambem *raxar* e *raxa.*

Rio—De ῥύω, correr; donde ῥύαξ, ribeira, inundação de agoa (de ῥέω, *fluo,* que propriamente se diz dos fluidos; donde ῥόος, *fluentum, fluxio aquarum* (Scapula).

Ripar—He colher á mão algum frùcto, v. gr., a *azeitona,* quando se faz esta operação sem varejar a arvore. Tambem se usa em frase plebéa e chula com a significação de apanhar, pilhar, surripiar, &c. Parece vir do

grego δρέπειν, colher (latim *carpere)*. (Veja-se Moraes, vv. *Aripar* e *Aripeiro.)*

Rocha—Rochedo, penha, penhasco, &c. Póde vir de ῥώξ, rochedo, e quebradura nelle; de ῥήσσω, quebrar, rachar.

Rua—Em grego ῥύμη. Póde vir de ῥύω, correr; correr em continuo fluxo, por ser a rua a corredoura da gente, o lugar por onde passa continuamente a gente.

Ruido ou **Arruido**—Estrondo, rumor forte, tumulto popular, &c. De ῥοῖζος, estridor, impeto, som como da agoa corrente, &c.; de ῥοιζέω, fazer estridor.

Rumo—A direcção do navio, ou de quem caminha no deserto; a linha de direcção, em que se deve caminhar ou navegar. De ῥυμὸς, o timão; a lança ou flecha do coche; o cabeçalho do carro; o páo que determina a direcção do coche, carro ou navio; do v. ῥύω (latim *traho);* donde ῥῦμα *(tractus, funis tractorius)* a corda ou peça de madeira por que se puxa e tira o carro, e que marca o seu *rumo*.

S

Sabana—Vocabulo que se acha em antigos documentos, e parece significar lençol ou toalha. Alguns o suppozeram de origem punica. Santo Izidoro, *Orig*, liv. 19.º, cap. 26.º, diz que vem do grego (segundo Malvenda). Em grego achâmos σαβάνον, panno de enxugar o corpo; em castelhano *lienço*, e em valenciano *lançol*.

Sáfaro—Bravio, esquivo, rude, aspero, montesinho.

Póde vir de ψαφαρὸς, arido, esqualido, tenebroso; do v. ψάω, safar, extenuar, raspar, alimpar.

Salmoura — Especie de conserva, cujo principal ingrediente he o sal marinho, na qual se mette a carne ou peixe para se conservar sem corrupção. Do grego ἁλμυρὸς, *salgado*, composto de ἅλς, sal, e de μύρον, certo acido que entra na composição do sal marinho. Moraes escreve tambem *salmoeira* e *salmoeirar;* esta orthographia porém nos parece errada.

Sandalhas — Certo calçado. Em grego σανδάλιον e σανδαλιά.

Seira — Alcofa tecida de esparto. De σειρὰ, corda de esparto, materia de que se fazem as seiras. Nas notas ao livro 5.º das *Vidas dos Padres,* de Rosweydi, explicando-se as palavras *plectam de palmis,* se diz: «*Habenae sunt e palma, junco, sparto, aut simili contextae, ex quibus sportae, canistra, alique ejusmodi conficiuntur; has Aegiptii* σείρας, *vocant*».

Selha — Vaso ou balde de páo, em que as peixeiras andão vendendo peixe, e que tem muitos outros usos. De σηλία, por τηλία, pequeno vaso da figura de balde. Em francez e suisso *seille*.

Soãa ou **Suãa** — Bluteau e Moraes dão este nome ao *entrecosto do porco da parte do espinhaço*. Os anatomicos dizem que he *a parte inferior da espinha, constante das cinco vertebras, que ficão entre o osso sacro e as vertebras do dorso*. He o grego ψύα ou ψόα, *lumbus*. No livro 2.º *dos Reis,* cap. 2.º, v. 23.º, aonde a Vulgata diz que Abner ferio a Azael com a lança *in inguine,* lê o hebreo *ad quintam costam,* e os Setenta

ἐπι τὴν ψόαν, *in regione lumborum*, litteralmente, *sobre a soan*.

Socairo — *Ao socairo,* frase adverbial, que significa *ao abrigo*, e tambem a tempo e lugar opportuno, v. gr., hir *ao socairo* de alguem; retirar-se *ao socairo* da fortaleza; as fustas forão-se chegando *ao socairo* da náo para se favorecerem huns aos outros, &c. De καιρὸς, occasião, opportunidade, tempo conveniente; donde as frases ἐν καιρῷ, opportunamente; σύγκαιρος, o que convem ao tempo e circumstancias; πρὸ καιρου, antes de tempo, prematuramente; ἐυκαιρῶς opportunamente, commodamente: ἐν ἐυκαίρια, *in opportunitate.*

Soluço e **Soluçar** — Voz ou suspiro redobrado, com som interrompido. De λύζω, *soluçar.*

Soslaio — *Ao soslaio,* frase adverbial, que significa obliquamente, de esguelha. Vem de λαιὸς, esquerdo, o que está, ou se põe á parte esquerda. De λαιὸς formárão os Latinos o seu *laevus.*

Stallo — Veja-se o *Elucidario;* cadeira no côro, deputada para algum conego; de στάλα, no dialecto dorico por στήλη, lugar elevado, tribunal, assento dos juizes, &c. Daqui vem o francez *in-staller,* que entre nós se vai introduzindo, *in-stallar,* metter de posse, &c.

Sudro — Vocabulo com que na provincia do Minho se exprime huma especie de côdea, que se forma nas roupas e vestidos que embebem o suor do corpo. Vem de ὕδωρ, agoa, humidade; donde os Latinos formárão *sudor.*

Surrar — V. gr., as pelles, he tirar-lhes o pello, alim-

par-lhes o carnás. De ξυράω, raspar, rapar, trosquiar até á cutis, tirar o pello, a pelle, a cortiça, &c.

Surriada — Apupada que se dá a alguem, ou a alguma cousa, com assovios, vozes de escarneos, &c. Parece (diz Bluteau) formado por onomatopeia. Póde derivar-se de συρίττω, apupar, assoviando, e εκσυρίζω (latim *exsibilare); ὡς πνεῦμα διασύριζον (sicut ventus sibilans)*, como vento assoviando.

Suũ — *Em suum,* juntamente, em união; *de suum,* e *de consuum,* em commum, &c., formulas antiquadas, formadas do grego σὺν. (Veja-se *Assuada.)*

T

Talant, ou **Talante,** ou **Talente** — Vocabulos antiquados, frequentes nos antigos escriptos, com a significação de vontade, desejo, intento. He bem conhecido o mote do illustre Infante D. Henrique, *talant de bien faire* (vontade, intento de bem fazer), que elle tão admiravelmente desempenhou. Do grego θέλω, querer, desejar, deleitar-se; donde θελητής, que quer, que obra voluntaria, espontaneamente; τὸ θέλειν, *velle voluntarie, nemine exhortante;* ἐθελόντιος, o que faz alguma cousa voluntaria, espontaneamente, conforme ao desejo, &c. Veja-se no *Elucidario* os vv. *Talan, Talante, Talente* e *Talentoso,* que todos se usárão antigamente, e todos tem a mesma origem.

Talha — Vaso de fórma bem conhecida, em que se guarda agoa, vinho, azeite, &c. De τήλια, balde, vaso da figura delle, &c. (Veja-se *Selha.)*

Tallo—Lançamento da planta; varinha ou vergontea principal, em que se produzem as folhas e flores; pontas tenras dos renovos da planta. Do v. θάλλω, pullular, florecer, germinar; donde θαλλὸς, lançamento, ramo. O celtico *tal* significa o mesmo.

Talludo—O rapaz já crescido, espigado, que tem lançado corpo. Vem da mesma origem, indicada no precedente artigo. Os Gregos dizem ἀτάλλω, hir crescendo (latim *adolesco, cresco).*

Tanguiço—Na provincia do Minho, quando algum homem, ou animal, está magro, enfezado, e se vai definhando e entisicando, sem tomar nutrição, nem lhe aproveitar o alimento, diz-se que he, ou está, ou parece hum *tanguiço;* que está *entanguiçado.* (Moraes diz *entanguecer* e *entanguido).* De ταγγίζω, o que se vai estruindo, derrancando, apodrecendo; de τάγγη, o que vai sendo desamparado do vigor natural, &c.; ταγγὸς *(rancidus);* ταγγίζω, *rancesco, rancidus fio* (Scapula).

Tapar—Póde vir de θάπτω, sepultar; donde θαφεις, *sepultus;* θαφὸς, sepultura.

Tarasca—Termo chulo, com que zombâmos do fanfarrão covarde e ridiculo, que em alguma bulha puxou pela sua *tarasca,* isto he, pela sua espada velha e ferrugenta, que nunca matou ninguem. De ταράσσω, perturbar, fazer desordem; donde τάραξις, tumulto, perturbação, &c. (Veja-se *Atarantar.)* Em antigo provençal *tarasque.*

Tarro—Vaso em que os pastores recolhem o leite, que vão ordenhando. He o grego ταῤῥὸς, vaso feito de pequenas táboas, ou de vimes tecidos, ou de outra se-

melhante materia, como são os dos nossos pastores, feitos de táboas de cortiça, &c.

Taxa—He propriamente o regimento e ordem que se dá para regular o preço das cousas, a policia dos mercados. De τάξις, que significa o mesmo.

Teima e **Teimar**—Insistencia na mesma cousa; pertinacia na mesma opinião ou projecto, talvez a despeito das razões em contrario, &c. Nós o julgâmos derivado de θέμα, isto he, questão proposta, assumpto em que se insiste, e que se repete no discurso. Os Castelhanos dizem *tema* o que nós dizemos *teima;* e nós mesmo dizemos hoje (com frase mais scientifica) de quem *teima* em alguma cousa *aquelle he o seu thema.*

Teta—Mamma, peito. He o grego τιτθή, mamma; τήθη, ama que dá leite á criança; τιτθὸς, mamma, &c.; donde Τηθὺς, (Tethis), deosa da terra, *ama e nutriz* dos homens.

Tio e **Tia**—O irmão, ou a irmãa do pai, ou da mãi. Os Gregos dizião θεῖος πρὸς πατρὸς, *tio* da parte do pai (em latim *patruus); θεῖος πρὸς μητρὸς, tio* da parte da mãi (latim *avunculus); θεία (amita),* &c. Nos mais antigos documentos da Hespanha se achão estes vocabulos, e talvez se escreve *teyo,* por *tio,* que he ainda mais conforme á origem. No antigo romance francez se dizia tambem *theion* e *theie* (Roquefort.)

Titella—O peito carnudo da ave; a carne delle. Tem a mesma origem que *teta,* e se deriva de τιτθὸς, ou de τίτθη, mamma, a que se deo huma terminação diminutiva.

Tóla—Cabeça, em estilo chulo. *Deo-lhe* (dizem) *na*

tóla, isto he, *deo-lhe na cabeça*. De θολὸς, camara abobadada, como he a cabeça; θολία, barrete, umbrella, chave da abobada, o apice della. (Gebelin, *Origine française.)*

Tolo — O que não tem juizo; o que he insensato. Alguns o querem derivar de θολὸς, immundicie, fezes, como se disseramos immundo, enlameado, &c. Tambem se diz θολόω, perturbação, &c.; e θολερὸς, sujo, confuso, turbulento, contencioso, *toleirão*.

Tomar — Receber, adquirir, apossar-se. Alguns o derivão do grego κτάομαι, ou κτῶμαι, que tem a mesma significação de *acquiro, comparo, possideo*.

Topar — Dar de encontro em alguma cousa, batendo nella. De τύπτω, bater; donde τύπος, percussão, pancada, golpe, *topada;* ou de τοπάζω, pôr em algum lugar; de τόπος, lugar. Deste ultimo parece vir *tópo* e *tope*, &c.

Traça — Insecto que roe as roupas e as *traça*. De τράγειν, ou τρώγω, roer, comer. Outros querem que venha do arabe.

Trado — Instrumento de ferro, com que se furão madeiras, pedras, &c. De τράω, furar.

Tragar — Devorar; engulir sem mastigar. De τρώγω, τράγειν, comer. (Veja-se *Traça.)*

Tremoço ou **Termoço** — Legume bem conhecido. He o grego θέρμος, latim *lupinus*.

Tripó e **Tripeça** — Assento de tres pés. De τρίπους, ou τρίπος, o que tem tres pés.

Tris — Usâmos hoje este vocabulo em algumas frases, significando hum *quasi nada, hum indivisivel,* v. gr., por hum *tris* errou o tiro; por hum *tris* não acertou no alvo; por hum *tris* escapou á justiça, &c. A sua verdadeira significação he *cabello;* e ainda em documento do seculo XIII achâmos *tritum* (em latim barbaro) por cabello. He o proprio vocabulo grego θρὶξ, cabello.

Troar — Veja-se *Atroar.*

Trogalho — Moraes diz com Bluteau, que he peça, com que se ata. Na linguagem plebéa da provincia do Minho se dá este nome a hum rapaz ou rapariga que tudo faz á pressa, tudo atrapalha, tudo embrulha e enrodilha, tudo atrogalha, não arrumando as cousas com ordem e concerto. Póde vir de τροχαλὸς, o que he voluvel, veloz; τροχαλῶς, ligeiramente, á maneira de roda que vai correndo, &c.

Trupar ou **Tropar** — Diz-se na provincia do Minho por bater em alguem; dar-lhe pancadas; dar-lhe, como dizem, huma *trépa;* e *trupte,* imitando, ou querendo significar a pancada de quem bate em alguem. Póde vir de θρύπτω, romper, quebrar, fazer pedaços; ou de τροπάω, fazer fugir o inimigo, &c.

Tufar — Inchar-se; mostrar-se irado com soberba; *tufoso,* inchado, arrogante, fumoso, &c.; τυφόω, elevar-se com arrogancia; mostrar-se insolente; de τύφος, fasto, ostentação, arrogancia vãa, &c. (Veja-se *Entufado.)*

Tumba — Caixão em que vai o cadaver. Do grego τύμβος, tumulo, sepulchro; donde τυμβεύω, metter no tumulo. (Roquefort, *Supplément,* v. *Tombeaux.)*

U

U — Antiga particula, que significava *onde*. (Veja-se o *Elucidario.)* He o grego *υ*, com a mesma significação. Os nossos antigos tambem ás vezes escrevião *ou*, conservando inteiro o vocabulo grego, e dizião *dhu*, donde, &c. A mesma particula, vinda da mesma origem, existe ainda no francez e italiano, e he da linguagem provençal.

Ulo? Ula? — He a propria particula *u* onde, e os artigos *o* e *a; u-o-homem? u-a-mulher?* isto he, *onde está o homem?* &c., aonde por eufonia, e para evitar o hiato, se metteo o *l*, e se dísse (como ainda hoje diz a plebe) *ulo homem? ula caza?* &c.

Urca — Embarcação de comboi nas armadas; barco chato, largo, &c. De *ὑρχή*, *instrumentum in quo nautae onera bajulant.*

Ussia — Veja-se *Oussia.*

V

Viés — *Ao viés,* isto he, de hum modo oblíquo, enviezado; contra o correr do fio, &c.; de *βιαίως*, o que se faz contra o natural, &c. Os Francezes tambem dizem, por exemplo, *couper une étoffe de biais,* cortar o panno *ao viés.*

Vou, Vais, Vai, Vamos, Vão (latim *eo, is, it,* &c.) — Aldrete traz estas vozes do grego *βῶ, βῇς, βῇ, βάμες,*

βάν, do verbo antigo βάω, por βαίνω, hir; donde βῆθι, vai-te. Em hebraico tambem se diz *ba, baah, baim, bau,* &c.; do v. *Bo* (בוא), hir, vir, &c.

X

Xarouco — Vento terral (diz Moraes), que em italiano se diz *siroco*. Maldonado o define *ventus urens, quem siculi xirochum vocant, graeco, ut opinor, vocabulo, quasi siccum, qui omnia sicat et arefacit.* He o vento oriental, que nós chamâmos *solano* ou *soão,* que sécca e queima as searas. A origem he o grego ξηρὸς, secco, arido. (Veja-se *Enxara.)*

Xifarote — Especie de espada, ou espadim. De ξίφος, espada, gladio; e ἄρω, adaptar, accommodar; donde ξιφήρης, o que traz espada; e ξιφηρορέω, com a mesma significação. Este vocabulo grego parece ser tomado do oriental *sif,* ou *xiph,* punhal, adaga, &c., que tambem se acha no arabe.

Xué — Chamâmos vestido *xué* o que he já tozado, rapado, safado do uso. Dizemos de huma mulher, que leva poucas saias, e com pouca roda, que vai *xué,* isto he, singela, com roupas de pouco volume, como se fossem tozadas e rapadas. De ξύω, rapar, tirar o pello; donde ξυηρὸς, o que he lizo, sem pello, rapado, &c. Alguns escriptores notão que nenhuma, ou quasi nenhuma palavra começada por *x,* he propria do grego, e que todas lhe vierão dos orientaes. Estes etymologistas derivão ξέω, ξύω, e ξύσμα, do oriental *shue,* alizar, polir, &c.

Xusma — Veja-se *Chusma.*

Y

Yrian — Este vocabulo significava, na antiga linguagem dos Lusitanos, o mesmo que *esquadrão*, ou *exercito*. (Veja-se Bluteau, Moraes e o *Elucidario.)* Os Gregos dizem ὑρον, *enxame de abelhas*, e ὑριον, *favus*. Daqui poderia vir aquelle antigo vocabulo, cuja significação tem alguma analogia com a do grego. E esta derivação parecerá mais provavel, reflectindo-se, que em Homero e nos poetas gregos antigos, he frequente comparar a multidão de homens com o *enxame de abelhas*, e explicar o rumor que fazem, pelo v. βόμβίζειν, que pinta o zunido daquelles animaesinhos.

Z

Zegulo, Zegonia — Em hum antigo Foral se impunha grave pena a quem dissesse a outrem *zegulo de foam*, ou *zegonia com foam;* por onde se vê que estas palavras erão injuriosas, e de contumelia e convicio. (Veja-se o *Elucidario*, v. *Zegoniar.)* São vocabulos da antiga linguagem da plebe, e certamente derivados do grego ζεύγλη, e ζεῦγος, jugo; de ζεύγνυμι, ou ζευγνύω, ajuntar, copular; e de γονεύω, gerar, conceber; donde γονέια, acção de gerar. Ou tambem de ζωογονία, procreação; ζωογονέω, dar vida; ζωογονός, o que produz hum ser animado; fecundo, &c. De sorte que dizer a alguem *zegulo de foam* e *zegonia com foam*, era o mesmo que chamar ao homem amancebado, e á mulher mal procedida. Em hebraico se diz *ghhona* a paga do debito conjugal, a união do homem com a mulher; donde parece derivado o grego γόνος e γονεία. Em gothico *kunnea* e *kunni* significão geração. E no antigo romance francez se dizia *gouine*, a mulher prostituta, &c.

Zelo e **Zelos** — Por inveja, ciume, emulação, &c.; não he latino, mas parece grego de ζῆλος.

Zytho — Bebida de vegetaes cozidos em agoa. (Bluteau.) He o grego ζῦθος, especie de cerveja, ou certa bebida extrahida da cevada, e antigamente mui usada dos Lusitanos e de outros povos. «Esta bebida, feita de trigo, diz Plinio (liv. 22.º, cap. ult.), que se chamava *zytho* no Egypto; *celia*, ou *ceria*, na Hespanha; e *cervisia* na Gallia e outras provincias. *Zythum in Aegypto; celia et ceria in Hispania; cervisia, et plura genera, in Gallia, aliisque provinciis*». E Lucio Floro, liv. 2.º, cap. 18.º, diz: *Celiae, sic vocant indigenae* (Hispani) *ex frumento potionem*, &c.

Usos grammaticaes e idiotismos gregos, conservados no portuguez

1 Os artigos *o, a, os, as,* são gregos.

2 As preposições *em, en,* na maior parte dos vocabulos e usos portuguezes, são gregos.

3 A frequencia de ditongos, e vogaes sonoras, parece derivada do genio da lingua grega.

4 O *n* eufonico nestas frases *não no vi, não no sei,* &c., he uso grego.

5 O infinito com o artigo, servindo de sujeito da oração, v. g., *o amar he doce, o estudar he util,* &c., he grecismo.

6 O infinito servindo como de caso depois do nome ou do adjectivo, e supprindo os gerundios e supinos latinos, v. gr., *receioso de padecer, tempo de trabalhar, desejoso de viver,* &c., he grecismo.

7 Duas negativas augmentando a força da negação, v. gr., *não vi ninguem, não sei nada do que dizeis, não faça ninguem mal,* &c., he uso grego.

8 O adjectivo tomado como adverbio, v. gr., *justo, subito, claro,* &c., por *justamente, subitamente,* &c., he uso grego.

9 O comparativo *mais sabio,* com o regimen *dos homens,* que os Latinos dizem *hominum sapientissimus,* he grecismo.

10 O imperativo supprido pelo infinito, v. gr., *trabalhar,* que temos muito que fazer; *andar,* que nos falta muito caminho, &c., he uso grego.

11 Os nomes proprios com o patronimico em genitivo he uso grego. Os Gregos dizem, v. gr., *Jacobus, Zebedaei,* supprimindo *filius;* nós tambem dizemos *Pedro de João, Maria de Gonçalo,* &c.; donde depois se formárão os sobrenomes *Pedro Eannes, Maria Gonçalves,* &c.

12 Os Gregos chamão á parte superior da bôca οὐρανὸς, *céo;* nós tambem lhe chamâmos o *céo da bôca.*

13 *Olho da planta* pelo botão que ella lança, se vai desenvolvendo, parece idiotismo grego. Os Gregos dizem ὀφθαλμίζω, para dizerem que a planta vai lançando botões, vai germinando; e chamão ὀφθαλμὸς, o que os Latinos dizem *gemma,* e nós *olho, gomo,* &c.

14 Estas frases de alguns nossos escriptores, *navios dourados ás popas e proas* o vierão receber, *tinctos o corpo* em seu proprio sangue, &c., pertencem á syntaxe grega.

15 Os artigos *o, a,* juntos a nomes proprios, como, v. gr., correo *a* Europa, veio *da* Italia, está *no* Brazil, &c., dizem alguns que he uso grego.

16 Esta frase *era de ver* a alegria que todos mostravão, *era de ver* a diligencia com que trabalhavão, &c., he grega. Os Gregos dizem no mesmo sentido ἦν ἰδεῖν τοτε μεγάλην σωτηρίαν τῃ πόλει, &c., *era de ver* aquella grande cidade salva dos inimigos, &c.

17 São idiotismos gregos:

Ter alguma cousa *debaixo de mão.*

Trabalhar *de sol a sol.*

Ensaboar alguem (reprehendel-o).
He homem *de barbas.*
Andar o carro adiante dos bois.
Estar individado *até ás orelhas.*
Este discurso *bate-me na orelha* (agrada-me), &c.

18 A pronunciação do *b* por *v*, tão vulgar na provincia do Minho, póde attribuir-se á communicação e mistura com os Gregos.

19 A repugnancia que tem os povos do Minho á pronunciação aberta do nosso *ão*, dizendo, v. gr., *leom* por *leão*, *occasiõm* por *occasião*, &c., tambem parece ter-lhes ficado do grego.

20 Quando caracterisâmos alguma pessoa por huma circumstancia, ou qualidade notavel, que a distingue de todas as outras do mesmo nome, v. gr., Alexandre, *o grande;* Antiocho, *o illustre;* fulano, *o velho*, *o torto*, *o coxo*, &c., seguimos o uso grego, que se explica do mesmo modo: Dionysio, *o grammatico;* Plinio, *o moço.*

LISTA DE VOCABULOS PORTUGUEZES

DA LINGOAGEM COMMUM
QUE SÃO JUNTAMENTE GREGOS E LATINOS, E SE PODEM DERIVAR
DE QUALQUER DESTES DOUS IDIOMAS

LISTA DE VOCABULOS PORTUGUEZES

DA LINGOAGEM COMMUM
QUE SÃO JUNTAMENTE GREGOS E LATINOS, E SE PODEM
DERIVAR DE QUALQUER DESTES DOIS IDIOMAS

Absinthio	ἀψίνθιον.	absinthium.
Abysmo	ἄβυσσος.	abyssus.
Aerio	ἀέριος.	aereus.
Agonia	ἀγωνία.	agonia.
Agro	ἀγρὸς.	ager.
Alpes	ἄλπεις.	Alpes.
Ambar	ἄμβαρ.	ambarum.
Ametista	ἀμέθυστος.	amethystus
Amfitheatro	ἀμφιθέατρον.	amphitheatrum.
Amianto	ἀμίαντος.	amiantus.
Amora	μόρον.	morum.
Anacoreta	ἀναχωρητὴς.	anachoreta.
Anáthema	ἀνάθεμα.	anathema.
Anémona	ἀνεμώνη.	anemone.
Anho	ἄγνος	agnus.
Animo	ἄνεμος.	animus.
Anis	ἄνισον.	anisum.
Antidoto	ἀντίδοτον.	antidotum.
Apage!	ἄπαγε	apage!
Apostata	ἀποστάτης.	apostata.
Ar	ἀὴρ.	aer.

Arado	ἄροτρον.	aratrum.
Arar	ἀρόω.	aro.
Aroma	ἄρωμα.	aroma.
Arroz	ὄρυζα.	oryza.
Asthma	ἄσθμα.	asthma.
Astro	ἀστὴρ.	astrum.
Asylo	ἄσυλον.	asylum.
Átomo	ἄτομος.	atomus.
Aura	αὔρα.	aura.
Austero	ἀυστηρὸς.	austerus.
Authentico	ἀυθεντικὸς.	authenticum.
Axe	ἄξων.	axis.
Azymo	ἄζυμος.	azymus.
Balsamo	βάλσαμον.	balsamum.
Barbaro	βάρϐαρος.	barbarus.
Basilica	βασιλικὴ.	basilica.
Bispo	ἐπίςκοπος.	episcopus.
Blasfemar	βλαςφημέω.	blasphemo.
Blasfemia	βλασφημία.	blasphemia.
Boi	βοῦς, βοός.	bos.
Bolo	βῶλος.	bolus.
Braço	βραχίων.	brachium.
Braga	βράκος	Bracca.
Bramar	βρέμω.	fremo.
Bua	βύω.	bua.
Buxo	πύξος.	buxum.
Cacoethe	κακοήθες.	cacoethes.
Cadeira, cathedra	κάθεδρα.	cathedra.
Cado	κάδος.	cadus.
Cáhos	χάος.	chaos.
Caixa	κάψα.	capsa.
Camara	καμάρα.	camera.
Canamo, canave	κάνναϐις.	cannabis.
Canastro	κάναστρον.	canistrum.
Canna	κάννα.	canna.

κάνθαρος.	cantharus.
χαρακτήρ.	character.
χάρτης.	charta.
κάστανον.	castanea.
καυτήριον.	cauterium.
κεδρός.	cedrus.
κοιμητήριον.	coemeterium.
κηρός.	cera.
κερασία.	cerasum.
κέρασος.	cerasus.
κηρωτόν.	cerotum.
κίστη.	cista.
πλαγά.	plaga.
κάμινος.	caminus.
κιχώριον.	cichorium.
χιλός.	chilus.
κιλίκιον.	cilicium.
κηρίον.	cereus.
χειρουργός.	chirurgus.
κλῆρος.	clerus.
κλίμα.	clima.
κλυστήρ.	clyster.
κύπριος.	cuprum.
κόκκος.	coccus.
κολοσσός.	colossus.
κόμη.	coma.
γόγγρος.	congrus.
κοντός.	contus.
κοράλλιον.	corallium.
χορδή.	chorda.
χορεία.	chorea.
κορυφαῖος.	coryphaeus.
χορός.	chorus.
κόθορνος.	cothurnus.
κόξα.	coxa.

Craneo	κράνιον.	cranium.
Cratéra	κρατήρ.	crater.
Cristallino	κρυστάλλινος.	cristallinus.
Critico	κριτικὸς.	criticus.
Crocodilo	κροκόδειλος.	crocodilus.
Cuba	κῦφος.	cupa.
Cuco	κόκκυς	coccyx.
Cuminhos	κύμινον	cuminum.
Cymba	κύμβη.	cymba.
Cymbalo	κύμβαλον.	cymbalum.
Cypreste	κυπάρισσος.	cuprenus.
Cysne	κύκνος.	cygnus.
Dador	δωτήρ.	dator.
Década	δεκάς.	decas.
Deia, deosa	Θεά.	dea.
Delfim	δελφίν.	delphinus.
Démo	δαίμων.	daemon.
Demonio	δαιμόνιον.	daemonium.
Deos	Θεὸς.	Deus.
Diabo	διάβολος.	diabolus.
Diadema	διάδημα.	diadema.
Dieta	δίαιτα.	diaeta.
Diocese	διοίκησις.	dioécesis.
Diploma	δίπλωμα.	diploma.
Discolo	δύσκολος.	discolus.
Dogma	δόγμα.	dogma.
Dolo	δόλος.	dolus.
Domar	δαμάω.	domo.
Dote	δώς.	dos.
Dous, dois	δύο, δύω.	duo.
Dragão	δράκων.	draco.
Ébano	ἔβενος.	ebenum.
Echo	ἠχώ.	echo.
Eclipse	ἔκλειψις.	eclipsis.
Economia	οἰκονομία.	oeconomia.

	εἶα.	eia!
nte	ἐλέφας.	elefas.
r	ἐκλέγω.	eligo.
o	εὐλογεῖον.	elogium.
ema	ἔμβλημα.	emblema.
ião	ἐμβρυον.	embryon.
yteuse	ἐμφύτευσις.	emphyteusis.
astro	ἔμπλαστρος.	emplastrum.
rio	ἐμπόριον.	emporium.
ar	κηρόω.	cero.
r	ἐγχέω.	impleo.
nio	ἐγκώμιον.	encomium.
sourar	θησαυρίζω.	thesauriso.
ola	ἐπιστολή.	epistola.
	ἔρημος.	heremus.
	ἔῤῥω.	erro.
pela	ἐρυσίπελας.	erysipelas.
o	σκάρος.	scarus.
dalisar	σκανδαλίζω.	scandalizo.
dalo	σκάνδαλον.	scandalum.
a	σχολή.	schola.
ho	σκόπελος.	scopulus.
ia	σκωρία.	scoria.
la	ἐλεημοσύνη.	eleemosyna.
to	σπάρτον.	spartum.
nja	σπόγγος.	spongia.
lio	στάδιον.	stadium.
que	στεγνὸς.	stagnum.
ra	στορέα.	storea.
e	στὺξ.	styx.
ma	στίγμα.	stigma.
	στῦλος.	stylus.
nago	ϛτόμαχος.	stomachus.
a	στύπη.	stupa.
aque	στυραξ.	styrax.

Estratagema	στρατήγημα.	strategema.
Ether	αἰθήρ.	aether.
Ethereo	αἰθέριος.	aethereus.
Eu	ἐγώ.	ego.
Eunucho	εὐνοῦχος.	eunuchus.
Évo	αἰών.	aevum.
Exotico	ἐξωτικὸς.	exoticus.
Extase	ἔκστασις.	ecstasis.
Faia	φηγὸς.	fagus.
Faizão	φασιανὸς.	phasianus.
Fama	φήμη.	fama.
Fantasma ·	φάντασμα.	phantasma.
Faro, farol	φανὸς.	pharus.
Fenix	φοῖνιξ.	phoenix.
Féretro	φέρετρον.	feretrum.
Filtro	φίλτρον.	philtrum.
Foca	φώκη.	phoca.
Folha	φύλλον.	folium.
Folle	φόλλις.	follis.
Frase	φράσις.	phrasis.
Frenetico	φρενητικὸς.	phreneticus.
Frigir	φρύγω.	frigo.
Frio	φρίγος.	frigus.
Fugir	φεύγω.	fugio.
Gargarejar	γαργαρίζω.	gargarizo.
Gêsso	γύψος.	gypsus.
Gigante	γίγας.	gigas.
Gomma	κόμμι.	gummi.
Gotta	χυτή.	gutta.
Governar	κυβερνάω.	guberno.
Grillo	γρύλλος.	grillus.
Gruta	κρύπτη.	crypta.
Guai!	ὀυαι.	vae!
Gyro	γῦρὸς.	gyrus.
Heroe	ἥρως.	heros.

Heroina	ἡρωίνα.	heroina.
Herpes	ἕρπης.	herpes.
Hora	ὥρα.	hora.
Hydra	ὕδρα.	hydra.
Hymno	ὕμνος.	hymnus.
Hypocrita	ὑποκριτής.	hypocrita.
Hyssopo	ὕσσωπος.	hyssopus.
Igreja	ἐκκλησία.	ecclesia.
Inclinar	ἐγκλίνω.	inclino.
Jacintho	ὑάκινθον.	hyacinthum.
Jaspe	ἴασπις.	jaspis
Lago	λάκκος.	lacus.
Lampada	λαμπάς.	lampas.
Lardo	λάρδος.	lardus.
Laringe	λάρυγξ.	larina.
Leão	λέων.	leo.
Leigo	λαϊκος.	laicus.
Lepra	λέπρα.	lepra.
Letargo	λήθαργος.	lethargus.
Lince	λύγξ.	linx.
Linho	λίνον.	linum.
Lirio	λείριον.	lilium.
Loro	λῶρον.	lorum.
Lyra	λύρα.	lyra.
Magia	μαγεία.	magia.
Mago	μάγος.	magus.
Magro	μακρός.	macer.
Mãi, madre	μήτηρ.	mater.
Malacia	μαλακία.	malacia.
Mania	μανία.	mania.
Massa	μᾶζα.	massa.
Méco	μοιχός.	moechus.
Medir	μετρέω.	metior.
Mel	μέλι.	mel.
Melancolia	μελανχολία.	melancholia.

Melodia	μέλος.	melos.
Metal	μέταλλον.	metallum.
Methodo	μέθοδος.	methodus.
Mez	μήν.	mensîs.
Mimo, momo	μίμος.	mimus.
Miolo, miolos, muela	μυελὸς.	medulla.
Moio	μόδιος.	modius.
Monge	μοναχὸς.	monachus.
Mudo	μύδος.	mutus.
Murmurar	μορμύρω.	murmuro.
Myrto	μύρτος.	myrtus.
Mysterio	μυςτήριον.	mysterium.
Nabulo	ναῦλος.	naulus.
Náo	ναὸς, ναῦς.	navis.
Narciso	νάρκισσος.	narcissus.
Nardo	νάρδος.	nardus.
Nevoa	νεφέλη.	nebula.
Nitro	νίτρον.	nitrum.
Notho	νόθος.	nothus.
Nynfa	νύμφη.	nympha.
Oceano	ὠκεανὸς.	oceanus.
Ochre	ὤχρα.	ochra.
Oito	ὀκτὼ.	octo.
Olimpo	ὄλυμπος.	Olympus.
Onça	ὀυγγία.	uncia.
Opio	ὄπιον.	opium.
Orchestra	ὀρχήστρα.	orchestra.
Oregão	ὀρίγανος.	origanum.
Orfão	ὄρφανὸς.	orphanus.
Orgão	ὄργανον.	organum.
Ostra	ὄστρεον.	ostrum.
Ovelha	ὄις.	ovis.
Ovo	ὠὸν.	ovum.
Oxymel	ὀξύμελι.	oxymeli.

Pagão	παγανὸς.	paganus.
Pai, padre	πατήρ.	pater.
Palestra	παλαίστρα.	palestra.
Papas	πάππας.	pappas.
Papel	πάπυρος.	papyrus.
Paragrafo	παράγραφος.	paragraphus.
Parasito	παράσιτος.	parasitus.
Parma	πάρμη.	Parma.
Paroquia	παροικία.	parochia. paroecia.
Patricio	πατρίκιος.	patricius.
Patrio	πάτριος.	patrius.
Patriota	πατριωτής.	patriota.
Pé, pés	ποῦς, πόδες.	pes, pedes.
Pedagogo	παιδαγωγὸς.	paedagogus.
Pedra	πέτρα.	petra.
Pelago	πέλαγος.	pelagus.
Pella	πάλλα.	pila.
Peonia	παιωνία.	paeonia.
Perdiz	πέρδιξ.	perdiz.
Pergaminho	περγαμηνή.	pergamena.
Pesego, pesegueiro	περσική.	persica.
Pigmeos	πυγμᾶιοι.	pygmaei.
Pileo	πιλίον.	pileus.
Pira	πυρά.	pyra.
Piramide	πυραμίς.	pyramis.
Pirata	πειρατής.	pirata.
Pixide	πυξίς.	pyxis.
Planeta	πλανήτης.	planeta.
Platano	πλάτανος.	platanus.
Policia	πολιτεία.	politia.
Pollo	πῶλος.	pullus.
Pólo	πόλος.	polus.
Pompa	πομπή.	pompa.

Ponto	πόντος.	pontus.
Poupa	ἔποψ.	upupa.
Praga	πλαγά.	plaga.
Praxe	πρᾶξις.	praxis.
Proa	πρώρα.	prora.
Proemio	προοίμιον.	prooemium.
Prognostico	προγνωστικὸν.	prognosticum.
Prologo	πρόλογος.	prologus.
Propinar	προπίνω.	propino.
Prosodia	προσωδία.	prosodia.
Protocollo	προτόκολλον.	protocollum.
Psalterio	ψαλτήριον.	psalterium.
Quimera	χίμαιρα.	chimaera.
Rábão	ῥάφανος.	raphanus.
Raiz	ῥάδιξ.	radix.
Relogio	ὡρολόγιον.	horologium.
Reuma	ῥεῦμα.	rheuma.
Rhetorica	ῥητορική.	rhetorica.
Ronco	ῥόγχος.	roncus.
Sabão	σάπων.	sapo.
Sacco	σάκκος.	saccus.
Saio	σάγος.	sagum.
Sargo	σάργος.	sargus.
Satyro	σάτυρος.	satyrus.
Sceptro	σκῆπτρον.	sceptrum.
Scisma	σχῖσμα.	schisma.
Seis	ἕξ.	sex.
Sestro ou sistro	σεῖστρον.	sistrum.
Sete	ἑπτά.	septem.
Sinopla	σινωπίς.	sinopis.
Sobre	ὑπέρ.	super.
Sycomoro	συκόμορος.	sycomorus.
Syllaba	συλλαβή.	syllaba.
Symbolo	σύμβολος.	symbolus.
Symmetria	συμμετρία.	symmetria.

Syringa	σύριγξ.	syrinx.
Syrtes	σύρτεις.	Syrtes.
Tanque	στεγνός.	stagnus.
Tapete	τάπης.	tapes.
Tartaro	τάρταρος.	tartarus.
Teixo	τάξος.	taxus.
Termo	τέρμα, τέρμων.	terminus.
Thalamo	θάλαμος.	thalamus.
Theatro	θεάτρον.	theatrum.
Thema	θέμα.	thema.
Thesouro	θησαυρὸς.	thesaurus.
Throno	θρόνος.	thronus.
Tigre	τίγρις.	tigris.
Timpano	τύμπανον.	tympanum.
Titulo	τίτλος.	titulus.
Tizica	φθίσις.	phthisis.
Tom	τόνος.	tonus.
Tomo	τόμος.	tomus.
Topazio	τοπάζιον.	topazius.
Tornear	τορνόω.	torno.
Tôrno	τόρνος.	tornus.
Touro	ταῦρος.	taurus.
Toxico	τοξικόν.	toxicum.
Tremer	τρέμω.	tremo.
Tres	τρεῖς.	tres.
Tres vezes	τρίς.	ter.
Trevo	τρίφυλλον.	trifolium.
Triennal	τρίενος.	triennis.
Tripeça	τρίπους.	tripes.
Triplice	τρίπλαξ.	triplex.
Triplo	τριπλοῦς.	triplus.
Triunfar	θριαμϐεύω.	triumpho.
Trofeo	τρόπαιον.	trophaeum.
Truta	τρύκτης.	tructa.
Turba	τύρϐη.	turba.

Typo	τύπος.	typus.
Tyranno	τύραννος.	tyrannus.
Ulular	ὀλολύζω.	ululo.
Verão	ἔαρ.	ver.
Vespero	ἕσπερος.	vesper.
De vespera	ἕσπερας.	vespere.
Zefiro	ζέφυρος.	zephirus.
Zona	ζώνη.	zona.

LISTA DE VOCABULOS PORTUGUEZES

DERIVADOS

1.º, DO CELTICO, GAULEZ OU BRETON;
2.º, DO VASCONSO; 3.º, DO GOTHICO, GERMANICO OU TEUTONICO;
4.º, DE OUTROS IDIOMAS DO NORTE

LISTA DE VOCABULOS PORTUGUEZES

DERIVADOS

1.º, DO CELTICO, GAULEZ OU BRETON; 2.º, DO VASCONSO; 3.º, DO GOTHICO, GERMANICO OU TEUTONICO; 4.º, DE OUTROS IDIOMAS DO NORTE

A

Abano ou **Avano**—Instrumento de agitar o ar. Parece vocabulo celtico, que passou ao latim *vannus*. Em germanico *wann*, instrumento de ventilar o trigo e outros grãos.

Abra—Enseada. Celtico, segundo Gebelin e Voltaire. Nos *Vestigios da lingua arabica* se diz derivado do arabe.

Aceno—Muratori deriva o italiano *acenno* e *acennare* do allemão *kennen*, ou de algum dialecto hespanhol.

Adaga—Especie de punhal. He gothico, segundo Oláo Magno, e celtico, segundo Voltaire. Allemão *degen*. (Schoell.)

Adarga—Arma defensiva; especie de escudo, ou broquel. Em inglez *targe*.

Adobar—Refazer, fazer outra vez; vem da mesma origem.

Aguantar e **Aguante** — Alguns o derivão do vasconso.

Aguça — Pressa, diligencia. Vem do vasconso, segundo Moraes.

Al — Outro, outra cousa. Acha-se no celtico, breton, grego e germanico, sem differença alguma.

Alabarda — Denina o tem por celtico ou germanico. *Barda* em allemão (diz hum escriptor) significava *hacha de armas*, e ainda se usa quasi no mesmo sentido. Nós achâmos em germanico *hellenbart*, hacha de dous gumes. Em inglez *halbard*. Em belgico *hellebaard*.

Alagar — Inundar, cobrir de agoa. Em breton *lagan*, segundo Roquefort.

Alaúde — Instrumento musico. He o germanico *lauten*, que passou ao hollandez *luiten*, ao dinamarquez *lutter*, &c. Alguns o derivão do arabe *al-hwd*. Belgico *luit*.

Albergue — Hospedaria, estalagem, hospicio. Marianna diz que he gothico, outros o derivão do arabe. He o germanico *herberge*, caza de hospedaria.

Allodial e **Allodio** — Vocabulos gothicos, que exprimem a propriedade, que he livre de qualquer sujeição, feudo, ou tributo real ou pessoal. He propriamente o contrario de *feudo*, ou propriedade *feudal*.

Alpes — Montes ou serras mui altas. Alguns o derivão do celtico. Bluteau diz que he punico.

Ama—Mulher que cria o menino. He gothico, segundo Aldrete. He tambem hebraico, grego, &c.

Amarra—Calabre grosso, em que está presa a ancora para *amarrar* e segurar o navio. He vocabulo de origem celtica.

Andar—Em germanico *wandern*, caminhar, fazer caminho, passar de huma terra a outra. Em inglez *wander*, andar vagando, andar de huma parte para outra.

Arame—Composição de metaes conhecida. Alguns o derivão do arabe. Em teutonico he *rame*.

Arauto—Especie de embaixador. Denina diz que he celtico ou allemão. Em germanico *herold;* em inglez *herald.*

Arca—Cofre. Celto breton *arc'h*, cofre.

Arção—Celto breton, *arzão*, ou *arsão*, repouso, estação, suspensão, pausa.

Aresto—Resolução, decisão, accordão. Breton *arest*, resolução. Tambem se acha no grego ἀρέτον.

Arnês—Veja-se *Harnês*.

Arraia—Peixe chato, largo, &c., mui conhecido. He o vasconso *raia* (Moraes), peixe.

Arteza—Vasconso *arto-a*, trigo, pão. Grego αρτος.

Asucena—Em vasconso *azucena*. He hebraico e arabe.

Aturdir—He celtico, segundo Gebelin.

Avêsso—Mal, damno, contrariedade. Do allemão *aböss?* (Moraes.)

Avil—Máo. Saxonio *evil;* inglez *evill,* com a mesma significação. He de origem hebraica.

Aviso, Avisado—Juizo, discrição, intelligencia, &c.; homem prudente, de bom juizo, &c. Justo Lipsio o deriva do gothico. Em germanico *witz,* juizo, bom senso; *wissen,* saber, adivinhar, conjecturar, ser prudente; *weiss,* astuto, sagaz, prudente; *weisselich,* cordatamente, &c.

Azar—Veja-se *Hazar.*

B

Badana—Do vasconso *badana,* cousa frouxa, pendente (Moraes). Arabe, *Vestigios da lingua arabica.*

Bagaço—Alguns o derivão do celtico.

Bagagem—Celtico (Voltaire). Inglez *bag;* francez *bagage.*

Bagaxa—Mulher ou rapaz que se prostitue. He o italiano *bagascia,* que significa o mesmo.

Bahia—Porto. Do vasconso ou do celtico *baiya,* que tem a mesma significação.

Bahú—Breton *bahus.* Em allemão *behuten,* guardar.

Baile — *Bal,* dança.

Baiona — Terra ou lugar que he porto de mar; nome de huma cidade de França. He o vasconso *bahia-one,* lugar de porto.

Balborda — Tumulto, desordem. Do celtico *baldord?* (Veja-se Moraes, que cita Bullet.)

Balcão — Especie de varanda resaltada do edificio, com balaustrada ou grades, &c. He gothico, segundo Oláo Magno. Denina o deriva do allemão *balken.* Em inglez se diz *walkin,* galeria, sacada fóra do edificio; *walk,* passear; *walking-place,* lugar de passeio; pateo para passear, &c.

Balda — Defeito; falta de juizo, &c. Do vasconso *bald,* calvo. Em inglez tambem *bald* significa *calvo.*

Baldio — Terreno inculto, desaproveitado. Vasconso ou celtico *bald.* Nos *Vestigios da lingua arabica* he arabe. (Veja-se *Balda,* que parece ter a mesma origem.)

Baldroca — Engano fraudulento, trapaça, &c. He o germanico *betriegen,* enganar com fraude; donde *betrug,* engano fraudulento; *betrogen,* enganado com fraude, escarnecido. No idioma belgico *betrok,* engano fraudulento. Acaso tem este vocabulo origem no persiano *drog,* mentira, fraude, &c.

Baluarte — Obra de fortificação. Denina o tem como celtico ou allemão. Em germanico *bollwerck;* inglez *bullwarche*; francez *boulevard;* belgico *bolwerk.*

Banal — He celtico, segundo Voltaire.

Banco — Voltaire o deriva do celtico; Mayans do arabe. Em germanico *bank*.

Banda — Fita, faxa que pende de hum hombro para o lado opposto, &c. Denina o julga derivado do germanico *band*, fita de atar, atadura, &c. Bluteau diz que vem do persiano, e este do grego.

Bandeira — He gothico, na opinião de Marianna e Aldrete; e germanico, segundo Denina. Em germanico *panier* significa o mesmo.

Bandido — Isto he, banido, proscripto, desterrado, &c. He o germanico *bandit*, que os Francezes dizem *banni*, e os Inglezes *banished*.

Bando — Pregão publico, &c. Do vasconso *bando-a*, o edicto. Voltaire o deriva do celtico; Denina do celtico e teutonico *bann*.

Bandoleiro — Veja-se *Vandoleiro*.

Banir — Proscrever, desterrar, excluir, lançar da sociedade por decreto publico, &c. Este vocabulo he da mesma familia de *bando*, *bannal*, &c., donde os Francezes formárão *bannir*; os Inglezes *banish*; os Italianos *bandire*, &c. (Veja-se *Banal*, *Bandido* e *Bando*.)

Banquete — Convite de meza. He gothico, segundo Oláo Magno. Em germanico se diz *bankett*; em inglez *banket*; em francez *banquet*.

Bargantim ou **Bergantim** — Embarcação pequena, ligeira, movida a remo. Do inglez *rigantine*.

Barra—Tranca de ferro, com que se segura a porta por dentro, para não ser arrombada. Alguns o derivão do vasconso. Póde tambem vir do hebraico. Em francez e inglez *barre.*

Barregão—Veja-se Moraes, que se lembra se virá do vasconso *barreguin.*

Barreira—He celtico, segundo Voltaire.

Barril—Vaso de madeira de ter vinho; pequena pipa. Em inglez he *barrel;* em italiano *barile.*

Bastão—Diz Bluteau que vem do allemão ou do grego *baston,* vara, bordão, &c.

Bastardo—He germanico, segundo Muratori. De *bastart* ou *bastard,* que significa o mesmo.

Bastião—Termo de fortificação. Denina o deriva do celtico ou allemão.

Batalha—Voltaire lhe dá origem celtica; Denina celtica ou germanica. Em inglez *bataill;* em francez *bataille.* (Veja-se *Guerra.)*

Batel—He celtico, segundo Voltaire.

Bater—O mesmo escriptor lhe dá a mesma origem.

Baxo ou Baixo—Do celtico *bach,* o que he de pequena estatura (Moraes). Tambem se póde derivar do grego.

Bedel—Denina o tem por celtico ou germanico.

Behetria — Larramendi deriva este vocabulo do vasconso *beret-iriac*. (Veja-se Moraes, e o que ahi diz sobre a origem desta palavra.)

Berlina, ou, como vulgarmente se diz, **Berlinda** — Especie de coche, em que vão ordinariamente, ou podem hir quatro pessoas. Parece vocabulo moderno entre nós, tomado do hollandez *berlina*, que diz o mesmo.

Bésta — Certa arma; e *besteiro*, o que hia á guerra, armado de *bésta*. Em germanico *ballester*.

Bico — *Bek*, ou *beg*, bico das aves; ponta de algumas cousas. Mayans e Voltaire o derivão do celtico, Oláo Magno do gothico. Acha-se tambem na linguagem antiga da inferior Bretanha.

Bilhete — Do anglo-saxonio *bill* (Schoell.).

Bláo — Azul de brazão. He o germanico *blaw*.

Bodega — Em gothico he *buda*, tenda; e daqui o deriva Justo Lipsio. Em germanico *apoteck*, loja de vender unguentos; e *apotecker*, o que os vende. Em grego *αποθηκα*, loja em que se vendem fazendas, ou tambem se dá de comer e beber, &c.

Bofetão — Do vasconso *bufeta*, segundo Roquefort. Nós tambem dizemos ás vezes *bofete* por *bofetão*.

Bordel — Caza de prostituição. Do vasconso *bordea*. Em antigo provençal *bordo* (Roquefort). Inglez *brothell*, &c.

Bosque — Alguns o derivão do celtico. Póde vir d—

grego βοσκω, pastar, dar pasto. Oláo Magno diz que he gothico.

Bota, Botez — Calçado em geral.

Botado — Corrompido, estragado, que começa a corromper-se. De *bouta,* v. n., corromper-se, começar a apodrecer; *boutadur,* estado da carne que se vai corrompendo; *boutet,* corrompido.

Bote — Pequeno barco. He o germanico *boot,* chalupa. Em inglez *boat.* (Veja-se *Paquebote.)*

Botica — Veja-se *Bodega.*

Braga, Bragez — Calção; parte do vestido, que cobre o homem da cintura até os joelhos.

Bragas — Calças largas, usadas de alguns antigos povos celtas, donde veio a huma parte das Gallias o nome de *Gallia-braccata;* e na Galliza antiga o nome dos *Bracaros,* &c. He vocabulo celtico, e por tal o notárão já Diodoro e Hesychio.

Bramar — Gebelin e Voltaire o derivão do gothico *bram,* grande voz; grande grito. Póde tambem vir do grego βρέμω.

Branco — Diz Denina que he celtico ou allemão. Oláo Magno o deriva do gothico.

Brandão — Tocha, facho, &c. Parece ser o germanico *brand,* tição acceso, facho, archote.

Bravata — *Bravaat,* ornar, enfeitar, embellecer.

Bravo—De *brão,* ou *brav,* bello, gentil, agradavel, &c. Denina o deriva do celtico, ou do antigo germanico *brav,* ou *braf.*

Braza—Em breton *bras,* segundo Roquefort. Póde tambem vir do grego.

Brazão—He celtico ou allemão (Denina). Do allemão *blasen,* segundo Schoell.

Brécha—He celtico, segundo Voltaire. Em germanico *brechen,* romper; *abbrechen,* romper, quebrar, derribar o cerco; *ausbrechen,* fender, rachar, &c. Inglez *break.*

Brejo—He vocabulo celtico.

Brida—Em vasconso *brida.* Denina diz que he celtico; Voltaire e outros o derivão do grego βρυτήρ.

Brilho—Celtico (Denina).

Brinde—Beber á saude de alguem. Do germanico *brindiss.*

Briza—Voltaire diz que he celtico; outros o derivão do grego. Em germanico se diz *byser,* briza-ventante, vento frio e secco da parte de nordeste.

Brocha—Celtico (Voltaire).

Brodio—Em germanico *brod,* pão. Em grego βρῶσις ou ϐρωτος, comida, o acto de comer.

Broquel—Escudo pequeno, redondo. Do germanico

buckler, que significa o mesmo. Inglez *bukler;* latim *pelta.* (Veja-se *Cetra.)*

Bruno — De côr escura. Do germanico *braun,* escuro, fusco. Em francez *brun.*

Bucho — He o germanico *bauch,* ventre, estomago, ventriculo.

Bucle — He celtico, segundo Voltaire.

Burel — Em breton *burell;* em antigo provençal *burel* (Roquefort).

Burgo — O nosso bracarense Paulo Orosio deriva este vocabulo do idioma dos Borgongões. «*Quia* (diz) *crebra per limitem habitacula constituta burgos vulgo vocant*». Em germanico *burg,* fortaleza, castello, lugar forte, &c.

C

Cabás — Celtico (Voltaire).

Cabeção — Arreio das bestas. Do allemão *kappzaum.* (Schoell.)

Cabresto — Em breton *cabestr;* em antigo provençal *cabestre* (Roquefort).

Caça — Marianna o deriva do gothico; Denina do celtico. He hebraico. Em celto breton *kac'ha.*

Cachópo — Rapaz de serviço. Do allemão *gaschop,*

usâmos falando da divisão territorial do paiz dos Suissos, a que chamâmos *cantões* com o nome francez. Quer dizer especie de *comarca,* territorio extenso com varias povoações, &c. Gothico. (Oláo Magno.)

Canto—Pedra afeiçoada em esquadria. Virá do celtico *canta,* rocha? (Moraes, citando Bullet.) Florez diz, que *canto* por pedra em esquadria he derivado da lingua dos Mouros. Em hollandez *kant,* pedra para esquadria. Denina o deriva do germanico.

Capa—He gothico, segundo Oláo Magno. Em germanico he *kappe.*

Capella—Pequena igreja ou templo (latim *sacellum)* He o germanico *cappell,* pequena igreja *(kirchlin).* Em inglez *chapell;* em francez *chapelle.*

Capitão—He gothico, segundo Oláo Magno.

Caracás—Celtico, ou germanico (Denina).

Carro—Varrão e Festo o reconhecem como vocabulo gaulez ou celtico. Em celtico he *carr;* em allemão *karr;* em grego καρρον, &c.

Cassoula—Póde derivar-se do germanico *kessel,* caldeira, panella do fogo.

Caterva—Mayans diz que he celtico; Oláo Magno que he gothico.

Cavallo—He o celtico *cabal;* em breton *caval.*

Cazaca—Vocabulo de origem obscura, segundo De-

mma. Justo Lipsio o põe entre os gothicos. Em belgico se diz *casack*, certo vestido.

Cegarrega — Do vasconso *ceg*, garganta; e *reg*, grande (grande ou forte garganta) (Moraes).

Celeiro — Wachter, no seu Glossario, diz que he o celtico *keller*. Justo Lipsio o traz do gothico *kellera*.

Cepo — Tronco em que se mettem os pés do criminoso. Do vasconso *ceps*: em antigo francez *ceps* (Roquefort).

Cerrar — Fechar, que os nossos antigos dizião, e ainda hoje diz a plebe, *sarrar* ou *çarrar*. He o breton *sarra* (Moraes).

Cerro — Do celtico *ser*, alto, terra elevada; donde vem o portuguez *serra*.

Certão, ou antes **Sertão** — O interior das terras opposto ao maritimo. He vocabulo dos Guipuzcoanos.

Cerveja — Mayans o deriva do celtico. Olão Magno do gothico. He vocabulo do antigo gaulez, donde passou aos Romanos, segundo Plinio.

Cetra — Arma defensiva dos antigos Hespanhoes e Africanos, fabricada provavelmente de madeira, e coberta de folha de metal, a que se dá o nome de *broquel*. (Veja-se *Broquel*.)

Cevo — Veja-se *Sebo*.

Chamorro — Do vasconso *chamorro-a* (Moraes).

Chanca — Especie de calçado. Moraes aponta a origem do vasconso *cango-a*, coxa; ou do inglez *shank*. Nas *Origens* de Santo Izidoro, achâmos *zanca, calceamenti genus*. Em hum Concilio de Orleans, do anno 511, se prohibe aos monges *tzangas habere*. Segundo Aldrete, *chanca* he vocabulo arabe.

Charro — Do vasconso. (Veja-se Moraes.)

Chasco — Veja-se Moraes, que o suppõe vasconso.

Chico — Este vocabulo, nas antigas linguas, ou dialectos da Hespanha, significava *o que he pequeno*. Assim (por exemplo), as pequenas ilhas, que ha nas costas da Galliza se chamavão *cicas*. A serra que divide o Algarve do Alemtejo se chamava *monte-cico*, donde fizemos *Monchique*. Os Gallegos chamão *chiquitos* os meninos pequeninos. Os pequenos porquinhos chamão-se *chicos*, e *chiqueiro* o lugar em que se recolhem. Finalmente ajuntâmos *cico* e *cica* a alguns vocabulos como terminação diminutiva, e dizemos *cou-cica, lugar-cico*, &c., por cousinha, lugarzinho, &c.

Chilrada — As vozes de muitas avesinhas juntas. He huma onomatopeia. Do inglez *shrill*, som forte e agudo; donde *chilro* ou *chirlo*, voz aguda e estridente das aves (Moraes).

Chuço ou **Chusso** — He derivado do gaulez *gaeson*, segundo Malvenda. Era arma antiga de Hespanhoes e Gaulezes, especie de lança, que se dizia *géso*, em grego γαισος, donde alguns querem derivar o castelhano *chuso*, e o nosso *chusso* ou *chuço*.

Chulo — Do vasconso *chulo-a, argutus, didaculus,* &c. (Moraes, citando Larramend.)

Chupar — Póde derivar-se do germanico *schopfen;* latim *haurire, schopfung, haustus;* ou de *supffen,* sorber, chupar.

Cigarra — Veja-se *Cegarrega.*

Claraboia — He o francez *claire-voye,* abertura nas casas para dar luz.

Coche — Em hum auctor do seculo XVI lemos que este vocabulo fôra tomado do hungaro *cocho,* por serem os *coches* primeiros usados, e assim denominados na Hungria. Veio á Hespanha no tempo de Carlos V.

Coifa — Especie de rede, em que se mette o cabello, e serve de cobrir e ornar a cabeça. Diz Bluteau, que se póde derivar do hebraico *cupha,* ou do grego *koufia.* Denina o deriva do allemão, e Voltaire do celtico. Em germanico e saxonio *kopf* e *cop* significão *cabeça.*

Colhér — Alguns o derivão do vasconso.

Comarca — He propriamente a linha em redondo, que serve de *marco* de divisão e limite entre dous territorios *comarcãos.* (Veja-se *Marca.)*

Companha, Companhia, Companheiro, &c. — Denina os deriva do antigo teutonico *kompan,* que tem a mesma significação. Oláo Magno diz que vem do gothico. Muratori e outros notão que o saxonio, o tudesco e o escandinavo dizem *kompan,* ou *kumpan,* no mesmo sentido.

Compasso—He gothico, segundo Oláo Magno. Outros o derivão do germanico *passen,* quadrar. He voz usada por Allemães, Hespanhoes, Francezes, Italianos, &c., e até pelos Gregos modernos.

Concha—Breton *conk.* (Roquefort.) Grego κόγχη.

Copa—He vocabulo gothico, segundo Oláo Magno.

Cota de armas—Celtico ou allemão. (Denina.)

Covarde—Alguns o derivão do celtico ou gothico. Em francez *couard.*

Coxim—Almofada no travesseiro para descançar a cabeça, ou no estrado para assento. He o germanico *kussin;* inglez *cushin;* latim *pulvinar.*

Cuspir—Veja-se *Escupir.*

Çurrão—Vasconso *çurruma-saco.*

Custo—He o germanico *kost,* o que he de custo; e tambem custo, gasto, despeza; *kosten, kostlich,* &c., com a mesma significação.

D

Daga—Veja-se *Adaga.*

Dama—Celtico. Em breton *dam.* (Roquefort.)

Dança—Voltaire e Denina o derivão do celtico; Oláo Magno do gothico. Em allemão *tanz* e *tantzer,* dança e

dançador: de *tantzen*, saltar. dançar: que se julga (diz Denina) vir do cambro-celtico *dansio*, saltar; do allemão *tanz*. (Schœll.)

Dardo—Celtico ou allemão, segundo Denina. Em inglez *dart*.

Dibra—Do celtico *di*, sem: e *bro*, patria. (Moraes, citando Bullet.)

Dique—Alguns o derivão do arabe; outros do teutonico. Póde vir do hebraico *dik*; ou do grego τεῖχος. Em flamengo *diic*; em inglez *dik*, &c.; em allemão *deich*.

Disfarce—Diz Moraes, citando Bullet, que vem do celtico *dis*, duas; e *fracs*, faces ou caras.

Dogue ou **Dog**—Especie de cão. Voltaire diz que he celtico. Moraes faz differença entre *dogo* e *dogue*, mas em ambos lembra o inglez *dog*, cão.

Dom, Donzel, Donzella, &c.—São da mesma familia de *dama, dum, duno, duna, dom, dono, dona*, &c., os quaes todos envolvem a idéa de *senhor, senhorio, superioridade, elevação*, &c., e todos são de origem celtica.

Droga—Voltaire diz que he celtico. Este vocabulo, nas frases *«esta he a verdade: tudo o mais he droga; fulano deo em droga»;* parece significar *mentira, embuste, fraude, degeneração*, &c., e ter alguma relação com *baldroca*. (Veja-se *Baldroca*.)

Dunas—Montes de areia. He gaulez, e exprime elevação, eminencia, monte, outeiro, &c.; donde vem que entra na composição de muitos nomes de cidades das

Gallias antigas. Em inglez *downs,* baixos de areia, &c. *(Lugdunum. Noviodunum.)*

E

Eclusa — Francez *écluse;* do allemão *schleuse.* (Schoell.)

Eichão — Nome do officio da casa real, a que compete o governo e cuidado da *ucharia,* isto he, da despensa, das comidas da meza, &c.

Elmo — Marianna e Aldrete dizem que he gothico; Denina, celtico ou allemão. He o germanico *helm;* em anglo-saxonio *helm;* em sueco *hielm;* em antigo provençal *elm;* em antigo romance francez *heaume, elme,* &c.

Embaraço — Voltaire lhe assigna origem celtica.

Embrulho — Diz Denina que he celtico ou teutonico; dos vocabulos destes idiomas *broll, brollo, broglio,* &c.

Empar — Empar a vinha he fincar huma vara ou canna junto ao pé da cepa para a suster direita acima. He o allemão *empör* ou *empören,* suster, servir de arrimo, defender.

Emparar, que hoje tambem se diz **Amparar** — Parece ter a mesma origem que *empar* do artigo precedente. (Veja-se Moraes, vv. *Empar* e *Emparar.)*

Encrangado — Este vocabulo, que não achâmos nos diccionarios, he mui usado na linguagem popular do Mi-

nho, e diz-se de huma pessoa tolhida de doença e máo trato, enfezada, &c. He sem duvida o germanico *kranch*, doença, tolhimento; *kranckeit*, enfermidade; *kranck*, doente, &c.

Encrenque—He outro vocabulo usado na mesma provincia, aonde de huma criança enfezada, tolhida, entanguiçada, se diz que he, ou está hum *encrenque*. Vem da mesma origem germanica do antecedente; do allemão *kranck*, doença, doente, &c.

Engar—Veja-se Moraes, quarta edição, v. *Engar*, aonde se lembra do allemão *eng*. (Em germanico *eng*, quer dizer o mesmo que o latim *angustus*, o que he estreitamente apertado; o mesmo que o celtico *angst*, segundo Wachter.)

Enredar, Enrêdo, &.—Parece ser o germanico *einreden*, estorvar, embaraçar, impedir; donde *einredung*, estorvo, impedimento, embaraço, &c.

Enrolar—Envolver em fórma de rollo. He o germanico *rollen*, que significa o mesmo; de *roll*, que no germanico e inglez diz o mesmo que *rôllo* e *rol*.

Entremez—Do francez *entremets*, porque estas representações se fazião no meio dos banquetes solemnes. (Barante, *Histoire de Borgogne.*)

Enxotar—Do inglez *schot*. (Moraes.)

Enxóva ou **Anchóva**—Peixe do mar, com alguma semelhança da sardinha pequena. (Veja-se Moraes.) Acha-se o vocabulo em muitas linguas do norte. Em allemão se diz *anschovis*; em sueco *ansjovis*; em hol-

landez *ansjovis;* em inglez *anchovies;* em russo *antsho-fischi,* &c.

Escabello — Assento razo. He o germanico *schamel,* que significa o mesmo, mudado o *m* em *b,* segundo o idiotismo portuguez, que tambem faz de *melancia, belancia;* de *Melchior, Belchior,* &c. O proprio germanico *schamel* conservou-se no portuguez *escamel,* banco de barbeiro, banco de espadeiro, em que acicala as espadas, &c.

Escamel — Veja-se *Escabello.*

Escanção — O que servia a bebida á meza. (Veja-se Moraes.) Alguns o derivão do celtico, outros do allemão. Em allemão *schenk* significa o mesmo, e he sem duvida a origem do vocabulo. No codigo wisigothico, e em outros monumentos da Hespanha gothica, se lê *comes scanciarum,* que corresponde a *copeiro-mór.* O antigo romance francez dizia *eschançon,* que na baixa latinidade se traduzio por *scancio.*

Escapar — Denina o deriva do allemão. Tambem póde vir do grego σκεπάζω.

Escaramuça — Oláo Magno diz que he gothico; Denina celtico ou allemão. (Veja-se *Guerra.)*

Escarafunchar — Tirar alguma cousa com as unhas, com alfinete, &c., v. gr., *escarafunchar* o nariz, &c. (Veja-se Moraes.) He o germanico *schrepfen,* escaraficar; *schxapffung,* escarificação, &c.

Escarneo — He, segundo Justo Lipsio, o gothico *scern, subsannatio.* Em germanico *scherzen* e *scherz* si-

gnificão jogo, brinco; o que se faz por jogo, escarneo e zombaria, &c.

Escarpa, Escarpado, &c.—Muro, parede, monte, ou terreno, que não he cortado a pique, perpendicularmente, mas que faz ladeira, declive, &c.; e por isso he aspero, difficil de subir, agro, &c. Parece vir do germanico *scharpff,* o que he difficil, agro, aspero, &c. Do allemão *choerp,* segundo Schoell.

Escasso—Do breton *scars*. (Moraes.)

Escrofulas—Alporcas, doença. Vem do germanico *kropff;* em francez *écrouelles*; em italiano *scrouoles.*

Escuma—Parece vir do grego *κύμα*, ou do germanico *schaum;* em francez *escume,* ou *écume;* em breton *scum.*

Escupir—Hoje dizemos *cuspir;* mas ainda se conserva *escupir* na linguagem da plebe. Parece vir do breton *scop*. (Moraes.)

Esgrimir—Marianna e Aldrete dizem que he gothico; Denina, que he puro allemão. Este vocabulo mostra alguma analogia com *grimma,* e póde derivar-se do germanico *grimme.* (Veja-se *Grimma.*)

Esguardar—Veja-se *Guardar.*

Esmalte—Diz Denina, que he celtico ou allemão. He o allemão *schmaltz,* cousa derretida, fundida; ou o v. *Schmeltzen,* derreter, fundir, dissolver a fogo.

Esméchar—Do inglez *smack.* (Moraes.)

Espairecer ou **Espaciar**—Passear a tomar ar, a divertir o espirito, &c. Póde vir do germanico *spatzieren,* andar passeando; donde *spatzier platz,* lugar de passeio; ou tambem do grego σπαίρω.

Espalda—He o allemão *spalen;* em francez *épaule;* em italiano *spalla,* &c.

Espartir—Quando as mulheres estão fiando o linho, e tirão mais febras do que se requerem para que o fio seja igual, *espartem* essas febras, separando as que são sobejas, &c. Neste sentido, que he vulgar na provincia do Minho, vem o vocabulo do germanico *sparten,* separar rasgando, separar partindo, dividindo. Tambem na mesma provincia se diz de huma cassa, por exemplo, ou outro tecido fino que *se espartio,* ou está *espartido,* quando tirando-o com força se *abre rasgando,* &c.

Espêto—Inglez *spitte;* italiano *spedo.*

Espora—Do germanico *sporen,* ponta de ferro, com que se pica o cavallo; ou do grego πείρω, picar.

Esquadra—De *geschwader,* allemão, segundo o mesmo.

Esquadrão—Do germanico *scharr,* esquadra, cohorte, companhia. Denina diz que he celtico ou ger manico.

Esquife—Pequeno barco. He o allemão *schiff,* navio, barco; inglez *skife,* barco pequeno; *schiffs-flotte,* armada, frota de navios, &c. Póde tambem derivar-se do grego σκάφη, vaso comprido, escavado e concavo, &c.

Esquivar — Denina diz que he allemão.

Estafeta — He celtico ou allemão, segundo Denina.

Estalla — Estrebaria. He o germanico *stall*, lugar de hospedagem, aonde se recolhem pessoas que vem de caminho, e suas cavalgaduras. Italiano *stalla*.

Estallagem — Vem da mesma origem. (Veja-se *Estalla*.)

Estalo ou **Estralo**, donde **Estalada** ou **Estralada** — Póde vir do germanico *straal*, que significa o raio, e o estalo que dá ao sahir das nuvens.

Estampa — Do allemão *stampfen*, segundo Denina.

Estandarte — Inglez *standerd* e *standered;* latim *vexillum*.

Éste (vento) — Vento oriental. Em germanico *ostwind;* inglez *east-winde*.

Esteirar — A caza: cobrir o pavimento com esteira. Do inglez *steer*. (Moraes.)

Estibordo — He o bordo da não do lado direito, a respeito de quem está na popa com a cara para a proa. Do inglez *stibord*. (Moraes.)

Estofo — Denina diz que he celtico ou allemão.

Estoque — Do celtico ou allemão, segundo Denina. He o allemão *stock*, que significa o mesmo: donde *stochen*,

furar, traspassar com ponta aguda; *durchstochen*, traspassado, &c.

Estregar-se—Torcer-se, espreguiçar-se, estender-se, estirar-se, como quem vem de dormir (vocabulo usado por Camões nos *Lusiadas*, cant. 6.º, est. 39.ª). Póde vir do germanico *strecken*, que significa precisamente o mesmo.

Estrigar—Vocabulo mui usado no Minho, no sentido de bater, dar pancadas, talvez dar huma forte e aspera reprehensão, &c. Deo-lhe (dizem) huma *boa estriga; estrigou-o bem;* levou huma *boa estriga*, &c. Parece tomado do inglez *strike*, bater, percutir, verberar; *striken*, batido, espancado, &c.

Estufa—He gothico, segundo Aldrete. Em germanico *stube;* inglez *stew;* francez *estuve;* italiano *stufa*.

F

Faca—Diz Aldrete que he gothico.

Facho—Archote, lumieira. Wachter diz que he o celtico *fakel*. Em germanico *fakel* tambem significa o mesmo.

Faldra, Fralda ou **Falda**—He o germanico *falde;* em latim *lacinia;* e *faldechtig*, latim *laciniosus*, fraldado.

Falhar—Veja-se *Fallir*.

Fallecer—Veja-se *Fallir*.

Fallir—He derivado do germanico *fall,* quéda, ruina, mudança de fortuna; *fallen,* escorregar, deslisar-se, cahir; *fahlen,* errar, allucinar-se, &c.

Faraute—Veja-se *Arauto.*

Fardo e **Fardel**—Os Francezes dizem *fardeau;* e os Inglezes *fardell,* com a mesma significação. Alguns o suppõem derivado do grego. (Veja-se Bluteau.)

Farto—Justo Lipsio o põe na lista dos vocabulos gothicos. (Veja-se *Harto.)*

Fava—Roquefort aponta o breton *faff* e *faven.*

Feudo—He gothico. (Veja-se *Allodial.)*

Fino—Diz Oláo Magno que he gothico. Denina observa, que este vocabulo se acha em todas as linguas meridionaes e septentrionaes da Europa; mas veio elle (pergunta o escriptor) do allemão *fein,* ou veio este de *fin?* Em allemão *fein,* o que he muito elegante, formoso, polido, ornado, culto; cousa egregia; cousa muito para se ver. São as significações do portuguez *fino.*

Flanco—He celtico ou allemão, segundo Denina.

Flauta—Instrumento musico de sopro. Do germanico *floite;* latim *tibia.* (Bluteau, v. *Frauta.)*

Flecha—Voltaire o põe na lista dos celticos, outros o derivão do allemão *flits, flitsch.*

Floco ou **Froco**—Voltaire diz que he celtico. Parece

vocabulo da lingua dos Francos, que se acha em monumentos ecclesiasticos francezes do seculo IX.

Floresta — Selva, bosque. Nas leis dos Longobardos se acha *forestum,* o bosque. Os Germanos dizem *forst;* os Inglezes *forrest;* os Francezes *forêt;* os Italianos *foresta.*

Folga — Parece que tem alguma analogia com este vocabulo o germanico *folge,* obsequio; acção de comprazer; *folgen,* comprazer; fazer o gosto de outrem; mostrar-se obsequioso; seguir alguem acompanhando-o sempre, &c.

Fornecer — Francez *fournir;* inglez *furnish.*

Forrar — He gothico, segundo Oláo Magno. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica,* vv. *Alforra* e *Alforria.)*

Fracasso — Voltaire diz que he celtico. He huma onomatopeia.

Franco — Livre. He a voz germanica *frey,* que os Francezes disserão *franc,* e os Inglezes *francke.*

Franja — Germanico *franzen.*

Frasco — Celtico, segundo Voltaire; celtico ou allemão, segundo Denina. Allemão *flasche.* (Schoell.) Póde vir do grego.

Fresco — O que he recente, novo, de recente data. Denina o deriva do germanico *frisch,* que significa o mesmo; e tambem homem moço, robusto, bem disposto, vigoroso. Neste sentido o usâmos nós tambem quando

dizemos que alguem está *fresco,* ou está *ainda fresco,* isto he, em boa idade, vigoroso, bem disposto, com mostras de saude, &c.

Frigir—Diz Voltaire que he de origem celtica.

Frota—He gothico, segundo Oláo Magno. Em germanico *flotte.*

Fula-fula—Grande multidão e aperto de gente. Em germanico se diz *full* o que está cheio; e *fullen,* encher. Francez *foule;* italiano *folla,* &c. A sua verdadeira origem parece ser o grego φυλη, que significa o mesmo.

Funil—Do inglez *funnel.* (Moraes.)

G

Gabella—Denina diz que este vocabulo he commum a todas as linguas da Europa meridional, e que he diminutivo do allemão *gabe,* donativo; ou *geben,* doar. Nós achâmos no allemão *gab,* donativo; e *begaben,* dar ou doar graciosamente; e em lingua saxonia *gafol,* ou *gafel,* tributo, imposto. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica,* v. *Alcavala.)*

Gages—Em inglez *wage.*

Gaiola—Parece ter vindo immediatamente do inglez *gaol,* prisão; mas a sua origem he hebraica, como em outro lugar dissemos.

Galdido ou **Gualdido**—He vocabulo vasconso.

Galé—Celtico. Em breton *galead*. (Roquefort.)

Galeria—Allemão *wallen*. (Schoell.)

Galhardo—Celtico, segundo Voltaire.

Galopar—He celtico ou germanico, segundo Denina; ou gothico, de *galaupan*, correr muito. Póde tambem derivar-se do grego.

Ganço—Do allemão *ganz*. Em grego dorico χαν, *anser*.

Ganhar—He gothico, segundo Oláo Magno; celtico, segundo Voltaire. Em allemão *gewinnen*. (Schoell.)

Garabulha—Inglez *garboil*; italiano *garbuglio*. (Denina e Moraes.)

Garbo—Do inglez *garb?* (Moraes.) Parece celtico, diz Denina.

Garção—O mesmo Denina diz que deve ser puro celtico, visto que não he latino, nem allemão.

Gardingo—Vocabulo gothico, que se acha no codigo wisigothico, e em muitos outros monumentos da Hespanha gothica. Sobre a sua significação vejão-se os diccionarios, e outros escriptores que della tractárão.

Garra—Diz Voltaire que he celtico.

Gastar—He celtico. O inglez diz *wast*, gastar, consumir, devorar. O *w*, em outros idiomas, muda-se em *g*, ou *gu*, como vemos em *Walles*, Galles; em *William*, Gui-

lherme; em *wantes,* guantes; em *ward,* guarda, &c. Pelo que de *wast* fez o breton *goastadour,* que nós dizemos *gastador,* &c.; o francez *gaster,* ou *gâter, dégât,* &c.

Gato—Voltaire diz que he celtico. Em breton *cat.* (Roquefort.)

Golfo—He o celtico e breton *gwlf.* Em grego κολπος, seio, enseada, &c. (Veja-se Mayans e Gebelin.)

Gordo—Diz Quintiliano que era *vox hispanica,* com a significação de tolo, estupido, &c. (Ainda hoje lhe damos ás vezes esta significação, e tambem dizemos em frase chula, que alguem tem *letras gordas,* &c.) Dos Hespanhoes passou ao latim *gurdus.* He celtico, segundo Mayans, Gebelin e Voltaire. Em gaulez e baixo breton *gourdd.*

Gorgete—He o inglez *gorget;* veo, ou lenço, que cahe da garganta sobre os peitos.

Gorja—Garganta. *Gorgel,* peça com que se armava a garganta. Do germanico *gurgel* e *gurgelin,* garganta, gorja.

Gorra—Especie de barrete; cobertura da cabeça. Virá do celtico *hor,* cabeça? ou germanico *ohr,* orelha?

Gosmar—Lançar gosma. Do vasconso *gormar,* segundo Moraes.

Gralha—Ave conhecida. Do germanico *kray.* Já era usado este vocabulo na Hespanha no seculo VII.

Gravar—Em teutonico se diz *graben*. A sua origem parece ser o grego γράφειν.

Grifo—Do allemão *grifein*.

Grima ou **Grimma**—Ter *grima* com alguem he ter-lhe aversão, antipathia, má vontade, &c. Diz Moraes que vem do allemão *grimm*. Nesta lingua achâmos *grim*, severo, duro, cruel; *grimme*, crueza, dureza, sevicia, &c. Daqui nos parece ter-se formado *esgrimir*, pelejar, combater com a espada, &c.

Grito, Gritar—(Onomatopeia); voz aguda, muito esforçada. Do celtico antigo, ou do gothico *greitan*, segundo Denina. Em germanico *schreyen*, dar vozes, gritar; em flamengo *kritten;* em inglez *cry;* em francez *cri* e *crier*, &c.

Grosso—He celtico, segundo Voltaire. Denina diz que he o gothico *grot*, ou *gross*. Em germanico *gross*, o que he grande, alto, espesso, crasso, &c.

Grumete ou **Grummete**—Moço que serve no navio. Inglez *groom-mate*, que sôa *grummete*. (Moraes.)

Guaia, Guaiar—Lamentar-se, prantear-se, cantar canto triste, &c. Duarte Nunes diz que he arabe. Larramendi e Bullet o derivão do vasconso *guaia*. Moraes conjectura que virá do grego γοάω. (Veja-se Moraes, vv. *Guaiar* e *Goiar*.)

Guardar—Oláo Magno o deriva do gothico; Voltaire do celtico; Denina do celtico ou allemão. Em teutonico *warten;* em inglez *ward;* nos escriptores latinos da Historia gothica *wardia, custodia*, &c.

Guantes—He gothico, segundo Oláo Magno. Nos monumentos ecclesiasticos francezes do seculo IX se diz *wantes*.

Guardanapo—No antigo romance francez *garde-nape* era rodella, ou rodilha, que se punha sobre a meza, debaixo dos pratos, para que estes não queimassem, nem sujassem a toalha; por isso se dizia *garde-nape* de *garder la nappe;* guarda da toalha, guardar a toalha. Huns erão de páo, outros de estanho, &c. (Roquefort.)

Guarecer—Póde vir do allemão *wehren;* francez *guérir*. (Schoell.)

Guarida, Guarita—He celtico ou germanico, segundo Denina. (Veja-se *Guerra.)*

Guarnecer, Guarnição—He celtico ou germanico, segundo Denina, que tambem o deriva do teutonico *warnen,* fortificar, armar. Em inglez *garnish,* ornar; *garnished,* ornado, adornado.

Guerra—Celtico, segundo Voltaire. Denina diz que *guerra, tregua, batalha, escaramuça, tropa, esquadrão, guarda, guarnição, guarita,* são tomados da lingua germanica, ou conservados da celtica, como muitos outros relativos á guerra e cavallaria. A raiz de guerra he *werr.* Em germanico *werre,* discordia, peleja, guerra. Em inglez *warre,* &c.

Guisa, Guisar—He o allemão *weise, wise,* maneira, modo, e tambem sciencia, intelligencia, &c. (Denina.) *Guisar* he, entre nós, preparar, arranjar, dispor com ordem, &c.; e *guisa, de guisa,* diz o mesmo que *de modo, de maneira,* &c.

H

Hacha ou **Acha**—Arma antiga. Do germanico *axt;* em inglez *axe* ou *hatchet;* em francez *hache;* latim *securis.* (Veja-se Moraes, vv. *Acha* e *Facha.)*

Halabarda—Veja-se *Alabarda.*

Halto—Voz militar. Do allemão *halten,* parar, deter. Voltaire diz que he celtico.

Hardido, Hardimento, &c.—Denina o deriva do gothico ou do germanico *harten.*

Harenque—Peixe dos mares do norte. Allemão *heringue;* hollandez *haringen;* inglez *herings;* francez *harengs.*

Harnês—Voltaire diz que he celtico; Denina, celtico ou allemão. Em allemão he *harnish;* em inglez *harnish;* em antigo romance francez *harnas* e *harnois;* em belgico *harnas.*

Harpa—Instrumento musico. He gothico, segundo Aldrete e Marianna. Em germanico *harpffen,* tocar harpa.

Harto—Sobejamente. He o gothico *hardo,* que, segundo Justo Lipsio, significa *valde, nimis;* e se conserva no germanico *hart, valde.* (Veja-se *Farto,* que he o mesmo vocabulo, mudada a aspiração em *f,* como se disse de *humo,* fumo; de *haca* e *hacaneia,* faca e facaneia, &c.)

Hazar—Voltaire diz que he celtico; Mayans arabe.

Helmo — Veja-se *Elmo.*

Hornaveque — Do allemão *horn,* corno; e *werke,* obra; litteralmente *obra cornea,* termo moderno de fortificação.

Hospital — Casa em que se curão doentes. He o germanico *spital.* E note-se, que a plebe, ao menos na provincia do Minho, ainda diz *espital;* e que o *hospitale* latino he mais propriamente casa de hospedagem. O inglez tambem diz *spittel.* E nos nossos documentos antigos se lê muitas vezes *spital, espital.*

J

Jámais — He o proprio vocabulo do baixo breton *jámais.* (Roquefort.)

Jaque — Veja-se a *Chronica de el-Rei D. Fernando,* por Fernão Lopes, e a *Ordenação Affonsina,* liv. 5.°, tit. 43.°, § 7.° Parece ter-nos vindo esta especie de vestido ou armadura militar do inglez *jaket,* donde depois fizemos *jaqueta.*

Jaqueta — Veja-se *Jaque.*

Jardim — He gothico, segundo Aldrete. Em allemão *garten,* pomar, vergel; em inglez *garden.*

Jarra — Damos este nome ao velho, que anda alcatruzado e cabisbaixo, dizendo que está muito *jarra,* donde vem provavelmente o outro vocabulo semelhante *jarreta.* Póde vir do vasconso *zarra,* que significa *velho.*

L

Lacaio — Diz Voltaire que he celtico. Este vocabulo (se a memoria nos não engana) começou a ouvir-se entre nós em tempo de el-Rei D. Fernando.

Ladeira — Subida com pendor e declive. Em inglez *ladder*, quer dizer escada, por onde se sobe.

Lagoia — Especie de serpente. Do vasconso *goya*, segundo Moraes.

Laia — O mesmo Moraes diz que vem do vasconso *layoa*. Mas na quarta edição não acho esta etymologia.

Laido — Termo antiquado. Denina o deriva do allemão *leid*, ou *laid*, cousa abominavel.

Lama — Moraes conjectura que virá do allemão *laim*. Tambem he vocabulo asturiano.

Lança — He celtico, segundo Mayans. Aulo Gellio diz que he este vocabulo hum dos que passárão das Hespanhas ao latim.

Lastro — Gebelin diz que he celtico; Moraes o deriva do breton *lastro*, ou do vasconso *last*. Em germanico *last*, peso, carga.

Latão — He baixo breton, segundo Roquefort.

Laudemio — He vocabulo da jurisprudencia feudal,

que, sem duvida, nos veio das nações do norte. Moraes aponta o allemão *lod.*

Lazeira—He o vasconso *laceira,* segundo Moraes.

Lealdade—Vocabulo que se acha no breton. (Roquefort.)

Legua—He o celtico *leuca.* Em breton *leu,* ou *lew.*

Leixar por **Deixar**—Póde vir do germanico *lassen, demittere,* ou do grego.

Ligio—Termo da jurisprudencia dos feudos, que nos veio dos povos do norte.

Lindo—He o germanico *lind,* brando, delicado, mimoso, &c.

Liteira—Inglez *litier;* em francez *litèiere.*

Lizonja—Do vasconso?

Loa—Do germanico *lob,* louvor; *loben,* louvar, recommendar, approvar, &c.?

Lura—Do vasconso *lurra*—a terra?

Luva—Do inglez *glove.* (Moraes.)

M

Madeira—He celtico ou germanico, segundo Denina.

Magro — Germanico *mager;* grego μακρὸς: latim *macer.*

Malha, por nodoa no corpo, ou em outros corpos, pinta de differente côr (latim *naevus).* Do germanico *mall,* ou *mackel.*

Malha (de rede) — He celtico, segundo Gebelin e Voltaire; germanico, segundo Denina.

Maneira — He gothico, segundo Oláo Magno. Em inglez *maner,* donde *good-maner,* bom modo, urbanidade, gentileza. Em francez *manière.*

Manequim — Do hollandez *mann,* homem; e de *eken,* terminação diminutiva *manneken,* litteralmente *homemzinho,* figurinha de homem. (Moraes.) Em allemão *mænnchen.* (Schoell.)

Manteo — Germanico *mantel,* capa ou pallio; outros lhe dão origem grega.

Marca (termo, limite) — Gebelin e Voltaire dizem que he celtico; Denina allemão. Neste ultimo idioma *marca* (diz Denina) significa sinal, termo, limite. Deste vocabulo vem (ao que parece) *marquez,* que se dizia em latim da media idade *marchiae praeses.* Os Allemães tambem delle fizerão o seu *markgrave, marchae comes,* ou *limitis comes, &c.;* inglez *mark.*

Marca (sinal impresso) — Inglez *mark;* francez *marque.* (Veja-se *Marca.)*

Marcha — He celtico. (Voltaire.)

Marco—Peso de 8 onças; do allemão *mark*. Alguns o trazem do gothico. (Veja-se *Marca.*)

Marechal—Voltaire o deriva do celtico; Denina do celtico ou germanico. *Marca* em celtico (diz Mr. du Buat) significava cavallo, e daqui veio o teutonico *marechal,* o que tratava dos cavallos. Em germanico *marschalck* tem a mesma significação; *qui equorum curam gerit.* Hoje *feld-marshall,* ou *marechal de campo,* he huma graduação militar na ordem dos generaes.

Marmota—He celtico, segundo Voltaire.

Mastim—Voltaire o deriva do celtico; mas he certamente hebraico.

Mastro—Allemão *mast;* francez *mât.*

Mata e **Mato**—São celticos ou germanicos, segundo Denina.

Mazorral—He o vasconso *mazorral-a.* (Moraes.)

Meirinho ou **Merino,** que em latim barbaro se dizia **Maiorinus**—He vocabulo gothico, que se acha muitas vezes nos monumentos da Hespanha gothica, e se ficou conservando depois. Na traducção antiga do codigo wisigothico se verte algumas vezes *numerarius* por *merino;* outras vezes se diz *villicus, lo mirino, ò moordomo.*

Melão—Fructo conhecido. Em germanico *melonem;* em inglez *milon.*

Menino—He vocabulo celtico. Conserva-se no in-

glez *mean*, que se pronuncia *min*. (Veja-se Moraes, v. *Menino.)*

Menistrel—Musico; termo antiquado. Do inglez *ministrel*, tocador de instrumento de sopro.

Mente—Vocabulo que caracterisa muitos dos nossos adverbios, v. gr., *justamente, sabiamente, facilmente*, &c. He o celtico *ment*, que significa modo, maneira, &c. (Veja-se Moraes.)

Mercado—Lugar em que se compra e vende. He o germanico *marckt;* Em inglez *mercat-place.*

Mescla, Mesclar—Germanico *mischlet*, mistura; *mischlen*, misturar, &c.

Mester—«Os *mesteres* (diz Moraes) são os vinte e quatro officios mechanicos, que tem os seus procuradores na Casa dos Vinte e Quatro; e com a Camara concorrem no dar regimento aos officios, taxa á mão de obra, ou feitios», &c. Chamão-se pois *mesteres* os principaes, os directores destes officios mechanicos, juizes delles, ou procuradores de seus interesses; especie de magistrados populares, com certo grão de auctoridade, &c. He o proprio vocabulo germanico *meister* (em inglez *maester)*, que significão o mestre, o principal, o director, o presidente, &c. Assim *keller-meister*, o mestre dispenseiro; *burgen-meister*, o primeiro magistrado da cidade, como consul; *seckel-meister*, o mestre ou presidente do thesouro; o thesoureiro mór, &c.

Misgo—A plebe do Minho dá este nome ao que he *cego de hum dos olhos;* e diz, v. gr., fulano he *misgo*, ou he *misgo de hum olho.* Em esclavonio *miesko* significa o

mesmo. E póde ser que dahi venha tambem *vesgo,* mudada a articulação *m* na sua analoga *v.*

Moço, Moça—He gothico, segundo Marianna. Nós o julgâmos derivado do grego; outros o tem por celtico.

Mugiganga—Veja-se Bluteau e Moraes. He sem duvida o germanico *müssiggang,* que se traduz *otium,* ocio; divertimento de quem não tem que fazer, &c.

N

Nava—He vocabulo cantabro ou vasconso, e tambem hebraico.

Norte (vento)—*Boreas, aquilo.* He o germanico *nordwind,* vento norte. Em inglez se diz *northeast-wind,* vento entre norte e éste, ou, como nós dizemos, *nordéste*; francez *vent-de-brise.*

Notho—Espurio; não legitimo. Em grego *νόθος.* He de origem celtica, aonde o monosyllabo *nod* significa o que he *enxertado,* e se conserva no irlandez *nod,* com a mesma significação.

O

Ocoo—Vasado; não solido, &c. Diz Moraes que vem do gaulez *ógo.*

Oest ou **Weste**—Ponto cardeal do mundo; occaso equinoccial. He o germanico *west,* e o inglez *west;* donde

west-wind, vento occidental equinoccial; em latim *favonius;* em grego ζέφυρος.

Ólá—Interjeição de chamar; frequente na provincia do Minho, aonde a plebe diz *oulá*, e ás vezes *oilá*. He o germanico *holla*, e o inglez *holah*, que significão o mesmo.

P

Pagar—Celtico, segundo Gebelin.

Palafrem—Celtico, segundo Voltaire; e acha-se no baixo breton.

Pantufo—Chinela, ou calçado de sola, atado com correias por cima do pé; especie de alpercata, &c. He o allemão *pantoffel;* inglez *pantofle;* francez *pantoufle*.

Papagaio—Oláo Magno diz que he gothico; outros o derivão do arabe *babga*. Em germanico *papegey;* em inglez *popingay;* em francez *papegay;* em italiano *papagallo*.

Paquebote—Embarcação ligeira de levar cartas, que hoje dizemos *paquete*. He o inglez *packet-boat*, bote ou barco de levar cartas, &c. Hoje tambem ouvimos dar o nome de *paquebote* a huma especie de carruagem.

Parque—He celtico, segundo Voltaire; e acha-se no breton e no germanico.

Passar—Oláo Magno diz que he gothico.

Pechisbeque—Metal côr de ouro. Do inglez *pinch-*

beck, segundo Moraes; melhor se escreverá *pinchebeque*.

Penha — Celtico. (Mayans.)

Perola — Oláo Magno lhe dá origem gothica. O allemão tem *porlin* e *perlin*, perola, margarita. Em belgico *paarl*.

Peruca — Cabelleira redonda. Do inglez *perwig*, segundo Moraes. O francez diz *perruque*.

Pichel — Inglez *pitcher*, pequeno vaso.

Pico — Celtico. Acha-se na linguagem da inferior Bretanha, e do paiz de Walles.

Pifano — Celtico, segundo Voltaire; Denina tem-o por allemão, e nesta lingua achâmos *pfeiff*, assovio; *pfeiffen*, tocar flauta, ou pifano; *pfeiffer*, tocador de pifano.

Piloto — Do hollandez *peeiloots*, segundo Moraes.

Pipa — Em inglez *pipe*, vaso de ter vinho, donde Moraes deriva o nosso vocabulo *pipa;* mas póde ser, que antes passasse de cá aos Inglezes.

Pique — Especie de lança. Em inglez *pike;* em francez *pique*.

Pissa — Allemão *pissen*, ourinar (Schoell); ou do vasconso *pisya*, ourinar; em persiano *pichar*.

Pizar — Gothico, segundo Oláo Magno. Póde tambem trazer-se do hebraico.

Q

Quilha—Em allemão *kiel, kegel.* (Schoell.)

Quitação ou **Quitança**—Titulo em que desobrigâmos alguem da divida, que nos devia, declarando que nos damos por pagos della, &c. He o germanico *quittantz;* em francez *quitance;* em inglez *quittance,* &c.

Quitar—Diz Olão Magno que he gothico. (Veja-se *Quitação.)*

R

Raça—Celtico, segundo Voltaire. Póde ser hebraico.

Raia—Veja-se *Arraia.*

Raspas, Raspar—O que que sahe da superficie de algum corpo, raspando-o, isto he, roçando-o com algum instrumento aspero e cortante, &c. He o germanico *raspeln,* que significa o mesmo.

Rato—Diz Voltaire que he celtico. Allemão *ratte.* (Schoell.)

Registro—Repertorio, indice, inventario, memorial, &c. Germanico *register;* inglez *register.* O latim *registrum* e *registum* he barbaro, e tomado de algum dos idiomas que os Romanos chamavão barbaros.

Reguingar—Celtico. (Voltaire.)

Renga — He o celtico *rang,* segundo Gebelin. Daqui vem (segundo parece) o nosso *arranjar,* pôr em ordem, em *renga,* e os seus derivados.

Renhir — He o germanico *ringen,* contender, luctar, pelejar.

Resma (de papel) — Do allemão *riem,* correia, porque com ella se atava a quantidade de papel de que constava a *resma.* (Schoell.)

Reteziar, Retezia — Vocabulos mui usados da plebe do Minho, que diz que estão a *reteziar,* ou em *retezia,* duas pessoas, que tem entre si frequente contradicção, e contenda de palavras; que estão sempre disputando com reciproca e amiudada collisão, &c. Póde vir do germanico *reitzen,* provocar, incitar, estimular, &c. Ou tambem do hebraico, como em seu lugar dissemos.

Rico — He gothico, segundo Oláo Magno, ou allemão, segundo Denina. Muitos nomes proprios dos Godos, Wandalos, &c., acabavão em *rico,* como *Amala-rico, Teodo-rico,* &c. Delles era a especie de dignidade de *rico-homem,* &c. O allemão diz *reich,* rico de riquezas, e tambem superioridade, mando; *reichen,* enriquecer, &c. (Veja-se o *Glossario de vocabulos derivados do hebraico.)* Gebelin diz que he o celtico *rich.* Outros que he celto-teutonico, &c.

Ripar — Apanhar, colher á mão, talvez por força, &c. Germanico *greiffen (arripere).* Em belgico *raepen* e *roopen,* com a mesma significação. E nas leis salicas se lê *messem alienam reffare.* Póde tambem vir do grego ὀρέπειν.

Risco — Celtico (Voltaire).

Róca — Em que se envolve o linho para se fiar (francez *quenouille)*. Oláo Magno, Aldrete e Justo Lipsio dizem que he gothico; Denina teutonico. Os Gregos actuaes tambem dizem *ῥόκα*; os Italianos *rocca.*

Rodilha — He gothico, segundo Aldrete.

Rol — Catalogo, lista, &c. Germanico e inglez *roll.* (Veja-se *Enrolar.)*

Rossim — He do allemão ou teutonico *ross*, cavallo, cavallo ruim (latim *caballus)*; outros dizem que he celtico, e Aldrete o deriva do arabe.

Roubar — He celtico, segundo Wachter. Em germanico *raub*, roubo, pilhagem; *rauben*, furtar, surripiar, roubar; *rauber*, roubador, salteador.

Roupa — Diz Denina que vem do allemão *raub*, habito, toga.

S

Sabão — He celtico, segundo alguns etymologistas.

Sabre — Allemão *sæbel* (Schoell).

Sacco — Vocabulo commum a muitas linguas. Em germanico *sack;* em breton *sach*, &c.

Saia — Em breton *saye;* em aragonez *saia.*

Saião — Official de justiça; executor das ordens e

mandados da justiça. He frequente no codigo wisigothico, e em muitos outros monumentos da Hespanha gothica, e nos ficou ainda por muitos tempos depois dos Godos.

Sala — Alguns o derivão do germanico *saal*, casa regia, casa de principe, palacio, &c.; outros, do hebraico; outros, do celtico; em sanscrito *çâlâ*, ou *sâlâ*, *enceinte*. (Eichhoff.)

Salario — Celtico. (Voltaire.)

Sazão — Celtico. (Voltaire.)

Sebo — Do vasconso *seboa;* ou do latim *sevum*. (Moraes.)

Serra — Veja-se *Cerro*.

Sertão — Veja-se *Certão*. Alguns o derivão do vasconso.

Singrar — Do allemão *segeln* (Schoell); francez *cingler*.

Sóccos — Em antigo romance francez *socque*. (Roquefort.)

Soldado — He celtico, segundo Mayans. Em allemão *soldat (miles)*.

Sonda — Allemão *sund* (Schoell).

Sópa — Celtico. (Voltaire.)

Sul — O lado meridional do mundo; ponto cardial

opposto ao *norte;* vento que vem dessa banda. He o germanico *sud,* sul; *sud-wint,* vento sul; em inglez *soud-wind;* latim *auster;* grego νότός, nóto, &c.

T

Tabardilho—Doença maligna. Do vasconso *tabardilho-a.* (Moraes).

Tabardo—Especie de capa ou manteo curto. Gebelin diz que he celtico. Em antigo romance francez *tabar,* ou *tabard.* (Roquefort.)

Talco—Em allemão *talk;* em irlandez *talguestein,* pedra de talco; em arabe *talk.*

Talhar—Celtico. (Voltaire.)

Talo—He o celtico *tall,* segundo Gebelin. Grego ταλλος.

Tambor—Do celtico *tabuur,* segundo Bullet, citado por Moraes; mas parece que nos veio do arabe *tambor.*

Tampa—Vasconso?

Tapar—Vasconso?

Tarja—Allemão *tartsche.* (Schoell.)

Taxa—Prego pequeno. He o celtico *taxea,* segundo Gebelin. Em breton *tach.*

Toalha—He francez, hespanhol e italiano.

Tocar — He gothico, segundo Justo Lipsio e Denina. Em gothico e hebraico *teken*.

Tocha — Do germanico *torschen*. Em inglez e francez *torche;* em castelhano *antorcha*, &c.

Tólo — He o germanico *toll*, estupido, insensato, tolo.

Tombo — Diz Gebelin que he gothico.

Tonel — Allemão *tonne* (Schoell); francez *tonneau*.

Tópe, Tópo e **Topéte** — Justo Lipsio o deriva do gothico *top*, *vertex*. Em inglez *top*, o cimo; o mais alto. Daqui fizemos *tôpo* da escada o mais alto della; *tôpo* da rua, &c.; *tópe*, laço ou divisa que se põe no chapéo; *topete*, o cabello na frente da cabeça, &c. Os vocabulos *topar*, dar de encontro, e *tópe*, no mesmo sentido, parece terem outra origem.

Torneio — Jogo, imitando combate militar. Em germanico *turnieren;* em francez *tournoyer*.

Toste — O banco da galé, onde os forçados vão aferrolhados. Do vasconso *tostac*. (Moraes.)

Touca — Celtico?

Trabalho — Celtico. (Denina.)

Traçar — Celtico. (Voltaire.)

Trapo — Diz Denina que parece celtico, antigo gaulez, ou proprio celtiberiano da Hespanha.

Trazer—Parece ter vindo do germanico *tragen;* e he digno de notar-se, que a gente rustica e plebea da provincia do Minho, ainda hoje diz *trager* por *trazer;* e nós dizemos *trago, trazes,* &c.

Treuga, que hoje dizemos **Tregua**—He germanico ou celtico, segundo Denina. (Veja-se *Guerra.)* Em germanico *trew,* ou *treuw,* fé, fidelidade, lealdade, amisade, benevolencia; donde *trawen,* dar fé e credito; confiar. Daqui se formou *treuga,* o que estabelece a confiança, e se deve guardar fielmente.

Trincar—Do allemão *trinken.* (Denina.)

Tripa—Marianna diz que vem do gothico: outros do celtico.

Tripeça—Do celtico e breton *tripez,* que tambem era gaulez, como se vê daquellas palavras de Sulpicio Severo: «*Sedebat Martinus in cellula rusticana*. . . *quas nos rustici galli tripetias; vos scholastici, aut certe tu, qui de Graecia venis, tripodas nuncupatis*». (Em grego τρίπους: em latim *tripes.)*

Troca—Celtico. (Voltaire.)

Trombeta—Germanico *trommeten,* som da trombeta, e tocal-a; inglez *trumpet, trumpeter,* trombeteiro; francez *trompette,* &c.

Trompa—Voltaire diz que he celtico; Justo Lipsio o deriva do gothico *triumbon.*

Tropa—Diz Denina que he celtico ou germanico.

(Veja-se *Guerra.)* Em germanico *troppe,* caterva de soldados. Voltaire diz que he celtico.

Trote e **Trotar** — He celtico, segundo Nodier.

Trouxa — Celtico. (Voltaire.) Em antigo romance francez *troussel, trousse* e *trousser.*

Trovar — Celtico. (Voltaire.)

Turba ou **Turfa** — Allemão *torf* (Schoell); francez *tourbe.*

V

Vaga — Onda. Allemão *woge* (Schoell); francez *vague.*

Vandoleiro, Vandoleira — Em teutonico *wandel* e *wandeln,* quer dizer *errante;* o que não tem habitação fixa. Daqui provavelmente veio *vandoleiro,* ou *bandoleiro,* com significação analoga; e *vandoleira,* em que os soldados levão munições, ou mantimentos, quando vão caminho, e não estão em quarteis.

Vassallo — He celtico, segundo Voltaire. Allemão *gesell.* (Schoell.)

Venda — Fita ou faxa de cobrir os olhos. Em germanico *bind,* fita, liga; *binden,* atar, ligar com faxa ou fita, &c.; donde o francez *bande* e *bandeau;* o italiano *benda,* &c. (Veja-se *Banda.)*

Virar — Celtico. Em breton *bira.* (Roquefort.)

Vogar — Allemão *wogen*. (Schoell.)

Z

Zanga, Zangar — Póde vir do germanico *zanck*, contenda, rixa, discordia; *zanchen*, contender, rixar, debater, &c.

MEMORIA

EM QUE SE PRETENDE MOSTRAR QUE A LINGUA PORTUGUEZA NÃO HE FILHA DA LATINA, NEM ESTA FOI EM TEMPO ALGUM A LINGUA VULGAR DOS LUSITANOS

MEMORIA

EM QUE SE PRETENDE MOSTRAR QUE A LINGUA PORTUGUEZA NÃO HE FILHA DA LATINA, NEM ESTA FOI EM TEMPO ALGUM A LINGUA VULGAR DOS LUSITANOS

He nosso intento examinar nesta Memoria *se a lingua portugueza he filha* (como dizem) *da latina,* isto he, «se pela entrada e longa dominação dos Romanos na Lusitania, ficou a sua lingua sendo commum e vulgar entre nós, esquecido ou abandonado o nacional idioma; ou se este continuou a usar-se do mesmo modo na communicação e tracto familiar dos povos, aindaque progressivamente modificado e alterado pela mistura de fórmas, vocabulos, frases e expressões da lingua latina (1)?»

Muito se inclinão á primeira opinião os nossos eruditos, que ou de proposito, ou por incidente tractárão esta

(1) Sem muito nos demorarmos, neste lugar, na explicação das expressões metaforicas de *lingua mãi* e *lingua filha,* estabelecemos a questão no sentido em que commummente a tomão os escriptores portuguezes que de proposito a tractárão. Seja exemplo, por todos, Duarte Nunes de Leão, que na *Origem da lingua portugueza,* cap. 6.º, diz assim: «Polo que vindo os Romanos a lançar de Hespanha os Carthaginezes que occupavão grande parte della, foi-lhes facil haver o universal senhorio de todos, e reduzir Hespanha em fórma de provincia, como fizerão, dos quaes como de vencedores, não sómente os Hespanhoes tomárão o jugo da obediencia, mas as leis, os costumes e a lingua latina, que naquelles tempos se falou pura como em Roma, e no mesmo Lacio, até á vinda dos Vandalos, Alanos, Godos e Suevos», &c.

materia (2), e dous são os seus principaes fundamentos: 1.º, parecer-lhes que quatro seculos de dominação pacifica de hum grande povo, cuja linguagem havia subido a hum alto grau de regularidade, copia de vocabulos, polidez e perfeição, não podia deixar de ter a mais decisiva influencia sobre povos barbaros, ignorantes e subjugados, maiormente sendo essa influencia auxiliada por leis que vedavão empregar-se nos negocios publicos outra linguagem que não fosse a do povo conquistador; 2.º, parecer-lhes tambem que existe effectivamente entre a lingua latina e a portugueza huma conformidade tal, que se podem ordenar não só frases e periodos, mas até discursos inteiros, que sejão communs a ambas; o que no sentir destes escriptores he o mais forte argumento da identidade primitiva dos dous idiomas, e da manifesta filiação que a lingua portugueza póde gloriar-se de trazer da latina.

(2) Dos escriptores portuguezes, que temos lido, dous sómente encontrâmos que ousassem enunciar com franqueza a opinião contraria. O primeiro he o Sr. Antonio Ribeiro dos Santos, hoje fallecido, o qual na sua *Memoria sobre as origens e progressos da poesia portugueza (Memorias de litteratura da Academia*, tom. 8.º, part. 2.ª), diz assim: «Mostrámos em nossa obra das origens da antiga lingua de Hespanha e de seus actuaes dialectos, que a nação hespanhola conservou sempre o seu idioma primitivo, postoque alterado, em todo o tempo do senhorio e dominação romana». O segundo he o Sr. João Pedro Ribeiro, nas suas *Dissertações chronologicas e criticas*, tom. 1.º, dissert. 5.ª, aonde se explica nos seguintes termos: «Eu porém me persuado que a lingua original dos Hespanhoes se não extinguio com a dominação dos Romanos, antes conservando-se tambem através da dominação dos Godos, Suevos e Arabes, foi neste quarto periodo que se subdividio», &c. Esta opinião de dous academicos tão doutos em nossas cousas, e hum dos quaes tem visto e analysado muitos milhares de documentos dos nossos arquivos, e derramado tanta luz sobre as antiguidades portuguezas, não póde deixar de fazer grande peso em favor do sentimento que adoptâmos e pretendemos desenvolver nesta memoria.

Sem embargo porém destas razões, que temos por pouco solidas, e do respeito e veneração que nos merecem muitos dos seus auctores, nós ousâmos pensar de diversa maneira, e temos como muito mais provavel, ou antes como certo, que a linguagem usada por nossos maiores antes da entrada dos Romanos no nosso territorio, e ainda antes do imperio de Augusto Cesar, isto he, antes da dominação pacifica dos mesmos Romanos, postoque já alterada com muitos vocabulos, frases e fórmas, que successivamente lhe havião subministrado os Fenicios, Hebreos, Carthaginezes, Gregos, e os mesmos Romanos, foi comtudo a que sempre se continuou a usar na communicação e tracto vulgar, sem que jámais os Lusitanos a abandonassem, ou della se esquecessem, para tomar o uso exclusivo da lingua latina.

Move-nos a pensar assim, em primeiro lugar a natural e obvia consideração da difficuldade, ou quasi impossibilidade que se encontraria em fazer huma tão substancial e absoluta mudança.

He a linguagem hum dos primeiros habitos que adquirimos na infancia; huma das primeiras artes que aprendemos desde o berço, e quasi sucâmos com o leite de nossas mãis. Ella se converte como em propria natureza; os orgãos afazem-se, muito com cedo, ás suas inflexões proprias, aos seus usos, ás suas fórmas, e ao estilo e maneira de suas expressões; e nós conservâmos tudo isto com tanta tenacidade, quanta he a que se observa na conservação de todos os habitos, usos e geitos que adquirimos na primeira e mais tenra infancia, e que depois se vão progressivamente fortificando com a pratica quotidiana, contínua, incessante de toda a nossa vida.

Tem-se visto por muitas vezes hum povo vencido e subjugado ser constrangido a adoptar a linguagem do vencedor nos actos do governo, nas negociações politi-

cas, nos contractos, litigios, diplomas, &c., que tem ou devem ter auctoridade publica; e chegar esta influencia da nação vencedora a fazer que os vencidos falem (se assim podemos explicar-nos) duas linguas ao mesmo tempo, ou porque a necessidade obriga a huns ao estudo da lingua dominante, ou porque a lisonja e a dependencia move a outros, que vivem com os que exercitão o poder e os querem ter favoraveis e propicios.

Tem-se visto outras vezes que huma nação dominante, cuja lingua he copiosa, polida, regular e agradavel, influa poderosamente na lingua do povo vencido, emprestando-lhe vocabulos, fórmas, frases e expressões, e causando-lhe pelo decurso de seculos tão sensivel alteração e mudança, que d'ahi resulte huma como nova linguagem, que seria quasi de todo desconhecida a quem a comparasse com o seu estado precedente.

Mas tudo isto não póde (segundo o nosso conceito) extinguir jámais de todo a lingua original e primitiva de hum povo, nem chegar a transformar a sua indole, genio e caracter natural e proprio, ou a alterar substancialmente as suas fórmas distinctivas e essenciaes.

Muitas provas nos offerece desta verdade a Historia antiga.

O Egypto, por exemplo, foi successivamente subjugado pelos Persas, Gregos, Romanos e Arabes. Dos Gregos em especial sabemos que dominárão aquelle paiz classico por mais de tresentos annos continuos, e que depois da morte de Alexandre ali assentárão os Lagidas o seu throno, e o conservárão sem interrupção por espaço de duzentos noventa e quatro annos, até á morte de Cleopatra. A lingua grega foi em todo este tempo a lingua da côrte, do governo, das leis e dos sabios, e era empregada em medalhas e inscripções, lingua em si perfeitissima, conhecida já então em todo o Oriente, e tão geralmente usada, que os proprios Judeos, que vivião

entre os outros povos, e a falavão, tiverão por conveniente trasladar para ella os livros santos, e não duvidárão adoptar nas suas synagogas esta versão, ao menos para servir como de interpretação e parafrase ao texto, para uso daquelles a quem a lingua original era desconhecida.

Por outra parte os primeiros Ptolomeus se mostrárão generosos protectores das letras, fundando e enriquecendo a famosa bibliotheca de Alexandria (3), acolhendo benignamente os sabios de todas as nações, e fazendo daquella illustre cidade o centro commum de todos os conhecimentos scientificos e (para nos explicarmos com as palavras de Ammiano Marcellino) *diuturnum praestantium hominum domicilium.* Tudo pois parecia concorrer para que a lingua grega se vulgarisasse no Egypto e fizesse esquecer áquelles povos o seu idioma natural. Elles até adoptárão os caracteres do alfabeto grego, acrescentando-lhe tamsómente alguns do antigo alfabeto egypcio, que exprimião articulações estranhas á lingua grega. «Comtudo (diz hum douto escriptor) a potente monarquia grega acabou, depois de haver subsistido tres seculos em hum paiz aonde nada era grego, nem a lingua, nem a religião, nem os costumes, nem as opiniões, nem as proprias preoccupações (4)».

(3) Esta grande bibliotheca, constante de setecentos mil volumes, foi incendiada, na maior parte, pelos Romanos, estando Cesar cercado em Alexandria. Reformou-se depois com duzentos mil volumes da bibliotheca de Pergamo, de que Antonio fez donativo a Cleopatra; e tornou a ser incendiada pelos Christãos juntamente com o templo de Serapis, aonde estava collocada, imperando Theodosio, o maior. Ultimamente os Arabes acabárão de destruir e queimar tudo o que ainda restava de livros profanos, e tudo quanto os Christãos havião colligido de livros ecclesiasticos. (Veja-se Justo Lipsio, *de Biblioth. syntagm.,* cap. 2.º, e Ginguené, *Histoire littéraire d'Italie,* cap. 4.º. Paris, 1811; 9 vol., em 8.º)

(4) Champollion Figeac, *Annal. des Lagid.,* Paris, 1819. Tom. 1.º, cap. 3.º

Por morte de Cleopatra, ultima pessoa reinante da dynastia macedonica dos Lagidas, passou o Egypto ao jugo dos Romanos, que o dominárão por mais de seis seculos do mesmo modo e com as mesmas artes com que governavão as Hespanhas, as Gallias e as outras chamadas provincias do imperio. Os argumentos com que se pretende mostrar que a lingua latina devia tornar-se não só dominante, mas tambem vulgar nas provincias occidentaes do imperio romano, são applicaveis a outras quaesquer provincias, e ainda com alguma especialidade ao Egypto, que já desde Cambyses, em consequencia das frequentes revoluções que tinha sofrido e da barbaridade de seus oppressores, havia abandonado e quasi esquecido as suas antigas instituições e costumes. «Não obstante isso (diz outro illustre escriptor) os monumentos e auctores são conformes em attestar que a lingua dos antigos Egypcios se conservou no paiz debaixo da dominação dos Persas, dos Gregos, dos Romanos, dos Arabes, dos Sultões Mamelukos e dos Turcos até ao seculo XVI, tempo em que ainda se falava nas partes mais remotas do alto Egypto (5). Mr. Quatremere (continúa o mesmo escriptor) provou de hum modo incontestavel, que a lingua egypcia se tinha conservado no Egypto até quasi ao seculo VIII depois da conquista do paiz por Amrou-ben-Alàs (6), isto he, até ao seculo XV da era vulgar; por onde (conclue) fica bem demonstrado que a lingua copta he a propria lingua dos antigos habitantes do Egypto (7)».

Já antes destes modernos eruditos tinha hum douto critico observado, que a lingua que os christãos coptos

(5) Champollion jeune, *L'Egypte sous les Pharaons*. Grenoble, 1814. Tom. 1.º, introduct.

(6) Foi esta conquista no anno 640 da era christã.

(7) Quatremere, *Recherches sur la langue et la littérature de l'Egypte*. Paris, 1808. Sec. 1.ª e 2.ª

falavão em outro tempo, e na qual traduzírão a Biblia, e muitos outros livros, parecia ser a antiga lingua do Egypto, postoque alterada e misturada de vocabulos gregos, e de alguns arabes, ethiopes, e até latinos; e he opinião corrente que as versões coptas da Biblia não são anteriores ao Concilio geral de Nicêa, isto he, ao anno 325 da era christã, tempo em que o imperio grego era acabado e os Romanos dominavão o Egypto havia mais de tres seculos (8). Nós poderamos acrescentar a isto que a lingua arabe nunca chegaria a naturalisar-se de todo no Egypto, apezar de tão longa dominação, se as barbaridades de tantos seculos não houvessem exterminado a maior parte das familias indigenas, de que apenas hoje restão fracos e meio apagados vestigios.

Semelhante argumento se póde fazer ácerca dos Hebreos. Elles forão igualmente conquistados pelos Gregos, e ficárão sujeitos ao seu imperio pelo mesmo espaço de tempo. Alguns de seus principes naturaes amárão e favorecêrão o grecismo com paixão, e até hum delles, Aristobulo, foi por este motivo appellidado *philelleno*, isto he, amigo dos Gregos. Muitos Judeos tinhão hum nome hebraico e outro grego. Outros grecizavão, dando ao nome nacional fórmas gregas. No meio deste periodo da dominação grega, Bacchides, Capitão de Demetrio, Rei da Syria, encheo a Judêa de tropas e colonias gregas (9). Os escriptores judeos desta época, Ezechiel, poeta tragico, Eupolemo, Demetrio, Lysimaco, Philo e Joseph escrevêrão em grego. As seitas dos Fariseos, Saduceos e Essenios erão gregas ou greco-orientaes. Nas suas inscripções e medalhas se empregou muitas vezes este idioma; e finalmente nelle forão escriptos to-

(8) Richard Simon, *Histoire critique du Vieux Testament*, liv. 2.º, cap. 17.º, e *Histoire critique du Nouveau Testament*, cap. 16.º

(9) I. Macchab., cap. 9.º

pletamente dominadas pelos Romanos do mesmo modo que o forão as Gallias e as Hespanhas. Depois da destruição de Carthago por Scipião, elles se apossárão successivamente da Numidia e das Mauritanias. A Lybia lhes foi deixada em testamento, &c. Em todos esses paizes estabelecêrão colonias e tiverão governadores, proconsules e legiões. A propria Carthago foi restaurada e povoada de cidadãos romanos pouco depois da sua ruina, e outra vez novamente em tempo de Augusto. O dominio dos Romanos durou tranquillo, salvas as perturbações domesticas communs ás outras provincias, até o seculo v, em que os Wandalos passárão á Africa; mas sendo estes vencidos, e totalmente derrotados no seculo vi, e o seu reino extincto por Belizario, tornárão aquellas regiões ao poder dos Romanos, e nelle se conservárão até á invasão dos Arabes no seculo vii.

Sem embargo porém de tão longa, e quasi sempre pacifica dominação, a lingua punica era ainda vulgar naquelles lugares nos fins do iv e principios do v seculo, maiormente nas povoações ruraes, como nos consta por muitos passos das obras de Santo Agostinho (13); que julgâmos desnecessario allegar extensamente...

Mas para que nos cançâmos em buscar mais exemplos estranhos na historia dos antigos povos? Nas proprias Hespanhas temos o mais firme argumento da verdade que aqui pretendemos estabelecer.

Reconhecem todos os nossos escriptores, e he innegavel, que os Fenicios e Carthaginezes (cujos idiomas erão substancialmente identicos) não só vivêrão entre nós por alguns seculos, tendo frequente tracto e commercio com os povos peninsulares, e principalmente com os litoraes, mas tambem dominárão parte do nosso ter-

(13) Veja-se *Epist. ad Roman. inchoata exposit.*, cap. 13.º, *ad Novat.*, Epist. 84.ª, *ad Caelest.*, Epist. 209.ª, &c.

ritorio, fizerão nelle largos estabelecimentos, fundárão povoações e cidades, e nos communicárão alguns de seus usos, leis e praticas civis e religiosas.

Aquelles dous povos nada tinhão de ignorantes e barbaros, nem isso era compativel com o seu vasto commercio, com as suas emprezas maritimas, e com a opulencia e luxo de Tyro e de Carthago. Dos Fenicios recebêrão provavelmente os Hespanhoes os caracteres da escriptura, que os eruditos chamão por esse motivo *Hispano-fenicios*, *Bastulo-fenicios*, &c., e que se vêem esculpidos em antigas medalhas da Hespanha meridional. Os Carthaginezes, ao tempo da primeira guerra punica, estavão senhores de huma parte de Africa, das Hespanhas, da Sicilia e da Sardenha: tinhão, por assim dizer, todo o ouro do mundo: tinhão frotas numerosas, huma experimentada marinha e grandes generaes. Parecia que toda a Europa devia supportar o seu jugo e render-lhes obediencia. Tudo isto porém não foi bastante para que os povos peninsulares, ainda os mais familiarisados com aquellas duas nações, adoptassem o seu idioma, postoque delle tomassem muitos vocabulos, de que restão frequentes vestigios em todos os dialectos da peninsula.

Qual he pois esse particular privilegio, que tiverão os Romanos nas Hespanhas, ou na Lusitania, para que só pela communicação de algumas legiões (14) nem sempre

(14) O receio que temos de causar fastio aos leitores eruditos, repetindo-lhes particularidades que elles não ignorão, nos obriga a passar em silencio muitas cousas que farião ao nosso proposito. Notaremos comtudo aqui brevemente, que no tempo de Augusto e de Tiberio sómente tinhão os Romanos vinte e cinco legiões, cada huma de 3:000 homens, distribuidas por todas as provincias do imperio, que por isso se denominavão legiões provinciaes, e destas sómente tres na Hespanha. A cada huma das legiões se costumavão ajuntar como auxiliares oito ou nove cohortes, cada huma das

bem sofridas dos nossos (15), e pelas quimericas prerogativas de colonias e municipios dadas a poucas cidades, que occupavão huma insignificante porção de territorio, fizessem esquecer aos habitantes indigenas, aliás numerosissimos e tenacissimos de seus costumes, a lingua natural para adoptarem hum idioma estrangeiro?... hum idioma, cujas perfeições os Lusitanos não sabião avaliar; cuja indole era opposta aos habitos que elles de longos seculos havião contrahido; cuja copia e riqueza era superflua e inutil a respeito do mui limitado circulo de seus conhecimentos, relações e necessidades (16)?

quaes constava de 1:000 soldados, tirados talvez das nações subjugadas. Podião pois existir regularmente na Hespanha 36:000 até 40:000 romanos, numero que quasi nenhuma influencia podia ter na linguagem. Os officiaes civis do imperio não podião dar a este numero consideravel augmento com respeito ao ponto que aqui tractâmos.

(15) Alem da natural aversão que todos os povos tem a hum povo conquistador, que pretende despojal-os da sua liberdade, da sua independencia e dos seus bens; e alem da longa experiencia que os Hespanhoes e Lusitanos tinhão adquirido do caracter e dos procedimentos, ás vezes ferozes, ás vezes atrozmente perfidos, e sempre avaros dos pretores, proconsules, questores e mais officiaes romanos; sabemos positivamente pela historia, que ainda depois dos mimos de Cesar e Augusto, tiverão os Hespanhoes e Lusitanos muitos motivos, e alguma occasião de manifestar quam pouco amavão os seus hospedes.

(16) Deve aqui notar-se que, postoque nas colonias ou municipios se usasse a lingua latina em todos os actos publicos do governo, e dado que muitos dos habitantes indigenas a aprendessem e usassem tambem, ou por dependencia e necessidade, ou por lisonja, ou por outro qualquer motivo, nem por isso d'ahi se conclue que a mesma lingua passasse a ser verdadeiramente vulgar em todas as cidades e povoações que gozavão daquelles privilegios, não só por ser impossivel que hum povo inteiro mude facilmente de linguagem, mas tambem porque sabemos que em muitas se não conseguio tal effeito. Corintho era colonia romana, e não falava latim. Philippos era colonia *Italici juris*, e não falava latim. Carthago, Cesarea da Palestina, Creta, Tarso, &c., erão colonias romanas, e falavão o grego e não o latim, &c.

Assim os mesmos Romanos, depois de vencidos e expulsos os Carthaginezes, se forão assenhoreando das Hespanhas, e finalmente em tempo de Augusto Cesar chegárão a vencer a longa e obstinada resistencia dos povos asturianos e cantabros, e a trazê-los ao seu dominio. Desde então ficárão estes povos na pacifica obediencia do imperio. Nas suas terras se consagrou a Augusto o famoso monumento das Aras Sestianas, mencionado por Mela, Ptolomeu e Plinio. Augusto, sempre receoso do espirito de liberdade, que tanto lhe havia custado a reprimir naquelles povos, nomeou a P. Carisio para presidir, como Prefeito, as regiões que elles habitavão, e obrigou os que manejavão as armas a descer das montanhas e fixar a sua habitação nos lugares planos. Fez explorar e lavrar as ricas minas de ouro, e de outros metaes, em que era fecundo o territorio. Destinou tres cohortes para seu presidio e guarnição, as quaes effectivamente se estabelecêrão ali depois da sua morte, e já em tempo de Tiberio. Emfim achão-se por todas aquellas terras inscripções romanas, e frequentes vestigios de obras e melhoramentos nas estradas publicas, nas pontes e outros edificios. Estrabão, falando dos Cantabros, diz delles o mesmo que tinha dito dos Turdetanos da Betica, e de alguns dos Lusitanos, isto he, que se fizerão politicos; que adoptárão a policia e civilisação romana pela communicação e tracto com os Romanos. «*Verum* (diz este geografo no livro 3.º) *jam omnia bella sunt sublata. Nam Cantabros, iisque vicinos Caesar Augustus subegit . . . Et qui Augusto successit Tiberius, impositis in ea loca tribus cohortibus, quas Augustus destinaverat, non pacatos modo, sed et civiles quosdam eorum redegit*».

E não só os Asturianos e Cantabros vivêrão d'ahi em diante sujeitos ao imperio, senão que tambem se conservárão nessa sujeição depois da entrada dos povos bar-

baros até o anno 612, em que el-Rei Sisebuto os subjugou, de maneira que se póde dizer com Vasco (ao anno 714, e seguindo a Paul. Emil., *de reb. gest. Francor.)*, que sendo aquelles povos os ultimos que se rendêrão ás armas romanas, forão tambem os ultimos que desta sujeição se afastárão. *Qui mortalium ultimi in Romanorum potestatem venerant, et novissimi ab eis defecerunt.*

Comtudo estes povos nunca falárão a lingua latina, nem o seu idioma he derivado do latino, nem tem com elle parentesco ou affinidade alguma, como de todos he sabido.

Mas venhamos já a tempos hum pouco mais modernos, e concluamos com elles esta parte do nosso assumpto.

He notorio que depois que os Arabes entrárão na Hespanha, e fixárão o seu dominio em muitas de suas provincias, e determinadamente depois que começárão a estabelecer escolas, e a cultivar a poesia, a litteratura e as sciencias, *se introduzio juntamente com elles* (são palavras do douto Andrés) (17) *o idioma arabico, e dentro de pouco tempo o usárão as cidades subjugadas de tal modo que podião bem chamar-se duas as linguas vulgares dos Hespanhoes.*

Alvaro Cordovez, que florecia pelo meio do seculo IX, se queixava já então amargamente desta especie de fanatismo dos Hespanhoes; e chegou a affirmar que não havia de mil Christãos hum que soubesse escrever huma carta familiar senão em arabe; havendo innumeraveis, que não só cultivavão este idioma estranho, e nelle escrevião, mas até excedião os proprios Arabes na sua poesia. «*Linguam propriam* (diz este escriptor) *nesciunt christiani, ita ut ex omni Christi collegio vix inveniatur*

(17) *Historia de toda la litteratura*, cap. 11.º da traducção castelhana. Madrid, 1784, em 4.º

unus, in milleno hominum numero, qui salutatorias fratri possit rationabiliter dirigere litteras: et reperitur absque numero multiplex turba, qui erudite chaldaicas verborum explicet pompas; ita ut metrice eruditiori ab ipsis gentibus carmine, et sublimiori pulchritudine finales clausulas, unius litterae coarctatione decorent», &c.

Terreros y Pando, na sua *Paleografia hespanhola*, confirma a justiça deste queixume do Cordovez, dizendo que naquella parte das Hespanhas, que ficou debaixo do imperio dos Mouros, se fizera vulgar a lingua arabe, esquecida a latina, *propria* (diz elle) *da nação e da religião, como lamenta em suas obras o martyr Santo Eulogio, eleito Arcebispo de Toledo*. E acrescenta pouco depois, que ainda no seculo XII e até o meio do seculo XIII a maior parte das escripturas de Toledo se outorgavão em lingua arabe, sem exceptuar as que erão celebradas á vista e em presença dos Reis catholicos: que no arquivo daquella igreja se conservão muitos documentos em arabe, cujo numero acaso chega a dous mil; que no convento de religiosas cistersienses de S. Clemente se guardão mais de quinhentos: e finalmente que de todos elles a menor parte he de Mouros, e a maior de Christãos, de religiosos, de clerigos e até dos proprios Arcebispos: o que mostra bem claramente quam vulgar se havia tornado entre os Hespanhoes o idioma arabe, e isto por mais de tres seculos inteiros.

Comtudo, o resultado deste tão extenso e tão dilatado uso, resultado da communicação continua com os Mahometanos, da frequencia das suas escolas, do tracto de negocios civis e domesticos, &c., não foi outro mais que ficarem entre os Hespanhoes muitos vocabulos, frases, idiotismos e modos de fallar arabes, os quaes alterárão até certo ponto, mas não extinguirão o seu idioma natural, nem mudarão o seu genio e indole, nem finalmente transformarão os seus essenciaes e distinctivos caracteres.

E não se alleguem contra este nosso argumento algumas razões de differença que se encontrão, tanto na situação politica dos povos arabes e romanos ácerca dos hespanhoes, como no caracter e indole dos respectivos idiomas; porquanto, dado que algumas dessas differenças pareção menos favoraveis á nossa opinião, outras circumstancias ha que a fazem de mais forçosa consequencia, vistoque os Arabes e Mouros não só dominárão por muito mais tempo que os Romanos algumas provincias das Hespanhas, e convivêrão em muito maior numero com os seus naturaes, renovando a cada passo a povoação mahumetana com innumeraveis familias africanas; mas além disso fundárão na peninsula famosissimas escolas; cultivárão todo o genero de sciencias, artes e boas letras; traduzirão e commentárão muitas obras dos escriptores gregos, e derramárão por toda a parte os seus escriptos; circumstancias estas, em que forão mui superiores aos Romanos, com respeito á influencia que ellas devião ter sobre a cultura litteraria dos Hespanhoes, e consequentemente sobre a alteração do seu idioma nacional.

A este argumento tirado da dominação dos Arabes, podemos acrescentar ainda outro, ao nosso parecer, não menos concludente, e vem a ser o que nos subministrão os povos cantabros, catalães, valencianos, andaluzes, gallegos, &c., que fazendo ha muitos seculos parte dos dominios hespanhoes, sendo sujeitos ao mesmo governo e ao mesmo systema de leis geraes, e tendo com os castelhanos frequentissima communicação, alliança pacifica e unidade de interesses communs, nem por isso tem deixado as suas linguas originarias, ou os seus dialectos, para tomarem o idioma castelhano, não obstante ser este mui familiar entre elles, falado geralmente pelas pessoas polidas e cortezãas, empregado quasi exclusivamente nas obras litterarias, e usado nas ordens, diplomas e leis,

que emanão do governo. O que deve causar tanto maior admiração, e dar tanto mais força ao nosso raciocinio, quanto são notorias as analogias de quasi todos aquelles idiomas com o castelhano, grande a semelhança do seu genio e organisação mecanica, e consequentemente facil (se fosse possivel) o transformarem-se em hum só, uniforme e identico (18).

(18) Aldrete, *Del origen y principio de la lengua castellana*, liv. 1.°, cap. 15.°: «*En Cataluna* (diz) *i mas en el reino de Valencia todos los sermones se hazen en romance* (castelhano) *el qual saben, o hablan todas las personas, que son de alguna suerte, si bien la gente ordinaria usa de la suia natural catalana, diversa de la nuestra; en la quales partes, si se mira con attencion, se verá el uso de dos lenguas juntas*», &c. O mesmo se póde dizer dos outros dialectos das Hespanhas. O erudito e judicioso fidalgo D. Francisco Manuel, no *Ecco Politico*, impresso em Lisboa em 1645, diz assim: «A separação da lingua não parece que esta no arbitrio dos Principes, porque as palavras são expressões do espirito, e este não he governado nem dominado por elles. Os subditos de Castella conservão as suas linguas. Gallegos, Asturianos, Biscainhos, Guipuscoanos e Alavezes, todos conservão seus idiomas naturaes. O mesmo succede em Navarra, aonde poucos plebeos entendem ou fallão o romance. Valencia e Catalunha usão ainda a lingua limosina com mais ou menos corrupção. Aragão sempre fallou o antigo castelhano. Os de Maiorca quasi o não entendem. Napoles nunca deixou a sua lingua pela castelhana. Sicilia o mesmo. O Condado de Flandres, herança de Castella desde Maximiliano pai do primeiro Filippe, e tratando os Flamengos aos Hespanhoes como irmãos por mais de cento e cincoenta annos de companhia, governados por elles e assistidos quasi sempre de Principes naturaes ou Hespanhoes, nunca lhe passou que adoptassem a lingua e trajo hespanhol, usando os Hespanhoes talvez de industria e de poder para este fim, mas em vão. E continuando logo o douto escriptor a fallar [illegible] Portuguezes, accrescenta que não ha em Hespanha nação [illegible] da lingua castelhana [illegible] adoptarão [illegible] Hespanhoes [illegible] descontentes [illegible] esta materia [illegible] confirmação do que [illegible] lingua natural da menor-Breta-

Por onde se vê quam difficil seja introduzir em hum povo numeroso a total mudança de linguagem, ou ainda alterar as suas fórmas caracteristicas, as quaes de tal modo dependem dos habitos contrahidos na primeira infancia, e da maneira de ver, conceber e arranjar o pensamento, que não he possivel serem substancial-

nha, abandonada por todos aquelles que querião agradar ao senhor normando, ou ao suzerano francez, se conservou todavia com mui pouca corrupção entre a gente vulgar e os aldeões, através dos seculos, *com a tenacidade de memoria e de vontade, que he propria dos povos de origem celtica* (Aug. Thierry, *Histoire de la conquête de l'Angleterre par les Normands,* liv. 8.º); 2.º, que hoje mesmo, sendo a Bretanha provincia de França ha tres seculos, o povo das aldêas conserva a sua lingua celtica, e com ella a sua antiga ignorancia, os seus costumes grosseiros e as suas preoccupações; 3.º, que a lingua franceza dominou quatrocentos annos em Inglaterra, sem poder naturalisar-se; 4.º, que a Alsacia faz parte da França desde o reinado de Luiz XIV, e sem embargo de terem já decorrido seis gerações, a lingua allemã he ainda predominante nas cidades e nas aldêas; 5.º, que a Normandia he franceza desde Carlos VII, e comtudo a linguagem de huma boa parte desta região he totalmente inintelligivel para Francezes, &c. O douto Dupin, no seu *Tractado das forças productivas e commerciaes da França,* reflectindo que ha no seio desta nação muitos dialectos disparatados e grosseiros, que desfigurão mais ou menos a linguagem nacional, e falando em especial das escolas primarias do Languedoc, diz: «He para lamentar que os governos, que se tem succedido em França ha dez seculos, hajão permittido, por incuria sua, que os povos falem dialectos disparatados, com o gravissimo inconveniente de fazerem inuteis para muita gente os escriptos que se publicão para instrucção de todos». Nós porém, respeitando muito as luzes deste sabio escriptor, apartâmo-nos aqui da sua opinião, e temos por certo que a continuação dos dialectos de que elle se queixa, não he devida em França (nem em outra qualquer nação) á incuria dos governos, mas sim á necessidade fysica e moral das cousas e dos povos; e que todas as leis ou regulamentos que os governos fizessem para tornar perfeitamente uniforme a linguagem, não produzirião mais effeito do que tem produzido dez seculos de communicação e tracto continuo com a França civilisada, polida e sábia.

mento alteradas ou mudadas por qualquer causa ou força estranha, por mais energica que ella se supponha. E aqui temos, quasi insensivelmente, indicado outro fundamento da opinião que intentâmos estabelecer.

He actualmente reconhecida por todos os filosofos a intima e essencial ligação que tem a linguagem com o pensamento, e a fórma externa do discurso com o quadro interno das idéas, de que elle he a expressão.

Por este simples principio se deixa entender que hum povo, huma nação inteira, não póde mudar de huma para outra linguagem, maiormente se ellas tiverem differente genio, indole e caracter, sem que primeiro se faça hum total e substancial transtorno e transformação em suas idéas e sentimentos; em seu modo de apprehender, comparar e ligar os objectos do discurso; e finalmente quasi que em todo o seu caracter intellectual e moral. E esta he, sem duvida, outra razão mui forte, pela qual nos parece impossivel, não só difficil, a mudança total da linguagem antiga portugueza para a latina, ou o que vem a ser o mesmo o total esquecimento e abandono da primeira para adoptar a segunda.

He mui visivel a differença que ha entre o caracter e indole da lingua portugueza e o da latina: e parece-nos que [illegible] não se tem dado sufficiente attenção a este objecto, [illegible] a principal causa de se vulgarisar tanto a errada opinião, que inconsideradamente se concebêra, da [illegible] analogia destes dous idiomas, e da consequente dependencia de hum a respeito do outro.

Parece aos nossos escriptores que a lingua portugueza deve de ser mais moderna que a latina, porque [illegible] muitas obras da antiga litteratura romana e muitos documentos escriptos em latim, e nada vêmos escripto em [illegible] no idioma nacional grande numero de [illegible] directamente tomados do latim.

[illegible] tacs e como taes se

representavão a quem não conhecia os verdadeiros principios da arte etymologica, a natureza original dos sons e articulações communs a todas as linguas, e a analogia que em todas ellas se observa, relativamente aos simplices e pouco numerosos vocabulos, ou raizes, que constituem o seu fundo e primitivo cabedal. Ignoravão, pela maior parte, as linguas dos outros povos, cujo conhecimento e comparação os poderia melhor guiar em suas indagações; e não davão a devida attenção a muitos vocabulos proprios da lingua portugueza, que se encontrão nos nossos mais antigos documentos, e ainda no latim barbaro dos sèculos precedentes á monarquia, e que não podendo de maneira alguma derivar-se do latim, naturalmente os conduzirião a buscar em outra parte as origens da lingua materna. Finalmente (seja-nos permittido dizel-o) deixárão-se porventura levar de huma especie de admiração e respeito supersticioso para com os Romanos, e talvez assentárão que era glorioso á lingua portugueza tirar a sua origem de hum povo que subjugára tantos outros, e que em toda a parte fizera temidas as suas armas e obedecidas as suas leis. E dominados destas preoccupações, e faltos, por outra parte, dos verdadeiros conhecimentos da origem, natureza e relações das linguas, adoptárão a opinião, que mais parecia lisongear a vaidade nacional, sem fazerem a devida reflexão sobre o genio e indole de cada hum dos dous idiomas, e sem advertirem que a sua total diversidade neste ponto se oppunha invencivelmente á presupposta filiação.

Não se deve procurar este genio das linguas, nem por consequencia a sua filiação e parentesco, nos particulares vocabulos de cada huma, considerados separadamente, e sem a fórma, ordem, ligação e emprego, que os faz servir á pintura e expressão do pensamento. Se por hum tal principio houvessemos de indagar a filiação

da lingua portugueza, nos veriamos extremamente perplexos para determinar a sua chamada matriz; e por ultimo seriamos obrigados a dividir por muitos outros idiomas esta honrosa qualidade. O grego sahiria com suas pretensões. O fenicio, o arabe, o oriental, allegarião tambem alguns direitos; e não faltaria nas proprias linguas da Europa moderna quem sustentasse ter parte na divisão.

De outro modo pois se deve proceder nesta materia: de outro modo se deve julgar do genio das linguas, que he o que constitue a mais essencial differença que entre ellas ha, a saber: pela sua estructura e construcção; pela ordem e ligação com que ellas dispõem os seus vocabulos, a fim de fazerem mais clara e mais energica a imagem do pensamento; pelas differentes fórmas grammaticaes, com que modificão os mesmos vocabulos, e pelo emprego e lugar, que lhes dão no discurso, aptificando-os assim para bem desempenharem aquella pintura e expressão. Nisto he que verdadeiramente consiste a indole e caracter dos varios idiomas; nisto consiste aquelle *pensar* proprio de cada hum delles; e por este caminho se devem indagar as relações do seu mais proximo ou mais remoto parentesco, considerando-os aliás a todos como derivados de hum só e unico primitivo, aindaque tão admiravelmente variado.

Não são os vocabulos (diz a este respeito Mr. Girard) que as linguas tomão humas das outras, nem as etymologias, que nos hão de dar a conhecer a origem e o parentesco dos idiomas, mas sim o genio e caracter de cada hum. A fortuna, que gosão as palavras novas, e a facilidade com que as de huma lingua passão a outra, maiormente quando os povos se misturão, são cousas que a cada passo nos enganão sobre este objecto, ao mesmo tempo que *o genio, sendo independente dos orgãos, e por isso mesmo menos susceptivel de alterações e mudanças,* se mantem no meio da inconstancia dos vocabulos,

e conserva ao idioma o verdadeiro e o mais authentico titulo da sua origem.

Comparando ora debaixo deste aspecto a lingua portugueza com a latina, quem não vê as muitas e grandes differenças que ha entre estes dous idiomas?

O primeiro não tem (senão sómente em alguns pronomes) aquellas variadas fórmas terminativas, a que os grammaticos latinos chamão *casos,* e pelas quaes exprimem, bem como os gregos, em hum só e o mesmo vocabulo, varias e differentes relações da mesma idéa. Carece, por consequencia, tambem da ampla liberdade, de que a lingua latina usa na sua construcção; e não póde gozar da maior parte das inapreciaveis vantagens que resultão desta liberdade, para variar o quadro do pensamento, sem dispendio da sua clareza e precisão analytica; para dar mais facilidade á expressão do sentimento e á combinação harmonica das vozes; emfim para fazer o discurso mais pictoresco e mais energico.

Nem se alleguem contra isto as inversões, de que tambem usâmos na nossa lingua; porquanto, além de ser esta liberdade muito mais restricta em portuguez, he certo que os nossos escriptores, principalmente dos seculos XIV, XV e XVI, a tomárão da lingua latina, talvez com algum excesso, quando persuadidos de ser ella a matriz da portugueza, entrárão no empenho de a transportar toda inteira para entre nós, cahindo por esta causa em notaveis defeitos, que o melhor conhecimento da arte de escrever tem corrigido, e deve ainda corrigir; sendo por outra parte fóra de duvida, que nos tempos mais remotos, em que se quer suppor nascida a nossa lingua vulgar, tão longe estavão os Portuguezes de seguir a ordem da construcção latina, que antes pelo contrario, o que mais frequentemente se observa nos documentos dessas idades he, que senhoreados os escriptores do genio e indole particular do seu natural

idioma, pretendêrão trazer, ou trouxerão o latim á construcção directa, escrevendo por estes, e por outros semelhantes motivos, em huma linguagem, que nem se podia chamar latina, nem tambem era portugueza.

Outra differença não menos essencial dos dous idiomas consiste no uso que cada hum delles faz dos *verbos*, especie de vocabulos, que constituem huma grande parte da massa (digamos assim) das linguas, e que tanta influencia tem na sua construcção e no seu genio.

Não he aqui lugar opportuno para entrar em longas e miudas analyses grammaticaes: mas indicaremos sómente entre estas differenças algumas mais notaveis, e que mais obvias se offerecem a quem reflecte, ainda levemente, sobre o mecanismo destas duas linguas:

1.º Tem os Latinos as vozes passivas dos verbos, formadas das proprias vozes activas, modificadas com diversas terminações. Os Portuguezes carecem totalmente destas particulares fórmas, não lhes tendo ficado da sua tão decantada filiação nem hum só vestigio dellas; e vêem-se obrigados a formar as vozes passivas por meio de verbos auxiliares acompanhados de hum adjectivo verbal que determina a sua significação especifica (19).

(19) Parece-nos pouco acerto dizer absolutamente (como dizem alguns dos nossos grammaticos) que a lingua portugueza *não tem vozes passivas*. Não as tem, he verdade, á maneira dos Gregos e dos Romanos; mas será porventura hum defeito, huma irregularidade, ou hum erro na grammatica portugueza tudo aquillo em que ella se desviar das leis da grammatica latina ou grega? A grammatica universal filosofica nos diz que a todo o verbo *activo* corresponde necessariamente hum *passivo*. Assim, as linguas que tiverem o primeiro, hão de forçosamente ter o segundo, de qualquer modo, e com qualquer fórma que elle se enuncie. Por outra parte os que negão á lingua portugueza as vozes passivas, se quizerem ser consequentes, devem dizer, que *amatus sum, amatus fui*, &c., não são vozes passivas do verbo latino *amo*, o que nos parece que elles não quererão confessar.

2.º Os verbos auxiliares, que sendo empregados na formação das vozes passivas, parece privarem a lingua portugueza da concisão dos passivos latinos, lhe dão aliás em outros casos a grande vantagem da variedade, e a outra ainda maior, e commum ás vozes activas e passivas, de augmentarem consideravelmente o numero das variações temporaes, distinguindo não só o tempo presente, preterito e futuro, mas até periodos inteiros, que abrangem hum certo espaço de tempo, e dentro desses periodos as relações differentes que podem ter os objectos de que falâmos. Assim, por exemplo, em lugar da fórma latina *lego*, nós podemos dizer *leio, estou lendo, ando a ler, venho de ler,* &c., que não se referem sómente ao preciso momento actual presente, mas a hum certo espaço, ou periodo de tempo, que considerâmos como presente, e dentro do qual executâmos a acção de *ler*.

3.º Tem os Portuguezes, entre os verbos auxiliares, o verbo *estar* com huma significação, de que totalmente carecem os Latinos, e que nos parece merecer particular reflexão, pelo mui extenso e filosofico uso, que se lhe dá na lingua portugueza. Nós por certo não duvidariamos denominal-o, de algum modo, hum como segundo *verbo substantivo;* porquanto, se elle não significa precisa e absolutamente a *coexistencia* das duas idéas da proposição, exprime comtudo essa coexistencia no *estado* actual do sujeito, e distingue por este modo o que lhe he essencial, ou habitual d'aquillo que só lhe convem na actualidade. Assim, estas duas proposições, *Pedro he doente, Pedro está doente,* cujo sentido em portuguez he tão differente e tão claramente exprimido, se as quizermos passar ao latim com igual simplicidade, deixaremos o sentido ambiguo, e não mostraremos, sem dependencia das circumstancias do discurso, a grande differença que ha entre os dous pensamentos na consideração metafysica.

4.° He tambem digno de se notar o idiotismo particularissimo, com que a lingua portugueza dá á fórma dos verbos no infinitivo as inflexões proprias e caracteristicas das pessoas e dos numeros, fazendo, v. gr., do infinitivo *ser* as fórmas pessoaes e numericas *seres, sermos, serem*, &c., as quaes (diz hum douto grammatico) *dão á nossa lingua sobre as outras a grande vantagem de evitar na expressão muitos equivocos, e fazel-a mais breve e corrente, desembaraçando-a da necessidade de repetir a cada passo o sujeito da oração infinita, quando não he determinado pelo verbo da oração finita*, &c.

Mas deixadas já estas differenças, e omittidas muitas outras, que assás mostrão que a lingua portugueza não teve por modelo a latina na formação dos seus verbos, isto he, deste copiosissimo genero de vocábulos, que entrão, como dissemos, por toda a massa da linguagem, que animão o pensamento, e dão ser e vida ao discurso, e que determinão por isso mesmo, em grande parte, o genio e o caracter das linguas; e vindo á consideração de outras differenças geraes, que se achão entre os dous idiomas: quem não admirará que sendo a lingua portugueza *filha primogenita* (como se quer suppor) da latina, não herdasse della huma só das fórmas, ou terminações em *ter* dos adverbios latinos, adoptando em lugar dellas a terminação *mente*, que por erro etymologico se tem pretendido derivar do ablativo latino de *mens?*

Como se póde comprehender que não passassem do latim ao portuguez as fórmas comparativas em *or*, de que só temos o pequenissimo numero de tres ou quatro, nem as superlativas, ou ampliativas em *issimo*, tão frequentes no latim, e de que a nossa lingua totalmente careceo no supposto principio da sua formação, e ainda muitos seculos depois, adoptando-as tamsómente no seculo XV, quando começou a querer nobilitar-se com aquelle honrado parentesco? Que a lingua portugueza

engeitasse igualmente quasi todas as terminações diminutivas e augmentativas dos vocabulos latinos, amando aliás tanto estas bellas fórmas, de que adquirio, quasi com injuria da pobreza materna, tanta riqueza e variedade? Que tambem engeitasse desdenhosamente tantos destes (digamos assim) miudos vocabulos, a que chamâmos particulas, os quaes sendo destinados a ligar entre si as differentes partes do discurso, e consequentemente as differentes idéas de que elle se compõe, produzem o maior effeito sobre o quadro do pensamento, e lhe dão energia, calor, graça e unidade (20)?

Como poderemos explicar o grande numero de idiotismos, isto he, de frases particularissimas á lingua portugueza, e outro numero não menor de adagios, annexins ou rifões usados principalmente na linguagem do vulgo, os quaes não só não vierão do latim, mas nem ainda se podem traduzir neste idioma, senão abandonando o sentido litteral, e recorrendo a outras frases, que debaixo de mui differentes termos exprimem hum sentido equivalente?

Como he emfim possivel, que a lingua portugueza, esta filha orgulhosa, fosse buscar na imitação das melhores linguas da antiguidade os artigos indicativos *o, a, os, as,* que tão necessarios são para tirar os nomes communs da sua significação vaga e indefinida, e quizesse ostentar por este modo, na clareza e precisão do discurso, huma decidida superioridade a respeito da lingua mãi, aonde estes importantissimos vocabulos são quasi de todo desconhecidos, e aonde a sua falta dá occasião a muitas ambiguidades, e talvez a gravissimos equivocos?...

(20) O mais ligeiro e superficial exame do nosso idioma he sufficiente para mostrar quantos desses vocabulos latinos engeitou a lingua portugueza, conservando os seus proprios, que já tinha, ou adoptando outros, que certamente lhe não vierão do latim.

Não acabariamos, se quizessemos notar todas as differenças, que os dous idiomas tem entre si, não em hum ou outro vocabulo, mas em classes e familias inteiras de vocabulos, e nas notas e fórmas caracteristicas, que os distinguem conforme os seus differentes empregos. De maneira que examinando-se attentamente, e sem antecipada opinião, o processo das duas linguas, assim na organisação do discurso, e construcção das differentes partes que o compõem, como na invenção das fórmas essenciaes de varias classes de vocabulos, nos veremos na forçosa necessidade de reconhecer a differente marcha de cada huma dellas, e o seu differente genio e indole; e de confessar, que a supposta identidade sómente se verifica em hum certo numero de vocabulos ou de fórmas que a lingua portugueza tomou da latina.

Cumpre porém aqui advertir, que esses mesmos vocabulos, effectivamente vindos do latim, nem são tantos em numero como se suppõe, nem servem todos para demonstrar a supposta filiação.

Não são tantos em numero, como vulgarmente se suppõe. E primeiramente, devem riscar-se desse numero aquelles, a que os grammaticos dão o nome de *interjeições;* porquanto sendo elles o producto necessario das relações, que a natureza estabeleceo entre certas affeições e sentimentos da alma, e certos movimentos dos orgãos da voz, forçosamente se hão de achar, em grande parte, identicos e invariaveis em quaesquer idiomas, assim como he identica e invariavel em todos os homens a constituição fysica do orgão da palavra, e a relação natural do sentimento com a sua involuntaria expressão. Pelo que mui erradamente se dirião derivadas do latim as vozes *ah, oh, ai, guai, ui, hem, eia, ta, sus,* &c., e outras da mesma natureza, por mais que analogas, ou identicas sejão em som e articulação com as vozes latinas, que exprimem semelhantes sentimentos.

Igualmente se devem tirar do numero dos vocabulos derivados do latim todos os que são formados por onomatopêa, isto he, todos aquelles que forão originariamente imitativos dos sons, ou das outras qualidades sensiveis dos objectos. E na verdade, que necessidade teria a lingua portugueza de hir buscar á latina, ou a qualquer outra, os vocabulos *arrulho, assobio, bochechudo, borbulhão, bufar, cacarejar, gargarejar, gargalhada, grasnar, huivar, grunhir, guincho, murmurio, pipiar, trovão, tartamudo, bambalear, poupa, chocalho*, e infinitos outros, que a propria natureza ensina a inventar e formar, e que de nenhum modo se podem dizer derivados deste ou daquelle idioma, pois são, com pequenas differenças, communs a todos, ou a muitos delles?

A esta grande classe das onomatopêas se póde ajuntar a outra numerosissima familia dos vocabulos, que compõem (por assim nos explicarmos) o diccionario da infancia, os quaes sendo todos formados de articulações labiaes, sem dependencia de qualquer convenção humana, e seguindo tamsómente a conformação natural dos orgãos da palavra, e a maior facilidade do seu movimento, são communs a muitas linguas; são necessariamente identicos, ou semelhantes, tanto como indispensaveis; e não admittem (como bem adverte o douto auctor do *Mecanismo da linguagem*) derivação alguma de huma para outra lingua. Taes são, por exemplo, os vocabulos *pai* e *mãi*, que os nossos escriptores quizerão em vão tirar da sua nativa simplicidade para lhes darem a fórma latina *padre* e *madre*, mas que a despeito da innovação systematica, voltárão ao estado, provavelmente primitivo, deixando as fórmas latinas á linguagem ecclesiastica, aonde ainda se conservão (21). Taes são tambem

(21) Os nossos [illegible] antigos, que se [illegible] tanto [illegible] acima do latim, [illegible]

amo, ama, baba, bôca, babão, beijo, bico, boneca, bum-bum, mano, minimo, mimo, moço, mamma, meigo, nanar, papa, teta, e infinitos outros semelhantes, e os que delles nascem por derivação e composição.

Não menos se devem diminuir do grande numero de palavras, que se dizem derivadas do latim, todas aquellas que tem no portuguez huma raiz, donde facilmente podião ser trazidas pelo natural artificio do idioma. Assim, por exemplo, aindaque se possa dizer, e se diga, que *doar* e *donativo* são tomados do latim *donum, donare, dono,* &c., he certo comtudo, que existindo no por-

os vocabulos portuguezes *pai* e *mãi.* Mas porventura não terião os Lusitanos palavras com que exprimir taes idéas, antes de conversarem com os Romanos? E se as tinhão, porque razão hirião buscar outras ao latim? Os Gregos, que muito tempo antes dos Romanos havião entrado no nosso territorio, dizião πατερ e ματερ (no dialecto dorico), ou μητερ. Delles parece que tomárão os proprios Romanos a terminação destes vocabulos sem alteração alguma. Grande parte dos povos antigos e modernos, tanto orientaes, como occidentaes, exprimião, e exprimem as mesmas idéas por vocabulos, que na verdade differem em alguns accidentes, mas que todos são formados sobre as articulações primitivas e fundamentaes *ba, fa, ma, pa,* &c. (Veja-se o *Dictionnaire raisonné des onomatopées françaises,* par Charles Nodier. Paris, 1808. Préface, pag. 21 e seguintes.) Os Portuguezes conservão a mesma raiz primitiva, adoçando hum pouco mais com o diphtongo a sua pronunciação. Se os vocabulos portuguezes pois tem huma tão obvia e tão facil analogia com as linguas mais antigas, e recusárão as terminações em *ter,* proprias de Gregos e Romanos, por que razão os hiremos agora buscar ao grego ou latim, e os não derivaremos antes das linguas orientaes, ou das do norte, ou emfim da lingua primitiva, que a todas ellas subministrou o typo original destes vocabulos? A razão não póde ser outra senão a que já dissemos: *porque nada se via acima do latim.* O latim era o *non plus ultra* dos etymologistas. Da mesma sorte se póde discorrer ácerca de infinitos outros vocabulos que se tem julgado derivados do latim, e que sendo porventura irmãos em ambos os idiomas, tem comtudo a sua verdadeira origem em outro mais antigo que elles.

tuguez a raiz ou vocabulo primitivo *dum* e *dom*, que em varias linguas tem dado origem a mui extensas familias, nas quaes todas sobresahe a idéa de *elevação, grandeza, superioridade*, &c.; della poderiamos naturalmente formar, sem soccorro algum do latim, aquelles dous vocabulos, assim como formâmos os prenomes *dom* ou *dum*, e *dona* ou *duna*, e os vocabulos *donzel, donzella, dono, donoso, donairoso, doairo, dunas, damo, dama, damice, damejar, adamado*, &c., os quaes por certo ninguem dirá tomados do latim, salvo se por huma etymologia e derivação inversa quizermos dizer, v. gr., que *donzel* e *donzella* vem do latim barbaro *domicellus* e *domicella*, quando este latim, pelo contrario, he que foi formado dos primeiros, e para os exprimir.

Pertence aqui notar ainda, que quando se quer avaliar ao justo o *numero* de vocabulos, que nos vierão do latim, se não devem metter nessa conta os muitos que a lingua portugueza, pelo seu admiravel e fecundissimo artificio, talvez derivou e compoz de hum só, ou de poucos vocabulos latinos. Assim, v. gr., aindaque o portuguez tomasse do latim o vocabulo *pedra*, nem por isso se devem (para o nosso caso) contar como trazidos do mesmo idioma os quarenta ou mais vocabulos que daquelle unico formâmos por derivação e composição, e que não existem no latim, taes como *pedregulho, pedraria, pedrisco, pedraça, empedrar, empedernir*, &c.

Ha finalmente ainda outros muitos vocabulos, que se devem tirar da lista dos derivados do latim, e são: 1.º, os que nós e os Latinos tomámos da lingua grega, e ficárão sendo communs aos tres idiomas; 2.º, os que sendo proprios da antiga lingua lusitana, ou da hespanhola, ou da gauleza, on emfim da celtica, lingua geral da Europa occidental e meridional, passárão ao latim, e forão ultimamente augmentar a lingua romana, quando Lusitanos, Hespanhoes ou Gaulezes começárão a ter

tracto com os Romanos, ou militárão debaixo de suas bandeiras ou contra ellas.

Dos Gregos não podemos duvidar que, aportando a nossas praias em tempos antiquissimos, fundando na Lusitania e Galliza, e em outras partes das Hespanhas, algumas colonias, e estabelecendo outras nas provincias da França nossas comarcãas, nos communicassem vocabulos, fórmas e usos da sua lingua. Poderião fazer-se longos catalogos de palavras communs á lingua grega, latina e portugueza, e de outras muitas que nos vierão do grego e não existem no latim, taes como, por exemplo, *acalentar, ache, afouto, anafado, badulaque, bala, blasmo, bodega, boleo, cabidela, caco, calaça, esquerdo, léria, talo, tio, moca,* &c. (22). As nossas grammaticas mostrão, por outra parte, os numerosos usos e idiotismos gregos, que se achão no portuguez, e até a propria pronunciação do *b* por *v*, que se tem conservado tenazmente nos povos da provincia do Minho, bem como nos da Galliza, e das provincias meridionaes da França, parece indicar hum resto da pronunciação grega, que desconhecia a articulação do nosso *v* consoante.

Pelo que toca porém aos vocabulos, que os Romanos tomárão dos Hespanhoes, Gaulezes e mais povos, com quem tiverão communicação, dá-nos boa prova disso Denis de Halicarnasso (*Antiq. Rom.*, lib. 1.º), o qual mencionando as varias nações, de cujos idiomas se foi

(22) No *Diccionario da lingua portugueza*, de Moraes, da quarta edição, vem mais de cinco mil artigos de vocabulos gregos, e compostos ou derivados delles. Dos que não existem no latim, e nos vierão immediatamente do grego, ajuntou Rezende quasi quinhentos, como elle mesmo diz na sua obra das *Antiguidades lusitanas*, liv. 1.º E nós no nosso *Glossario lusitano-grego*, que algum dia poderá sahir á luz, temos recolhido cousa de quatrocentos e cincoenta, e poderiamos ajuntar muitos mais, se tivessemos melhor conhecimento da lingua grega.

pouco a pouco enriquecendo a lingua romana, se admira *eam non esse omnino barbaram redditam post receptos Opicos, Masos, Samnites, Etruscos, Brutios, Ligures, et Hispanorum, Gallorumque multa millia, aliasque insuper gentes innumeras, vel ex Italia, et aliis locis advenas, lingua, et moribus dissonas,* &c. E quaes fossem, em particular, as consequencias da mistura dos povos hespanhoes com os romanos o mostrão as muitas palavras, que dos primeiros passárão aos segundos, reconhecidas pelos proprios escriptores latinos e seus etymologistas. Taes foram as palavras *baluca, baro, betonica,* ou *vettonica, braca, carbasus, carrus, canthus, celia,* ou *ceria, cyma, falarica, gaesum, gurdus, lancea, mantile,* ou *mantelum, sagum, spatha, spartum, tomentum, ulex, urus, viscus, viria,* &c., aos quaes poderiamos acrescentar muitos outros, se tivessemos melhor conhecimento de nossas antiguidades, ou se os escriptores romanos houvessem tractado mais amplamente, e de hum modo mais filosofico, das origens da sua propria linguagem.

Vê-se pois por tudo o que temos substanciado nos precedentes paragrafos, que não são tantos, como vulgarmente se presume, os vocabulos portuguezes, que em rigor se possão ter como derivados do latim. Mas nós dissemos, alem disso, e agora repetimos, que muitos desses mesmos, que em realidade nos vierão daquelle idioma, *não servem para provar a supposta filiação,* e disto daremos brevemente o principal fundamento.

Consiste elle em que a maior parte desses vocabulos, sendo trazidos ao portuguez muito depois da época, em que se suppõe haver o latim sido vulgarmente usado em Portugal, podem com effeito mostrar alguma analogia entre ambos os idiomas, mas de nenhum modo a sua immediata filiação.

Todos sabem quanto os nossos primeiros escriptores, maiormente os dos seculos XV e XVI, trabalhárão em for-

mar, enriquecer e polir o idioma patrio, á custa (digamos assim) da lingua latina, tomando della tudo quanto lhes foi possivel, e talvez mais do que permittia o differente processo e caracter dos dous idiomas. Se fosse necessario dar provas de huma cousa tão manifesta, bastaria lançar os olhos ás obras, que se escrevêrão em portuguez, ou se traduzirão do latim, principalmente desde o reinado de el-Rei D. João I em diante.

Conhecião os nossos escriptores a grande pobreza, irregularidade e rusticidade do idioma nacional, e estes defeitos se tornavão cada dia mais sensiveis, á proporção que se hião augmentando entre nós as necessidades e commodidades da vida, as relações dos cidadãos entre si e com os outros povos, os conhecimentos das sciencias e artes, e em geral tudo aquillo que constitue os multiplicados e variados objectos do tracto e conversação dos homens, quando elles não só vivem huma vida civil, mas tambem por suas circumstancias tendem ao aperfeiçoamento das instituições sociaes.

Nesta situação era forçoso soccorrerem-se a algum outro idioma, do qual, ou por sua riqueza e abundancia, ou por suas analogias com o idioma portuguez, se podessem esperar mais promptos e copiosos recursos.

Nenhuma porém das linguas modernas da Europa estava neste caso. As mais dellas nem fazião vantagem á portugueza, nem estavão mais adiantadas que ella. A italiana, que mais cedo começou a aperfeiçoar-se, apenas podia servir de exemplo, e indicar ás outras o caminho que ella mesma tinha seguido para o seu melhoramento. As linguas orientaes, postoque mostrassem algumas raizes primitivas, identicas, nas quaes ainda agora achâmos a verdadeira origem, e formal significação de muitos vocabulos nossos, tinhão comtudo seguido mui differente caminho em suas fórmas e organisação, e alem disso erão pela maior parte ignoradas. A grega, que pelo uso

dos artigos indicativos, pelo grande numero de diphtongos, pela feliz distribuição de vogaes sonoras, e por sua harmonia musical parecia approximar-se mais da indole da lingua portugueza, não era ainda cultivada em nossas escolas, nem sabida de muitos escriptores nacionaes; e por outra parte as suas riquezas havião passado, até certo ponto, para a lingua latina, que della derivára a sua regularidade e a sua maior formosura. Achavão-se emfim os Portuguezes familiarisados com o latim, já porque neste idioma estavão escriptos os documentos e leis antigas, já por ser a unica lingua que se empregava nos actos do culto religioso, e já finalmente por se haverem compilado nella as leis canonicas e civis, que naquelle tempo constituião o principal objecto dos estudos publicos.

Assim que não foi difficil, antes era muito natural, inclinarem-se os nossos escriptores a demandar do latim os subsidios necessarios para o aperfeiçoamento da linguagem patria, e isto com tanto mais ardor e empenho, quanto he certo, que a lingua latina offerecia muitos pontos de contacto, e muitas analogias com a lingua portugueza, tanto pela identidade de origem, e pela semelhança do caracter moral dos dous povos, como por outras algumas daquellas circumstancias, que mais costumão influir na organisação mecanica das linguas.

Mas o grande numero de palavras latinas, que por este modo vierão enriquecer a lingua portugueza (23) bem

(23) No tom. 4.º das *Memorias de litteratura da Academia*, pag. 37, aponta o douto filologo Francisco Dias Gomes alguns seiscentos vocabulos, *não existentes, ou ignorados, ou de mui raro uso na lingua portugueza, até o principio de el-Rei D. Manoel*, os quaes, na maior parte, são latinos. Em outro lugar lembra alguns vocabulos e frases transportadas do latim ao portuguez por Vieira. A Camões attribue Faria e Sousa cento e vinte palavras, todas latinas, e por elle introduzidas na nossa lingua. Muitos outros escriptores nossos,

que mostrem algumas analogias entre os dous idiomas, não podem comtudo mostrar a pretendida filiação; assim como os muitos vocabulos, que igualmente adoptámos dos Italianos, Castelhanos, Francezes, &c., não podem mostrar que algum dos idiomas destes povos seja a origem do portuguez, sendo certo que he cousa mui differente ser huma lingua filha de outra, e ter nascido della immediatamente, ou valer-se da sua abundancia para supprir a indigencia propria.

Acresce ainda mais, que muitos dos vocabulos, tomados immediatamente do latim, pertencem á linguagem ecclesiastica, e muitos outros á da Jurisprudencia, e todos estes, constituindo hum como idioma universal na Europa, não podem provar a filiação de nenhuma lingua particular, da mesma sorte que a não provão, v. gr., os termos scientificos tomados do grego, os termos musicos tomados do italiano, os termos militares tomados do allemão, inglez ou francez, &c.

Assim que para se fazer alguma justa idéa dos vocabulos, que verdadeiramente nos ficárão da lingua latina nos tempos em que os Romanos frequentárão, ou dominárão o nosso territorio, não temos outro mais certo e direito caminho, que examinar os mais antigos documentos portuguezes dos seculos em que a lingua começou a figurar por si em publico, e a tomar alguma consistencia e regularidade, e ainda os documentos anteriores a essa época, e escriptos em latim barbaro, nos quaes se achão a cada passo vocabulos da linguagem commum, que os notarios já mal sabião alatinar, e ás

de posteriores épocas, especialmente Arraez, Lucena, &c., latinizão a cada passo. Se neste ponto estendessemos as nossas indagações e analyses até o reinado de el-Rei D. Diniz, ou ainda até o primeiro seculo da nossa monarquia, e quizessemos fazer lista dos vocabulos que progressivamente fomos tomando do latim, ser-nos-hia necessario copiar huma boa parte dos nossos diccionarios.

vezes deixavão com suas vulgares terminações e fórmas.

Mas este exame analytico he o que ainda se não fez, ou sómente se fez muito superficialmente, sobre principios errados, e o que he ainda peor, com o espirito preoccupado e prevenido a favor do latim.

Os nossos etymologistas deslumbrados da gloria dos Romanos; instruidos desde a infancia na lingua latina, e sabendo que ella tinha reinado imperiosamente por quatro seculos nas Hespanhas; dominados aliás da antecipada opinião, não vião no portuguez outra cousa mais que o latim, e julgavão honrar muito os outros idiomas, o celtico, o grego, o germanico, o arabe, &c., attribuindo-lhes a origem de alguns poucos vocabulos, que de todo lhes não podião recusar.

Lancem-se os olhos ás listas etymologicas de Duarte Nunes, de Faria e Sousa, de Madureira, e de outros escriptores portuguezes, e se verá quam longe elles estavão do verdadeiro conhecimento das origens portuguezas. Ali se achão vocabulos que se dizem proprios nossos, e que manifestamente pertencem ao latim, ou a outras linguas, ao mesmo passo que se dão por latinos muitos, que só com mui forçada etymologia se podem lá hir entroncar. Huma letra, huma syllaba semelhante lhes bastava para decidirem da origem de hum vocabulo; e quando achavão algum, que era ou parecia commum a differentes linguas, ignoravão o modo de investigar a sua verdadeira origem (24). Nem só os nossos escriptores cahirão nestes erros, antes os achâmos igualmente entre

(24) Faria e Sousa, por exemplo, deriva *alcatruz* (arabe) do latim *aquaeductus*; *bolsa* (grego) de *bulga* ou *brisa*; *rebique* (arabe) de *rubrica*; *pagar* de *pacare*; *péla* de *puella*; *menagem* de *omagio*, &c.; ao mesmo tempo que suppõe proprios da lingua portugueza *aucçam*, *ausentar*, *caldo*, *fructo*, *mandar*, *minuta*, *praga*, que todos são latinos, e *açoutar*, *alcaçuz*, *algóz*, *jubão*, *garrafa*, que todos são arabes.

os estrangeiros; e ainda hoje que estes estudos estão em maior adiantamento, encontrâmos em suas obras effeitos notaveis da prevenção do latinismo, quando com ella se entra no exame analytico das linguas (25).

Comtudo este exame analytico he, como hiamos dizendo, o unico meio de chegarmos ao conhecimento das origens da nossa linguagem, e de notarmos o que ella verdadeiramente tem do latim. E estamos convencidos de que hum tal exame não só nos dará longas listas de vocabulos, que de nenhum modo nos vierão do latim, mas ainda huma grande maioria em numero a respeito dos que indubitavelmente são latinos; e isto sem embargo de se poder e dever presumir que os escriptores daquelles antigos documentos serião das pessoas que nesses tempos se julgavão mais instruidas no latim, e por isso mais propensas para empregarem as expressões deste idioma nos documentos que escrevião.

De tudo pois o que até agora temos ligeiramente tocado em prova da nossa opinião, parece seguir-se: que a lingua portugueza tem differente genio da latina; que os vocabulos que nella ha, derivados immediatamente do latim, são muito menos em numero do que vulgarmente se suppõe; e que outros muitos, que effectivamente tem essa derivação, não provão a filiação pretendida, mas sómente algumas analogias (que não negâmos) entre os dous idiomas.

Não havemos por necessario fazer agora aqui extensa menção e analyse dessas composições affectadas e ine-

(25) Em diccionarios da lingua romana, ou do romance antigo francez, achámos derivados, v. gr., *busquer* (buscar) de *pulsare; cabresto* de *caput stringium; gabão* de *caput; cafre* de *caper; duélo* de *dolere; abrigar* de *arbor; escapar* de *ex* e *sepire; gabella* de *vectigal; ganhar* de *vindicare*, ou de *vagina; lacaio* de *laqueator;* &c.

ptas (26), que se diz serem juntamente latinas e portuguezas, e das quaes muitos escriptores, aliás judiciosos, tem tirado argumento da presupposta filiação. Diremos tamsómente, que taes composições nem são verdadeiro latim, nem verdadeiro portuguez, porque não tem o caracter, nem seguem as leis de hum ou outro idioma, e o leitor, que disto quizer convencer-se, não tem mais que ler com attenção qualquer obra dos auctores portuguezes ou latinos, e observar se porventura encontra nelles, não diremos hum periodo inteiro, mas nem ainda huma só frase de alguma extensão, que se pareça com taes composições, ou siga a mesma marcha (27). Ellas não constão em realidade senão de certo numero de vocabulos, que são proprios de ambas as linguas, ou que em ambas tem semelhantes terminações, procurados de proposito, e postos em huma determinada combinação, fóra da qual desapparece a affectada identidade, e fica reduzida a nada a força do argumento. Ellas mostrão que ha nos dous idiomas vocabulos e fórmas semelhantes; que ha algumas analogias em parte da sua organisação mecanica; emfim, que ha terminações identicas em algumas de suas vozes. Tudo o mais que de tal argumento se pretende deduzir, sómente prova ou a falta de conhecimento da verdadeira grammatica de ambas as linguas, e das suas mui differentes leis, ou a prevenção,

(26) Achão-se estas composições em varios escriptores nossos. Basta consultar João Franco Barreto na *Ortografia da lingua portugueza*, cap. 4.º; Faria e Sousa, na *Europa portugueza*, tom. 3.º, part. 4.ª, cap. 9.º, &c.

(27) Leão-se as doze centurias, que o nosso Amaro de Roboredo traz na sua *Porta de linguas* (Lisboa, 1623, 4.º), e se verá que de mil e duzentas sentenças breves, postas em latim e portuguez, nem huma só ha que se possa dizer com as mesmas palavras em ambos os idiomas, havendo muitas, que mostrão bem claramente a differença delles em vocabulos, genio e construcção.

com que semelhantes composições (que melhor poderiamos chamar jogos de palavras e frases) forão fabricadas por huns e admiradas por outros, como provas da identidade dos dous idiomas latino e portuguez (28).

Ultimamente, por não fazermos mais extenso, e talvez fastidioso este discurso, concluiremos com apontar alguns testemunhos de antigos escriptores, que, a nosso parecer, mostrão claramente a existencia e uso das linguas vulgares das Hespanhas no periodo da dominação romana de que tractâmos.

1.º Até o tempo de Cicero basta citar este mesmo illustre orador, que querendo dar algum exemplo de huma lingua inteiramente estranha e desconhecida aos Romanos, e cujas palavras inutilmente se proferirião no Se-

(28) Tambem o illustre Barros cahio em trazer para prova da conformidade da lingua portugueza com a latina aquelles chamados versos:

Ó quam divinos acquires terra triumphos,
Tam fortes animos alta de sorte creando;
De numero sancto gentes tu firma reservas, &c.

E não vio o sabio escriptor que se lhe podia fazer a censura, que elle mesmo faz em outro lugar a certo letrado, que se prezava de eloquente, e dissera: *dá-nos, Senhor, aquella, a qual o mundo não póde dar, paz;* e a outro que escrevendo huma carta, pozera na data: *desta de Lisboa cadêa, onde ha mezes sete que sou habitante.* (Veja-se a sua *Grammatica da lingua portugueza,* aonde tracta das figuras e vicios da oração, e entre estes do *cacosyntheton,* edição de Lisboa, 1785, em 12, pag. 170, e o *Dialogo em louvor da lingua portugueza,* no mesmo volume, pag. 218 e 219.) Aos quaes exemplos se póde ajuntar outro não menos digno de censura, tirado das obras do douto Bispo Pinheiro (edição de Lisboa, 1785, em 8.º, pag. 14), o qual na vida de Trajano, posta á frente da traducção do seu panegyrico, começa deste modo: *Ulpio Trajano, de nação Hespanhol, Ulpio de seu avóo, Trajano tomou de seu pay,* &c. E poderamos citar muitos outros lugares semelhantes dos nossos escriptores, dictados pelo empenho de fazer latina a lingua portugueza.

nado sem interprete, vai buscar a comparação á lingua punica e á hespanhola. «*Tanquam si Poeni* (diz) *aut Hispani, in Senatu nostro sine interprete loquerentur*» (*De Divinatione*, liv. 2.°, cap. 64.°, edit. de Oliv.), sendo que a este tempo já os Romanos frequentavão as Hespanhas havia perto de duzentos annos.

Em outro lugar, falando em defeza de Pompeo, não duvida conceder que este grande capitão ignorava a lingua do povo de Cadiz; mas reflecte, que nem por isso se devia julgar que lhe fosse desconhecido o verdadeiro sentido dos tractados que havia entre aquelle povo e a Republica. «*Etenim* (são as palavras do orador) *cum in Hispania bellum acerrimum et maximum gesserat, quo jure Gaditana civitas esset nesciebat? an cujus linguam populi non tenebat, interpretationem foederis non nosset?* (*Orat. pro Cornel. Balb.*, cap. 6.°)

No seu Tractado *de natur. Deor.*, liv. 1.°, cap. 30.°, nos dá ainda outro argumento da verdade que aqui pretendemos estabelecer, dizendo que os nomes dos deoses erão varios, segundo os idiomas de cada nação, e que Vulcano, por exemplo, tinha hum nome na Italia, outro em Africa, outro na Hespanha, sendo comtudo o mesmo Deos em todas estas nações venerado. «*Quot hominum linguae* (diz) *tot nomina Deorum; non enim, ut tu Velleius, quocumque veneris, sic idem in Italia Vulcanus, idem in Africa, idem in Hispania*», &c.

Finalmente na Oração *pro Archia*, cap. 10.°, se queixa o illustre orador de que sendo a lingua grega conhecida em toda a parte, e entre todas as gentes, erão comtudo estreitissimos os limites da latina. «*Graeca* (diz) *leguntur in omnibus fere gentibus: Latina suis finibus, exiguis sane, continentur*»; expressões notaveis, que parece indicarem que a lingua latina sómente era conhecida e falada no Lacio, ou quando muito na Italia (*suis finibus*), e das quaes o sabio orador não usaria, se já então a lingua

latina fosse não só conhecida e falada, mas até vulgarmente usada nas vastas regiões das Hespanhas (29).

(29) Das palavras de Cicero citadas, e de outras semelhantes, que se lêem nas suas obras (veja-se *De finibus*, liv. 1.º, cap. 2.º e 3.º) se póde bem colligir quam pouco estimada era a lingua latina dos proprios Romanos no tempo do illustre orador, e quam pouco conhecida seria, quanto mais usada e falada vulgarmente dos estrangeiros. Nós seriamos nimiamente extensos, se quizessemos accumular aqui todos os testemunhos, que mostrão a preferencia que não só em Roma, mas em todo o imperio romano se dava á lingua grega sobre a latina, ainda no tempo em que esta havia chegado á sua maior perfeição. Já acima notámos que os escriptores sagrados do Novo Testamento escrevêrão em grego as suas obras, ainda mesmo aquellas que erão particular e determinadamente dirigidas aos Romanos, como huma das Epistolas de S. Paulo, e (segundo opinião de alguns) o Evangelho de S. Marcos. S. Clemente, natural de Roma, e Bispo de Roma, escreveo em grego. Santo Ignacio escreveo em grego as suas Epistolas, huma das quaes he dirigida aos Romanos. S. Justino Martyr defendeo os Christãos em grego, em duas excellentes Apológias, endereçadas aos Cesares, ao Senado e ao povo romano. Athenagoras tambem escreveo em grego a Apologia a favor dos Christãos, offerecida a Marco Aurelio Antonino e a Lucio Aurelio Commodo, Imperadores romanos. Santo Ireneo, Bispo nas Gallias, usou da mesma lingua em seus escriptos; *nec enim refutari merentur* (diz Cave) *qui Irenaeum latine scripsisse volunt.* Em grego forão escriptas as Actas dos primeiros Martyres de Leão; e de Santo Hilario, que floreceo no seculo IV, diz hum escriptor moderno, que foi *o primeiro que escreveo em latim sobre materias theologicas*, vendo-se por isso obrigado a usar de muitos termos e frases dos Gregos seus modelos, por não achar no latim expressões correspondentes. Joseph, Judeo, de quem já tambem falámos, depois de ter escripto na sua lingua patria a *Historia da guerra judaica*, a traspassou ao grego, em graça daquelles (diz elle mesmo) *qui romano imperio reguntur*, e póde dizer-se que escrevia no palacio de Vespasiano. Do Imperador Tiberio nota Suetonio, que era prompto e facil em falar o grego, postoque se abstinha de o fazer no Senado. Claudio escreveo em grego, e affectava tanto o gosto dos estudos e poetas gregos, que por este motivo zomba delle galantemente Seneca, na sua *Claudii Caesaris* αποκολοκυντωσις. Antonino e Marco Aurelio escrevêrão em grego, e ao primeiro dizia Plinio:

2.° Estrabão, que escrevia em tempo de Tiberio, nomeando na sua Geografia (liv. 3.°) alguns povos das Hespanhas e da Lusitania, que havião recebido colonos ro-

«*Hominem Romanum tam graece loqui! non mediusfidius ipsas Athenas tam Atticas dixerim. Quid multa? invideo Graecis, quod illorum lingua scribere maluisti*». (Liv. 4.°, Epist. 3.ª) Antes de todos estes Albino, Polybio, Appiano, Dion Cassio, Denis de Halicarnasso e Eliano, escrevêrão as suas Historias em Roma, e na lingua grega, e comtudo Albino era romano e nascido no Lacio; Denis de Halicarnasso tinha vivido vinte e dous annos em Roma, e tinha aprendido, como elle mesmo diz, a lingua e a litteratura romana; Polybio era familiar de Scipião Africano, e Eliano era prenestino. O jurisconsulto Modestino escreveo em grego. O Imperador Juliano, educado na Italia, e longo tempo governador das Gallias, escreveo em grego, e nesta lingua pronunciou os seus panegyricos e alguns discursos publicos. Que mais diremos? as mulheres romanas falavão grego no meio de Roma. Juvenal, na Satyra 6.ª, falando dellas, diz com huma especie de indignação:

> *Nam quid rancidius, quam quod se non putat ulla*
> *Formosam, nisi quae de Tusca Graecula facta est?*
> *De Sulmonensi mera Cecropis? omnia graece,*
> *Cum sit turpe magis nostris nescire latine.*
> *Hoc sermone pavent, hoc iram, gaudia, curas,*
> *Hoc cuncta effundunt animi secreta. Quid ultra?*
> *Concumbunt graece* .... &c.

E na Satyra 3.ª:

> .... *Non possum ferre, Quirites,*
> *Graecam urbem, quamvis quota portio faecis Achaeae*

Eis aqui pois como a lingua latina era [illegible] mano! e como os Romanos a introduzirão por toda a parte com as suas armas e com a sua [illegible] a illusão, que ainda hoje nos faz [illegible] parte a preoccupação [illegible] primeira nossa [illegible] venção com que olhamos a lingua [illegible] a sua universalidade

manos, e que por esse motivo tinhão adoptado muitos dos costumes romanos, e até falavão a sua lingua, acrescenta que os demais Hespanhoes continuavão a usar de differentes dialectos e differente grammatica: *Utuntur et reliqui Hispani grammatica non unius omnes generis, quippe ne eodem quidem sermone;* por onde se vê, que á excepção daquelle pequeno numero de cidades, aonde era mais frequente o uso do latim, e aonde mais reinavão os romanos costumes, todas as outras conservavão todavia seus particulares e naturaes idiomas.

Outro tanto se collige do que nota o geografo no principio do liv. 4.º, que entre o Garonna e os Pyreneos tamsómente existião povos aquitanos, e que estes não tinhão nem *a mesma linguagem,* nem os mesmos costumes, nem a mesma figura que os Gaulezes, antes a todos os respeitos erão mais parecidos com os Hespanhoes, comparação que o escriptor não poderia fazer emquanto á linguagem se os Hespanhoes tivessem adoptado e falassem a latina.

3.º Plinio *(Historia Natural,* liv. 3.º, cap. 1.º) reconhece a affinidade que havia entre os Celticos da Betica e os da Lusitania, por terem huns e outros a mesma linguagem, os mesmos usos religiosos e os mesmos nomes de terras. «*Celticos* (diz) *a Celticis ex Lusitania advenisse manifestum est, sacris, lingua, oppidorum vocabulis, quae cognominibus in Baetica distinguuntur*».

4.º Santo Ireneo, no seu Tractado *advers. haereses,* liv. 1.º, cap. 3.º, querendo provar a auctoridade das *tradições* religiosas, inculca a sua uniformidade no meio da variedade das nações e das differentes linguas dos povos, e diz: «*Nam etsi in mundo loquelae dissimiles, sed tamen virtus traditionis una et eadem est. Et neque hae, quae in Germania fundatae sunt Ecclesiae, aliter credunt, et aliter tradunt; neque hae, quae in Iberis sunt; neque hae, quae in Celtis; neque hae, quae in Oriente*», &c.

5.º Tacito *(Annal., liv. 4.º, cap. 45.º)*, referindo o assassinio do pretor Lucio Pisão, perpetrado por hum Hespanhol termestino, diz que o reo mettido a tormento, clamára por vezes em alta voz, e *na sua linguagem patria,* que debalde pretendião extorquir-lhe a revelação dos seus cumplices: «*Cum tormentis edere conscios adigeretur, voce magna, sermone patrio, frustra se interrogari clamitavit*»; das quaes palavras deduz com razão o douto Florez, *que todavia se mantenia alli la antigua lengua española.*

6.º O celebre jurisconsulto Ulpiano, na L. 11.ª Dig., *de legat. et fideicommissis,* decide que os fideicommissos se podem deixar em qualquer linguagem, não só na latina ou grega, mas tambem na punica, na gauleza, ou na de outra qualquer nação: *Fideicommissa quocumque sermone relinqui possunt, non solum latina lingua, vel graeca, sed etiam punica, vel gallicana, vel alterius cujuscumque gentis*». E postoque nestas palavras se não faz expressa menção da lingua hespanhola ou lusitana, bem podemos comtudo suppor que huma e outra era comprehendida no pensamento do escriptor, visto não haver razão alguma attendivel para que a lingua latina não gozasse na Africa ou nas Gallias a mesma superioridade e preeminencia, que se lhe pretende dar nas Hespanhas.

7.º O anonymo auctor da *Divisão das gentes,* que escrevia em tempo de Alexandre Severo, e já no seculo III da era vulgar, affirma mais de huma vez, que os Hespanhoes ainda então tinhão lingua propria, e proprios caracteres de escriptura; e o mesmo repete depois delle Julio Africano, e outros escriptores citados em Pellicer, *Poblacion, y lengua primitiva d'España,* § 91.º

8.º S. Paciano, Hespanhol, e Bispo de Barcelona, que florecia depois do meio do seculo IV, escrevendo a Simproniano, lhe diz (na Epist. 2.ª, §§ 5.º e 6.º da edição de Florez) estas palavras: «*Latium, Aegyptus, Athenae,*

Thraces, Arabes, Hispani Deum confitentur. Omnes guas Spiritus Sanctus intelligit»; das quaes palavras jectura o claro Mayans, que no tempo do santo escri ainda na Hespanha se conservava *alguna lengua pro de sus naturales. (Origen de la lengua española,* §

NOTA

SOBRE AS LINGUAS VULGARES DA HESPANHA

MOSTRA-SE ANALYTICAMENTE QUE ESTAS LINGUAS NÃO NASCÊRÃO DA CORRUPÇÃO DO LATIM, NEM DA SUA MISTURA COM OS IDIOMAS DOS POVOS BARBAROS, QUE NO SECULO V INVADÍRÃO AS HESPANHAS

Credendumque doctissimis hominibus, qui unicum adversorum solatium litteras putaverunt. QUINTIL., *Inst.*, liv. 6.°, *Praefat.*

Serra de Ossa, 12 de Dezembro de 1828.

NOTA

SOBRE AS LINGUAS VULGARES DA HESPANHA

MOSTRA-SE ANALYTICAMENTE QUE ESTAS LINGUAS NÃO NASCÊRÃO DA CORRUPÇÃO DO LATIM, NEM DA SUA MISTURA COM OS IDIOMAS DOS POVOS BARBAROS, QUE NO SECULO V INVADÍRÃO AS HESPANHAS

Os escriptores que são de parecer, que a lingua latina se falou, como lingua vulgar e exclusiva, nas Hespanhas, nas Gallias e nas outras provincias occidentaes e meridionaes da Europa, observando que os idiomas vulgares actuaes destas regiões differem muito do latim, perguntão: *Quando começárão a introduzir-se estes idiomas vulgares, e de que maneira se creárão e introduzírão?*

Na opinião destes escriptores não deveria parecer facil dar cabal resposta á questão, que elles mesmos suscitão; porque em verdade mal se póde comprehender, como hum idioma nascesse de outro, e seja delle filho, quando entre ambos se observa huma grande differença no pensar, no genio, nas fórmas, nos idiotismos e na construcção da frase. Comtudo, elles passando ligeiramente pelas grandes difficuldades que o assumpto offerece a quem o considera de espaço, e com a devida reflexão, decidem que a lingua latina, depois de haver supplantado e extinguido os idiomas vulgares daquellas provincias, se conservou sempre dominante, postoque corrompida, e notavelmente alterada pelos idiomas dos povos barbaros que no seculo v invadírão, desmembrá-

rão e por ultimo extinguirão o imperio romano; e que desta mistura e corrupção he que nascêrão finalmente os idiomas actuaes da Europa, que chamão latina. De maneira que, segundo esta opinião, devemos reconhecer, que ainda actualmente falâmos o idioma latino, postoque alterado e corrompido; consequencia que parece absurda e inadmissivel, mas que directamente se deduz dos principios suppostos e tenazmente sustentados.

Assim, preoccupados estes escriptores da grandeza dos Romanos, e da superioridade e gloria das suas armas, quizerão accumular-lhes outra especie de gloria, attribuindo ao seu idioma a origem das linguas actuaes, e concedendo-lhes deste modo huma especie de continuação e perpetuidade do imperio, que por seus vicios e erros lhes foi arrebatado, e se acha ha muitos seculos totalmente extincto.

Huma das razões, que acaso moverião os doutos escriptores, de que falâmos, a adoptar a referida opinião, foi sem duvida o observarem, que nem hum só documento, monumento ou escripto nos ficou daquelles antigos tempos em alguma das linguas vulgares das Hespanhas, das Gallias, &c., ficando-nos pelo contrario muitos escriptos no idioma latino.

Esta razão porém não he solida, nem concludente. E primeiro que tudo (contrahindo ás Hespanhas as nossas reflexões), se deve advertir, que sendo ellas naquelles tempos divididas em vàrias regiões, e estás habitadas por povos differentes, sem unidade de governo, sem o vinculo de leis e interesses communs, sem o laço, ainda mais estreito, de huma só religião e de hum só culto, sem a communicação reciproca e frequente que resulta da civilisação, da agricultura, do commercio e das artes; póde dizer-se que cada povo vivia sobre si, com leis, usos e costumes particulares, e diversos dos

seus vizinhos, e total ou quasi totalmente separado delles (1).

Esta falta de unidade e communicação, não só mantinha entre elles a differença de linguagem, e a pobreza, imperfeição e barbaridade dos idiomas, mas tambem se oppunha a que algum dos mesmos idiomas ganhasse qualquer genero de superioridade sobre os outros. E ajuntando-se a isto a falta de interesses communs, e de commercio extenso e frequente, tambem as convenções civis, os contractos, e outros semelhantes actos, que costumão ser materia dos documentos, ou erão rarissimos, ou se não lançavão por escripto, ou emfim, sendo mui poucos e de difficil conservação, se perdêrão pelo decurso de tantos seculos e de tantas revoluções.

Em confirmação do que podemos notar, que do proprio tempo dos Romanos e dos Godos, se não conserva hum só documento escripto, que não seja relativo a objectos ecclesiasticos, ou composto por pessoas ecclesiasticas; porque só estes, ou pelo interesse da materia, ou pela veneração dos seus auctores, se conservavão com zêlo e cuidado, ordinariamente nos arquivos das igrejas e mosteiros, aonde ainda hoje se procurão, e se achão os que escapárão á voracidade do tempo.

Mas desses mesmos documentos, que continhão materia de hum interesse sagrado, publico, universal; desses mesmos documentos, que se multiplicavão com dili-

(1) Estrabão conta, na só Lusitania, desde o Tejo até á costa boreal, trinta povos differentes, e attribue á diversidade delles e á separação em que vivião os Hespanhoes, a facilidade com que fôrão entrados e conquistados pelos Tyrios, Celtas, Gregos, Carthaginezes e Romanos. «*Qui* (diz o geografo) *si conjunctis viribus tueri se voluissent, nunquam licuisset, neque Carthaginensibus, incursione facta, maiorem Hispaniae partem, nemine prohibente, subigere, neque ante hos Tyriis et Celtis,* &c. Veja-se tambem o que diz Luc. Floro, *Historia romana,* liv. 2.º, cap. 17.º; Velleio Paterc., e antes de todos Tito Livio.

gencia e zêlo, e se guardavão com especial recato e veneração, são hoje tão raros os exemplares, que bem se mostra nisto o poder do tempo e das revoluções do mundo, contra objectos aliás tão frageis e de tão facil ruina. As collecções de leis, os canones dos Concilios, as obras de Bispos e ecclesiasticos doutissimos sobre materias religiosas, as actas dos Martyres e outros Santos, os catalogos dos Bispos, as chronicas dos acontecimentos publicos, apenas hoje existem em alguns poucos codices manuscriptos, e muitos delles imperfeitos, e em parte destruidos, e nenhum (que saibâmos) autografo, ou coevo ao original (2). Os titulos das doações feitas a igrejas e mosteiros, os documentos que estabelecião, determinavão ou afiançavão os seus direitos e prerogativas, &c., perecêrão todos quantos se escrevêrão até os fins do seculo VIII, sem embargo do interesse e zêlo que os individuos e corporações tinhão em conserval-os (3). Desde os fins do seculo VIII, e por todo o IX e X, começão a ser na verdade hum pouco mais frequentes; mas esta frequencia, que sómente se póde assim chamar com respeito aos seculos anteriores, he em realidade huma falta quasi absoluta, se a compararmos com a multipli-

(2) O douto e laborioso Florez não conheceo mais que *nove codices antigos* dos Concilios das Hespanhas, como elle mesmo diz no tom. 21.º da *España Sagrada;* e pelas notas com que acompanha as suas edições das chronicas antigas, e de outros documentos que publicou, se vê quam poucos exemplares lhe foi dado examinar, apezar das suas diligencias e infatigavel zêlo.

(3) O mais antigo documento de todos quantos o erudito Florez vio e examinou para a composição da *España Sagrada,* he da era 813, anno de Christo 775 (*España Sagrada,* tom. 18.º, no appendice). Em outra parte diz o mesmo escriptor, que he *mui geral a falta de documentos dos seculos* VIII e IX, e que apenas restão alguns do tempo de D. Affonso III (fins do seculo IX e principios do X), em que a Christandade das Hespanhas começou a respirar. O illustre continuador da *España Sagrada* diz tambem (tom. 34.º) que *são mui raras as escripturas, ou privilegios, que temos, concernentes*

cidade dos assumptos, que provavelmente se lançarião em escriptura, e de cujos documentos todavia carecemos.

Não se póde pois com exacta e rigorosa verdade dizer absolutamente, que carecemos de documentos nas linguas vulgares, por se não haver escripto nada nestas linguas, ou porque ellas não existião. O que se póde só affirmar he que carecemos quasi totalmente de documentos escriptos naquellas antigas idades, e que o limitadissimo numero dos que se conservão e chegárão até nós, fôrão lançados em latim, porque quasi todos dizião respeito a objectos religiosos; porque quasi todos erão escriptos por pessoas ecclesiasticas, e porque a lingua latina, sendo mui geralmente entendida como lingua da religião dominante, e que por alguns seculos tinha sido a do imperio, suppria de algum modo a falta de unidade dos dialectos communs e dos povos que os falavão.

Mas aindaque nos faltem documentos daquellas remotas idades, escriptos em alguma das linguas vulgares das Hespanhas, nem por isso carecemos totalmente dos meios de provar a existencia dessas linguas, e de mostrar que ellas effectivamente se usavão e falavão muito antes do tempo, a que commummente se attribue a sua formação.

Já na nossa primeira Memoria demos provas, ao nosso parecer terminantes, de que a lingua latina nem foi, nem podia ser, a lingua vulgar dos povos da peninsula; e então deduzimos os nossos argumentos da propria natu-

aos reinados desde D. Pelaio até D. Affonso, o casto, isto he, desde o anno 718 até 842, em que falleceo o casto. Em toda a obra da *España Sagrada* não ha mais que huma escriptura do seculo VIII, e poucas do seculo IX. No nosso Portugal não sabemos de escriptura alguma, que seja anterior ao seculo IX, salvo a que traz Brito na *Monarquia Lusitana,* part. 2.ª, liv. 7.º, cap. 7.º, cuja authenticidade he mui duvidosa, &c.

reza da linguagem e da tenacidade dos povos em conservar a que no berço aprendêrão; da situação politica dos povos hespanhoes com respeito ao governo romano; da organisação das linguas vulgares comparada com a latina, e de outros principios, que em seu lugar expendemos. E mostrámos tambem, pelo testemunho de differentes escriptores, que em realidade as linguas proprias do paiz continuárão a falar-se por todo o decurso dos quatro seculos, que os Romanos senhoreárão pacificamente nossas provincias.

Daqui mesmo se segue que os actuaes idiomas das Hespanhas, nem se podem dizer filhos do latim corrompido pela mistura das linguas dos povos barbaros, nem tampouco começárão em algum dos seculos em que estes povos dominárão. Cumpre, porém, que não nos limitando tamsómente a esta consequencia, reforcemos com argumentos novos a nossa opinião, tanto para lhe darmos a conveniente solidez, como tambem porque do nosso discurso sahiráõ porventura algumas luzes, até agora não desenvolvidas, sobre as linguas vulgares da nossa peninsula.

Os escriptores que sustentão, que a lingua latina foi a lingua vulgar dos Hespanhoes no tempo dos Romanos, e que he a matriz dos actuaes idiomas, depois de haverem supposto extinctas as linguas antigas das Hespanhas, pela superioridade e imperio dos conquistadores romanos, negão o mesmo effeito á superioridade e imperio dos conquistadores barbaros, e até suppõem a estes dotados de tanta docilidade e de tanto respeito para com os primeiros, que (segundo a frase de Tenreros), não só *permittírão* que os Hespanhoes continuassem a usar do latim, mas tambem *elles mesmos o usárão e adoptárão, esquecendo-se de seus idiomas patrios.* Como se dependesse do arbitrio de qualquer conquistador extinguir a lingua de huma nação inteira e numerosa, dar-

lhe outra nova e totalmente diversa, e permittir ou prohibir o uso vulgar e commum deste ou daquelle idioma! E como se povos tão varios e diversos podessem e quizessem prestar prompta e geral obediencia a tão insensata pretenção!

Podem (não o negâmos, nem duvidâmos) os Principes ou os governos ordenar que em taes ou taes actos civis, publicos, authenticos, se use com preferencia, ou se empregue só e exclusivamente hum certo e determinado idioma; porque esta ordenação sómente abrange, por sua propria natureza, a hum limitado numero de pessoas, que para exercitarem seus officios e empregos, devem aprender e saber o permittido idioma. De maneira, por exemplo, que tendo a Igreja catholica destinado exclusivamente para a celebração da lithurgia religiosa a lingua latina nas nações occidentaes, a ninguem he permittido entrar no estado ecclesiastico sem se achar para isso habilitado com o prévio conhecimento daquelle idioma. Mas prescrever a huma nação inteira o uso vulgar, commum e domestico de certo idioma; obrigar povos numerosos a abandonar no seu tracto familiar o idioma em que fôrão creados, e que aprendêrão desde a infancia; ordenar-lhes emfim o uso de huma determinada linguagem, seria empreza tão absurda, como inexequivel, e mostraria a incapacidade e ineptidão do governo, sem poder obter, nem conciliar a obediencia dos povos.

Nem para tornar menos absurda esta pretenção se allegue e exagere a barbaridade dos povos, que invadirão as Hespanhas; porquanto, além de não termos huma medida exacta para avaliar o gráo dessa barbaridade (4),

(4) Nós quasi que não conhecemos a historia destes povos, e de outros muitos, a quem se dava a denominação de *Barbaros*, senão pelos historiadores gregos e romanos, os quaes sómente nos referem a respeito delles muito pouco, e com mui pouca exacção. Huns

deve tambem reflectir-se, que quanto maior ella fosse, tanto mais tenazes serião os povos na conservação de seus usos e costumes nacionaes: sendo por outra parte certo, que nem elles conhecerião a superioridade e belleza do idioma latino para o preferirem ao seu, nem a copia e regularidade deste idioma lhes seria necessaria para continuarem no tracto civil e domestico, que sem ella mantinhão entre si, ou com os seus vizinhos.

Além disso, esses povos barbaros tinhão differentes origens, costumes e até linguagens: entrárão nas Hespanhas com intuitos e interesses diversos e encontrados; fizerão crua guerra, não só aos naturaes e aos Romanos, mas tambem huns aos outros, até que julgárão necessario sortear o desgraçado paiz, que tinhão invadido, e distribuir entre si as differentes porções em que o dividirão (5). Mas nem esta providencia bastou para sa-

e outros chamavão *Barbaros* a todos os povos que não falavão a sua lingua, bem como já antes delles os Egypcios davão a mesma denominação ás demais nações. *Barbaros* dizia quasi o mesmo que *estrangeiros*. Os mesmos Romanos erão assim denominados pelos Gregos: e os Gregos tambem chamavão *Barbaros* a alguns povos da Grecia, que falavão huma lingua diversa da commum. Entretanto a nação gothica, por exemplo, a que pertencia o Bispo Wulfilas e o grande Theodorico, não parece que deva chamar-se *barbara*. Os procedimentos politicos do Rei de Italia, as suas grandes virtudes civis, as allianças com que assegurou o seu dominio, a protecção que deu ás sciencias e letras entre os Romanos; a instrucção de sua filha e neto nos persuadem o contrario. Dião Cassio (diz Millot) suppunha os Godos tão illustrados como os Gregos.

(5) Idacio, no *Chronicon* ao anno 411, da edição de Florez, no tom. 4.° da *España Sagrada*: «*Subversis memorata plagarum grassatione Hispaniae provinciis, barbari*... &c., *barbari ad pacem ineundam, Domino miserante, conversi, sorte ad habitandum sibi provinciarum dividunt regiones. Gallaeciam Wandali occupant et Suevi, sitam in extremitate Oceani maris occidua. Alani Lusitanam, et Carthaginensem provincias; et Wandali, cognomine Silingi, Baeticam sortiuntur. Hispani, per civitates et castella residui a plagis, barbarorum per provincias dominantium se subiiciunt servituti*».

ciar a ambição e cubiça que os devorava, e para estabelecer entre elles huma paz duravel.

Os Alanos e Silingos fôrão logo destruidos e extinctos (6). Os Wandalos passárão á Africa (7). Os Suevos, os Godos, e o que ainda restava de Romanos continuárão em suas discordias, já em guerra aberta, já em paz duvidosa e infiel, levantando-se tambem a cada passo de entre os mesmos invasores rebelliões domesticas, que era necessario rebater á força de armas. Os Francos inquietavão algumas vezes as Hespanhas com suas incursões (8). Os miseraveis indigenas, despojados de seus bens e direitos, desterrados, perseguidos e por muitos modos tyrannisados, vivião em dura e oppressiva escravidão. A propria religião de nada ou de mui pouco servia, para promover a união e concordia destes povos; porque huns erão christãos, mas arianos; outros catholicos, e outros idolatras ou pagãos. Assim que tudo era confusão, tudo estragos e ruinas.

Como seria pois possivel que, em tal estado de cousas, se tratasse de *permittir* o uso da lingua latina, e ainda menos de a fazer não só dominante, mas unica e vulgar? Como seria possivel que povos barbaros, discordes, inimigos huns dos outros, e todos dos Romanos

(6) Idacio, ao anno 419: «*Wandali Silingi, in Baetica, per Walliam regem omnes extincti. Alani, qui Wandalis et Suevis potentabantur, adeo caesi sunt a Gothis, ut extincto Atace, rege ipsorum, pauci qui superfuerant, abolito regni nomine Gunderici regis Wandalorum, qui in Gallaecia resederat, se patrocinio subjugarent*».

(7) Idacio, ao anno 429: «*Gaisericus rex* (Wandalorum) *de Baeticae provinciae litore, cum Wandalis omnibus, eorumque familiis, mense Maio, ad Mauritaniam et Africam, relictis transit Hispaniis*».

(8) S. Gregor. Tour., *Histor. Francor.*, liv. 3.º, cap. 29.º, liv. 6.º, cap. 12.º, &c. Santo Isidoro, *Histor. Gothor.*, á era 569. S. Julian., *Histor. expedition. Wambae ad rebellantem provinciam Galliae*, § 27.º, edição de Florez, no tom. 6.º da *España Sagrada*, &c. Chron. do Biclar, anno 588.

e dos indigenas, e exercitados de continuo no manejo das armas, se lembrassem de deixar os seus idiomas naturaes para adoptar hum estranho, por mais perfeito que elle fosse? E qual força ou motivo poderia obrigal-os a esta mudança, ainda no caso de a suppormos possivel?

A variedade e diversidade dos governos, e os seus odios reciprocos, não davão lugar a que houvesse sobre este objecto determinação alguma superior ou resolução uniforme. A belleza e formosura da lingua latina estava desde muito tempo afeiada, e até extincta, por causa da monstruosa extensão do imperio, e pela consequente communicação e mistura dos Romanos com tantos povos totalmente differentes em costumes e linguagem. O proprio imperio tinha acabado, ou acabou logo, com o governo de Augustulo, e com o estabelecimento de Odoacro na Italia (9). Os mesmos Romanos tinhão perdido (digâmos assim) o seu antigo brio, e já não desdenhavão as allianças, tanto politicas como familiares, com os barbaros. Alguns escriptores notão que depois de Galba não houve Imperador algum que trouxesse a sua origem das familias mais nobres e mais antigas de Roma. Maximino, que succedeo no imperio a Alexandre Severo em 275 da era vulgar, era Godo pela parte paterna, e Alano pela materna, e quando moço *apenas misturara algumas palavras latinas com o idioma da Thracia, que era a sua lingua natural*, como attesta Julio Capitolino. Probo era Pannonio, filho de pais humildes e de origem barbara. Diocleciano e Maximiano erão Illyricos: o primeiro da Dalmacia, liberto de hum senador; e o segundo da Pannonia. Graciano chegou a excitar a

(9) O Imperador Augustulo acabou de governar em 475 da nossa era. Depois delle reinarão na Italia os Herulos, os Ostrogodos e os Lombardos. Em Carlos Magno he que se tornou a renovar o imperio do Occidente. Os Orientaes não tiverão nem auctoridade, nem tropas nas Hespanhas ate o tempo de Justiniano pelos annos 517.

indignação e odio dos Romanos pelas particulares graças que fazia aos barbaros, admittindo-os aos empregos da côrte e exercito, e até affectando vestir-se como elles. Marobaldo, que se distinguio entre os generaes de Graciano, era parente de Valentiniano. Dagalaif, Marobaldo, Ricimer ou Richomer e Bauton, principes barbaros, fôrão consules romanos em 366, 377, 384 e 385. Theodosio cazou Serena, filha de seu irmão, com o celebre e infeliz Stilicon, que era Wandalo de origem, como nota Orosio. Duas filhas de Stilicon e Serena fôrão successivamente cazadas com Honorio, &c.; chamavão-se Maria e Thermancia. Terião acaso todos estes barbaros mudado de linguagem para merecerem taes distincções?

A historia attribue a bem differente causa esta condescendencia dos soberbos Romanos; e mostra que não podendo elles já conter, e muito menos subjugar as muitas e mui numerosas nações que por todas as partes salteavão o imperio, se vião na forçosa necessidade de os admittir entre as tropas auxiliares, de lhes conferir empregos distinctos, de lhes assignalar terras, em que podessem habitar nas fronteiras do imperio, de pagar-lhes pareas com o nome de pensões ou gratificações (10); emfim de fazer com elles frequentes allianças e tractados, muitas vezes humiliantes e vergonhosos, e quasi

(10) Não he facil determinar o tempo preciso em que os Romanos começárão a pagar estas pensões aos povos barbaros. Alguns escriptores asseverão que em tempo do cobarde e feroz Domiciano já os Romanos *pagavão tributo* (em todo o rigor deste termo) a Decebalo, Rei dos Dacios. Jornandes parece suppor isto mesmo, quando diz que os Godos, *temendo a avareza de Domiciano*, rompêrão à alliança, que tinha subsistido entre elles e os precedentes Imperadores. Adriano pagou pensões aos Sarmatas e Roxolanos; Commodo tambem pagou tributos aos Barbaros; Caracalla aos Barbaros que habitavão além do Elba sobre as costas do Oceano; e antes de Alexandre Severo já os Carpos se queixavão de que os Godos, e não elles, recebessem pensões do imperio, &c.

sempre pouco leaes e pouco firmes. Que seria da bella lingua latina no meio de tão estranha confusão, e maiormente depois de extincto o imperio do occidente, e de ser a sua capital e as suas provincias tomadas e occupadas pelos Barbaros? Por que titulo lhe dariam estes a preferencia, que se quer suppor, até o ponto *de se esquecerem de seus proprios idiomas para adoptarem o latino?* E cabe porventura na possibilidade, que povos inteiros esqueção e abandonem a sua lingua natural, para adoptar outra de genio e caracter totalmente differente?

Se consultarmos as chronicas e historias contemporaneas, ou proximas áquelles tempos, veremos que logoque alguns dos povos godos, a instancias do Imperador Valente, ou para alcançarem o seu favor, abraçárão a seita ariana, o seu Bispo Wulphilas, ou Gulfilas, que era tambem Principe entre elles, *inventou as letras gothicas, e traduzio os livros santos na sua lingua* (11).

Este facto, a que parece não se ter dado toda a attenção que elle merece, mostra que os povos godos tinhão já sahido do estado de barbaridade, e começavão a apreciar a importancia e as conveniencias de huma litteratura nacional e propria; mostra que o seu idioma era assás copioso e regular, para se poderem a elle traspassar os assumptos varios e pouco communs, que se comprehendem nos livros santos (12), e mostra finalmente que aquelles povos, sem embargo da longa e frequente com-

(11) Santo Izidoro, *Histor. Gothor.*, edição de Florez, á era 415, anno de Christo 377: «*Tunc* (diz) *Gulphilas, eorum episcopus, gothicas litteras condidit, et scripturas novi ac veteris Testamenti in eamdem linguam convertit*».

(12) He constante nos escriptores antigos e modernos, que Wulphilas traduzio em lingua gothica toda a Biblia do antigo e novo Testamento, á excepção dos Livros dos Reis, que julgou conveniente não fazer conhecidos áquelles povos, para não augmentar (dizem) o genio bellicoso da nação. Hoje sómente existem os Evangelhos gothicos, tendo-se perdido tudo o mais da traducção.

municação, que desde muito tempo tinhão tido com o imperio, não só não havião adoptado a lingua e litteratura romana, mas nem ainda se quizerão servir dos caracteres da escriptura latina, para com elles formarem ou melhorarem o seu proprio alfabeto.

Com effeito as letras da escriptura gothica, que se dizem inventadas por Wulphilas, não fôrão tomadas do alfabeto latino, antes se approximão mais do grego, do qual certamente fôrão imitados alguns caracteres (13). Os Godos alterárão tambem os caracteres da escriptura numerico-romana. Huns e outros se começárão a usar nas Hespanhas, logo que aquelles povos tiverão nellas algum dominio, como nos attestão ainda hoje os mais antigos monumentos litterarios, que se conservão em nossos arquivos. Huns e outros fôrão empregados não só emquanto durou o imperio godo, mas ainda por alguns seculos depois que elle foi destruido pelos Sarracenos; de maneira que só no seculo XI e anno de 1090 se ordenou, sob pretexto de *uniformidade entre os ministros da Igreja*, que d'ahi em diante se não usasse mais da letra gothica ou toletana, mas sim da letra gallicana (ou gallicano-romana) (14). Tanta era a importancia que se dava ao uso

(13) O *Chronicon*, publicado no tom. 6.º da *España Sagrada*, com o titulo de *Chronicon de Santo Izidoro e Melito*, diz assim: «*Tunc quoque Gilfulas* (al. *Gulphilas*) *Gothorum episcopus, ad instar graecarum litterarum, Gothis tunc reperit litteras, et utrumque Testamentum linguam in propriam transtulit*». Os auctores do *Diccionario Historico*, v. *Ulphilas*, se explicão deste modo: «Ulphilas, que sabia o grego, tomou delle alguns caracteres, que ajuntou aos da sua lingua natural, e formou hum novo alfabeto runico, composto de vinte e seis letras, classificadas em nova ordem, com novas denominações», &c.

(14) No Concilio de Leão, de 1090, se resolveu e determinou: «*Ut scriptores de cetero gallicam litteram scriberent, et praetermitterent Toletanam, in Officiis ecclesiasticis, ut nulla esset divisio inter ministros ecclesiae Dei*». Assim o refere D. Lucas de Tuy; mas o

de determinados caracteres de escriptura, e tanta a influencia que se lhes attribuia, não já sobre a linguagem, com a qual tem elles, sem duvida, mui estreita e necessaria ligação, mas até sobre os costumes, ritos e disciplina ecclesiastica, que então se pretendia fazer uniforme com a romana, a fim de estender e ampliar o poder da Curia, e de aplanar o caminho para a entrada e adopção de suas novas prerogativas!

E não foi sómente pela creação e uso de huma escriptura propria, e pela traducção dos livros santos no seu idioma, que os Godos quizerão mostrar a aversão que tinhão aos Romanos e aos seus usos, e quasi affectar huma total separação a respeito delles. Em muitas outras cousas mostrárão este determinado intento, e nos deixárão argumentos de quanto he inverosimil a supposta adopção e uso exclusivo da lingua latina em povos que tão avessos se mostravão em tudo o mais aos que elles chamavão *Romanos* (15).

E primeiramente, parece não se poder duvidar de que os Godos, sendo, como erão, Arianos, formassem para o uso das suas igrejas huma liturgia particular e propria, conforme com os errados dogmas que seguião. Santo Izidoro nos subministra a este respeito hum argumento decisivo, quando diz que os Godos *logo que tiverão letras e*

Arcebispo D. Rodrigo acrescenta alguma cousa mais, e diz que se determinára: «*Ut de cetero omnes scriptores, ommissa littera Toletana quam Gulfilas episcopus adinvenit, gallicis litteris uterunter*». A letra gothica ainda se acha depois daquella época em alguns documentos, e sómente se poz em total desuso desde o meio do seculo XII.

(15) He bem sabido que os Godos e os outros barbaros chamavão *Romanos* a todos os povos que habitavão as provincias do imperio, bem como em outro tempo os Judeos chamavão *Gregos* a todos os povos que erão sujeitos ao imperio macedonio, como consta dos Livros dos Machabeos, e de muitos logares do novo Testamento, e ás vezes mais em especial a todos os que não seguião o Arianismo.

lei, formárão e estabelecêrão para si igrejas da sua seita, nas quaes se ensinavão as doutrinas do Arianismo (16). E pelas actas do Concilio 3.º de Toledo nos consta, que os Bispos arianos, que nelle fizerão abjuração, fôrão exhortados pelos catholicos a condemnar a heresia *cum omnibus dogmatibus, regulis, officiis, communione et codicibus,* nas quaes palavras se vê que elles tinhão regras proprias de disciplina, officios ecclesiasticos diversos dos catholicos, e livros da sua seita, e acaso tambem alguns da escriptura santa, viciados e corrompidos.

Outra prova, não menos terminante, da separação que os Godos affectavão a respeito dos Romanos, he que logo tratárão de abolir as leis e o direito romano, compilando hum codigo seu nacional, em que reduzírão a escriptura os usos e costumes, pelos quaes até então se governavão; obra que os antigos escriptores attribuem ao Rei Eurico, e que foi executada mui poucos annos depois do estabelecimento dos Godos nas regiões occidentaes (17).

A data dos documentos publicos, que entre os Romanos era designada pelo anno da indicção e pelos nomes dos Consules, continuou a ser designada nos monumentos dos Godos das Hespanhas tamsómente pela era de Cesar, que por isso se chamou era hespanhola; aban-

(16) Izidoro, *Histor. Gothor.,* era 415, anno 377: «*Gothi autem, statim ut litteras, et legem habere coeperunt, instruxerunt sibi dogmatis sui ecclesias, talia juxta eundem Arium de ipsa Divinitate documenta tenentes, ut crederent*», &c. No Concilio III Toletano, do anno 589, em que se declarou e ratificou a conversão dos Godos, e a sua abjuração do Arianismo, condemnárão os Bispos arianos não só os dogmas da heresia, mas tambem *as preces ecclesiasticas,* de que usavão, *a communhão com os herejes, e os seus livros.* «*Haeresim Arianam, illius dogmata, preces ecclesiasticas, communionem, et libros* (diz Fleuri, *Historia Ecclesiastica,* liv. 34.º, § 56.º)

(17) Izidoro, *Histor. Gothor.,* era 504, anno 466: «*Euricus succedit in regnum... Sub hoc rege Gothi legum statuta in scriptis habere coeperunt; nam antea tantum moribus, et consuetudine tenebantur*».

donados todos os outros computos, pelos Consules, pelos annos dos Imperadores e pela indicção, e será rarissimo o documento ou monumento do tempo dos Godos nas Hespanhas, em que se achem nomeados os Consules, ou notada a indicção.

Os officios publicos, ou da caza dos Principes, bem como os titulos da nobreza, erão tambem, pela maior parte, proprios da gente gothica e diversos dos que usavão os Romanos. Taes erão *gardingo* e *gardingato, saião, gillonario, merino, senhor, tiuphado, rico-homem, escansão, eichão,* &c.

Os nomes ou appellidos que os Romanos havião dado a muitas cidades e povoações das Hespanhas, ou se não ouvirão mais no tempo dos Godos, ou apenas se conservárão em mui poucas: *Olisipo* não se chamou mais *Felicitas Julia,* nem *Evora, Liberalitas Julia,* nem *Tucci* teve mais o nome de *Augusta Gemella,* nem *Illiturgi* de *Forum Julium,* nem *Scalabis* (hoje *Santarem)* de *Praesidium Julium,* &c.

Os nomes de armas e outros respectivos á arte da guerra, usados pelos Godos, e ainda hoje em parte conservados entre nós, nada tinhão de romanos. Assim *adaga, elmo, bandeira, camarada, guarda, guerra, alabarda, pifano, flanco, estoque, escaramuça, bafordar, treuga, halto,* &c.

Os nomes proprios de homens e mulheres, que erão usados entre os Romanos, não tiverão acceitação nem fôrão adoptados, geralmente falando, pelos Godos. A maior parte dos que achâmos nos mais antigos documentos, ainda em Bispos e pessoas ecclesiasticas, são nacionaes, ou barbaros, ou gothicos: alguns gregos ou hebraicos, e mui poucos de origem romana (18).

(18) De mais de cento e cincoenta nomes proprios de homens e mulheres, extrahidos dos documentos de Portugal, que vem nas

Nunca os Principes godos usárão das vestiduras e insignias proprias dos Imperadores romanos. O seu traje era o ordinario entre a sua gente, e notou-se como cousa nova, que Liwigildo alterasse este costume de seus antecessores, e começasse a differençar-se, nesta parte, dos Godos sujeitos ao seu imperio, tomando o diadema e a opa real, assentando-se em throno, &c. (19).

Emfim, excederiamos muito os limites, que nos temos prescriptos, se quizessemos notar tudo aquillo, em que os Godos mostrárão a aversão que tinhão aos usos romanos, e quam longe estavão de querer adoptar o seu idioma. Acrescentaremos tamsómente alguns testemunhos antigos e fidedignos, pelos quaes se manifesta que aquelles povos effectivamente continuárão a falar a sua propria lingua, ainda depois que o seu Rei Theodorico, destruido o poder de Odoacro, exercitou huma grande influencia sobre os paizes, que até pouco antes formavão o imperio romano-occidental.

1.º Quando o mesmo Theodorico, senhor já da Italia,

Dissertações chronologicas e criticas, do sr. João Pedro Ribeiro, pertencentes aos seculos IX e X, apenas achâmos *Biatus, Julia, Julio, Armentario, Onorada, Patre, Valentinu* e *Laurezia*, que sejão de origem latina; e *Elias* e *Manuel*, que são hebraicos. Todos os mais são tomados de outros idiomas, e alguns delles são conhecidamente gothicos. Dos documentos dos seculos XI e XII, que vem nas mesmas *Dissertações*, extrahimos mais de trezentos e cincoenta nomes proprios, entre os quaes se achão tamsómente *Juliano, Justu, Bona, Romanus, Lucius, Gracia e Madrebona*, que sejão tomados do latim; *Pedro, Miguel, Davit, Joacino, Amsalom, Salamon, Daniel* e *Johanne*, que são tomados dos Livros Santos ou da communicação com os Hebreos; e *Ogienia* ou *Eogenia*, ou *Hogienie, Osebio* ou *Osevio*, e *Stephano*, que são conhecidamente gregos. Todos os mais pertencem a outros idiomas.

(19) Santo Izidoro, *Hist. Goth.*, era 606, an. 568: «*Primus etiam* (Leovigildus) *inter suos regali veste opertus, in solio resedit; nam ante eum, et habitus et consessus communis ut populo, ità et regibus erat*».

quiz alliar-se com o Rei dos Herulos, começou a conciliar a sua amizade *adoptando-o pelas armas*, adopção, que entre as nações barbaras passava pela mais honrosa distincção que podia fazer-se a hum Principe valoroso. Theodorico notificou esta adopção ao Rei dos Herulos em carta que lhe dirigio por seus embaixadores, no fim da qual dizia: «Depois de vos havermos saudado com a devida attenção, vos mandâmos participar outras cousas, *na nossa lingua materna*, pelos nossos embaixadores, os quaes vos explicaráõ com clareza o conteúdo de nossas cartas, e ajuntaráõ tudo o que necessario for para vos assegurar a nossa benevolencia» (20).

2.º De Amalasuntha, filha do mesmo Theodorico, e que depois delle governou o reino de Italia, juntamente com seu filho menor Athalarico, dizem uniformemente os escriptores antigos que falava a lingua grega, como se fosse educada em Athenas; que lhe não era estranha a latina; *que possuia perfeitamente a lingua materna*; e que era tão intelligente *dos idiomas barbaros*, que nunca precisára de interprete para responder aos embaixadores das *differentes nações, que então compunhão o imperio romano* (21).

3.º Desta mesma Rainha refere a historia que, ficando encarregada da tutoria de seu filho, e querendo dar-lhe conveniente educação, o mandára instruir *nas letras latinas*, expressão que se deve entender principalmente do estudo do idioma, por ser este absolutamente indispensavel a hum Principe que tinha o titulo de Rei de Italia (22).

(20) Histoire ancienne des peuples de l'Europe, par m. le Comte du Buat, [illegible] cap. [illegible] Cassiodor. Variar., liv. 4.º, p. 2.

(21) Procop. de bel. goth. liv. 1.º Cassiodor. Variar., liv. 11.º

(22) [illegible] liv. 11.º, cap. 2.º, § 6.º: [illegible]

4.º Theodahato, que foi Rei dos Godos, depois da morte de Athalarico, sabia tambem (segundo diz Procopio (23), a lingua grega e latina; «*erat autem Theodatus litteris graecis et latinis eruditus*»; elogio que se lhe não faria se o latim fosse a lingua vulgar daquella gente, pois não podemos, em tal seculo, e em tal pessoa, attribuir as palavras do escriptor a outro genero de erudição.

5.º As justas, torneios e outros jogos de armas (24), o uso frequente da espada, a equitação (25), o cuidado dos cabellos (26), a remissão de certos crimes por dinheiro, a uncção sagrada dos Reis, &c., fôrão costumes dos Godos, alguns dos quaes se conservárão e conservão ainda entre nós.

6.º De Bessas, que era Godo, natural da Thracia, e que foi hum dos generaes que commandárão na Italia debaixo das ordens de Belisario, diz o mesmo Procopio, que *falava a lingua dos Ostrogodos* (27).

rege sine virili prole decedente, cum matre successit in regno Italiae... Regina itaque pueri curam suscipiens, litteris latinis erudiendum tradidit», &c.

(23) Procopio, *de bello Goth.*, liv. 1.º

(24) Izidoro, *Hist. Gothor.*: «*Exercere enim se telis, ac praeliis praeluderemaxime diligunt* (Gothi). *Ludorum certamina usu quotidiano gerunt*».

(25) Ibid: «*Porro in armorum artibus spectabiles satis sunt, et non solum hastis, sed et jaculis equitando confligunt. Nec equestri tantum praelio, sed et pedestri incedunt; verumtamen magis equitum praepeti cursu confidunt*».

(26) Santo Izidoro, *Orig.*, cap. 19.º: «*Nonnullae gentes non solum in vestibus, sed et in corpore, aliqua propria ubi, quasi insignia vendicant, ut videmus cirrhos germanorum granos et cinnabar Gothorum*». As leis gothicas impõem a crimes graves a pena infame de decalvação. O tyranno Paulo e os seus sequazes entrárão no triunfo de Wamba, em Toledo, com as cabeças e barbas rapadas, como consta da *Historia da expedição de Wamba*, escripta por S. Julião de Toledo, contemporaneo deste acontecimento.

(27) Procopio, *de bello Goth.*, liv. 1.º

E no liv. 1.º *de Bello Vandal.* este mesmo escriptor falando em geral das nações gothicas, diz assim: «Houve sempre, e ha ainda hum grande numero de nações gothicas; mas as mais numerosas e as mais celebres são as dos Godos, dos Wandalos, dos Wisigodos e dos Gepidas. Chamavão-se em outro tempo *Sarmatas* e *Melanchlenes*. Muitos lhe tem dado o nome de nações *gothicas*. Os nomes são a unica differença pela qual se distinguem; porquanto todas ellas tem a pelle igualmente branca, os cabellos igualmente ruivos, o talhe esvelto, a fisionomia nobre e franca *(facies liberalis)*. Emfim, todas tem as mesmas leis, e *todas falão a mesma lingua*, que he a que nós chamâmos *lingua gothica*. Eu creio pois (conclue o escriptor) que estas nações fizerão em outro tempo *huma só nação*», &c.

Paulo Diacono, na *Historia miscell.*, liv. 12.º, cap. 11.º, referindo a origem dos Hunnos, diz: «*Nam hos, ut refert antiquitas, ita extitisse comperimus. Filimer, rex Gothorum, Godarici magni filius, post egressum Scantiae insulae, jam quinto loco tenens principatum Getharum, qui et terras Scythicas cum sua gente introiit, reperit in populo suo quasdam magas mulieres,* quas gothico sermone alyrumnas vocant», &c.; aonde se vê a existencia da lingua gothica, ao menos no tempo de Jornandes, de quem *(De Reb. Gothicis,* cap. 24.º) parece que o escriptor tomou esta noticia.

Quando Hunerico, Rei dos Wandalos, em Africa concedeu alguma tolerancia aos catholicos, a rogos do Imperador Zenão e da Princeza Placidia, lhe poz a condição, que «*nostrae religionis episcopis, qui Constantinopoli, et in aliis orientis provinciis sunt, libertas, tali quo voluerint idiomate, in suis ecclesiis praedicandi, et religionem christianam exercendi concedatur*» (28).

(28) Fleuri, *Historia Ecclesiastica*, liv. 30.º, ad annum 483.

Walafrido Estrabão, no seu tractado de *Officiis divinis*, escripto pelos annos 840, notando que a lingua teutonica usava de muitos vocabulos pertencentes á linguagem religiosa derivados do grego e latim, explica-se nestes termos: «*Quod inde factum, quia barbari in Romanorum exercitibus stipendia merebantur, et permulti praecones verbi Divini ad eos erudiendos veniebant. Itaque nostri permulta utilia prius sibi ignota didicerunt, praesertim a Gothis, qui post suscepta christiana sacra in provinciis Graecorum habitantes, lingua nostra, scilicet teutonica, utebantur. Tum qui inter eos doctrina excellebant, libros sacros in linguam suam transtulerunt, quorum exempla etiamnum in multorum manibus sunt. Id quoque a fratribus fidedignis nobis relatum, quod apud Scythas, praecipue Tomitanos, hodieque divina officia eadem lingua celebrentur*».

Fleuri reflecte que a traducção de que o escriptor fala, seria a do Bispo Wulfilas; «*sed alterius, praeter istud, testimonii, officium divinum lingua teutonica fuisse peractum, non recordor*, palavras de Fleuri (29).

Se estes povos pois tinhão huma lingua sua propria, e a conservão no meio da Italia; se os seus Principes, governando Romanos, e havendo tomado o logar e a au-

(29) Fleuri, na *Historia Ecclesiastica, ex version. latin.*, liv. 30.º, ao anno 484, referindo huma conferencia, que se fez em Carthago no dito anno, por ordem de Hunerico, Rei dos Wandalos, entre os Bispos arianos e os Catholicos, diz que, tomando Cyrillo, Bispo ariano, a presidencia, e pedindo-lhe os Catholicos que propozesse o que julgasse conveniente, respondêra que ignorava a lingua latina *(linguam latinam ignoro)*. Este facto prova quam longe estavão os povos barbaros de adoptar o idioma latino, pois os seus mesmos Bispos confessavão, e quasi affectavão, a ignorancia delle. Fleuri reflecte judiciosamente, que o Bispo Cyrillo queria inculcar, que não falava outra lingua senão a dos Barbaros *(volebat nempe obtendere quod Wandali, aliorum barbarorum more, lingua Teutonica loquerentur)*.

ctoridade dos Imperadores romanos, assim mesmo conservavão e falavão a sua lingua materna, e della se servião no trato mais secreto e reservado dos negocios politicos, que deveremos dizer dos Wisigodos, os quaes não só tinhão origem identica com a dos Ostrogodos, mas tambem relações politicas e familiares mui estreitas com os seus Principes (30), e além disso senhoreavão hum paiz em que a lingua latina havia sido muito menos predominante e exclusiva do que na Italia?

Á vista dos factos, que deixâmos summariamente referidos, parece indubitavel, que os Godos das Hespanhas continuárão no uso vulgar da sua lingua; e que sem fundamento algum solido, antes contra toda a probabilidade historica, se tem pretendido sustentar a transmutação do seu idioma para o latino, e o total *esquecimento do primeiro para adoptarem o segundo.*

Não ignorâmos que a compilação do codigo wisigothico, que se attribue ao tempo de Eurico, foi escripta na lingua latina. Mas nenhum argumento se póde daqui tirar contra a nossa opinião; porque ainda dado que fosse possivel a supposta adopção da lingua latina pelos povos barbaros, era impossivel que huma tal mudança se tivesse concluido desde a entrada delles nas Gallias e Hespanhas até ao tempo, em que se diz compilado o mesmo codigo. Por outra parte quem deste facto quizesse arguir que os Godos tinhão adoptado a lingua latina, dis-

(30) Além da origem commum de todos os povos godos, he bem sabido pela historia, que Alarico, filho e successor de Eurico no reino dos Wisigodos, foi casado com huma filha do grande Theodorico, Rei dos Ostrogodos. Sendo Alarico morto em Tolosa, e o reino usurpado por Gisaleico, foi este vencido por hum general de Theodorico; o reino foi dado ou restituido a Amalarico, seu neto; e Theodorico mesmo o governou como seu tutor por espaço de quinze annos. (Izidoro, *Histor. Gothor.*, era 521, 549 e 564, anno 483, 511 e 526.)

correria com tanto desacerto, como aquelles que do uso quasi exclusivo do latim em todos os documentos publicos, e até nas leis dos Principes, ainda nos seculos XII, XIII e XIV ou XV inferisse a generalidade, a vulgaridade e o uso exclusivo do mesmo idioma nesses seculos, quando he certo, e nós adiante mostraremos, que já muito antes do seculo XII se falavão os varios idiomas vulgares da Europa occidental, e determinadamente os das Hespanhas.

Escrevião-se pois nestes seculos e nos anteriores, em latim, os documentos e leis; e escreveo-se no seculo V em latim o codigo wisigothico, porque o latim era o idioma da religião, e o tinha sido do imperio romano, e, como tal, mui geralmente entendido e falado, não só pela numerosa classe das pessoas ecclesiasticas (31), mas tambem por aquellas que exercitavão ou podião vir a exercitar os empregos publicos da justiça e da administração civil. Era portanto como huma lingua universal, pela qual se communicavão, a respeito dos negocios publicos e geraes, os povos das differentes regiões da Hespanha, sem embargo da differença e diversidade de seus particulares idiomas. Era emfim (por assim o dizermos) a *lingua sabia* da nação, a *lingua escripta*, isto he, a unica lingua que se empregava, e continuou a empregar-se na escriptura, emquanto as *linguas faladas* não alcançárão aquelle grão de regularidade, copia, consistencia e generalidade, que se requer para por meio dellas se transmittirem de huns a outros homens, de huns a outros seculos, e se perpetuarem os multiplicados objectos dos conhecimentos ou dos negocios humanos.

Nem esta differença, que aqui fazemos, entre *lingua falada* ou *popular*, e *lingua escripta* ou *sabia*, deve pa-

(31) Por muitos lugares do codigo wisigothico se vê a influencia que nelle tiverão os ecclesiasticos.

recer estranha a quem tiver feito sobre este objecto a devida reflexão.

Póde, em certo modo, dizer-se que não ha nação alguma, em que se não observe este fenomeno. Todas tem muitos vocabulos, frases e idiotismos, que se não usão nos escriptos, senão apenas nos que sofrem ou demandão estilo comico e burlesco. Os vocabulos provincianos não entrão ordinariamente nas obras litterarias. Os particulares dialectos das provincias, ou dos povos, que pertencem ao corpo da nação, tampouco são admittidos nos escriptos sabios e nas obras de litteratura. «Na França (diz hum escriptor douto) *não se fala o francez nas provincias remotas da capital*; contudo o francez he a unica lingua em que se escreve. A lingua escripta da Hespanha he quasi exclusivamente a castelhana; a falada porém varia tanto como as provincias, e he differente na Vasconha, na Galliza, em Aragão, em Catalunha, em Granada, em Sevilha», &c.

Nos reinos de Leão e Castella sómente foi abolido o seu uso nos documentos publicos pelo meio do seculo XIII, reinando D. Affonso Sabio, ou em tempo de seu pai el-Rei S. Fernando, segundo opinião de alguns escriptores. Em Portugal foi no fim do mesmo seculo que el-Rei D. Diniz seguio aquelle exemplo. Em França continuou o uso do latim nos documentos publicos até o tempo de Francisco I nos principios do seculo XVI, &c. (32).

No seculo XV ainda se prégava em latim, ao menos em algumas solemnidades, e quando o concurso era de pessoas distinctas. Entre os sermões de frei Gregorio Britannico, impressos em Veneza em 1540, vem alguns com o titulo *Sermones vulgarizandi,* e outros *Sermones latine pronuntiandi.* Os sermões de S. Vicente Ferreira, de Mayl-

(32) Até 1535, diz Moreri, em que Francisco I ordenou se escrevessem em romance.

lard, de Busti, e outros, andão impressos em latim. Roberto Bellarmino, que depois foi cardeal, prégava no seculo XVI nos Paizes Baixos em latim.

Em 1498, nas Côrtes de Lisboa em tempo de el-Rei D. Manoel, foi necessario mandar-se por lei que os medicos não *escrevessem as receitas em latim,* impondo-se penas aos que fizessem o contrario, e aos boticarios que as aviassem.

A propria lingua latina, ainda depois de formadas, aperfeiçoadas e cultivadas as linguas vulgares, continuou por alguns seculos a ser a lingua geral, e quasi que a unica lingua sabia da Europa. Mui poucas obras litterarias se encontrão até o seculo XVII que fossem escriptas nos idiomas vulgares, nem estes se falavão nos collegios e universidades. Os tratados sobre a filosofia, e sobre os differentes ramos das sciencias, as obras de erudição e litteratura erão quasi exclusivamente escriptos em latim. A mesma historia, sem embargo de ser (digâmos assim) mais popular, se escrevia comtudo em latim, até na Italia, e já depois que Dante, Bocacce e Petrarcha tinhão creado e aperfeiçoado o idioma vulgar italiano. Emfim as negociações politicas dos Soberanos, os seus tratados, os titulos de suas allianças, &c., se escrevião tambem muitas vezes em latim. Até os Principes sarracenos, no tempo que dominárão a Hespanha, escrevião suas cartas neste idioma, quando erão dirigidas a Principes christãos. O santo e douto abbade cordovez Samson era frequentemente chamado ao palacio do Rei de Cordova, para pôr em latim as cartas que este Principe dirigia ao Rei dos Francezes, como elle mesmo attesta no seu *Apologetico,* &c. (33).

(33) *Apologet,* liv. 2.º *praefat.,* § 9.º: «*Dum epistolae regis Hispaniae ad regem Francorum essent, sub era 901, dirigendae, appellatus ex regio decreto ego ipse, quatenus, ut pridem facere consueve-*

A lingua portugueza foi mui geral no Oriente; era a lingua do commercio e da communicação de todos aquelles povos com os estabelecimentos portuguezes, e com os capitães das fortalezas, ou com os governadores e vice-reis do estado. Nós temos visto, e conservâmos algumas cartas escriptas pelo Rei de Melinde, e pelos Principes de Ormuz a D. João de Castro, em lingua e letras portuguezas. Comtudo elles tinhão e usavão as suas linguas proprias, e nessas mesmas cartas se achão talvez as assignaturas em lingua e caracteres arabes ou orientaes, &c.

De Rash Xarafo, guazil de Ormuz, que esteve muitos annos em Lisboa, e sabia bem a lingua portugueza, dizem os nossos escriptores que jamais, falando a el-Rei D. João III, usára senão do seu proprio idioma, servindo-se de interprete para ser entendido (34).

Deste modo pois, e só neste sentido, he que se póde dizer com verdade, que a lingua latina foi *vulgar* nas Hespanhas, e nas outras provincias occidentaes e meridionaes do imperio romano, bem como se diz da portugueza, que foi *vulgar* no Oriente, no Brazil, e em parte da costa occidental e oriental de Africa; e bem como se diz hoje, que a lingua franceza he *vulgar* em quasi toda a Europa, entendendo por *lingua vulgar*, não a lingua do vulgo, nem a lingua unica da nação, que fosse substituida ás linguas naturaes e proprias, e adoptada em lugar dellas, mas sim a *lingua geral*, falada e entendida de grande numero de pessoas, e usada nas communicações e commercio publico dos povos, nas ordens do governo civil e ecclesiastico, nas correspondencias politicas, nas obras litterarias, &c.

ram, ex chaldaeo sermone in latinum eloquium ipsas epistolas deberem transferre, adfui», &c. (Publicado no tom. 11.º da *España Sagrada.)*

(34) Couto, Dec. 6.ª, liv. 1.º, cap. 1.º

Deste modo se explica tambem sem violencia, e sem difficuldade, como nas linguas vulgares entrárão, e se conservão muitos vocabulos, e algumas fórmas, frases e idiotismos proprios da lingua latina; e como reciprocamente na lingua latina entrárão muitos vocabulos, frases e idiotismos das linguas vulgares, sem que nem estas, nem aquella padecessem alteração substancial em sua indole e genio proprio, na ordem da sua construcção, e nas fórmas caracteristicas, que constituem a differença essencial dos idiomas.

Tornando porém a atar o fio do nosso discurso, que por alguns momentos interrompemos, sendo certo que os Barbaros, que se assenhoreárão das Hespanhas, continuárão a falar os seus idiomas naturaes e proprios, e tendo nós mostrado em outra parte, que o mesmo se deve dizer dos povos indigenas no tempo dos Romanos, não podemos deixar de reconhecer, como unica consequencia da invasão dos Barbaros, a este respeito, a influencia dos seus idiomas sobre os das Hespanhas, a qual se tornaria mais activa e energica, á proporção que elles, pela diuturna communicação, pela frequente mistura das familias em casamentos, pela uniformidade de religião depois da conversão dos Suevos e Godos ao catholicismo, pela unidade do governo civil depois de Leovigildo, e finalmente pela progressiva civilisação se hião unindo em hum só povo, e formando huma só nação.

Cumpre porém notar, que esta influencia das linguas barbaras sobre os idiomas das Hespanhas não podia ser tão poderosa, como foi a do idioma latino, o qual sobre ser muito mais copioso, regular e polido, tinha da sua parte a grande vantagem que os Romanos levavão aos Hespanhoes em civilisação, e a outra ainda maior de ser a sua lingua a lingua da religião, das leis e da escriptura em todas as provincias occidentaes do imperio, o que só por si era bastante para que nas linguas vulgares destas

provincias ficassem, como em realidade ficárão, tantos vestigios do latim, que depois fizerão parecer identicos em origem estes idiomas.

Ajunte-se a isto, que os Suevos e Godos não podérão reformar a povoação, introduzida nas Hespanhas, com novas colonias da sua mesma origem, como fazião os Romanos, e como depois fizerão os Arabes; motivo por que no codigo wisigothico se virão obrigados a permittir os cazamentos com os indigenas, ou (como elles dizião) com os Romanos. E note-se, finalmente, que os Suevos e Godos dominárão estas regiões por muito menos tempo que os Romanos, e ainda assim tiverão entre si e com os naturaes, e até com alguns restos dos mesmos Romanos, tão frequentes dissensões e guerras, que apenas se póde contar o espaço de hum seculo, em que o governo godo mantivesse os Hespanhoes em socego e unidade, e podesse dar alguma attenção ás artes da paz.

E por aqui se entende bem a razão por que nos nossos actuaes idiomas se achão muito menos vocabulos godos do que se poderia presumir ou esperar; pois aindaque nos não sejão bem conhecidas as origens etymologicas de muitos, podemos comtudo ajuizar com assás probabilidade, que pondo de parte os vocabulos que são certamente gregos, latinos, orientaes e arabes, e os que temos dos povos modernos, ou modernamente descobertos, o fundo principal das linguas vulgares das Hespanhas he formado das palavras dos mais antigos idiomas usados nestas regiões, e sómente hum numero, proporcionalmente mui pequeno, se póde attribuir aos idiomas gothico, allemão ou teutonico, como nos seria facil mostrar pelo exame analytico dos nossos diccionarios.

De tudo quanto deixâmos ponderado se manifesta, que os idiomas vulgares das Hespanhas, nem são latinos nem godos na sua origem, nem se podem dizer

formados em alguma epocha de qualquer destes dous imperios; antes se deve ter por certo que as linguas, que falavão os povos destas regiões antes da invasão dos Romanos, fôrão continuando a ser empregadas no uso commum, vulgar e domestico dos mesmos povos, sofrendo porém continuas e repetidas modificações e alterações pela influencia constante das mesmas causas, isto he, pela longa communicação e trato com os povos estrangeiros, que successivamente invadírão e domináarão as Hespanhas, até que a maior civilisação, o gosto dos estudos, e sobretudo a união dos povos pela erecção de novas monarquias, e pela communidade de interesses, que d'aqui resultava, as foi trazendo ao estado de regularidade, em que as achâmos no principio do seculo XII.

Já confessámos que nos não era possivel apresentar documentos, que mostrassem a existencia destes idiomas naquelles antigos tempos, e indicámos as razões desta impossibilidade, deduzidas, tanto das causas geraes, que fizerão rarissimos os monumentos escriptos até os fins do seculo VIII, como do particular estado dos povos das Hespanhas e dos seus mesmos idiomas. Mas dissemos ao mesmo tempo, que nem por isso nos faltavão totalmente os meios de provar a effectiva existencia desses idiomas; e agora desenvolveremos com alguma extensão os argumentos, que a este respeito se nos offerecem, e que, em falta de documentos positivos, nos parecem bastantes para fundamentar huma prudente e razoavel convicção.

Do V e VI seculos são mui poucas e mui raras as obras que se conservão nas Hespanhas, e essas escriptas por alguns doutos e santos Bispos, ou por outras pessoas ecclesiasticas (como já notámos), as quaes pelo religioso cuidado, com que ainda naquelles tempos se davão aos estudos sagrados, e pela assidua applicação que fazião

ás obras dos Padres, escrevêrão commummente o latim sem os torpes barbarismos, que depois o fôrão progressivamente e cada vez mais desfigurando. Assim, os escriptos, que temos, de S. Paciano, Bispo de Barcelona; do douto Orosio, presbytero bracarense; de Idacio, natural da terra de Lima, e Bispo de Aguas Flavias; de S. Martinho, Pannonio, e Bispo de Dume e Braga; de S. João de Valclara, natural de Scalabis, e Bispo de Geronna, &c., os quaes todos florecêrão desde os fins do seculo IV até quasi aos fins do seculo VI, não nos offerecem vestigios notaveis das linguas vulgares.

Comtudo no *Chronicon* de Idacio, ao anno 441, achâmos attribuido aos sublevados tarraconenses o nome de *Bacaudas*, ou *Bagaudas*, que he o proprio nome gaulez, com que em tempos anteriores havião sido nomeados os rusticos levantados das Gallias (35). «*Asturius* (diz o *Chronicon) dux utriusque militiae, ad Hispanias missus, tarraconensium caedit multitudinem bacaudarum*» (36); e isto parece indicar que o vocabulo gaulez, ou existia tambem nas linguas vulgares das Hespanhas, ou a ellas tinha passado, e nellas se conservava com a mesma significação.

Os *Fastos Idacianos*, que são obra do seculo VI, e de auctor hespanhol, tambem usão de algumas expressões, que fazem lembrar a influencia actual das linguas vulgares sobre o escriptor.

Taes são, por exemplo:

«His conss., tenebrae fuerunt *inter diem* (37).»

«His conss., deposuerunt purpuram, *privati effecti.*»

«*Levatus est* Constantinus. *Levavit se* Eugenius tyrannus. Theodosius *videns se in extremis.*»

(35) *Eutropii Breviarium*, liv. 9.º, cap. 13.º

(36) Veja-se o mesmo *Chronicon* aos annos 443 e 449.

(37) *Entre dia*, idiotismo da lingua vulgar, que diz o mesmo que *de dia, durante o dia*, &c.

«Deus grandinem pluit *in modum petrarum.*»

«Suscepti sunt *in Romania pro misericordia.*»

«Ipso anno profectus est Valens Augustus ex urbe *ad fossatum*», &c.

No Concilio Bracarense 1.º, celebrado em 561, no canon 11.º, se ordena que os leitores não cantem nas igrejas em habito secular, *neque granos gentili ritu demittant;* aonde se vê que o vocabulo *granos,* de que usão os Padres, era sem duvida proprio da lingua vulgar, e derivado dos idiomas dos Barbaros, bem como o uso que elle exprimia, e de que Santo Izidoro fala nestes termos: «*Nonnullae gentes, non solum in vestibus, sed et in corpore, aliqua propria sibi, quasi insignia vendicant, ut videmus* cirrhos Germanorum, granos, et cinnabar Gothorum» (38).

No Concilio Bracarense 2.º, do anno 572, se lê esta clausula: «*Siquis balationes ante ecclesias sanctorum fecerit, seu qui faciem suam transformaverit in habitu muliebri...*», &c., aonde a palavra *balationes,* que não he latina, parece referir-se á lingua vulgar, e ao uso commum da provincia, aonde ainda hoje o povo rustico celebra as festas e romarias, fazendo ás portas dos templos bailes e danças, que talvez merecem, como nos antigos tempos, a censura ecclesiastica. No mesmo sentido empregão os Padres do Concilio Toletano 3.º, de 589, o vocabulo *ballimachia,* prohibindo as danças e torpes cantilenas nas igrejas. E Liciniano, Bispo de Carthagena (39), escrevendo nos fins do seculo VI a Vicente, Bispo da ilha Ebositana (40), e tratando da santificação do domingo, que alguns, parece, querião reduzir ao rigor do sabbado judaico, lhe diz: «*Utinam populus christianus, si die ipso*

(38) *Origin.,* cap. 19.º

(39) Florecia pelos annos 591.

(40) *Ebusa,* hoje *Ibiza.*

ecclesiam non frequentat, aliquod operis facerit, et non saltaret; melius que erat viro hortum facere, iter agere; mulieri colum tenere, et non, ut dicitur, ballare, saltare, et membra a Deo bene condita, saltando, male torquere, et ad excitandam libidinem nugatoribus cancionibus proclamare»; nas quaes palavras, além do mesmo vocabulo *ballare,* que o proprio escriptor não quiz empregar sem a precaução *ut dicitur,* quasi referindo-se ao termo popular, se observa tambem huma syntaxe, e arranjamento de frase, que mais parece accommodada ao genio dos idiomas vulgares, do que da lingua latina.

No proprio chronicon de S. João de Valclara (chamado o *Biclarense),* hum dos Lusitanos mais doutos do seculo VI, e que tinha estudado as letras gregas e latinas no Oriente, no seu proprio chronicon, digo, se acha algum resaibo da lingua vulgar, como mostrão, entre outras, as seguintes frases:

«Pacem eis *pro parvo tempore* tribuit.»

«Malaricus in Gallaecia tyrannidem assumens, *quasi regnare vult.*»

«Sectae Arianae ... *in dogmate veniunt christiano.*»

«In hoc ergo certamine gratia divina, et fides catholica *esse noscitur operata»,* &c.

Semelhante argumento nos subministrão, a respeito das Gallias, dous Concilios celebrados no principio do seculo VI, os quaes nos pareceo não deverem ser omittidos neste lugar, visto serem as duas nações, gauleza e hespanhola, perfeitamente analogas, emquanto ao assumpto de que tratâmos.

O primeiro Concilio he o de Orleans, do anno 511, que no canon 20.º prohibe aos monges *tzangas habere,* isto he, ter e usar certa especie de calçado, a que na linguagem vulgar se dava aquelle nome.

O segundo he o Concilio de Auxerre, na Borgonha, celebrado pelo mesmo tempo, o qual no canon 1.º diz:

«*Non licet kalendas Januarias* vetula (aliás *vecolo) aut* cervolo *facere, vel* strenas *diabolica observare»;* no canon 3.º: «*Non licet inter* sentes, *aut* arbores sacrivos, *vel ad fontes vota exsolvere»;* no canon 18.º: «*Non licet, absque paschae solemnitate, baptizare, nisi illos, quibus mors vicina est, quos* grabatarios *dicunt»;* e finalmente no canon 33.º: «*Non licet presbytero, nec diacono ad* trepalium, *ubi rei torquentur, stare»;* aonde *vetula,* ou *vecolo, cervolo, strennas, arbores sacrivos, grabatarios* e *trepalium,* exprimião sem duvida objectos assim denominados na linguagem vulgar.

A este genero de argumento costumão os defensores da opinião contraria occorrer com huma objecção geral, que nos parece necessario apontar e refutar aqui.

Dizem, pois, que as palavras e frases barbaras, que encontrâmos nos escriptores daquelles tempos e dos seculos posteriores, se introduzírão no latim por corrupção, e que do latim he que passárão aos idiomas vulgares, quando estes se fôrão formando daquella mesma corrupção.

Já na nossa primeira Memoria refutámos este modo de discorrer. Certo que os barbarismos, que achâmos no latim, se introduzírão nelle por corrupção; mas donde veio essa corrupção á lingua latina, senão dos idiomas vulgares, que nella de continuo influião, e que todos os dias hião progressivamente alterando a sua pureza, elegancia e graça nativa?

A corrupção e decadencia da lingua latina não foi obra de hum só seculo, nem se consummou de todo em huma época determinada. Os criticos contão a sua *idade ferrea* desde Constantino até Honorio, periodo que abrange quasi cem annos. Nos seculos V e VI foi peiorando a sua condição e estado; e todavia se nomeião ainda alguns escriptores, cuja locução he toleravel. D'ahi em diante foi de tal modo rapida, mas progressiva, a mesma cor-

rupção e decadencia, que se desconhece totalmente nos escriptos latinos, e principalmente nos documentos, o caracter deste bello idioma, não só pela multidão de vocabulos barbaros, que nelle se misturárão, mas ainda mais pela organisação do discurso, pela ordem e arranjamento da frase, emfim pela grande alteração que se observa no genio e constituição (digâmos assim) do idioma.

Esta corrupção, que dissemos *rapida*, mas *progressiva*, e *sempre crescente*, indica huma causa constante, e sempre activa, que pelos seculos successivos foi de continuo exercitando a sua força, e produzindo os seus effeitos; e esta causa não podia ser outra, que as linguas vulgares dos differentes povos, que erão ou tinhão sido sujeitos ao imperio, ou com elle tinhão tracto e communicação.

Acresce a isto, que nos escriptos e documentos, que nos restão daquelles antigos tempos, e maiormente depois do seculo VI, se nota huma estranha variedade e differença no latim usado pelos differentes escriptores; por onde parece mostrar-se, que não escrevião elles em huma lingua vulgar, exclusiva e geralmente adoptada, mas sim em hum idioma estrangeiro, que se estudava e aprendia nas escolas, e que recebia alterações e modificações varias, segundo era maior ou menor a pericia dos que escrevião, e mais ou menos efficaz sobre elles o influxo dos idiomas usuaes, quando hião a exprimir em latim os seus pensamentos. Mas adiante tocaremos ainda esta idéa, e daremos provas que a fação mais sensivel e manifesta.

Voltando ora ao nosso principal objecto, segue-se dizermos alguma cousa do seculo VII, o qual com ser hum dos mais favoraveis á litteratura sagrada das Hespanhas, nem por isso deixa de nos offerecer nas obras latinas vestigios dos idiomas vulgares, e do seu uso.

Entre os opusculos de S. Valerio, publicados na *Es-*

paña Sagrada, vem a vida de S. Fructuoso, *España Sagrada,* tom. 15.º, 2.ª edição, app. 4.º, em que o escriptor não só usa do vocabulo *gardingo,* que era godo, mas tambem, falando de certas aves pequenas, e de côr negra, acrescenta logo: «*Quas usitato nomine vulgus gragulas vocat*»; apontando deste modo o nome, que *o vulgo* dava áquellas aves no seu idioma *usual.*

Ahi mesmo, falando de hum mosteiro fundado por S. Fructuoso, se explica deste modo: «*Egregium fundavit cum Dei juvamine coenobium, et quod ab ora maris novem milliaria distet, ei nomen dedit* Nono»; nas quaes palavras se vê, que o nome de *Nono,* imposto ao mosteiro, he sem alteração alguma o vocabulo vulgar, correspondente á circunstancia, de que o escriptor o suppõe derivado.

Nos outros opusculos do Santo se achão tantas frases proprias do idioma vulgar, que se não póde desconhecer a influencia que elle tinha sobre o escriptor. Daremos sómente algumas poucas para exemplo:

«§ 19.º *Si non scis quo revertaris, ego tibi ostendo. Vides viam in monte illo? vade per illam,* &c.»

«§ 25.º *Tu quid cogitabas in cella tua?*»

«§ 45.º *Quid habetis, homines? aut quae est causa luctus et tribulationis vestrae? vos multi estis, et subvenire non potestis? Quid mihi datis, si ego admota manu subvenio?* &c.»

«§ 48.º *Nunc videbitur, si ego fugio, si tu.*»

«§ 58.º *Carrigavit asinum*», &c.

Em todas as quaes frases he facil reconhecer o genio, o caracter e o pensar proprio das linguas vulgares, sem outra differença mais que a de se acharem as mesmas frases alatinadas da maneira que o poderia hoje fazer o mais rude principiante do latim.

Outro escriptor do mesmo seculo, o douto e pio Paulo, diacono da igreja de Merida, metropole da Lusitania, na

sua obra *De vitis et miraculis Patrum Emeritensium*, diz no cap. 2.º: «*Post haec fercula diversa furtim subripiens, etiam vascula vinaria, quae usitato nomine guillones, aut flascones appellant, auferebat*»; aonde o escriptor emprega os nomes vulgares e usuaes daquelles vasos, ou porque acaso os não sabia nomear em latim, ou porque receiou não ser entendido, se de outro modo se explicasse.

E no cap. 17.º: «*Spiritu Dei repletus conludium eorum intellexit*»; aonde latiniza o vocabulo vulgar *conluio*, que ainda hoje existe nos actuaes idiomas.

Nos proprios escriptos do insigne doutor das Hespanhas, Santo Izidoro, achâmos, não obstante a sua grande erudição e bons estudos, algum resaibo do genio e caracter da lingua vulgar, como he facil conhecer pelas seguintes frases, que damos para exemplo:

«*Dedit licentiam de regno suo exire.*»

«*Forti plaga caeduntur.*»

«*In Hispaniam cum licentia imperatoris ingreditur.*»

«*Qui tandem reminiscentes salutis suae.*»

«*Hispaniam in potestate sua mittit.*»

«*Post tam felicis successum victoriae.*»

«*Gothi autem aspicientes benignitatem Theodosii.*»

«*Videntes Gothi proprio se everti excidio.*»

«*Hos* (Gothos) *Europae omnes tremuere gentes*», &c.

Acrescentaremos ainda aqui, que Santo Ildefonso, no livro *de Viris illustribus*, que escreveo em additamento e continuação aos de Santo Izidoro, falando de Conancio, que foi Bispo de Palencia desde o anno 607 até 639, o caracterisa de varão *communi eloquio facundus*; aonde as palavras *communi eloquio* parece não se poderem commodamente entender senão da lingua, ou idioma *commum* e *vulgar*, maiormente não mencionando ahi obra ou escripto algum de Conancio em lingua latina.

Dissemos pouco antes, que o seculo VII fôra hum dos

mais favoraveis á litteratura sagrada das Hespanhas, e bastaria para o provarmos (se necessario fosse, ou se isso aqui tivesse lugar), trazermos á lembrança dos nossos leitores, além dos illustres nomes que ficão indicados nos precedentes paragrafos, os de Tajon e S. Braulio, de Saragoça; os de S. Julião e Felix, de Toledo; o de S. Bracario, de Sevilha; e os de outros doutissimos Bispos e escriptores ecclesiasticos, que florecêrão naquelle seculo, e de que nos ficárão memorias e escriptos.

Era este o resultado natural de duas causas principaes e conspirantes: huma, a identidade de religião, que ficou estabelecida em toda a Hespanha depois da conversão dos Suevos e Godos, e total extincção do arianismo; outra, a unidade e uniformidade de governo e da nação, estabelecida tambem desde Leovigildo, em cujo tempo quasi toda a Hespanha ficou obedecendo a hum só Principe e a huma só lei.

Estas causas porém, que promettião á Hespanha hum grande lustre e consideraveis augmentos de prosperidade publica, fôrão logo violentamente contrastadas, e até aniquiladas, pelos vicios dos ultimos Reis Godos, e pela consequente invasão dos Sarracenos, que nos principios do seculo VIII destruírão o imperio godo, e sujeitárão quasi toda a Hespanha ao seu odioso e tyrannico jugo. Então cessárão quasi de todo os estudos ecclesiasticos; e como estes erão os unicos que até áquelle tempo havião mantido algum resto do idioma latino, foi este cedendo cada vez mais á influencia das linguas vulgares, até tocar o extremo da barbaridade, em que o vemos nos seculos VIII, IX e X.

No seculo VIII se nos offerece, como exemplo e prova notavel do que aqui dizemos, o chronicon de Izidoro, Bispo Pacence (de Beja) na Lusitania, a respeito do qual são dignas de reflexão as palavras, com que se explica

o douto Marianna (41): «*Isidorus* (diz) *Pacensis chronicon alterum confecit... eoque rudiori stylo,* ut non latine, sed alia prorsus lingua loqui videatur, *quae res nos compulit nonnullis locis voces aliquas immutare, ac latine reddere. Quid non faceres,* si aut arabice, aut vernacula Hispanorum lingua loqueretur? neque enim magis intelligatur; *usque adeo inversa pleraque, et implicata sunt*».

Nem he menos expressivo Vasco, falando da mesma obra: «*Portentum* (são as suas palavras) *potuis dixerim, quam chronicon; adeo prodigiose scribit, et gothice potius, quam latine. Certe mihi tanquam in novo quodam, et inaudito idiomate, desudandum fuit, ut intelligerem*».

Á vista do juizo destes dous escriptores, parece-nos desnecessario dar outras provas da barbaridade da linguagem, em que está escripto o chronicon de Izidoro, ainda tal, como hoje o temos, depois das correcções que Marianna confessa ter-lhe feito, e que outros provavelmente lhe farião. Póde ver-se o seu texto, impresso pelo doutissimo Florez, no tom. 8.º da *España Sagrada.*

Pertence ao mesmo seculo, e nos offerece outro semelhante exemplo, huma das cartas, que temos, do celebre Elipando, Bispo de Toledo, escripta a Felix, a qual começa por estas frases: «*Domine Felice: sciente vos reddo, quia exeunte Julio, vestro scripto accepi, et exeunte Augusto vobis item scripsi*», &c. E no corpo da carta: «*Certifica me, qui est positus in Roma*»; e ainda depois: «*De illo fratre nostro, qui defunctus est, audivi quod aliquid nobis mandarat dirigere, et ideo quaeso, ut manditis ad ipso famulo vestro Ermeduco*», &c. Quem não vê nestas frases o escriptor, que tendo concebido e ordenado as suas idéas segundo o genio e o pensar do idioma commum, as pretende exprimir em latim, sem ter noções

(41) *España Sagrada,* tom. 8.º

algumas deste idioma, nem do seu differente genio, caracter e organisação (42).

Du-Cange achou este documento tão notavel, que o poz na prefação do seu *Glossario,* como exemplo da extrema barbaridade a que tinha chegado a lingua latina. E o douto Florez, preoccupado, sem duvida, do systema geralmente seguido, mas não podendo explicar como no meio de outros escriptos, muito menos barbaros, se achava huma tão extraordinaria prova da degeneração do latim, discorre deste modo: «Inclino-me (diz) a que esta carta foi dictada no *estilo familiar, a que estava reduzida a lingua antiga, havendo outro estilo menos barbaro para escrever em publico;* do mesmo modo que em tempo dos Romanos, não obstante ser o latim a lingua vulgar, havia comtudo mestres de latinidade; porque as corrupções da plebe fazião degenerar as vozes e concordancias, de maneira que aindaque se chamasse *lingua romana, por ser de povos dominados pelos Romanos, entre os quaes havião introduzido a sua linguagem,* não era idioma latino, por não ser conforme com as regras. A este modo parece dever-se discorrer sobre esta carta, pois he mui desigual ás outras de Elipando; e para se explicar esta differença, se póde ter por verosimil, que *aquellas se escrevêrão, como para fóra da provincia, no latim mais limado,* que então se usava; e que esta, *como dirigida familiarmente a hum amigo, foi escripta em estilo vulgar»* (43).

Não he do nosso proposito analysar todas as proposições que se comprehendem neste bem estranho discurso de Florez; limitar-nos-hemos sómente a reflectir, que o modo por que este doutissimo escriptor explica a diffe-

(42) *España Sagrada,* tom. 5.º da 2.ª edição, appendice 10.º, pag. 558.

(43) *España Sagrada,* no tomo citado.

rença das cartas de Elipando, nos não parece legitimo, nem razoavel.

He certo que ha em todas as nações huma *lingua popular*, ou antes *plebêa*, que não he correcta, nem apurada, nem polida, e outra *erudita* (digâmos assim), sabia, correcta e polida, que he a que falão e escrevem os homens bem educados, os doutos, instruidos e sabios. Mas esta differença de linguagem, que se nota commummente entre as duas classes da sociedade, de nenhum modo se póde verificar em hum só individuo a tal ponto, que huma e a mesma pessoa tenha huma linguagem correcta para certos escriptos, e outra incorrecta e barbara para a pratica quotidiana e vulgar. O homem bem educado e instruido nas letras, aindaque nem sempre fale com igual esmero, elegancia ou polidez, nunca todavia emprega vocabulos barbaros, nem usa de grosseiros sollecismos, quer seja nos escriptos, quer seja na conversação.

O nosso parecer pois he que Elipando, sabendo mui pouco desse mesmo mau latim, que em seu tempo se usava, escreveria esta carta segundo o seu proprio e particular estilo, e cheia, por consequencia, de frases dictadas pela lingua vulgar, que elle não sabia traspassar ao latim; e que as outras cartas, que delle temos em melhor linguagem, serião mandadas escrever por algum dos notarios da sua Igreja, que erão os que naquelles tempos se applicavão mais ao latim para melhor poderem exercitar esta especie de officio, e aos quaes ordinariamente competia escrever as cartas ou papeis, que podemos chamar *officiaes*, as actas dos Concilios, as escripturas e documentos publicos, &c. (44).

(44) Fleuri, na *Historia Ecclesiastica*, liv. 45.º, § 13.º, ao anno 799, falando destas cartas de Elipando, diz que nellas «*solum notari meretur, quod stilus sit barbarus, et lingua latina corruptissima,*

Nem se estranhe que attribuamos a hum Bispo tamanha ignorancia do proprio latim barbaro do seu tempo. Os monumentos ecclesiasticos daquellas idades nos offerecem desgraçadamente muitas provas de que não era rara huma tão crassa ignorancia, ainda nos lugares mais elevados da jerarquia da Igreja.

Muitos outros argumentos semelhantes podéramos aqui trazer, em comprovação da influencia e predominio que as linguas vulgares tinhão tomado, e hião cada vez mais tomando sobre o latim, se os não julgassemos escusados á vista dos testemunhos positivos e terminantes, que vamos a deduzir; os quaes, mostrando a effectiva existencia e uso dessas mesmas linguas na Inglaterra, na Germania e nas Gallias, nos persuadem que outro tanto devia acontecer nas Hespanhas, cuja situação era, como já notámos, perfeitamente analoga á daquelles povos, pelo que diz respeito ao nosso assumpto.

Emquanto á Inglaterra, sabemos, que Santo Althelmo, Bispo, que florecia pelos annos 709, não só cultivou a poesia na sua *lingua vulgar, que era a anglo-saxonia,* mas tambem compoz canticos para uso do povo christão; e traduzio o *Psalterio* de David (45).

Aindaque aqui mostrámos a existencia das linguas vulgares em Inglaterra no seculo VIII, porque assim o pede a ordem do nosso discurso, temos comtudo provas decisivas da maior antiguidade das mesmas linguas naquella ilha. Pelos fins do seculo VI enviando S. Gregorio Magno o monge Agostinho e outros companheiros á conversão dos Inglezes, nota a historia, que estiverão

unde videlicet linguae vulgaris Hispanicae principia deprehenduntur». Tanto he certo que a carta, de que falâmos, indica a influencia da lingua vulgar, não principiada, como diz o escriptor, mas existente desde os tempos mais antigos!

(45) Calmet, *Diccionario,* v. *Biblia.* Fleuri, *Historia Ecclesiastica,* liv. 41.º, § 20.º, ao anno 709.

elles quasi resolvidos a desistir da empreza, sendo hum dos motivos *o ignorarem a lingua do paiz*. He João Diacono, que assim o escrevia pelos annos 870 na *Vida do Santo Doutor e Pontifice*: «*Augustinum* (diz) *cum aliis domus suae monasterii monachis in Britanniam evangelizandi gratia destinavit, qui susceptae peregrinationis, post dies aliquos, inerti toedio praegravati, redire domum potuis, quam barbaram, feram, incredulamque gentem, cujus nec linguam intelligerent, adire decreverunt*». O mesmo S. Gregorio Magno, louvando o fructo desta seara evangelica, no seu *Lib. Moral. in Job*, liv. 27.° cap. 8.°, se explica nestes termos: «*Ecce lingua britanniae, quae nihil aliud noverat, quam barbarum frendere, jamdudum in divinis laudibus hebraeum coepit halleluia resonare*». E Fleuri, falando deste mesmo facto, na sua *Historia Ecclesiastica*, ao anno 597, conclue assim: «*Francorum, Anglorumque linguae, quum gens utraque ex Germania ortum traheret, haud multum divertebant. Augustinus vero solius latinae gnarus erat*». Vê-se pois por tudo isto que na Inglaterra se falavão no seculo VI as linguas vulgares.

Outro Bispo, Egberto Lindisfarniense, traduzio tambem em anglo-saxonio alguns livros da Escriptura Santa; e ao veneravel e doutissimo Beda se attribue a versão do Evangelho de S. João na mesma lingua, segundo o testemunho de Cuthberto, seu discipulo, que escreveo as ultimas acções da sua vida (46).

O mesmo veneravel Beda, na epistola que dirigio a Egberto, Bispo de Eborac (Yorck), pelos annos 732, em que lhe dá sabios e pios conselhos sobre o governo e direcção da sua diocese, lhe recommenda, que ponha presbyteros (isto he, *parocos*) nas differentes povoações,

(46) Fleuri, *Historia Ecclesiastica*, liv. 42.°, anno 732. Calmet, *Diccionario*, v. *Biblia*. Bergier, *Diccionario Theologico*, v. *Version*, &c.

os quaes tenhão especial cuidado de fazer que todos aprendão de cór o symbolo da fé e a oração dominical, e que no caso de haver alguns, *ainda clerigos ou monges,* totalmente ignorantes do latim, esses mesmos aprendão huma e outra cousa na lingua vulgar: «*Et illi* (diz) *qui linguae latinae ignari sunt, lingua vulgari, sive laici, sive clerici, sive monachi sint, symbolum cum oratione dominica decantent, ideo quipe ea in linguam anglicam transtuli, ut quibusdam presbyteris rudibus servirem*».

Poucos annos depois, em 747, foi este conselho do veneravel Beda reduzido a preceito no Concilio de Clowe-shou, ordenando-se, que os presbyteros aprendessem a *traduzir e explicar no idioma vulgar* o symbolo, a oração dominical, e as palavras solemnes dos sacramentos: «*Omnes presbyteri* (diz o canon) *symbolum fidei, orationem dominicam, sacrosancta verba, quae in missae celebratione, et officio baptismi, item quae in aliis ritibus ecclesiasticis solemniter dicuntur,* interpretari, et in vulgari lingua ponere discant». E he mui notavel, que sendo neste mesmo Concilio apresentadas duas cartas do Papa Zacharias, fôrão estas *lidas e explicadas em lingua vulgar,* como consta das actas, segundo o extracto, que dellas faz Fleuri, na *Historia Ecclesiastica,* ao anno 747.

Não são menos decisivos os testemunhos que temos da mesma pratica das linguas vulgares, emquanto ás Gallias e Germania.

No fim das actas do Concilio de Sestines (diocese de Cambray), celebrado em 743, se lêem *em lingua theotisca* as formulas da profissão da fé e da renunciação, que se costuma fazer no baptismo (47). E entre os avisos, que S. Bonifacio, apostolo da Germania, dá aos Bispos para o bom governo de suas Igrejas, se lê este:

(47) Fleuri, *Historia Ecclesiastica,* ao anno 743.

«*Qui baptizantur, in lingua patria abrenuntient, et fidem confiteantur, ut sciant quid promittant*».

Pelos annos 730 a 740, respondendo o Papa Gregorio III a algumas duvidas, que lhe propozera o mesmo S. Bonifacio, notâmos em huma das suas resoluções esta clausula: «*Illi vero, qui baptizati sunt* per diversitatem, et declinationem linguarum gentilitatis; *tamen quia in nomine Trinitatis baptizati sunt, oportet eos per manus impositionem, et sacri chrismatis unctionem confirmari*».

Semelhante resolução deo o Papa Zacharias, successor de Gregorio, em huma sua carta, ao mesmo S. Bonifacio, sobre o caso, que lhe fôra denunciado, de certo presbytero da Baviera, «*qui* (diz o Papa) *latinam linguam penitus ignorabat, et dum baptizaret, nesciens latine eloqui, infringens linguam diceret: baptizo te in nomine patria, et filia, et spiritu sancta*», &c.

Finalmente o Concilio de Francfort sobre o Meno, celebrado no anno 744, faz no canon 52.º esta notavel declaração: «*Ut nullus credat, quod nonnisi in tribus linguis Deus orandus sit; quia in omni lingua Deus adoratur, et homo exauditur, si justa petierit*»; sobre a qual reflecte judiciosamente Richard (48), que o canon não declara quaes sejão aquellas tres linguas, se deve comtudo entender que falava da hebraica, grega e latina; e que o intento do Concilio era rebater a opinião de alguns, que julgavão não se deverem dirigir supplicas a Deos, senão naquelles tres idiomas, em que estavão escriptos os sagrados livros, e se escrevêra o titulo da Cruz.

Já acima dissemos que estes testemunhos, pelos quaes se mostra a existencia e uso das linguas vulgares em algumas das nações da Europa occidental, são applicaveis, por analogia, ás Hespanhas; mas temos além disso, a respeito destas, hum particular e mui notavel testemu-

(48) *Analyse des Conciles*. Veja-se tambem *Nat. Alex.*, &c.

nho, que vem citado em Raynouard (49), e he tirado do chronicon de Luitprando, diacono de Pavia, edição de 1640, in-fol., pag. 372. Diz assim ao anno 728: «*Eo tempore fuerunt in Hispania decem linguae, ut sub Augusto, et Tiberio. 1.º, vetus Hispana; 2.º, Cantabrica; 3.º, Graeca; 4.º, Latina; 5.º, Arabica; 6.º, Kaldaea; 7.º, Hebraea; 8.º, Celtiberica; 9.º, Valentina; 10.º, Catalanica, de quibus in III libro Strabo, ubi docet, plures fuisse litterarum formas, et linguas in Hispaniis*».

A efficacia deste testemunho, para provar a existencia e uso das linguas vulgares nas Hespanhas no seculo VIII não depende da individual analyse e da exacta verdade de cada huma das suas partes. O escriptor viveo em tempo, lugar e circumstancias, que acaso lhe não permittirão maior esmero na verificação das noticias. Assim omittiremos algumas reflexões, que se poderião fazer, para rectificar ou explicar as suas idéas, advertindo sómente que as linguas *grega, caldaica* e *hebraica,* que elle põe entre as dez nomeadas, bem como a *latina,* não erão propriamente linguas de alguma determinada região, como a *cantabrica, catalãa, valentina,* &c., mas sim linguas que erão usadas e faladas por pessoas e familias daquellas nações, que ou vinhão ás Hespanhas com frequencia por causa do commercio e por outros semelhantes motivos, ou nellas se achavão, em grande numero, estabelecidas desde tempos mais antigos, e misturadas com a povoação indigena, postoque conservando sempre seus particulares idiomas.

Vindo ora aos seculos IX e X, observaremos primeiro que tudo em geral, que examinando-se com alguma attenção os documentos, que temos daquella idade, he mui facil reconhecer em todos elles, não já a lingua latina adulterada e corrompida, como parece nos escriptos dos

(49) *Recherches sur l'antiquité de la langue romane,* Paris, 1816. 8.º

seculos precedentes, mas sim a lingua vulgar, grosseira e barbaramente latinisada por notarios, que ignorando quasi de todo a lingua latina, e dominados do genio e indole das linguas vulgares, a cuja fraseologia estavão acostumados, sómente conservavão do latim algumas fórmas, vocabulos ou frases, ainda assim as mais das vezes empregadas com summa impropriedade, e fóra de tempo e de lugar. Reduziremos as nossas provas a algumas observações geraes:

1.ª Huma grande parte dos nomes proprios de povoações, lugares, montes, rios, &c., se achão enunciados frequentemente nestes documentos com as suas terminações vulgares, quasi sem mudança alguma, e sem indicio de que a lingua latina lhes tivesse jámais applicado as suas fórmas. Taes são, por exemplo, os seguintes:

In territorio de campo brancas *pascua,* quas vulgus dicit Seles *villa* sonozello. *(In villa, que vocam* Trasvari.)

Inter terminos de gato morto. *(In villa* que vozidant Osella.)

Usque ad Covam, *quae dicitur de Santa Maria.*

Ad portum de rio de couso. *(Eglesia . . ., que est sida* in Foz de Sauza.)

Per armatam de castinheira.

In illo fontano de villaverde. *(Vila* de Paradella.)

Usque ad aquam de Junqueras. *(Et dividet cum casale* de Don Teton.)

Usque ad valleis de fonte charsecedo.

Per medium flumen de Lerz.

Per aseba de castro vibester, *usque* in castro viride.

Medietatem de figueiroa, casal de Lavandeiras.

Usque ad covam de Sancho Espina.

Usque ad ripam de val de Taias.

Usque in flumen Carrione, *in loco ubi nascitur, et usque se jungit in Riorga, et usque Zamora.*

Per illo cerro de monte *usque in* roido, *et usque in* rego de Tasceto.

Villam quam dicunt Dumio.

Diocesim, que vocatur Trasancos, et Besancos, et Prucios.

Usque ad foz de busto.

Ad montem, qui vocatur Neni.

Juxta amne Aliere.

Vadit super rio *que dicunt* bono, *et concludit se* a fonte de escallos.

Santa Eulalia in Leneres, *et ipsas villas* Arce, Ienaria, Leneres, et Tulem, et Bas, &c.

2.ª Nos mesmos documentos, e nas suas assignaturas, se encontrão nomes proprios e patronimicos, taes como se usavão na linguagem vulgar, sem inflexão alguma latina. Assim, por exemplo:

Em documento do anno 804, depois de confirmarem alguns Bispos, pondo seus nomes em latim, se lêem est'outras assignaturas: *Alvaro abba, Munio archidiacono, Nunno archidiacono, Comes Nunno, Comes Richamundo, Tello Tellez, Godestio Peidrez, Severo Nunnez, Didago Pelaiez,* &c.

Em escriptura do anno 917 vem: *Virimundo nigro, Garvisio, Maurello, Sisibuto, Mauratelliz, Sisibuto Atanaildiz, Theodemiro Mutarrafiz.*

Em escriptura de 919 se lêem, entre outros que assignárão em latim, os seguintes: *Guttier Menendiz, Teton Lucidi, Albora, filius de Sanxo Lopiz,* &c.

Em escriptura de 923 assignão como testemunhas: *Abdelmondo, Fernando Diez, Didago Nepzi, Didago Diez, Gutier Ermendez, Nunio Albarez, Gutier Asuriz,* &c.

Em escriptura de 770: *Zalama abba; Alvaro testis; Trasmondo testis; Gondulfu testis.*

3.ª Huma grande parte dos nomes de moveis, trastes e utensilios, assim do uso ecclesiastico, como do uso

civil, domestico e commum, se vêem expressados nos documentos destes dous seculos com termos desconhecidos no latim, e são por isso mesmo outros tantos testemunhos da existencia e uso das linguas vulgares. Daremos tambem disto alguns exemplos, e escolheremos, entre os muitos que se nos offerecem, aquelles que mais dignos nos parecerem da curiosidade dos leitores:

(Anno 780)—*Duos carros, uno rocino, mantas sex, quinque feltros, sex sabbanas, duas litteratas, et quatuor sine serico, et tres hacelelias, et duas siacatas, quinque quitrabes, et quatuor tapetes, et tres vasos salomoniegos, et duodecim culiares argenteas* (50), *et unum argenteum trulionem.*

(Anno 870)—*Signum, caballos, cubus et cupas, santos, et pomares ameixenares, casas, lacar,* &c.

(Anno 927)—*Cupas duas plenas, lectos antemanos, kennaves lineas* (51), *plumazos, linteos lineos, muta sabanos et manteles.*

(Anno 936)—*Cum corte inclusa in Legionis urbe, in argento aurisellis, frenis, armis, ensibus, et balteis, cunctisque vasibus argenteis, aut vitreis, stramentis, et vestibus febrineis, sericeis, et polimatis, genapis, tapetis, pulvillis (cochins?), et ex omni genere lineis, in indumento corporis, ordinique toris, et mensis* (52), *pellibus agnorum,*

(50) *Duodecim culiares argenteas,* quer dizer *doze colheres de prata;* por onde se vê que este traste era já usado na meza no seculo VIII, e que sem fundamento algum attribue hum escriptor moderno este uso aos Italianos do seculo XIII como novo, admirando-se de que nesse tempo já houvesse *o luxo de comer com colheres e garfos de prata.*

(51) Já no seculo VII se usava o vocabulo *calnaben* por manta ou cobertor. Acaso *kennaves* quererá dizer o mesmo ou cousa semelhante.

(52) Por estas palavras do documento *ex omni genere lineis, in indumento corporis, ordinique toris et mensis,* entendemos *todas as*

et cuniculorum tan simplas, quam diploidatas, omne quod sunt, vel fuerint hora exitus mei.

(Anno 951) — *Casulas decem, una vermicula... alia zamor vermicula, tertia de algoton* (53) *in riris amarella, quarta de albaz similiter amarella* (54), *marahezes duas cardenas* (55), *casula alba de algoton, alias de lino, galnapes pallias quatuor antemanissimae, tapetia antemano, pulvinaria etiam antemanissima, cleapes, almuzallas, linollas, mantilia paria decem, ex his litteratos quatuor, sabanos paria decem,* &c.

(Anno 969) — *Sex lectos cum tapetes anmanus, cozedras, almuzallas, plumazos, aliphaphes, atibachis vulturina.*

Septem scamnos de tapetes, almuzallas, plumazos.

Etiam alios viginti unum lectos de almuzallas, mantas, plumazos.

Ornamentum mensae inter sabanas, et manteles polinistos pares sexaginta quatuor.

roupas de linho, tanto de vestir, como de cama e meza. Se neste juizo nos não enganâmos, vê-se tambem por aqui o erro do escriptor acima citado, que depois de attribuir aos Italianos do seculo XIII alguns inventos, que lhes não pertencem, acrescenta: «*Grande luxo era tambem no seculo* XIII *ter vidraças, vestir de linho*», &c. Se não fosse alheio do nosso proposito, facil nos seria mostrar, que as *roupas de linho* erão muito mais antigas que o seculo XIII fóra da Italia.

(53) *Algoton*, palavra arabe, que já tinha passado ao uso commum e vulgar.

(54) *Amarella.* Nenhuma das linguas actuaes da Europa tem este vocabulo para significar a côr que dizemos *amarella*, e os Hespanhoes *amarilla.* Sómente achâmos nos seculos X e XI o nome proprio de homem *Amarelo* ou *Amarellus.*

(55) *Cardenas* parece significar de *côr escura, livida,* ou *tirante a roxo.* Os diccionarios castelhanos trazem *cardeno*, significando a côr livida das contusões ou pizaduras; e em Bluteau achâmos *cardeo*, adjectivo, derivado do castelhano, com a mesma significação.

Litones pares centum viginti inter sabanas et manteles (56).

Vasa argentea, copas tres deauratas, alias tres litones, copos duos, missorios (57) *argenteos quatuor, culiares quatuordecim,* &c.

(Anno 1002)—*Lecto pallis obtimo cum duos plumazos et duos fazales, et gambane obtima, et tapede* I, *pulbillo de mensa mutas* II, *cum binas fazalelias... de vasos de mensa* V, *corneas... cavallello eneo pro cereo portare ad mensam* (58), *casula grecisca, balteum ex auro puro cum lapidibus suis, oralesci auro textiles, et illo uno cum perpendes deauratos,* &c.

4.ª A cada passo se empregão nos documentos destes seculos muitos outros vocabulos da lingua vulgar e commum, ora com alguma inflexão latina, ora sem ella, e as mais das vezes para significar ou explicar objectos, que tem denominação latina mui conhecida e facil. Taes são os vocabulos das seguintes frases:

In istum locum venimus cum haberes nostros.

Posuimos inter nos fuero, *ut ponamus nos fratres* custodiero.

(56) *Manteles.* Ainda hoje se conserva entre nós a palavra *mantens,* que parece ser aqui expressada por *manteles,* e significa em geral as *roupas da meza.* O officio de *manteciro,* e o nome de *mantearia,* conservado até ao presente na caza dos nossos Principes, tem a mesma origem.

(57) *Missorium* significava huma pequena concha propria para nella se lançar algum liquido. He vocabulo derivado, ao que parece, do grego μινσούριον, ou μινσωριον, usado por alguns escriptores da baixa edade. (Veja-se o *Onomasticon,* que vem no fim das *Vit. PP.* de Rosweyd.)

(58) *Cavallello eneo pro cereo portare ad mensam* parece quer dizer *cavallete de bronze,* especie de *candieiro para levar as luzes para a meza.* O vocabulo *cereo* não deixa duvida sobre a materia destas luzes. Comtudo o escriptor, que já acima por duas vezes citámos, põe entre os objectos de *grande luxo,* usados na Italia no seculo XIII, o *servirem-se de vélas para se alumiarem!*

Usque ad calzadam, *per* calciatam.
Foral *cum suis terminis.*
Usque cancellatam, *ipsa* incrucillata.
Usque ad sanctam Mariam subtus carrera.
De Piniella lombo lombo *usque summum* pozos.
Ob invidiam de suis tionibus, *contra suos* tios.
Fraude Maurecati tii sui, *pro anima* tionis nostri.
Quomodo illos obtinuit juri suo nostra tia (59).
Fortiamque suorum in hostem misit.
Quae ad nos pertinent hodie die (60).
De senara ad semenaturam *triginta modiorum.*
Uterium puldrorum (61).
Tumba *apostoli* (62).
Ecclesiam S. Eulaliae cum feligresiis *quatuor.*
Et cum feligresiis trium villarum.
Ecclesiam in arravalde *supradicte civitatis* (63).
Per xafarices *antiquos usque in* carraria (64).

(59) Os vocabulos *tio* e *tia,* que aqui vemos usados, e até frequentes, são gregos de origem, derivados de θεῖος, e θεία. Algumas vezes se achão em antigos documentos, ainda com mais perfeita analogia, *teyo* e *theio,* e no antigo romance francez se diria talvez *theion* e *theie.*

(60) *Hodie die,* he a expressão vulgar *hoje em dia,* mal traduzida.

(61) *Uterium puldrorum,* quer dizer *outeiro dos poldros.*

(62) *Tumba,* vocabulo ainda hoje usado, e frequente na lingua vulgar portugueza. Moraes, no *Diccionario Portuguez,* diz que vem de *tùmulus* por corrupção; mas he hum dos muitos erros etymologicos, que se tem introduzido pelo systema do latinismo. *Tumba* he o grego τύμβος, *tumulo, sepulcro,* &c., donde formárão τυμβεύω, *metter no sepulcro,* &c.

(63) *Arrabalde,* vocabulo arabe.

(64) *Xafarices.* Bluteau diz que alguns derivavão este vocabulo do arabe ou mourisco, e que o suppunhão deixado pelos Mouros, *particularmente em Lisboa.* O nosso documento porém do seculo x he lavrado em mui differente provincia, e a grande distancia de Lisboa. O vocabulo he hoje mesmo frequentissimo na provincia do Minho e na Galliza.

Venerunt ad junctam *regis.*
Incipit inventario *agnitionis.*
Duas mensuras olei, quos dicunt refresas.
Edificavit casas, cortes, *aravit,* &c. (65).

5.ª No modo de alatinar alguns nomes se observa huma extraordinaria variedade, a qual, a nosso parecer, mostra, que elles erão usados e pronunciados em differente lingua, e traspassados ao latim segundo o diverso gosto, pericia ou capricho dos notarios. Assim, por exemplo:

O nome proprio *Gomes* se acha nos documentos *Gomezius* ou *Gometius, Gomesanus* ou *Gomessanus, Gomizo, Gomece, Gomitius, Gomiz* e *Gomez,* e talvez *Gomessindus* e *Gomellus,* que parece dizerem o mesmo.

Simeão se escreve *Enxemenus, Eximinus, Excemenus, Simenus, Semeno, Scemenus, Ximenus, Gemenus, Semendus* e *Simeon.*

O rio *Astura* se dizia *Ezla, Estola, Estora, Extula, Stule, Stula, Stola* e *Estula;* e o valle de *Ezlonza,* que

(65) *Córte,* he vocabulo frequentissimo nos mais antigos documentos e escriptos desde o seculo VII, e parece significar *pateo* ou *parque* á entrada da caza ou mosteiro, e tambem *caza de campo com seu cerco.* Florez, explicando as palavras *córte cerrada,* diz: *isto he, cortelho, quinta* ou *granja.* Em huma escriptura dos fins do seculo IX diz el-Rei D. Affonso Magno: «*Commorantes in possessione nostra Cortulo, et suburbio civitatis Legionensis*»; aonde parece entender-se por *cortulo, caza de campo, caza de quinta, granja* ou *caza de recreação* fóra da cidade. Hoje na provincia do Minho, e principalmente nas aldêas, se dá o nome de *córte* ás cazas baixas, em que se recolhem os gados e animaes de trabalho, as quaes cazas são quasi sempre proximas e contiguas ás da morada do lavrador ou dono da fazenda, e talvez formão com ellas hum recinto ou pateo, ou parque, em que ha algumas arvores, horta, &c. Finalmente os antigos tambem chamavão *cortelho* huma pequena herdade cerrada, com horta e arvores. (Veja-se o *Elucidario,* v. *Cortelho* e *Cortinhal.*) Este vocabulo nos parece derivado do grego.

delle tomou o nome, se dizia *Alisonza, Elisonza, Slonza, Aslonza, Elsonza, Asilonia* e *Exlonza.*

Nagera, nome de cidade, se exprime nos documentos por *Nazera, Nazara, Nagera, Nagara, Najara, Naxara, Najala* e *Anagarum.*

Outeiro se traduz por *uterium, oterum, auterus, auterium, autario, outarium, auctuarius* e *actuarium.*

Anaduva se diz *anudba, annubta, annubata* e *annutuba.*

Fossadeira se diz *fossadaria, fossataria, fossataira, fossateira, fossatera, fossatura,* &c.

6.ª He frequentissimo nos documentos destes seculos o uso dos artigos das linguas vulgares, expressado pela fastidiosa repetição do pronome latino *ille,* nas suas differentes inflexões, talvez acompanhado das preposições que na linguagem commum os acompanhão. Bastarão para exemplo disto poucos periodos tirados dos mesmos documentos:

«*In primis* per illo rivulo, *qui descendit de Sarande...,* *et per aquam verto de Coto penin, et per Calelio* de illa bara, *et per penna aquilera, et* per illo trabe, *et per busto mezqueni, et* per illo stobio *de campo, et pro arbore recobo, et* per illa cerca de illa azorera, *et per granda* rebolla, *et* pro illo estobio, *de prato, et pro bustello,* in illa carrale antiqua, &c.

Per cerrum super illam vallinam, *et* per illam petram *super vibium, et* per illum oterum *de translamata, et* illum erum de Azetello, *et per* illum carbalium... *et* per illum rivulum de Gera asursum», &c.

7.ª Toda a syntaxe latina se acha estranha e grosseiramente alterada, e muitas vezes substituida pela syntaxe dos idiomas vulgares, de que daremos alguns exemplos, tomados ao acaso, e sem escolha, entre os muitos, que poderamos apontar. Taes são:

Foris Pyrinaeos montes.

Foris murum civitates.

Ecclesiam S. Joannis... cum suos veneros de ferro (66).

Per casal de Lovigildo, et inde *per rego qui discorre a casa de Trasamundo...* et *tornat se unde* primitus inquoavimus.

De *calzada ad sursum.*

Ecclesiam *S. Marie de monachorum.*

Quando exierunt pro Astorica populare.

Concedimus licentiam ad nostros homines, quantos *ibi voluerint* stare.

Facimus *testamento de nostras villas, et de nostros monasterios.*

De alios todos suos heredes, et postea *colivit* Gontigii presbiter *ipse Sangulfu in sua casa, pro li facere servizio bono... que non abuisse de ilo aliqua suposida mala,* &c.

Basilicam manentem sine regimine, et absque ibi aliqua fuisse doctrina.

Intus civitatis... sic de una parte quomodo de alia.

Accepimus de vos *in ofertione caballos duos optimos,* illo uno rosello, *et* alio raudano per colore.

Ego exiguo et indigno famulo Dei Salvatus abba.

Tornamus ad civitatem Astoricensem ecclesias de campo de tauro, per terminum *de autero de fumus, usquequo vadit ad Astorganos.*

Concedimus vobis, et adfirmamus sedem Hiriensem ubi electus et ordinatus estis pontifex (67).

Cautamus etiam ipsum monasterium per suis terminis, et loca antiqua, ipsa incrucillata super Parata valer.

Ad nunc, de omnes has hereditates, per misericordia

(66) Com seus *veneros de ferro.* O vocabulo *veneros* ainda se conserva no castelhano. Em portuguez corresponde-lhe *vieiros.*

(67) *Electus et ordinatus estis pontifex,* idiotismo das linguas vulgares, totalmente desconhecido do latim, bem como as frases analogas *vós sois douto, vós sereis sabio,* &c.

Dei, ante Domno Nunno episcopo, pro expiationem delictorum, postea devenit ad necessitate, una cum sorores, &c.

O complexo de todas estas observações demonstra, a nosso parecer, incontestavelmente a existencia e uso dos idiomas vulgares no periodo de que vamos tractando; e que a linguagem, que os notarios então empregavão nos documentos não era, como se quer suppor, a linguagem latina alterada e corrompida, mas sim a linguagem commum e popular barbaramente latinisada por escriptores, que nada sabião do latim, senão o que se julgava bastante para satisfazer ao costume de escrever neste idioma. O resultado porém que tirâmos das precedentes observações se fará ainda mais sensivel e manifesto, se compararmos a linguagem dos documentos com a de outros escriptos, que se conservão, da mesma idade.

As obras (por exemplo) do celebre Alvaro, cordovez, ou do abbade Samson, doutos e pios escriptores do seculo IX, são, em verdade, cheias de palavras e frases barbaras; tem muito resaibo das linguas vulgares; tem, como se explica Florez, muitos e frequentes *hispanismos.* Comtudo se as compararmos, emquanto á linguagem, com os documentos e escripturas contemporaneas, acharemos entre elles a grande differença, de que já acima falámos, da qual se não póde dar outra razão senão que os escriptores instruidos e doutos estudavão e sabião hum pouco melhor o idioma latino do que os notarios, e não se deixavão tanto dominar e influir do genio e caracter dos idiomas communs, escrevendo, por essa razão, em latim mais toleravel.

Hum defeito porém achâmos ser commum a todos, o qual nos subministra huma nova observação, ainda não tocada nesta Memoria, mas digna da attenção dos leitores. Consiste na *ordem directa da construcção* da frase, que huns e outros seguem, e que he tão propria das linguas vulgares, quanto estranha e totalmente alheia do

genio e caracter da lingua latina; por onde se vê que erão aquellas, e não esta, que dirigião a locução dos escriptores, assim como tinhão regulado a ordem e arranjamento de suas idéas.

Mas deixando já este genero de provas, acrescentaremos algumas outras, que nos subministra a historia daquelles tempos, e que nos parecêrão decisivas.

Pelos annos 876, sendo a Italia infestada dos Sarracenos, e achando-se ameaçada de suas correrias a propria cidade de Roma e as regiões vizinhas, se dirigio o Papa João VIII a alguns Principes christãos, pedindo-lhes o seu auxilio contra os Barbaros, como refere Baronio ao referido anno. Então escreveo o mesmo Santissimo Padre a D. Affonso Magno, a quem chama *Rei das Gallizas*, pedindo-lhe que lhe mandasse alguns cavalleiros bem armados, daquelles «*que en nuestra lengua* (diz Ferreras e Marianna) *se llamaban cavallos alfaraces*». «*Dilectionem vestram* (são as palavras do Pontifice) *et animum deprecamur, ut quia, ut diximus, valde a paganis opprimimur, aliquantos utiles, et optimos mauriscos cum armis,* quos Hispani caballos alfaraces vocant, *ad nos dirigere non ommittatis*»; por onde se vê que João VIII, para fazer entender o objecto do seu pedido, não duvidou usar da propria expressão do idioma vulgar hespanhol, que assim denominava aquelles cavalleiros (68).

No anno 996 ou 997, dando-se a celebre batalha de Calatañazor, fronteira de Leão e Castella, referem os historiadores castelhanos, seguindo ao Arcebispo D. Rodrigo e a D. Lucas de Tuy, que no dia da batalha se ouvíra em Cordova, margens do Guadalquivir, a noventa leguas de distancia do lugar do conflicto, huma voz lastimosa, alternando em versos hespanhoes e arabicos

(68) Marianna, *Historia General de España*, liv. 7.º, cap. 18.º; Ferreras, ao anno 898; *España Sagrada*, tom. 14.º e 37.º

esta cantilena *En Calatañazor, Almanzor, perdiò el tambor* (69). O facto parece fabuloso, mas he de crer que fosse inventado no proprio tempo da batalha, e nesse caso, como judiciosamente reflecte o douto Andrès, nos offerece hum bom indicio de que *já naquelle tempo se cantavão versos em lingua vulgar* (70), tanto no territorio hespanhol, como no que era dominado dos Arabes, porque ninguem aliàs se lembraria de imaginar, ou fingir versos em hum idioma que não existia.

A estas provas acrescentaremos, segundo o nosso systema, alguns testemunhos, que mostrão indubitavelmente o uso das linguas vulgares nas differentes regiões da Europa occidental nestes seculos IX e X; porquanto julgâmos este só argumento bastante para suppormos o mesmo uso nas Hespanhas, ainda quando não tivéssemos tantas provas particulares, que assim o attestão.

Logo nos principios do seculo IX e anno de 813, achâmos, entre os monumentos ecclesiasticos, não menos que tres Concilios, cujas actas positiva e expressamente suppõem os idiomas vulgares nas Gallias e na proxima Germania.

O primeiro, celebrado em Tours, e conhecido entre os escriptores ecclesiasticos pelo *Turonense terceiro,* no canon 17.º, recommenda aos Bispos tenhão homilias para instruirem os povos, e que procurem traduzil-as *na lingua romana rustica,* ou na *theotisca,* ou *germanica,* a fim de que todos possão entender o que nellas se lhes ensina, «*et ut easdem homilias transferre studeant in rusticam romanam linguam, aut theotiscam, seu Germanam* (71), *quo facilius cuncti possint intelligere quae dicuntur*».

(69) Marianna, ibid, liv. 8.º, cap. 9.º

(70) *Historia de toda la literatura,* traducção castelhana, cap. 11.º

(71) *Quae* (acrescenta neste lugar Natal. Alex.) *tunc in Galliis vulgaris erat.*

O segundo, celebrado em Rheims, manda no canon 15.º que os Bispos préguem os sermões e homilias dos Santos Padres na *lingua propria do povo,* de maneira que todos as possão entender: *ut episcopi sermones et homilias sanctorum Patrum, prout omnes intelligere possunt, secundum proprietatem linguae, praedicare studeant.*

O terceiro finalmente, celebrado em Mayence, querendo promover e facilitar a instrucção do povo christão, ordena no canon 45.º, que os pais mandem seus filhos ás escolas, aonde possão aprender a doutrina da fé catholica e a oração dominical; e que aquelles que de outro modo não podérem, *aprendão, ao menos, huma e outra cousa na lingua vulgar.* «*Propterea dignum est, ut filios suos donent ad scholam, sive ad monasteria, sive foras presbyteris, ut fidem catholicam recte discant, et orationem dominicam, ut domi alios edocere possint;* et qui aliter non potuerit, vel in sua lingua hoc discat».

No anno 842, ajuntando-se os Reis Carlos e Luiz, em Strasburgo, para proverem á commum defeza contra seu irmão e inimigo Lothario, jurárão entre si alliança e confederação, cuja formula recitou Carlos *em lingua theodisca,* e Luiz em *lingua romana rustica,* como dizem os historiadores, referindo-se a Nitardo, escriptor contemporaneo.

Em 857 outro Concilio de Mayence ordena no canon 2.º que os Bispos sejão assiduos na lição e prégação; e torna a recommendar-lhes que tenhão homilias accommodadas á capacidade do povo, e *trasladadas em lingua vulgar,* sobre os pontos mais graves da doutrina christãa, para com ellas instruirem o mesmo povo.

Finalmente de Luiz Pio, filho de Carlos Magno, que começou a reinar pelos principios do seculo IX (em 814), dizem alguns escriptores, que não só fôra instruido, como seu pai, nos idiomas grego e latino, mas tambem, que mandára traduzir em *vulgar germanico* o antigo e novo

Testamento, como consta pela prefação de hum antigo livro em lingua saxonia, que vem no tom. 2.º de *Du-Chesne* (72). E na bibliotheca do mosteiro de S. Gallo, diz Natal Alexandre, que se guardava huma traducção dos Psalmos e do Livro de Job, em allemão, feita por Notkers, abbade daquella caza, pelos annos de Christo 890 (73).

A Inglaterra teve no seculo IX a fortuna de ser governada pelo grande Rei Alfredo, do qual sabemos, que não só protegeo e favoreceo os estudos, e a excellente escola, que já nos seus estados florecia (74), mas tambem cultivou as letras com particular applicação e esmero. Ao seu zêlo e recommendação se attribue a traducção dos *Dialogos* de S. Gregorio Magno no idioma vulgar, feita pelo Bispo wigorniense Werfrido (75); e elle mesmo não julgou alheio da auctoridade real promover a instrucção publica pelo seu exemplo, e até pelos seus proprios trabalhos litterarios, empregando-se em traduzir no idioma vulgar o tratado de Boccio *de Consolation. Philosoph.;* a *Historia* do nosso celebre bracarense Orosio; a *Historia de Inglaterra,* do veneravel Beda; os *Psalmos de David,* e o *Livro Pastoral,* de S. Gregorio Magno (76), &c.

(72) Calmet, *Diccionario,* v. *Biblia.*

(73) Natal. Alex. *Historia Ecclesiastica.* Calmet, lugar citado. Fleuri, *Historia Ecclesiastica,* liv. 54.º, § 46.º, ao anno 912.

(74) Esta escola, de que sahirão muitos homens celebres, deveo a sua primeira instituição no seculo VII ao arcebispo de Cantuaria, Theodoro, auxiliado do zêlo e instrucção do abbade Adriano. Nella aprendião muitos o grego e o latim com tanta perfeição, *que falavão estes idiomas como a propria lingua patria.* Assim se explica o veneravel e doutissimo Beda, no liv. 4.º da sua *Historia,* citado por Fleuri, *Historia Ecclesiastica,* ao anno 669. O Rei Alfredo, o grande, achando-a em alguma decadencia, animou e melhorou os seus estudos. Alfredo começou a reinar em 871 e falleceo em 899.

(75) Fleuri, *Historia Ecclesiastica,* liv. 54.º, § 38.º Natal. Alex.

(76) Calmet, lugar citado. Fleuri, *Historia Ecclesiastica,* liv. 54.º, §§ 9.º e 38.º Nat. Alex., &c.

Na prefação ao *Livro Pastoral* indica este grande Principe a extraordinaria decadencia, ou antes total ignorancia do latim, que observára até nos ecclesiasticos dos seus estados, quando tomára posse do throno, pois falando do zêlo e cuidado, com que em tempos anteriores havião sido cultivadas as letras, continúa com estas mui notaveis expressões: «*Dum e contra nostra aetate paucissimos anglos, cis Humbri fluminis ripas, inveni, qui preces ab omnibus recitari solitas intelligerent, vel scriptum quodcumque ex latino in linguam vernaculam vertere possent. Non memini me, in ora Tamiris meridiana, vel unicum novisse, qui latini sermonis peritus esset, cum regnum auspicatus sum. Nunc vero, Deo sint infinitae laudes! qui publicis muneribus funguntur, ad plebem docendam idonei sunt.* (77).

Fecharemos este artigo respectivo aos seculos IX e X, trazendo ainda aqui huns versos do já citado Alvaro Cordovez, que nos parecem dignos de alguma attenção, em prova do que vamos dizendo. Forão feitos por este douto e pio escriptor á *Bibliotheca* (78) do presbytero Leovigildo, e louvando o seu zêlo e instrucção, dizem assim:

> *Haec Leovigildi vigor obiter in uno redigit*
> *Septuaginta duos mittens sub vargina libros,*
> *Qui* Getica luce fulget, *vel* copia fandi,
> Germina vel lingua claret *per tempora secli,* &c.

Aonde as palavras *germina vel lingua claret,* seguidas immediatamente a *copia fandi,* parece deverem entender-se das *duas linguas, latina e vulgar,* em que aquelle douto presbytero era instruido e *copioso,* e de que Alvaro o quiz elogiar.

(77) Fleuri, *Historia Ecclesiastica,* liv. 54.º, § 9.º

(78) *Bibliotheca* chamavão os escriptores destes seculos á collecção dos *Livros Sagrados do antigo e novo Testamento.*

Se depois de tantas provas, que temos dado da existencia e uso constante dos idiomas vulgares nos seculos IX e X, podesse ainda restar alguma prudente duvida a este respeito, facil seria desvanecel-a pelo que havemos de dizer dos seguintes seculos IX e XII; porque sendo expressos os testemunhos, que temos, daquelle uso, respectivos a estes dous seculos, e não sendo possivel que hum idioma appareça formado de repente em qualquer determinada época, bem se conclue, que já nos seculos anteriores erão os idiomas vulgares empregados no uso commum e na communicação familiar dos povos.

No seculo XI, em documento do anno 1093, sobre litigio, que teve o Bispo de Leão com varios infanções, a respeito de algumas propriedades, que andavão usurpadas á sua Igreja, se lê este notavel periodo: «*Facimus agnitionem cujusdam intentionis que orta fuit inter episcopum legionense... et inter milites, non infimis parentibus ortos, sed nobiles genere, nec non et potestate, qui vulgari lingua infanzones dicuntur*»; aonde vemos expressamente nomeada a lingua vulgar, e declarada a significação do vocabulo *infanções*, que segundo a perifrase do notario erão *cavalleiros de nobre geração, aindaque não da primeira qualidade e poderosos.*

Offerece-nos outro semelhante argumento a *Historia da trasladação e milagres de S. Felix,* escripta neste seculo XI por Grimoaldo, monge do mosteiro de S. Millan, aonde se lêem em differentes artigos estas clausulas:

Quaedam igitur mulier, Oria dicta, de vico, qui vulgari lingua Balneus dicitur.

Alia rursus mulier, de villa vocata Petrosa orta, quae in territorio, quod vulgari nuncupatione dicitur Ulbere rivus, &c.

Quidam puerulus, Julianus nomine, de villa, quae vulgariter nuncupatur Cortices, &c.

Nas quaes clausulas se refere o escriptor á lingua vul-

gar, quasi desculpando o uso de vocabulos, que erão estranhos á lingua latina, ao menos no sentido em que os empregava.

Com estes testemunhos concorda outro, que se deduz da *Chronica do Silense*, escripta neste mesmo seculo XI, ou quando muito nos principios do seculo XII. Diz o escriptor no § 89.º: «*Venerat a Hierosolimis peregrinus quidam graeculus... qui in porticu B. Jacobi diu permanens, die noctuque vigiliis, et orationibus vacabat... Quum nostra loquela jam paulisper uteretur, audit indigenas, templum sanctum pro necessitatibus suis crebro intrantes, aures apostoli, bonum militem nominando, interpellantes*», &c.

Para applicarmos este lugar ao nosso intento, basta sómente notar aqui, que o peregrino grego, frequentando, dia e noite, por muito tempo o portico da igreja de Santiago, e *entendendo já alguma cousa da lingua hespanhola ou gallega*, percebia, que os indigenas imploravão a protecção do santo, rogando-lhe que *como bom soldado* favorecesse as armas de el-Rei, então empenhado na tomada de Coimbra, &c. Póde ver-se o *Chronicon* no tom. 17.º da *España Sagrada*, e o que a respeito do acontecimento escreve Florez no tom. 14.º da segunda edição, pag. 99.

No seculo XII, e logo no seu principio, anno de 1109, se começou a escrever a *Historia Compostellana* (79), a qual em muitos logares nos offerece os mais expressos testemunhos do uso das linguas communs. Escolhe-

(79) Fórão auctores da primeira parte desta historia D. Hugo, que depois foi Bispo do Porto em Portugal, e D. Munio Affonso, que tambem subio a Bispo de Mondoñedo. Logo que os dous escriptores fórão sagrados para as ditas Sés em 1113, foi a segunda parte da *Compostellana* continuada até o anno 1139 por Giraldo, Conego de Santiago, que se intitula *Didascalo*, os quaes todos a escrevêrão de mandado do Bispo de Compostella D. Diogo Gelmirez.

remos alguns poucos, omittindo outros, que o leitor curioso encontrará a cada passo na mesma obra.

Liv. 1.°, cap. 2.°, § 5.°: «*Altera ergo die cum militibus suis inter epulas sedenti, dapifer suus unum ex intestinis illius vaccae,* quod gallaeco vocabulo duplicia nuncupatur, *in scutella argentea inter alia fercula apposuit*» (80).

Ibid., cap. 3.°, § 1.°: «*Captando terram illam,* quae Montanos nostro vocabulo vocitatur».

Ibid., cap. 24.°: «*De debito S. Pelagii de Luto,* quod vulgari appellatione portaticum dicitur».

Ibid., cap. 96.°, § 15.°: «*In unoquoque sabbato... lupos exagitantes persequantur, et eis praecipitia,* quod vulgus fogios vocat, *praeparent*» (81).

Liv. 2.°, cap. 12.°: «*Duas itaque naves,* quas vulgus galeas vocat, *viae fuit praeparari*» (82).

Ibid., cap. 84.°: «*Machinamentum etiam bellicum, quod* a vulgo gatus vocatur, *fieri fecit*», &c.

Nem sempre forão os escriptores da *Compostellana* escrupulosos em resalvar os termos vulgares, de que usavão na sua composição. Muitas vezes os empregavão, sem precaução alguma, como se vê pelos exemplos seguintes:

Liv. 1.°, cap. 25.°: «*Totam curtem* (toda a *côrte)*».

Ibid., cap. 30.°: «*Alium sautum* (outro *souto)*».

(80) O vocabulo gallego he *dobrada,* que o escriptor exprimio por *duplicia.* Ainda hoje na provincia do Minho se dá o nome de *dobrada* á parte dos intestinos da vacca, de que aqui se queria falar.

(81) *Fojo,* vocabulo frequente no Minho, que significa *as covas,* que se fazem para caçar os lobos.

(82) *Galeas,* isto he, *galeras.* Em outros lugares as denomina *biremes.* Assim, no liv. 1.°, cap. 103.°: «*Factis duabus biremibus, quas vulgus galeas vocat*»; e no liv. 2.°, cap. 75.°: «*Biremem namque, quae vulgariter galea vocatur*», &c. No liv. 3.°, cap. 29.°, lhes dá tambem o nome de *piraticas.* «*Praefata* (diz) *navis piratica, quae vulgo galea dicitur,* &c. Parece vocabulo celtico.

Ibid., cap. 55.º: «*Uberrimas* solidatas (grandes *soldadas)*».

Ibid., cap. 96.º: «*Nullus* sajo *(saião)*».

Ibid., ibid: «*Romarii* (os romeiros)».

Ibid., ibid: «*Talega (taleiga,* certa medida gallega)».

Ibid., cap. 100.º: «*Adjuvem, et amparem* (do v. *amparar)*».

Liv. 2.º, cap. 68.º: «*Bonos foros* nostrae civitates *(os bons fóros,* &c.)».

Ibid., cap. 86.º: «*Milites honest* pacare *(pagar* decentemente os soldados)».

Liv. 3.º, cap. 33.º: «*Caseos et manteiga vendant per pesum* (vendão *a peso o queijo e manteiga)*».

Ibid., cap. 7.º: «*Quia vos modo venistis fatigatus ex itinere* (porque agora *vindes fatigado,* &c.)».

Ibid., cap. 24.º: «*Quia mens pater spiritualis estis* (porque *sois meu padre espiritual)*», &c.

No liv. 1.º da mesma obra, cap. 34.º, referindo os seus auctores, que o Bispo de Compostella se queixára de certa desobediencia do Bispo de Mondoñedo, perante o Concilio de Leão, e em presença de el-Rei, notão que o compostellano fizera a sua queixa ou representação *em latim.* «*Cum ergo* (dizem) *Toletanus Archiepiscopus, et S. Rom. Ecclesiae legatus Legione concilium celebraret, idem Compostellanus episcopus interfuit, et in praesentia Regis, totiusque concilii, proprio ore, querimoniam, ex inobedientiae culpa, latine ventilavit*». Era isto pelos annos de 1108, por onde não só se confirma em geral o uso das linguas vulgares no principio do seculo XII; mas tambem parece mostrar-se, que o idioma latino já não tinha lugar nos proprios ajuntamentos conciliares dos prelados da Igreja, aonde o seu uso mais tarde deveria acabar.

Finalmente no liv. 2.º, cap. 20.º, referindo-se á viagem que fizera a França o Bispo do Porto D. Hugo, e

como ao voltar, se vira obrigado, com receio de inimigos, a disfarçar o trajo, e a tomar caminhos retirados pelas montanhas das Asturias, dizem assim: «*Tunc depositis pontificalibus vestibus, cum duobus vernulis, adhibito sibi quodam indigena, qui et* barbaram linguam Blascorum, *et viam per invia noverat, alpes ingreditur*... (83). *In illis montium remotis, atque inviis locis, homines truces,* ignotae linguae, *ad quodlibet nefas prompti habitant*», &c.; aonde achâmos claramente indicado o uso da lingua *vasconsa,* como acima tinhamos achado o da lingua *gallega.*

Seja-nos permittido apontar ainda alguns lugares de outra obra do seculo XII, conhecida pelo titulo de *Chronica de D. Affonso VII* (84), porque ainda que pareça superfluo dar novas provas do uso das linguas vulgares nesta época, não será desagradavel aos nossos leitores observar o maior desenvolvimento que ellas tinhão já adquirido; o cuidado com que os escriptores a ellas recorrião para melhor se fazerem entender; e o quanto lhes era já penoso (digamos assim) o uso do latim, ainda áquelles mesmos que por sua profissão o devião estudar.

No liv. 1.º da referida *Chronica,* § 14.º, se lê esta clausula: «*Et quotidie exibant de castris magnae turbae militum,* quod nostra lingua dicimus algaras».

Liv. 2.º, § 43.º: «*Sed fortissimae turres,* quae nostra lingua alcazares vocantur, *praedictarum civitatum non sunt captae*».

Ibid., § 49.º: «*Et miserunt insidias,* quas nostra lingua dicit celatas (85), *in quodam loco abscondito*».

(83) He bem sabido que os antigos chamavão *alpes* a quaesquer montanhas de consideravel altura. Aqui se dá este nome, como já dissemos, ás das Asturias.

(84) Vem esta chronica no tom. 21.º da *España Sagrada.*

(85) O vocabulo *celata,* que aqui se diz ser da lingua vulgar, he o que ainda hoje em portuguez dizemos *cilada,* já usado no se-

Liv. 2.°, § 72.°, referindo-se á entrada que D. Affonso VII fizera em Toledo no anno de 1139, se exprime o escriptor por estas frases: «*Omnes principes christianorum, Sarracenorum, et Judaeorum, et tota plebs civitatis, longe a civitate exierunt obviam, et cum tympanis, et cytharis, et psalteriis, et omni genere musicorum,* unusquisque eorum secundum suam linguam, *laudantes et glorificantes Deum*», &c.; aonde vemos christãos, sarracenos e judeos falando *seus diversos idiomas,* como já no seculo VIII tinha advertido Luitprando, acima citado.

Em outros muitos lugares usa o auctor desta chronica dos termos do idioma commum, sem resalva alguma, ou com a precaução ordinaria e geral, *quod dicunt, quod vocitant,* &c. Assim nas seguintes frases:

Liv. 2.°, § 41.°: «*Sarraceni coeperunt mitteri* fortissimum ignem de alcatram... *ut cremarent turrim*».

Ibid., ibid.: «*Christiani, qui in turre erant* verterunt *(verterão) multum acetum vini super ligna, et mortuus est ignis*».

Ibid., § 50.°: «*Cum Dominico Alvarez, et cum Didaco Alvarez,* alcaides de Ascalona».

Ibid., § 53.°: «*Sarraceni clamabant tubis aereis, et* tamboribus, *et vocibus*».

Ibid., § 66.°: «*Constituit eum secundum principem, hoc est* secundum alcaldem *Toleti... in omnibus civitatibus et castellis, quae sunt* trans serram».

Ibid., § 67.°: «*Maximus inter* alcaides *Toleti*».

Ibid., § 75.°: «*Insonare* tambores *et tubas*».

Ibid., § 79.°: «*Mulos et mulas,* quos vocitant azemilas (86).

culo VIII, como se vê na *Chronica do Pacense,* § 59.° da edição de Florez. A sua origem he o latim *celata;* mas os escriptores tinhão já perdido de vista esta origem.

(86) Os vocabulos *algara, alcazar, alcatram, tambor, alcaide* e *azemela,* que temos visto empregados nos differentes artigos da

Liv. 2.º, § 95.º: «*Misit fortissimum ignem,* quem vocant de alcatram».

E não só neste seculo se falavão as linguas vulgares, como temos mostrado por tantos argumentos, mas até era o latim já tão ignorado dos proprios ecclesiasticos, que nas Constituições feitas no Concilio de Valladolid em 1228, e escriptas em vulgar, se dão providencias contra os clerigos, *que non saben fablar latin,* e se ordena que todos, *á excepção dos velhos,* sejão constrangidos a aprender, e se lhes não dêem os beneficios, *fastaque sepan fablar latin* (87). Por onde se vê não só que alguns clerigos moços ignoravão esta lingua, mas tambem que havia velhos que a não sabião. E como o Concilio foi celebrado, e as Constituições feitas nos principios do seculo XIII, bem se conclue que já no seculo XII era mui raro o conhecimento do idioma latino (88).

chronica, todos são de origem arabe, e todos se conservão nas actuaes linguas vulgares. Muito antes do seculo XII achâmos *algodão, azenha, alfaraz, alfoz, azenha, aceifa, arrabalde, xafariz,* e infinitos outros tambem arabes.

(87) No artigo destas Constituições, intitulado *De clericis illiteratis,* dizem os Padres: «*Stablecemos que todos beneficiados, que non saben fablar latin, sacados los viejos, que sean constreñidos que aprendan; et que non les den los beneficios, fastaque sepan fablar latin. Otro si dispensamos con todos aquellos, que quisieren estudar, et aprovechar en gramatica, que hayan los beneficios bien, et entregamiente en las escolas, de la fiesta de san Luchas, fasta tres años ... E se fasta este termino non sopieren fablar latin, non hayan los beneficios, fastaque emienden la sua negligencia por studio, et fablen latin. Porque muchos cobdician traer corona, porque hayan libertad de la cleresia, et non quieren aprender; firmemente mandamos, que los que non quisieren aprender, non sean ordenados de corona, et que non sean de quatro grados, fastaque sepan fablar latin*». (*España Sagrada,* tom. 36.º)

(88) Pelo meio do seculo XIII dizia S. Thomaz em hum de seus opusculos: «*Dantur parochi tam rudes, ut nesciant latine loqui*». E em hum Concilio de Colonia, de 1260, se ordena que os clerigos *legere saltem canereque sciant.*

Sem embargo disto, ainda os documentos publicos, as leis, &c., continuavão, e continuárão a escrever-se no pessimo latim que temos visto; e parece que as linguas vulgares se não atrevião a disputar-lhe a preferencia, que por tantos titulos merecião. Tal e tão forte e poderosa he a força do costume, quando inveterado, e talvez favorecido por motivos e interesses particulares!

Comtudo o douto continuador da *España Sagrada*, Frei Manoel Risco, nos dá noticia de huma escriptura *em romance*, celebrada no mez de Janeiro da era 1193, anno de Christo 1155, pela qual D. Affonso VII, chamado Imperador das Hespanhas, confirmou a Abilez os fóros que dantes lhe havia dado seu avô D. Affonso VI, da qual escriptura diz Risco, que era *a mais antiga que elle tinha visto no idioma castelhano* (89); e della copiou dous pequenos fragmentos, que aqui daremos tambem, para exemplo da linguagem daquelles tempos. Começa assim:

«*Estos sunt los foros, que deu el-Rey D. Affonso ad Avilies, quando lo poblou, per foro santi Facundi, et otorgola emperador.*»

E em hum dos artigos diz:

«*Hom qui sua sicera vendir, et falsa mesura tenir, et lo poder saber concilio, el merino prindalo el merino de los bonos oms, è vaia à casa de aquel, è feran las mesuras à las que directa sunt per concellio, et si falsas exirent, bricalas et merino, et prendan* v. *sol. de aquel, sobre quien falsas las trobarent.*»

De outro escripto *em romance gallego* faz menção Tamayo. He huma *Relação da invenção do corpo da virgem e martyr Santa Eufemia, e dos seus milagres e traslada-*

(89) *Historia de la ciudad de Leon*, tom. 1.º, pag. 352: «*Por lo que* (diz Risco) *esta escritura es la mas antigua, que he visto en nuestro idioma*».

ção, que elle attribue ao Bispo de Orense D. Pedro Seguino, o qual teve aquelle bispado desde 1157 até 1169.

O douto Florez (90) parece duvidar da sinceridade e boa fé de Tamayo, e diz que *serião necessarias provas para admittir naquelle tempo historia em lingua vulgar*. Nós não nos empenharemos em vindicar o credito de Tamayo, nem tampouco poderemos mostrar a existencia daquella *Relação* em romance, pois não temos para isso fundamento algum; mas não havemos por decisiva a razão do douto Florez, nem concebemos grande difficuldade em que *tal genero de historia* se escrevesse em vulgar para uso do povo, em hum seculo em que indubitavelmente se falava e escrevia nas linguas vulgares das Hespanhas, como acabâmos de mostrar.

Quanto mais que o mesmo Florez não duvidou ter como legitima huma *memoria*, relativa aos santos chamados de Ledesma, *escripta em castelhano*, e conservada na igreja de Çamora, a qual, segundo as notas por elle apontadas (91), se deve attribuir ao seculo XII. Nem faltão escriptores que sejão de opinião, que a antiga traducção em castelhano da *Historia do Arcebispo de Toledo D. Rodrigo*, fôra feita por elle mesmo; opinião que seguio Risco (92), e que tendo-se por verdadeira, nos offerece huma historia extensa, posta em vulgar no mesmo seculo XII, em que floreceo e escreveo o referido Arcebispo.

Ao seculo XII pertencem tambem dous documentos *em vulgar portuguez*, que vem copiados no tom. 1.º das

(90) *España Sagrada*, tom. 17.º da 2.ª edição, pag. 90.

(91) *España Sagrada*, tom. 14.º da 2.ª edição, pag. 310 e seguintes. Desta Memoria faz menção o Zamorense, que escreveo no seculo XIII, em tempo de D. Affonso, o Sabio. E como nella se suppõe vivo o Bispo de Salamanca Navarrone, que falleceu em 1177, bem se vê que devia ter sido escripta anteriormente a este anno.

(92) *España Sagrada*, tom. 32.º, pag. 344.

Memorias Chronologicas e Criticas, do sr. João Pedro Ribeiro, e são entre os documentos os n.^os 60 e 61. E finalmente as *poesias ou trovas*, de que faz menção o Marquez de Santillana na *Carta sobre a Poesia*, escripta ao Condestavel de Portugal D. Pedro, filho do illustre e infeliz Duque de Coimbra, e attribuidas a João Soares de Paiva, que, segundo opinião constante de nossos escriptores, floreceo naquelle seculo.

Por onde parece que no seculo XII he que começárão a ter uso mais frequente na escriptura os idiomas vulgares, e que a este seculo pertencem os escriptos mais antigos em vulgar de que temos noticia: sendo notavel em confirmação do que tantas vezes temos dito nesta Memoria, que iguaes progressos se observem em algumas nações occidentaes, cujas circumstancias e acontecimentos historicos tinhão sido analogos aos das Hespanhas.

Na França meridional sabemos pelo Concilio de Tolosa de 1229, canon 14.°, que prohibindo-se aos leigos terem os livros do antigo e novo Testamento, se lhes permitte comtudo o breviario dos officios divinos, o Psalterio de David e as Horas de Nossa Senhora, *comtanto* (dizem os Padres do Concilio) *que estes livros não sejão trasladados em vulgar (ne praemissos libros habeant in vulgari translatos)*, o que mostra que já havia pratica de trasladar em vulgar os livros santos, ou alguma parte delles.

Reinerio, que seguio por muito tempo a seita dos Waldenses, e foi Bispo entre elles, diz que estes herejes tinhão e usavão o texto das escripturas santas em lingua vulgar «*testamenti novi textum, et magnam partem veteris lingua vernacula complectebantur*»; e escrevendo sobre as causas da extensa propagação da mesma heresia, diz que huma das principaes fôra a versão que havião feito das escripturas em lingua vulgar «*translatio ab ipsis facta veteris et novi Testamenti in linguam vulga-*

rem» (93). Outros escriptores fazem menção de huma versão da Biblia feita pelo proprio Valdo pelos annos 1160 (94); e o papa Innocencio III, escrevendo a Beltramo, Bispo Metense em 1199, lhe diz que muitas pessoas, desejosas da leitura da Escriptura Santa, havião feito traduzir em francez os Evangelhos, as Epistolas de S. Paulo, os Psalmos, os Livros Moraes, o de Job e outras obras (95), &c.

O que parece bem digno de reflexão he que, experimentando-se no seculo XII tanta escassez de documentos ou outras peças escriptas nos idiomas vulgares, e observando-se nestes idiomas (digamos assim) huma especie de timidez, que lhes não permittia tomarem o lugar que lhes era devido na litteratura dos povos, tinhamos comtudo obras extensas, escriptas em verso e nas mesmas linguas vulgares, tanto no seculo XII, como nos primeiros annos do seculo XIII, as quaes, ou se considere a regularidade do metro e das fórmas poeticas, ou a corrupção da linguagem e das fórmas grammaticaes, parece indicarem que a poesia era desde longos tempos cultivada em nossas provincias, e que o melhoramento e progressos das linguas vulgares a ella se devem porventura com especialidade attribuir.

Em outro lugar falaremos destas poesias, e da sua influencia sobre as linguas vulgares. Por agora terminâ-

(93) Nat. Alex., *Historia Ecclesiastica*, sec. XI e XII, cap. 4.º art. 13.º, §§ 1.º-6.º

(94) Bergier, *Diccionario Theologico*, v. *Version*, diz que a mais antiga versão da escriptura em francez he a de *Guiars des Moulins*, feita pelos annos 1294 e impressa em 1498. He natural que as traducções valdenses se extinguissem com a heresia e os hereges. Fleuri, liv. 72.º, § 52.º, menciona huma traducção dos *Actos dos Apostolos* em francez, feita pelo presbytero Lamberto Balbo no anno de 1175. O mesmo escriptor diz que S. Bernardo fazia por meiado do seculo XII sermões em francez, que depois se passavão ao latim.

(95) Calmet, *Diccionario Bibl.*, v. *Biblia*.

mos estas reflexões, já assás extensas, com apontarmos aqui alguns dos muitos documentos, monumentos ou escriptos nas linguas vulgares de que temos noticia nos seculos XII e XIII, para que pela sua multidão se possa conhecer que estas linguas erão muito mais antigas do que commummente se presume, não sendo possivel que em qualquer idioma formado de novo se escrevessem com assás regularidade tantas e tão varias e diversas cousas, como nos mesmos documentos e monumentos achâmos tractadas.

O Bispo de Metz, Bertrando, escrevia a Innocencio III que na sua diocese muitos leigos, e até mulheres, tinhão feito traduzir em vulgar os Evangelhos, as Epistolas de S. Paulo, os Psalmos, os Livros Moraes *(de moribus tractantes)*, o Livro de Job, e muitos outros. (Fleuri, liv. 75.º, § 24.º, anno 1199.) Ao que o Papa responde, resolvendo que o desejo de ler as Sagradas Escripturas he mais digno de louvor que de reprehensão, mas que se deve examinar quem seja o auctor da versão, e com que mente a publicou. (Veja-se o mesmo Fleuri, além do lugar citado, o liv. 79.º, § 57.º, anno 1229.)

No anno de 1229 mandou o Patriarca de Jerusalem ao Papa Gregorio IX os artigos do tractado celebrado entre o Imperador Frederico II e o Soldão do Egypto, os quaes vierão traduzidos do arabe á lingua franceza. (Fleuri, liv. 79.º, § 48.º)

Em outro Concilio de Paris, do anno de 1210, fôrão prohibidos e mandados queimar os livros de hum celebre doutor por nome David, e os livros de theologia escriptos em francez. (Fleuri, liv. 76.º, § 59.)

Em huma Constituição dirigida pelo Papa Innocencio III aos Conegos leodienses (de Liege) em 1202, e promulgada por Guido, legado do mesmo Papa, se ordena que todos os livros, que tractão da Escriptura Santa, escriptos em vulgar germanico, ou francez, devem ser postos

nas mãos dos Bispos, e que estes os poderão distribuir pelas pessoas que lhes parecerem dignas. (Fleuri, liv. 75.°, § 37.°)

Em huma das cartas do Papa Alexandre IV dirigidas ao Bispo de Parìs, sobre as contendas da Universidade com os frades menores, manda queimar o livro *de periculis novissimorum temporum,* e os outros libellos contumeliosos, que se havião publicado contra os ditos frades, ou fossem escriptos *em latim ou em francez, em prosa ou em verso.*

Do celebre Jacob de Voragine diz Fleuri, que sabia perfeitamente a sua lingua italiana, e que fôra o primeiro que traduzio em italiano os livros do antigo e novo Testamento. Este Bispo florecia pelo meio do seculo XIII.

Do Papa Celestino V (Julho-Dezembro de 1294) notão os historiadores contemporaneos que falava sempre o italiano, e que não tinha assás conhecimento do latim para falar nesta lingua; pelo que, quando isso era necessario, elle dava as respostas em italiano, e outros como interpretes as expunhão em latim.

Muitas das obras do celebre Arnaldo de Villa Nova, catalão, mui admirado naquelles tempos pelas noticias que tinha das sciencias naturaes e medicina, fôrão escriptas em lingua catalã. Este escriptor florecia pelos annos 1285.

Em hum Concilio (Lamethano) de Inglaterra de 1281, se propõe a fórma que deve recitar-se no baptismo em inglez e francez, porque (diz Fleuri) huma e outra lingua era então usada em Inglaterra.

REFLEXÕES CRITICAS

SOBRE O DICCIONARIO DE MORAES DA QUARTA EDIÇÃO E SOBRE O USO DE ALGUNS VOCABULOS DA LINGUA PORTUGUEZA

REFLEXÕES CRITICAS

SOBRE O DICCIONARIO DE MORAES DA QUARTA EDIÇÃO
E SOBRE O USO DE ALGUNS VOCABULOS
DA LINGUA PORTUGUEZA

PREFAÇÃO

Chegando por feliz casualidade á minha mão o diccionario da lingua portugueza, de Moraes, da quarta edição, a tempo que me achava em penoso e forçado ocio, privado de quasi toda a communicação com os homens, e sem o soccorro de livros, com que podesse divertir o pensamento e entreter o espirito, por tantos modos opprimido, resolvi tomar o improbo trabalho de passar pelos olhos todos os artigos do mesmo diccionario, e assim o fiz mais de huma vez.

Daqui resultou occorrerem-me varias reflexões, tanto ácerca dos defeitos, que frequentemente nelle se encontrão, como em geral ácerca do abuso que ordinariamente se faz de muitos vocabulos da nossa lingua, e dos meios de corrigir e emendar alguns delles.

Estas reflexões, taes como então me occorrêrão, são as que offereço agora neste escripto á Academia, parecendo-me que não serão de todo inuteis a quem houver de trabalhar na difficil e mui laboriosa empreza de hum bom diccionario, de que ainda carecemos e muito precisâmos.

Escusado será advertir que não foi nem he meu animo detrahir hum só apice do louvor devido ao douto Moraes, tão benemerito da lingua portugueza, quanto he notorio a todos os eruditos, mas sómente concorrer (se tanto posso esperar) para o melhoramento de huma obra, que ainda com o trabalho de muitos homens e de muitos estudos difficultosamente póde sahir de todo perfeita e acabada.

Etymologias

Ninguem hoje ignora a grande utilidade que se póde tirar do conhecimento das etymologias ou origens dos vocabulos no estudo filosofico das linguas.

Pelas etymologias se conhece a significação primitiva e original dos vocabulos: a verdadeira intelligencia dos que se achão nos antigos documentos, e hoje estão fóra do uso: a força e energia: a expressão com que devem ser empregados na locução scientifica: a differença ás vezes pouco perceptivel que ha entre os que se reputão synonymos: e finalmente a ethnologia dos povos, isto he, a mistura das nações nos antigos tempos, e o maior ou menor numero de relações que elles tiverão entre si.

O diccionario de Moraes he nesta parte defeituoso e omisso: 1.°, por não apontar ao menos as etymologias já conhecidas: 2.°, pela pouca exacção em algumas que com effeito aponta.

O primeiro defeito deve ser corrigido: 1.°, pelo estudo das linguas antigas e modernas, maiormente dos povos, que ou vierão habitar as nossas regiões, ou tiverão comnosco frequente communicação e commercio: 2.°, pelos tractados etymologicos, que já temos, ou pelas etymologias que talvez se achão dispersas nos nossos escriptores: 3.°, pelos que escreverão os sabios de outras nações, e pelos diccionarios das linguas analogas, &c.

Nem se deve recear que com isto cresça em demasia

o volume do diccionario: porquanto com poucas palavras ou letras se póde indicar a origem do vocabulo, e esta simples indicação he bastante para o fim que se pretende.

Do segundo defeito, isto he, da pouca exacção de muitas das etymologias que no diccionario se apontão, daremos alguns exemplos, que possão servir de guia a quem houver de tentar a sua correcção.

Afouto—Diz Moraes que vem do latim *fautus,* favorecido; mas a sua origem he do grego *foitos.*

Além—Diz que vem de *a* preposição, *a* artigo, e *loin* francez, como se disseramos *ao longe,* ou *para lá de algum sitio.* Mas *além* não significa *ao longe,* assim como *áquem* não significa *ao perto. Além* quèr dizer da banda de lá, e *áquem* da banda de cá; nenhum delles encerra a idéa *de perto* ou *de longe,* nem a isso attende. Os latinos *ultra* e *citra,* que lhe correspondem, tambem não significão *longe* nem *perto.* Quando dizemos, por exemplo, que huma *aldêa* está ou fica *além do rio,* não queremos dizer que fica *ao longe do rio,* nem a primeira frase se poderia traduzir pela segunda. Emfim a palavra franceza que corresponde a *além* he *au delà,* e não *au loin.*

Ali—Diz Moraes que he composto de *a* preposição com o artigo antigo *el,* elidida a vogal *e,* e da palavra *i,* ou *y.* Não se póde na verdade bem entender em que razão funda o douto escriptor esta sua composição do adverbio de lugar *ali,* que he tão simples como *ahi, aqui,* &c., e de que maneira o concebe composto de *a-el-y,* que diria o mesmo que *a-o-i.* Acresce que *el* nunca foi artigo portuguez. O mesmo Moraes no artigo *El* não traz exemplo algum, em que este vocabulo figure como artigo, antes diz que sómente se usa em

el-Rei; mas nesta palavra não he artigo portuguez, senão castelhano, porque de lá trouxemos este vocabulo solemne, que os nossos antigos não quizerão alterar.

Aqui — O diccionario suppõe que o adverbio de lugar *aqui* se deve dizer *qui.* (Veja-se o artigo *Qui);* e que o *a* que se lhe ajunta, he a preposição *a;* por isso diz que *aqui* he palavra complexa, que significa *este lugar, termo, espaço,* &c., e que se usa com preposições, como *a-qui, para-qui,* &c. Esta theoria he inteiramente falsa; se ella tivesse lugar, deveriamos dizer *estou em qui,* e não estou *a-qui;* ficou *em qui,* e não *ficou a-qui;* foi posto *em qui, para de qui,* &c. O exemplo de *para-qui* prova o contrario do que o auctor pretende; porque nós não dizemos *paraqui,* como elle suppõe, mas sim *para-aqui;* e contrahindo os dous *aa,* segundo o idiotismo portuguez, pronunciâmos *paráqui,* do mesmo modo que dizemos, v. gr., *veio á feira* por *veio a a feira,* contrahindo os dous *aa* da preposição e artigo: e no masculino, em que não ha a contracção, *veio a o mercado.* Tambem dizemos *mover-se d'aqui* ou *de aqui,* aonde o *a* não he preposição, &c. Mostra-se mais a falsidade da theoria do auctor, porque elle mesmo no artigo *Acolá,* diz que este vocabulo he adverbio de lugar, e não o julga composto (como na verdade não he) da preposição *a* e do vocabulo [illegible], e comtudo nós dizemos foi *para acolá,* está acolá, como dizemos veio *para aqui,* está *aqui,* &c.

Assucar — Diz o diccionario que nos veio ou do [illegible], [illegible] ou do [illegible], [illegible] ou do *saccharum,* latino, ou do [illegible] arabe. A etymologia arabe deverá [illegible], porque della sem duvida nos veio o vocabulo [illegible] não ha razão alguma de presumir que os Italianos e Francezes [illegible] o assucar, ou lhe [illegible]

Até — Não vem do latim *hactenus,* como diz Moraes, mas do arabe *hatta.* Os nossos antigos dizião e escrevião *attá.*

Atimo — Não vem do castelhano *actimo,* mas sim do grego ατομος.

Batata — Parece que Moraes quer derivar este vocabulo do italiano *battata;* mas a batata não he natural da Europa, nem parece de razão que nós os Portuguezes vamos buscar o seu nome a Italia.

Cabedella ou **Cabidella** — Diz Moraes que com melhor ortografia se escreverá *cabadella,* julgando (ao que parece) que esta palavra se formou de *cabo,* isto he, dos *cabos,* ou *extremos,* e miudos das aves. (Veja-se tambem o artigo *Cabo.)* Cabedella he o grego κιϐδηλος, residuos, restos, sobejos, &c.

Caçar — Diz que vem do inglez *catch,* no sentido de tomar, apanhar; e do francez *casser,* no sentido de quebrar. *Caçar* na primeira significação de tomar, apanhar aves, feras, &c., na caça, he de origem hebraica. Na segunda no sentido de romper, annullar, &c., póde vir do francez *casser,* mas deve escrever-se *cassar.*

Cacha e **Cachar** — Não vem do francez *cacher,* nem do inglez *catch.* São de origem hebraica.

Chale — O diccionario deriva este vocabulo do hespanhol *xale,* ao mesmo tempo que reconhece que os *chales* vem da India oriental, donde certamente trouxerão o nome. Os Inglezes tambem dizem *a shale.*

Congro — Moraes o deriva do inglez *conger-eel;* mas

Ha e **Ho**—Artigos portuguezes, que hoje escrevemos *a* e *o*. Moraes os suppõe derivados do latim *hac* e *hoc*. Mais facil e razoavel parece derival-os dos artigos gregos ἁ e ὁ supprindo com o *h* a aspiração do original. Os latinos *hac* e *hoc* não são artigos da natureza e significação dos portuguezes. *O* homem, *a* cidade, não se póde traduzir em latim por *hic* homo, *haec* civitas.

Ichacorvos—Quer o auctor do diccionario que se escreva *echa-cuervos*, e diz que vem do hespanhol; mas este vocabulo he composto do grego ἰξος canna de pescar; e de *corban*, hebraico, offerta. *Ichacorvos* quer dizer *pescador de offertas*.

Lezira—Diz que vem do francez *lisière;* he arabe. (Veja-se *Vestigios da lingua arabica*, v. *Lezirias*.)

Monção—A etymologia de Duarte Nunes he arbitraria e ridicula. *Monção*, ou antes *monsão*, he vocabulo oriental, e do oriente o trouxerão os nossos navegadores do seculo XVI. (Veja-se Lucena, &c.)

Mongil—Não vem de *monge*, como diz Moraes, nem se deve escrever *mongil*, mas sim *mogil*. He vocabulo hebraico.

Obolo—Não he palavra hebraica, nem significa moeda hebraica, como diz Moraes.

Paçaes—No artigo *paço*, diz Moraes, que de *paço*, ou *palacio*, se derivou o vocabulo *paçaes*. Esta derivação he errada. *Passaes* (e não *paçaes*) derivou-se de *passos*, isto he, de certo e determinado numero de *passos*, pelos quaes se media o terreno, que em volta da igreja lhe

pertencia, e pelo qual se demarcavão talvez os limites da immunidade e asylo.

Parasceve—Tambem não he voz hebraica, mas grega.

Sum ou **Sũu**—Não são derivados de *simul*, mas são o proprio vocabulo grego *συν*. Daqui formárão os nossos antigos *em-suum, de-suum, de-consuum*, que se não podem concordar com *de-simul* ou *de-con-simul*.

Deriva *foçar* (aliás *fossar*) do francez *fosse*; e porque não do latim *fossa*? Elle mesmo escreve em outro artigo *fossar* e *fossa*.

Definição dos vocabulos

A principal perfeição, e tambem a maior difficuldade, de hum bom diccionario consiste em definir bem os vocabulos; em explicar de tal modo as suas significações, que se possa por ellas fazer justa idéa do objecto significado, e distinguil-o de qualquer outro.

Pelas boas, justas e exactas definições dos vocabulos aprendemos a falar e escrever com clareza, precisão e energia, bases fundamentaes da verdadeira eloquencia.

Pelas boas e exactas definições dos vocabulos evitâmos em grande parte as frequentes questões e discrepancia de sentimentos que talvez dividem os homens nos mais importantes pontos da filosofia, e ainda da moral e da religião, e provém as mais das vezes de se não definirem bem os termos sobre que se disputa, nem se convir na intelligencia delles.

Pelas boas e exactas definições dos vocabulos se conhece sem grande difficuldade a differença que ha entre os que talvez se reputão synonymos, e se evita a impro-

priedade da locução, que he defeito mui consideravel no escriptor, &c.

Considerando o diccionario debaixo deste ponto de vista não podemos deixar de notar que ha nelle grandes e mui frequentes defeitos nesta parte, e que he sobre este objecto que deve recahir com especialidade a attenção e reflexão de quem houver de o corrigir.

Daremos aqui alguns poucos exemplos da imperfeição das definições de Moraes, para prova de quam justa he a nossa censura, e para servirem de advertencia nos outros muitos artigos que omittimos, e que necessitão de exame e correcção.

Abundoso — Vem definido por *abundante*. Estes vocabulos porém não são exactamente synonymos, como em outra parte mostrâmos, e consequentemente as suas definições devem ser differentes. (Veja-se *Ensaio de synonymos*, artigo 114.)

Acerbo — *O que tem sabor entre azedo e amargo*. Esta definição não explica o vocabulo, nem dá idéa alguma justa e precisa da sua significação, nem nos faz entender o que he esse sabor medio entre azedo e amargo, defeito commum a todos os vocabulos, que exprimem sensações, isto he, idéas simplices e de sua natureza indefiniveis. Neste caso será sempre conveniente dar hum exemplo sensivel, fysico e familiar, pelo qual se possa entender de algum modo o que queremos exprimir: v. gr., *acerbo* he hum sabor estiptico e adstringente tal como o da uva verde, ou de outros fructos não maduros, &c.

Acidia — Não he propriamente a *preguiça*, que nasce de inacção e de repugnancia ao trabalho, ou ao movimento; antes incuria e negligencia no trabalho, proce-

dida e acompanhada do fastio, tristeza, aborrecimento e tedio, que elle nos causa.

Adocicado — *O que he hum pouco adoçado. Adocicar, adoçar hum pouco.* No sentido figurado, ser *adocicado* nas palavras he pronunciá-las com *affectada molleza e brandura.* Tambem nos não parecem boas e justas estas definições. *Adocicado,* entendemos nós que significa o *doce fastiento,* o doce que causa fastio, ou por alguma mistura de outro sabor, ou por algum cheiro que o faz desagradavel. O *alcaçuz,* v. gr., he *adocicado;* e aonde Moraes diz que o *alcaçuz* he planta medicinal, *que tem a raiz doce,* eu dissera antes que tem a *raiz adocicada.* O sabor doce dos remedios das boticas he quasi sempre *adocicado doce* (digamos assim) *affectado, fastidioso,* talvez *enjoativo* e *nauseativo,* &c.

Amargura — Não he propriamente o *sabor que tem as cousas amargas,* mas sim o effeito do amargor, ou do sabor amargo, sobre o orgão do gosto. *Amargor* he o nome da qualidade. *Amargo* he o adjectivo verbal que exprime esta qualidade no objecto. *Amargura* he o seu effeito: he a impressão que o objecto *amargo* faz com o seu *amargor* no orgão do gosto.

Amarugem — Tambem não he *amargor de cousa que o causa na bocca,* mas sim o *sabor tirante a amargo.* O mesmo diccionario, no artigo *Amarujar,* diz que he ter sabor quasi amargo, *tirante a amargo.*

Alizar — *Fazer lizo, brunir, polir . . . fazer a cousa plana e liza.* Assim explica Moraes o verbo *alizar.* Mas *polir* e *brunir* he differente de *alizar;* e fazer a cousa *plana* he mui differente de a fazer *liza.* O exemplo que traz de Vieira he contraproducente. «O estatua-

rio (diz Vieira) formando hum homem, *aliza-lhe a testa,* aonde não quer dizer que lh'a *faz plana,* nem que a faz *brunida* ou *polida.* (Veja-se *Ensaio de synonymos,* artigo 282.)

Animo — *Alma, espirito.* A explicação da palavra *animo* pelas outras duas *alma e espirito* não he boa, nem exacta. Todos os tres vocabulos tem differentes significações, e não dizem o mesmo. *Espirito* he huma substancia immaterial, intelligente, livre. Deos he *espirito;* os anjos são *espiritos,* e não são *almas,* nem *animos. Alma* he o *espirito* que informa o corpo do homem, e o rege e dirige em muitas das suas operações; mas a *alma* não se póde chamar *animo* sem grande impropriedade; nem nós, quando falâmos do homem, dizemos que he composto de *corpo* e *animo;* ou quando morre, que o *animo* se separou do corpo; mas em ambos os casos empregâmos o vocabulo *alma.* (Veja-se *Ensaio de synonymos,* artigo 246.)

Beatificação — Definindo Moraes este acto do poder ecclesiastico, diz que he *o declarar a Igreja algum bemaventurado no Ceo;* e depois explicando *canonisação,* diz que he *declaração solemne e canonica de que algum morto está entre os bemaventurados e santos;* e acrescenta que *he mais que beatificação.* Primeiramente a declaração da beatificação não he *da Igreja,* mas sim *do Papa.* Em segundo lugar os actos de *beatificar* e *canonisar* ambos são *canonicos* e *solemnes.* Resta pois ainda dizer em que consiste a differença destes actos, e dar delles definições taes, que mostrem essa differença. (Veja-se *Ensaio de synonymos,* artigo 317.)

Bofete — Neste artigo diz Moraes que *bofete* he especie de *banca lavrada, de melhor páo que o ordinario,*

e com mais curiosidade. E depois repetindo o artigo com differente orthografia, diz que *bufete* he *meza em geral para escrever, comer,* &c.; *aparador; meza que se ajunta a outra para a acrescentar.* Bem se vê que o escriptor se esqueceo neste segundo artigo do que tinha dito no primeiro.

Breve — Substantivo. Neste artigo diz o diccionario que *breve* he *boleto apostolico,* dado pelo Papa, ou por seu legado *a latere,* sem as clausulas extensas das bullas. Buscando-se o artigo *Boleto,* achâmos que se refere a *boletim;* e buscando *Boletim,* vemos que se define *bilhete militar.* Logo, *breve* será *bilhete militar apostolico dado pelo Papa,* &c., o que he absurdo e ridiculo.

Brio — *Soberba; elevação de alma, de sentimentos.* Parece-nos que *brio* nunca se deve confundir com *soberba. Brio* exprime propriamente huma grande qualidade do homem; *soberba* hum grande e odioso vicio.

Cafre — *Homem rude, barbaro, deshumano, como os moradores da Cafraria.* Esta definição não he justa. *Cafre* he vocabulo arabico; denominação que os Arabes davão aos povos da Cafraria, chamando-lhes *infieis* e *incredulos,* porque não seguião a religião de Mahumet, quasi do mesmo modo que nós chamâmos *infieis* aos que não seguem a religião christãa. Aos habitantes da Cafraria póde dar-se o epitheto de *rudes* e *barbaros,* mas nem todos são *deshumanos.* Os nossos Portuguezes, naufragando naquellas costas, achárão em alguns cafres mais humanidade do que porventura acharião em alguma gente civilisada. Ha por cá muitos homens rudes e barbaros, e deshumanos, que se não chamão *cafres.*

Calote — *Divida não paga.* Esta definição he errada.

O devedor que inculpavelmente cahio de bens, e *não paga o que deve* porque não tem com que pague, não he *caloteiro*. *Calote* he propriamente a divida que os ladrões honrados contrahem com animo de a não pagar, fingindo talvez necessidades que não tem, ou circumstancias urgentes, e usando de lamurias e mentiras dolosas para melhor enganarem a pessoa sincera e bemfazeja, a quem querem *calotear*.

Castigar—Moraes explica este vocabulo por *punir, dar castigo;* e depois explica *punir* por *castigar*. *Castigar* e *punir* são cousas differentes. (Veja-se *Ensaio de synonymos*, artigo 260.)

Catholico—Adjectivo. *Conforme á profissão e symbolo da Igreja universal*. Esta definição não he applicavel a todos os casos em que se emprega o adjectivo *catholico*. Propriamente falando *catholico* quer dizer *universal;* esta he a sua significação primitiva. Na linguagem ecclesiastica, em que usâmos deste vocabulo, chamâmos, v. gr., *catholica* a Igreja, porque a *universalidade* he huma das suas notas caracteristicas, que a differenção das seitas hereticas ou scismaticas. Depois chamâmos homem *catholico* o que he membro desta Igreja, professa a sua doutrina, obedece a suas leis, &c. Chamâmos *doutrina catholica* a que esta mesma Igreja segue e ensina. *Fé catholica* a que nesta Igreja se professa e se propõe á crença dos fieis. *Rito catholico* o que nella se guarda e observa, &c.

Caução—*Fiança em dinheiro*. Esta definição he defeituosa. *Caução* he mais generico. Póde servir de *caução* o dinheiro, o penhor, a hypotheca, o fiador, os refens, e até o juramento. *Caução* he todo e qualquer meio com que assegurâmos a outrem o cumprimento das obri-

gações que para com elle temos contrahido. (Veja-se o diccionario, artigo *Caucionado.)*

Ceruleo—*Azul*. Esta explicação não he boa, nem estas palavras são synonymas. *Azul* he genero; *ceruleo* he especie de *azul;* he o *azul do ceo,* o *azul celeste,* o *azul das agoas,* hum *azul com alguma mistura de verde;* nem será facil apontar hum só lugar dos poetas latinos ou portuguezes, em que a palavra *ceruleo* se empregue em differente sentido. De explicar *ceruleo* por *azul* resulta outro erro em que cahio Moraes no artigo *Safira,* dizendo que he *pedra de côr azul.* Os que tractão das pedras preciosas dizem que he de *côr cerulea,* isto he, *azul celeste;* e alguns acrescentão *verni, serenique coeli colorem efferens, postoque mostre algumas como nuvemzinhas com leve tinta de purpura.*

Chlamida—*Sobrecasaca* ou *sobretudo; insignia* e *veste militar imperatoria.* A *chlamide* parece que era especie de capa, manto, pallio ou opa de purpura propria dos Imperadores e Reis. Quando os Judeos fizerão a Jesu-Christo rei de escarneo e zombaria, diz o texto sagrado que além da *coróa* e *cana,* lhe pozerão *chlamidem coccineam,* hum manto ou capa de purpura. A esta vestidura não se póde dar de modo algum a denominação de *sobrecasaca* ou *sobretudo:* 1.º, porque denominações tão novas, applicadas a hum objecto tão antigo, envolvem huma especie de anachronismo; 2.º, porque á *opa,* ou *manto* real, á *capa* sacerdotal e pontificia, &c., ninguem dá o nome de *sobrecasaca* ou *sobretudo,* nem se lhe poderia dar sem grande impropriedade.

Contagião—O nosso diccionario define *contagião* por *andaço, epidemia;* depois define *epidemia* por *andaço* e *andaço* por *epidemia;* de maneira que, ou todos os tres

vocabulos significão a mesma cousa, ou o diccionario nos deixa na ignorancia das suas differenças. *Andaço* he termo generico, cuja terminação em *aço* exprime augmentação, como, v. gr., em *estilha, estilhaço;* em *mestre, mestraço;* em *rico, ricaço;* em *belleguim, belleguinaço,* &c. Assim *andaço* he a doença que anda muito, que vai correndo por todas as pessoas de hum povo, ou por muitos povos, lugares ou regiões. He genero de que *contagião* e *epidemia* são especies. *Contagião* he andaço de doença que se communica por contacto. *Epidemia* he andaço que corre todo hum povo, ou muitas pessoas delle, mas que se não apega, que se não communica por contacto. Póde huma doença ser *epidemica* sem ser *contagiosa,* e vice-versa. Mas tanto a *epidemia* como a *contagião* são *andaços.*

Culto—Define Moraes este vocabulo dizendo que he *veneração, honra, adoração religiosa,* v. gr., *dar culto a Deos e aos Santos.* Esta definição he incompleta e inexacta. *Culto* he termo generico, e exprime o *respeito, honra, resguardo, attenção, veneração* ou *adoração,* que se dá a alguma pessoa ou cousa. Dá-se culto a Deos e ás pessoas ou cousas santas; dá-se culto aos idolos, ás falsas divindades; dá-se culto ás pessoas dignas de respeito e veneração por suas eminentes qualidades e virtudes; dá-se tambem culto á virtude, á sabedoria, á formosura, e até alguns o dão ao seu proprio corpo.

O *culto* pois deve dividir-se em *culto* religioso e *culto* profano. O *religioso* he o que se dá a Deos, e ás cousas e pessoas santas, ou por tal reputadas, por motivos religiosos, e como dever religioso. O *profano* he o que se dá ás pessoas ou cousas por motivos que não procedem do sentimento religioso, nem lhe dizem respeito.

O *culto religioso* ainda se subdivide em *verdadeiro* ou *legitimo,* e *falso* ou *supersticioso,* e em *supremo* e *secun-*

dario. O *verdadeiro* he o que se dá ao Deos verdadeiro de hum modo digno delle, e ás pessoas e cousas santas ou consagradas pela religião verdadeira. O *falso* ou *supersticioso* he o que se dá aos idolos e ás falsas divindades, e ás pessoas ou cousas tidas como santas nas falsas religiões, ou finalmente ao verdadeiro Deos, &c., mas de hum modo inconveniente, e com acções ou sentimentos improprios.

Culto supremo, finalmente, he o que só a Deos compete, e só a elle se deve dar, tanto com as idéas e opiniões, como com os affectos internos, como com as acções externas. *Secundario* he o que se dá ás pessoas e cousas santas com relação a Deos, cujos são os dons, graças, merecimentos, perfeições e boas qualidades que nessas pessoas ou cousas respeitâmos e venerâmos.

Delatar — *Denunciar; accusar alguma pessoa* ou *delicto*. *Delatar* não he simplesmente *denunciar*, nem *accusar*. Estes tres vocabulos tem differenças mui essenciaes, tanto na linguagem da nossa legislação, como no uso commum.

Descommodo — Moraes define este vocabulo pelo outro adjectivo *incommodo;* e depois define *incommodo* por *descommodo*. Mas já que elle diz que *descompor* he *tirar a compostura, desfazer o concerto,* porque não dirá tambem que *descommodo* he tirar ou desfazer o commodo? privar delle a quem o gosava? &c. Com effeito esta he a expressão da particula *des,* quando entra na composição deste e de outros muitos vocabulos. *Incommodo* significa precisamente carencia, negação de *commodo; descommodo* quer dizer mais alguma cousa.

Exclusiva e **Exclusão** — *Dar exclusiva, excluir*. Assim explica Moraes estes vocabulos; mas *exclusiva*

não he o mesmo que *exclusão*. *Exclusão* (diz elle mesmo) he o *acto de excluir; exclusiva* não he o *acto*, mas a *razão* de excluir. *Dar exclusiva* he apontar a *razão* por que se deve fazer a *exclusão*. A propria terminação em *ivo* exprime muitas vezes o que tem força ou virtude de... v. gr., *nutritivo*, o que tem força ou virtude de nutrir; *exceptivo*, lei *exceptiva*, a que tem força de exceptuar, &c.

Gradualmente — *Por degráos... do inferior aos superiores*. Devem omittir-se estas ultimas palavras, porque *gradualmente* tanto se applica ao subir, como ao descer. Sobe-se por degráos até o mais alto; desce-se por degráos até o mais baixo.

Ignaro — Moraes o explica por *ignorante*; mas *ignaro* parece que diz alguma cousa mais. *Ignorante* he simplesmente o que *ignora*, o que actualmente *ignora*, ou *não sabe* alguma cousa. *Ignaro* parece que exprime huma ignorancia absoluta, invencivel, quasi essencial ao sujeito; e por isso o applicâmos com especialidade ao vulgo que he ignorante e não póde deixar de o ser, a quem a ignorancia parece essencial, inevitavel, invencivel. Tambem se podem differençar os dous vocabulos, porque *ignorante* he mais do estilo commum, e *ignaro* do estilo oratorio e poetico.

Indusitado e **Desusado** — Estes dous vocabulos não são synonymos; não significão o mesmo. (Veja-se o *Ensaio de synonymos*, e acima o artigo *Descommodo*.)

Instincto — *Conhecimento innato, que os brutos tem do que lhes he util ou nocivo*. Parece pouco acurada esta definição. *Instincto* não he *conhecimento*. *Instincto*, como diz o vocabulo latino, he *estimulo natural e innato*, que leva e impelle o bruto a buscar o que lhe he util, e a fu-

gir do que lhe he nocivo. He huma especie de *tino,* que não suppõe *conhecimento,* antes o exclue.

Lusiadas — *Acções heroicas dos Lusos; titulo da epopêa do nosso insigne Camões.* Parece incrivel que Moraes assim definisse a palavra *Lusiadas.* Em muitas das edições antigas e modernas de Camões poderia elle ler os *Lusiadas,* verdadeiro titulo deste immortal poema; os *Lusiadas,* isto he, os *Lusitanos,* os filhos de Luso (como na epopêa de Virgilio os *Eneadas,* isto he, *os Troianos),* e não os *Lusiadas,* as acções dos Lusos.

Moda — Define Moraes este vocabulo dizendo que he *o uso corrente e adoptado de vestir e trajar,* &c. Mas parece que *moda* significa o que vem de novo *contra o corrente e adoptado.* O que he *moda* deixa de o ser logoque passa a *uso corrente.*

Movimento — *Mudança de lugar para lugar, que faz hum corpo por principio activo intrinseco.* Esta definição não he boa, porque os corpos tambem se movem por impulso estranho e acção extrinseca.

Notho — Diz que he *termo de medicina,* e que significa *espurio, não legitimo. Notho* não he termo de medicina, vem do grego νοθός, *qui ex uxore non legitima natus est.* «*Graeci* (diz Calepino) *nothum etiam appellant quicquid non legitimum, nec verum, nec germanum est*». *Notho* pois he originariamente o filho *illegitimo,* o filho *espurio,* e neste sentido nos parece que o empregou Camões, no cant. 8.º, est. 47.ª, falando de Mahumet, devendo ahi ler-se *notho,* e não *noto.* Os medicos usão deste vocabulo em sentido translato e metaforico.

Ocio, Desoccupação e Ociosidade — Nem hum

nem outro vocabulo exprime o que he *ocio*. O mesmo exemplo que Moraes ahi cita de Ferreira, *estás com as musas em honesto ocio occupado*, mostra que *ocio* não he *desoccupação*. Tambem não he *ociosidade*. (Veja-se *Ensaio de synonymos.)*

Patria — *A terra donde alguem he natural.* Esta definição não he bem clara, ou antes não comprehende a principal parte do definido, e a principal significação de *patria*. Quando falâmos da terra em que nascemos, e lhe chamâmos *nossa patria*, muitas vezes, e as mais das vezes, nos referimos ao lugar, villa, cidade ou aldêa em que moravão nossos pais quando viemos á luz da vida; outras vezes tomâmos o nome de *patria* mais em geral pela provincia ou reino, em que está o lugar do nosso nascimento; mas o vocabulo toma hum sentido mais elevado quando falâmos do *amor da patria*, e damos a este nobre affecto os mais altos elogios. Neste caso por certo que patria não significa a *terra donde alguem he natural;* nem mesmo a provincia ou reino inteiro em que nasceu, mas sim o corpo do estado, reino ou nação a que pertencemos, e aonde debaixo de hum governo civil, que nos protege, defende e favorece, estamos unidos aos *nossos compatriotas* pelos vinculos das mesmas leis, e pelo estreito laço da commum benevolencia e reciprocidade de officios, &c.

Protelar — Verbo activo. *Rechaçar, rebater* e *repellir*. Assim diz Moraes, e cita a *Deducção chronologica*, tom. 1.º, divis. 11.º, § 452.º Mas he de admirar que o escriptor, aliás douto, padecesse aqui tamanha equivocação, e entendesse tão mal o logar citado. *Protelar* he *ampliar os limites*, pol-os mais além; espaçar o termo. Do grego τὸ τέλος: em latim *protrahere*. No lugar citado da *Deducção chronologica*, diz-se que os inimigos de el-

Rei D. Affonso VI pretendião *prolongar* a regencia da Rainha D. Luiza, isto he, prorogal-a, espaçal-a, fazer que durasse mais tempo, que ella continuasse a reger o reino, &c.

Realista — *O que nas dissensões* (civis) *segue o partido do Rei, opposto aos republicanos.* Esta definição he errada. *Realista he o que segue o partido do legitimo Rei, contra quaesquer outros partidos, que lhe sejão oppostos.* Se hum Principe ou outro subdito se levantar contra o seu Rei com armas, os que defenderem o Rei serão *realistas,* aindaque os contrarios não sejão, nem se devão dizer *republicanos.* Os nossos antigos chamavão *realistas* aos do partido de el-Rei D. Affonso V, contra o supposto partido do grande Infante Duque de Coimbra, o qual nunca foi, nem se lembrou de ser *republicano,* nem os seus inimigos tal lhe imputárão.

Recordação — Define Moraes este vocabulo dizendo, que he *lembrança de cousa, de que perdêramos a memoria.* Esta definição porém he absurda; porquanto daquillo de que perdemos a memoria não póde haver *lembrança,* nem *recordação.* A *lembrança* (diz o mesmo Moraes) *he acto da memoria.* Substituamos esta definição ao definido, e appliquemol-a á definição de *recordação,* dada pelo escriptor, teremos *recordação, acto de memoria de cousa de que perdêramos a memoria!* (Veja-se *Ensaio de synonymos,* artigo 308.)

Religião — O diccionario define este vocabulo *o culto a Deos e aos Santos.* Esta definição he, pelo menos, muito imperfeita. Deve distinguir-se *religião* como *systema de doutrinas theoricas e praticas,* e então se define *collecção de dogmas theoricos e praticos, que nos ensinão o que devemos crer a respeito de Deos, e o que devemos praticar*

em cumprimento dos deveres, que temos para com elle, e *religião* como virtudes, isto he, *habito que nos inclina a dar o verdadeiro culto a quem compete.* No primeiro sentido *religião* póde conceber-se: *natural,* o systema de doutrinas ensinadas pelas luzes naturaes; *revelada,* o systema de doutrinas fundadas na revelação, e com ella conformes; *verdadeira,* aquella cujas doutrinas são verdadeiras; *falsa,* o contrario da verdadeira. No segundo sentido mesmo *religião* não he o *culto.* O *culto* he *acto da religião.* (Veja-se *Culto,* &c.)

Safira — Veja-se acima *Ceruleo.*

Saião — A esta palavra dá Moraes a significação de *algoz* e *verdugo;* mas dos antigos documentos não se collige que seja a verdadeira definição de *saião.* O escriptor, no artigo *sagion,* diz melhor definindo-o *ministro de justiça como alcaide ou juiz,* postoque tambem duvidâmos que o *juiz* se chamasse *saião.*

Solano — Não he o *vento sul,* como diz Moraes. *Solano* he o mesmo que com outro nome chamâmos *soão,* e tambem *subsolano.* He vento que sopra do nascente, donde nasce o sol, vento de levante, muito calmoso, opposto ao *favonio,* que sopra brandamente do poente, e tambem se chama *zefiro,* &c. Parece porém que *solano* he mais propriamente *vento do levante,* que vem de onde *se levanta o sol; subsolano,* vento do *nascente equinoccial,* que vem *de debaixo do sol; favonio* e *zefiro,* vento do poente *equinoccial,* &c.

Virgem — *Pessoa que não peccou contra a castidade, que não teve copula carnal.* Ambas estas explicações são falsas. O homem e mulher cazados podem não ter peccado contra a castidade, e comtudo não são *virgens.* Tam-

bem o homem e a mulher podem não ter nunca tido copula carnal, e nem por isso se segue que sejão *virgens*. (Veja-se *Ensaio de synonymos*, artigo 37.)

Virtude — *Exercicio dos deveres moraes, civis, sociaes ou religiosos*. Esta definição não he boa. *Virtude* não he *o exercicio* della. *Virtude* he hum habito moral, o qual se costuma definir *vontade constante de fazer o bem, de cumprir os deveres*. E como estes sejão moraes, civis, sociaes e religiosos, daqui nascem varias classes de virtudes, distinctas pelas mesmas denominações, &c. Virtudes *moraes*, como por exemplo a justiça, a compaixão, a modestia, a beneficencia. Virtudes *civis*, como por exemplo o amor da patria e dos cidadãos: a veneração ao Rei, aos magistrados: a obediencia ás leis e á auctoridade publica, &c. Virtudes *sociaes*, como por exemplo a cortezia, a civilidade e polidez, a condescendencia, a benevolencia geral, a complacencia rasoavel, &c. Virtudes *religiosas* todas, porque todas são recommendadas pela religião, mas em especial *a humildade, o perdão e amor dos inimigos, o amor de Deos*, &c.

Ordem em que se devem collocar em cada artigo as differentes significações ou applicações dos vocabulos

Ha em todas as linguas muitos vocabulos, cujas significações se applicão a objectos varios e mui differentes por alguma relação de semelhança ou analogia, que propria ou metaforicamente se acha, ou parece achar-se entre os mesmos objectos. Assim, por exemplo, *pé* significa o pé do homem e do animal, o pé do monte, da arvore, da mesa, do banco, &c. *Cabeça* quer dizer a cabeça do homem e do animal, a cabeça do dedo, do prego; a cabeça [illegible] &c.

He facil entender que estas differentes significações, ou applicações do mesmo vocabulo, devem ser, em hum bom diccionario, dispostas, quanto sêja possivel, por tal ordem, que se veja qual he a primitiva e propria, quaes as derivadas e figuradas, qual a maior ou menor analogia da derivação, e qual a sua maior ou menor proximidade ao typo original; de maneira que se possa conhecer a marcha e gradação que o espirito seguio passando de humas a outras applicações; se entenda melhor a força da significação pelos differentes gráos da sua analogia, e se avalie ao justo o adiantamento ou atrazamento filosofico, em que se acha a nação com respeito ao uso que faz da admiravel fecundidade dos idiomas, e ao artificio intellectual com que usa deste prodigioso orgão dos humanos conhecimentos.

Devemos confessar que nem sempre he facil seguir esta ordem, e que muitas vezes nos achâmos perplexos, querendo determinar qual seja a formal, original e primitiva significação de algum vocabulo, quaes as suas applicações secundarias, e qual a ordem por que ellas se fôrão seguindo humas a outras. Estas applicações são fundadas humas vezes na analogia ou semelhança fysica e sensivel dos objectos significados, outras vezes n'huma analogia meramente intellectual ou moral, outras vezes em alguma semelhança imaginaria e sem realidade, outras vezes em algum facto que deo occasião a huma denominação arbitraria, &c.

Requer-se pois nesta materia o mais solicito desvelo do diccionarista, huma não vulgar erudição, e hum juizo perspicaz e ao mesmo tempo seguro e justo.

Podem dar-se comtudo algumas regras mui geraes que o dirijão nesta difficil indagação. Assim, por exemplo:

1.º Teremos regularmente por originaes as significações de objectos sensiveis, materiaes e fysicos.

2.º Entre ellas daremos preferencia ás que exprimem

objectos que nos são quotidianamente familiares, e que dizem respeito ás nossas mais immediatas necessidades e usos.

3.º Teremos como secundarias e mais remotas do typo primitivo as que referem objectos invisiveis e espirituaes, ou abstractos.

4.º Haveremos como ainda mais apartadas da origem as que exprimem noções compostas de objectos moraes e scientificos, e cuja formação suppõe hum grande progresso na civilisação e nos estudos.

5.º Terão depois lugar as applicações a objectos que só por alguma muito remota analogia se podem assemelhar ao objecto primitivo, &c.

O nosso diccionario pretere muitas vezes estas e outras regras que o deverião dirigir, e parece ter arranjado alguns artigos sem attenção a ellas, e quasi ao acaso, o que nos parece consideravel defeito. Eis-aqui alguns exemplos:

No artigo *Médio*, adjectivo, começa por *verbo médio da grammatica grega*, significação que deveria ser talvez a ultima de todo o artigo. *Médio* he: 1.º, o que está igualmente distante dos extremos, v. gr., ponto *médio* de huma linha, de hum espaço de qualquer extensão corporea; 2.º, preço *médio* de huma cousa, isto he, o que está a igual distancia do maximo e do minimo; 3.º, termo *médio* de huma proporção arithmetica ou geometrica; 4.º, classe *média*, a que está a igual distancia entre a superior e a inferior; 5.º, verbo *médio*, na grammatica grega o que tem significação entre a activa e a passiva, &c.

No artigo *Braga* diz em primeiro lugar que he *argola de ferro, com que se prende alguem pela perna*. Põe depois *cabo do navio com que se alão caixas*; mais depois *calças largas*. Esta ultima significação parece ser a mais antiga e como original do vocabulo *braga* ou *bragas*. Em

celtico *bragas* erão as *calças que descião desde a cintura até ás pernas,* donde nós formâmos *bragal,* tecido grosso de que se fazião as *bragas,* e muitas vezes nomeado nos nossos antigos documentos; *bragadura,* nos bois e cavallos, a porção do corpo entre pernas, branca, pela qual se dizem *bragados,* como se fossem vestidos de *bragas.* Talvez mesmo *braga* significava com mais propriedade a parte do corpo entre pernas que se cobria e encachava com as *bragas,* donde derivâmos *braguilha* os fundilhos dos calções entre as côxas; a parte que cobre os genitaes, &c. A significação de *braga* por argola de ferro com que se prende alguem pela perna, he, ao que parece, derivada da primeira, porque a argola cobre e cinge em parte a perna, &c.; e o *cabo do navio,* com que se alão caixas, he derivado, segundo parece, ainda com mais remota analogia, e provavelmente porque o cabo *cinge* a caixa que se ha de alar, &c.

No artigo *Moça* põe primeiro a significação *criada de servir,* depois *rapariga, mulher de poucos annos.* Devia proceder inversamente. *Moça* he primariamente *pessoa do sexo feminino de poucos annos,* e secundariamente *rapariga de servir. (Ensaio de synonymos,* artigo 99.)

No artigo *Baraço* põe a significação *laço de apertar a garganta aos que se enforcão.* Mas esta não he a primaria significação de *baraço. Baraço* ou *baraça* he a corda delgada, cordel ou ligadura de fio entrançado, com que se prendem, ajuntão, enlação e segurão algumas cousas, ou hum feixe e mólho de cousas. Desta significação he que vem a outra de *baraço com que se aperta a garganta,* passando-o em roda della, e enlaçando e apertando, &c.; donde vem a frase proverbial *pôr o baraço na garganta,* isto he, forçar alguem a fazer o que queremos, pondo-o em aperto com grandes medos e ameaças. De *baraço* formâmos por composição *embaraço,*

desembaraço, &c. Temos tambem *baraza*, corda de laço de caçar veados e ursos, &c.

Derrotar — a primeira significação he *apartar da rota, do rumo, do caminho*. *Derrotar*, isto he, *romper o exercito, destruil-o, desbaratal-o*, he significação secundaria e consequencia da primeira.

Indagação das etymologias

Aindaque o nosso assumpto não seja escrever hum tractado etymologico, nem expôr as regras pelas quaes se deve governar o etymologista na indagação da origem dos vocabulos, não será comtudo totalmente improprio deste nosso trabalho indicar aqui algumas das principaes e mais frequentes alterações que o nosso idioma faz nos vocabulos, quando os traz e deriva de outras linguas, e as regras que ordinariamente segue neste ponto, porque d'aqui depende muitas vezes o acerto na indagação das suas origens.

A inicial

O nosso idioma, obediente á propensão do orgão portuguez, acrescenta muitas vezes hum *a* inicial aos vocabulos, sem comtudo augmentar ou alterar a sua significação. Esta letra deve consequentemente desprezar-se nas indagações etymologicas. Exemplos:

Abafar, do hebraico [illegible].
A[illegible], de *[illegible]* grego.
Acostumado, de *costumado*.
A[illegible], de *[illegible]* germanico.
A[illegible], do grego [illegible].
A[illegible], do grego [illegible].
A[illegible], do grego [illegible].
A[illegible], [illegible].

Apalpar, de *palpar* (latino).
Apegado, de *pegado*.
Aporfiar, de *porfiar*.
Atilar, do hebraico *til*.

Ab, ac e ap em au

Ab se converte a cada passo em *au*, v. gr.:
Absens, em *ausente*, *absente* (menos usado).
Absolutus, em *ausoluto* (pronunciação ainda hoje usada do povo).
Actus, em *auto*.
Aptus, em *auto* (hoje pouco usado).
Baptizo, em *bautizar* (hoje mais usado *baptizar*).
Baptista, em *bautista* (idem).
Mentecapto, em *mentecauto* (popular).

Actus, ectus, octus, uctus (latinos)
em **au, ei, oi** e **ui**

De *actus*, *auto*.
De *suspectus*, *suspeito*.
De *despectus*, *despeito*.
De *projectus*, *projeito*.
De *coctus*, *coito* (antiquado), donde *biscoito*.
De *fructus*, *fruito*.
De *luctuosus*, *luitoso*.

Au (diphtongo latino) e **o** em **ou**

De *aurum*, *ouro*.
De *maurus*, *mouro*.
De *thesaurus*, *thesouro*.
De *cautum*, *couto*.
De *corium*, *couro*.
De *raucus*, *rouco*.

De *taurus, touro.*
De *morior, mouro* (antiquado).
De *dorius, dôuro.*

Al (latino) em **ou**

De *alter, outro.*
De *saltus, souto.*
De *calcis, couce.*

Tor (terminação latina) em **dor** (**t** em **d**)

De *dator, dador.*
De *amator, amador.*
De *procurator, procurador.*
De *saltator, saltador.*
De *monstrator, mostrador.*
De *tantzen* (allemão), *dançar.*
De *tanz* (allemão), *dança.*
De *dart* (inglez), *dardo.*

A (inicial).

Lauten, a-laud (germanico).
Arame, de *rame* (teutonico).
A-raia, de *raia* (vasconso).
A-susena, de *susan* (hebraico).

H (inicial) em **f**

De *hart* (germanico), ou *hardo* (gothico), *farto.*
De *hacha, facha.*
De *hacca* e *hacanea, facanéa, hacanéa* e *faca.*
De *harpazo* ou *harpaes* (grego), *farpoar, farpão* e *farpa.*
De *heno* (hespanhol), *feno* (latino).
De *humo* (hespanhol), *fumo* (latino).

Au em al

De *gauros, gaurotes,* &c. (grego), *galrar.*

S (inicial) em es

He talvez particular da lingua portugueza esta permutação frequentissima, pela qual dizemos, v. gr.:

De *spiritus* (latino), *espirito.*
De *spero* (latino), *esperar.*
De *scribo* (latino), *escrever.*
De *steira* (do navio, grego), *esteira.*
De *storea* (latino), *esteira.*
De *spanos* (grego), *espanar.*
De *spatzieren* (germanico), *espairecer.*
De *sporen* (germanico), *espora.*

L e r

Estas duas letras ou articulações se permutão a cada passo, pelo que dizemos, v. gr.:

Almario ou *armario,* de *arma* (latino), ou de *armos* (grego).
Almazem ou *armazem,* de *armachzen* (arabe).
Cable ou *cabre,* de *chhable* (hebraico).
Corchete ou *colchete,* do hebraico.
Fleuma ou *freima,* de *flegma* (grego).
Floxo ou *froxo.*
Frauta ou *flauta,* de *floite* (germanico).
Frecha ou *flecha,* de *flitsch* (allemão).
Froco ou *floco,* do celtico ou gaulez. (Voltaire.)
Lilio ou *lirio,* de *lilium* (latino).
Plantar ou *prantar,* de *planctus* (latino).
πλεχος ou *prégo.*

L (final) em m

De *carmil* (hebraico), *carmim*.
De *marfil* (arabe), *marfim*.
De *alfil* (arabe), *alfim*.

B, v e f permutados

De *arrhabo*, *arrefens*.
De κυβος (grego), *baio*.
De κυβος (grego), *cubo*.
De *vitta* (latim), *fita*.

Us e um (final, latino) em o

As terminações latinas em *us* e *um* são pouco proprias da *vocalidade* (digamos assim) e dos sons sonoros da lingua portugueza, por isso as convertemos muitas vezes em *o*, v. gr.:
De *servus*, *servo*.
De *tempus*, *tempo*.
De *casus*, *caso*.
De *magnus*, *magno*.
De *justus*, *justo*.
De *vultus*, *vulto*.
De *notus*, *noto*.
De *remus*, *remo*.
De *templum*, *templo*.
De *regnum*, *regno-reino*.
De *dorsum*, *dorso*.
De *damnum*, *damno*.
De *aurum*, *ouro*.
De *coementum*, *cimento*.
De *pergamenum*, *pergaminho*.
De *cuminum*, *cuminho*.
De *vitrum*, *vidro*.
A lingua portugueza tem mui poucos vocabulos que

terminem em sons escuros, como em *us*, em *um*, em *ur*, &c.

Is (final, latino) em **e** ou **a**

De *gravis*, *grave*.
De *tenuis*, *tenue*
De *facilis*, *facile*.
De *nobilis*, *nobre*.
De *navis*, *nave* (antiquado).
De *pupis*, *popa*.
De *imbecillis*, *imbecille*.
De *turris*, *torre*.
De *neptis*, *neta*.
De *foris*, *de fóra*.
De *litis*, *lide* e *lida*.

M em **b**, e vice-versa

Estas duas articulações, que são analogas, e pertencem ao mesmo orgão, costumão permutar-se. Assim dizemos:

Por *melancia*, *belancia*.
Por *Melchior*, *Belchior*.
Por *milhafre*, *bilhafre*.
Por *vagabundo*, *vagamundo*.
Por *bogiganga*, *mogiganga*.

Gn em **nh**

Os nossos antigos parece que evitavão a articulação *gn* mudando-a em *nh*. Assim, disserão:

Indinho ou *indino*, por *indigno*.

Manho, de *magno*, donde fizemos *tam-manho*, *quam-manho*, e por contracção *tamanho*, *quamanho*.

Penhor, por *pignus*.

Punhar e *repunhar*, por *pugnar* e *repugnar*, &c.

De *wise* (germanico), *guisa*.
De *al-vasil* (arabico), *al-guazil*.
De *Wadiana* (arabico), *Guadiana*, e assim na composição arabe dos nomes dos rios, como *Guadalquivir*, *Guadalete*, *Guadalaviar*, &c.
De *Vitta* (latino), *guita*.
De *ὑια* (grego), *guia*.

Pl em ch

De *plaga* (latino), *chaga*.
De *plantare* (latino), *chantar*.
De *plorare* (latino), *chorar*.
De *planus* (latino), *chão*.
De *plus* (latino), *chus* (antiquado).
De *platus* (grego), *chato*.
De *plumbum* (latino), *chumbo*.
De *pluma* (latino), *chumaço*.
De *pluvia* (latino), *chuva*.
De *pluere* (latino), *chover*.
De *planctus* (latino), *chanto* (antiquado).
De *applicare* (latino), *achegar*.
De *applanare* (latino), *achanar*, *alhanar*.

Fl em ch

Pela mesma razão a articulação *fl*, que he analoga a *pl*, e propria do mesmo orgão, se muda tambem em *ch*.
De *flamma* (latino), *chamma* e *flamma*.
De *flamula* (latino), *chámoa* (nome proprio antiquado).

Cl em ch

De *clavis* (latino), *chave* e *clave*.
De *clamar* (latino), *chamar*.
De *clausum* (latino), *chouzo*.
De *clausura* (latino), *chousura*.

Vocabulos ou particulas componentes e terminativas

Consta a lingua portugueza, bem como outras muitas linguas, de vocabulos simples e compostos.

Chamâmos aqui vocabulos *simples* (aindaque alguns rigorosamente o não sejão) não só os monosyllabicos, mas tambem todos aquelles em que não achâmos outra composição mais que a das terminações que os caracterisão, como por exemplo *a-mor, am-ar, mez-a, pedr-a, queim-ar, ach-ar, and-ar,* &c. E chamâmos *compostos* aquelles que, pelo maravilhoso e fecundissimo artificio da lingua, se fórmão dos *simples* acrescentando-lhe novas terminações ou affixos, antepondo-lhe preposições ou diversos outros vocabulos ou particulas, que augmentão, diminuem, varião ou modificão as significações dos simples, que dão ao idioma grande facilidade de assim multiplicar as fórmas dos vocabulos sem augmentar o numero de suas raizes primitivas, como de expressar todas as differentes modificações das idéas, e as varias relações, figuras e empregos que as palavras tem e desempenhão no discurso, e que mostrão a marcha do discurso no seu desenvolvimento intellectual e na formação analytica do seu principal instrumento.

Por estas simples noções he facil ver que o conhecimento das terminações, e mais particulas ou palavras componentes dos vocabulos, deve produzir tres principaes e mui importantes vantagens; a saber:

1.ª Dar-nos a conhecer o typo ou vocabulo simples original e radical, e facilitar-nos talvez a indagação da sua etymologia.

2.ª Dar-nos a verdadeira e genuina significação do vocabulo pela analyse de cada huma das suas partes componentes e terminativas.

3.ª Guiar-nos na composição de outros vocabulos para a fazermos segundo o genio da lingua e sem nos desviarmos de suas analogias.

Seria portanto muito para desejar:

1.º Que no diccionario se indicassem as partes componentes e terminativas, bem como os affixos de cada vocabulo, o que se poderia fazer escrevendo, v. gr.: *com-posi-ção, visi-tar, visi-ta-ção, re-spei-to, des-commo-do, pro-cura-dor, com-bate, a-cata-mento, re-nova-ção, in-usi-tado, a-per-feiçoa-mento,* &c.

2.º Que em artigos separados se declarasse a força de significar que as particulas componentes ou terminativas dão aos vocabulos, ou as alterações e variações que nelles causão.

O douto Moraes lembrou-se disto raras vezes em alguns dos seus artigos, mas assim mesmo com pouca fortuna; por exemplo:

No artigo *Iço* diz que esta desinencia indica *falsidade nos attributivos, especie de engano,* e auctorisa esta sua opinião com as palavras *arruido, feitiço, herdade vendidiça,* &c., aonde presume achar não sei que idéa de *falsidade* e *engano.* O auctor parece-nos ter-se elle mesmo enganado nesta materia. A terminação em *iço* exprime (como já dissemos no *Ensaio de synonymos)* facilidade da acção, habito de a repetir. Assim *(Ensaio de synonymos,* artigo 84):

Porta *dobradiça,* facil de dobrar-se.

Homem *agastadiço,* facil de agastar-se.

Ponte *levadiça,* facil de levantar-se, &c.

Visto que Moraes não tocou a maior parte das fórmas terminativas mais frequentes no nosso idioma, não parecerá superfluo que aqui apontemos algumas (como já fizemos no citado *Ensaio)* para servirem de exemplo e advertencia.

Aço e aça

Esta terminação he augmentativa da significação dos vocabulos substantivos a que se acrescenta, e parece mais propria ou mais frequente na locução familiar, e talvez na frase chula ou ironica, v. gr.:

De *mestre, mestraço.*

De *rico, ricaço.*

De *theologo, theologaço.*

De *estilha, estilhaço.*

De *canhamo, canhamaço.*

De *pluma, chumaço;* em hespanhol *plumazo.*

De *lerdo, lerdaço.*

De *cara, caraça.*

Ada

Exprime em muitos vocabulos portuguezes a pancada, golpe ou encontro dado com instrumento, arma, ou outro semelhante corpo impellido com força. Assim:

Cabeçada, golpe ou pancada de *cabeça,* ou com ella, &c.

Calhoada, de *calhão.*

Facada, de *faca.*

Massada, de *masso.*

Pancada, de *panca.*

Páolada, de *páo.*

Pernada, de *perna.*

Punhada, de *punho.*

E parece esta terminação tão particular da nossa lingua, que os Latinos a não podem explicar senão por dous vocabulos, dizendo, v. gr.:

Por *pedrada, ictus lapidis.*

Por *facada, ictus cultelli,* &c.

E os Francezes semelhantemente:

Por *aguilhoada, coup d'aiguillon.*

Por *vassourada, coup de balai.*

Por *páolada, coup de bâton.*
Por *cotovelada, coup de coude.*
Por *chicotada, coup de fouet.*
Por *lancetada, coup de lancette.*
Por *lançada, coup de lance.*
Por *pedrada, coup de pierre.*
Por *pincelada, coup de pinceau,* &c.

Ade

Terminação mui propria para *as qualidades* fysicas e moraes tomadas em abstracto, v. gr.: *Amizade, caridade, liberdade, magnanimidade, preciosidade, puridade, qualidade, raridade, singularidade, virgindade,* &c.

Al

Caracterisa o que he accessorio, dependencia, perteça, circumstancia, e talvez effeito de alguma cousa, v. gr.:
Accidental—que he accessorio da substancia.
Casual—effeito do *acaso.*
Moral—que pertence aos costumes.
Natural—que he dependencia, effeito da natureza.
Substancial—que pertence á substancia, &c.
(Veja-se *Ensaio de synonymos,* artigo 135.)

Alha

Esta terminação parece significar multidão de cousas da mesma especie, e applica-se muitas vezes a cousas de pouco preço, despreziveis e miudas. Assim:
Acendalhas—multidão de plantas, ou páos miudos com que se accende o lume.
Batalha—multidão de pessoas batendo-se.
Canalha—multidão de plebe vil.
Canalha e *cainçalha*—multidão de cães.

Fustalha — multidão de fustas e barcos, que acompanhão a armada.

Gentalha — multidão de gente baixa.

Maravalhas — multidão de aparas de madeira e ramos de arvores.

Muralha — multidão de muros.

Parentalha — multidão de parentes.

Victualhas — multidão de provisões de mantimentos.

Alho, elho e ilho

Terminação diminutiva, que caracterisa o objecto de miudo, desprezivel e de nenhum valor, talvez ridiculo, &c., v. gr.: *Bandalho, cascalho, enxovalho, esgalho, estropalho, frangalho, negalho, retalho, trapalho, bedelho, cortelho, fedelho, monelho, armedilho, canutilho, carrilho, cascarrilha, casquilho, cordonilho, justilho, tendilha, mantilha.*

Avel

Exprime (nos adjectivos portuguezes) quasi sempre a idéa de potencia, virtude, capacidade, força e propriedade natural da pessoa ou cousa, como: *Admiravel, amavel, estimavel,* &c.

(Veja-se *Ensaio de synonymos,* artigo 135.)

Ice

Caracterisa em abstracto o dito ou acção, de que se não faz caso; que se despreza por vir de pessoa que tem pouco juizo ou ruim caracter, ou algum outro grave defeito fysico ou moral. Assim, por exemplo:

Basbaquice — dito ou acção de basbaque.

Chocarrice — dito ou acção de chocarreiro.

Doudice — dito ou acção de doudo.

Leiguice — dito ou acção de homem leigo, rude e ignorante.

Letradice — trica de máo letrado.
Meninice — dito ou acção de menino.
Parvoice — dito ou acção de parvo.
Sandice — dito ou acção de sandeu.
Tontice — dito ou acção de homem tonto.

Ico

Com esta terminação se exprime nos adjectivos o que pertence ou he conforme a algum systema de doutrina, ou a algum principio notavel de theoria ou de pratica, e algumas vezes o que pertence a huma classe particular de objectos, v. gr.:

Filosofico — o que he conforme ou pertence á filosofia;

Aristotelico, biblico, catholico, machiavellico, platonico, politico e *socratico* — o que pertence aos systemas, doutrinas e principios destes filosofos;

Casuistico, cirurgico, economico, heretico e *medico* — o que pertence a estas sciencias ou systemas; e tambem a pessoa que segue, abraça e pratica esses systemas, doutrinas ou principios.

Ido

Terminação dos adjectivos verbaes, formados dos verbos em *er* e *ir*, que exprime o estado actual passivo do objecto, como: *Agradecido, comido, confundido, entendido, lido, vestido*, &c.

Corresponde-lhe nos verbos em *ar* a terminação em *ado*, e huns e outros se tomão algumas vezes elegantemente em significação activa, como *lido*, o que lê; *agradecido*, o que agradece; *entendido*, o que entende, &c.

Ado

Exprime o estado actual passivo do sujeito nos adjectivos verbaes que nascem dos verbos em *ar*, v. gr.:

Amado, cantado, carregado, castigado, enfeitado, estimado, louvado, visitado, &c.

Aria

Terminação caracteristica de multidão de objectos da mesma especie, ou de frequencia e continuação do mesmo objecto, v. gr.: *Calmaria, cordoaria, drogaria, escravaria, ferraria, judiaria, mouraria, padaria, pedraria,* &c.

(Veja-se *Ensaio de synonymos*, artigo 149.)

Ilha e ilho

São terminações masculina e feminina que exprimem diminuição, ou caracterisão vocabulos diminutivos, v. gr.:

Bandurrilha — pequena bandurra.

Camilha — pequena cama.

Cartilha — pequena carta.

Cascarrilha — cousa de pouca monta.

Comecilho — pequeno começo de alguma cousa.

Cordonilho — cordão delgado, &c.

Fornilho — pequeno forno.

Mantilha — pequena manta ou mantéo, pannos das crianças.

Inho e inha

He outra terminação diminutiva, mui frequente no portuguez. Assim: *Amarelinho, amiguinho, espertinho, estreitinho, homemzinho, livrinho, rapazinho, cadeirinha, cazinha, fontinha,* &c.

Diminutivo tanto nos adjectivos como nos substantivos.

Ismo

Com esta terminação se exprime hum particular systema de doutrina, ou hum particular systema de falar,

e de viver com praticas, ritos, usos, disciplina e estilo tambem particular. Assim, v. gr., chamâmos:

Catholicismo — o systema da religião catholica.

Catecismo — o systema das doutrinas religiosas.

Calvinismo, lutheranismo, molinismo e *pietismo* — o systema destas falsas seitas.

Ecclectismo e *platonismo* — o systema de Platão e dos Ecclecticos.

Ista

Esta terminação corresponde á que acabâmos de explicar. Quem segue o *ecclectismo*, o *platonismo*, o *calvinismo*, &c., ou qualquer outro systema particular de doutrina toma o nome correspondente com a terminação em *ista*, v. gr.: *Calvinista, catholicista, ecclectico, ecclectista, molinista*, &c.

Exprime tambem esta terminação grega o que segue, ou professa huma particular doutrina, sciencia, arte, officio ou profissão, ou se alista para isso dando o seu nome. Assim dizemos:

Artista — o que professa as artes.

Atheista — o que professa o atheismo.

Calvinista — o que professa o calvinismo.

Espinosista — o que segue a doutrina de Espinosa.

Humanista — o que professa os estudos humanos.

Maquinista — o que faz maquinas.

Occulista — o que tem officio de fazer oculos.

Papelista — o que tracta de papeis e tem esse officio.

Realista — o que segue o partido dos Realistas.

Ivo

Significa o que tem a virtude de, v. gr.:

Activo — virtude de obrar.

Adstrictivo — virtude adstringente.

Amplificativo — virtude de amplificar.
Motivo — virtude de mover.
Nutritivo — virtude de nutrir.
Passivo — virtude de receber a acção alheia.
Penetrativo — virtude de penetrar.
Productivo — virtude de produzir.

Edo

Esta terminação exprime multidão, continuação, repetição da mesma cousa, v. gr.:
Arvoredo — multidão de arvores.
Folguedo — grande folga; muita folga.
Fraguedo — fragas continuadas.
(Veja-se *Ensaio de synonymos*, artigo 91.)

Ejar e ear

Terminação *frequentativa*, como em *versejar, carrejar, serpentejar, cavallear, pinotear*, &c.
(Veja-se *Ensaio de synonymos*, artigo 233.)

Eza

Designa huma *qualidade* da cousa, quasi como a terminação em *ade*, de que acima falámos, terminando-se alguns vocabulos ora por huma ora por outra, quasi indifferentemente. Assim: *Clareza, claridade; estranheza; molleza; rustiqueza, rusticidade; dureza; simpleza, simplicidade; viveza, vivacidade.*

Oso

(Veja-se *Ensaio de synonymos*, artigo 114.)

Udo

Terminação augmentativa dos adjectivos, que indica que o attributo, por elles significado, compete ao sujeito

em grande quantidade, ou em gráo superior ao ordinario. Assim:

Cabeçudo — de *cabeça dura*, em que não entra razão.
Cabelludo — de *muito cabello*.
Carrancudo — de *grande carranca*.
Mamudo — de *grandes mamas*.
Membrudo — o que he de *fortes* e *grandes membros*.
Papudo — de *grande papo*.
Tronchudo — de *grossos talos*.

Exprime que a pessoa ou cousa teve alguma qualidade, accidente ou attributo em gráo de grandeza, força e vigor além do ordinario.

Ulho

Terminação que significa multidão de cousas, sem ordem, confusas e misturadas, talvez em agitação e perturbação.

Barulho — perturbação de gente confusa.
Cascabulho — muitas cascas misturadas sem ordem.
Embrulho — cousas envolvidas em confusão.
Entulho — mistura de terra, caliça, areia, &c.
Marulho — ondas com agitação perturbada.
Pedregulho — multidão de pedras sem ordem, &c.

Izar ou ezar

Terminação de muitos verbos, que exprimem a *assemelhação* de huma cousa a outra.

Barbarizar — assemelhar o vocabulo ou frase á locução barbara, dando-lhe as fórmas d'ella.

Christianizar hum rito — he assemelhal-o aos ritos christãos.

Contemporizar — assemelhar-se aos tempos, ao que corre, conformar-se com elles.

Grecizar — assemelhar-se aos Gregos em linguagem ou em outros usos.

Latinizar hum vocabulo — he dar-lhe fórmas latinas.

Naturalizar — he assemelhar a pessoa aos naturaes.

Aportuguezar, afrancezar, &c.

Eiro

Caracterisa nomes de officios, artes, profissões, empregos mecanicos, o habito de fazer alguma cousa como por officio.

Barqueiro, carpinteiro, marroteiro e *sapateiro* — homem que tem estes officios.

Roupavelheiro — vendedor de roupas velhas.

Trapaceiro — o que faz *profissão* de trapacear.

Trapeiro — vendedor de trapos.

Douro

Damos muitas vezes esta terminação a lugares, ou a nomes de lugares que são destinados, aptos, accommodados para se fazer, ou collocar, ou ter alguma cousa.

Calcadouro — lugar em que se trilha o trigo.

Embarcadouro — lugar em que se embarca.

Estendedouro — lugar em que se estende a roupa.

Lavadouro — lugar em que se lava.

Matadouro — lugar em que se matão rezes.

Sumidouro — lugar em que se some a agoa.

Undo ou bundo

O que encerra alguma cousa, ou alguma qualidade com abundancia, profusão, excesso, frequencia, profundeza; v. gr.: *Errabundo, facundo, fecundo, furibundo, geme-*

bundo, iracundo, jocundo, moribundo, rubicundo, vagabundo, venerabundo, &c.

Ão

Esta terminação he expressiva da *acção,* do exercicio da potencia, da sua operação, &c. Assim:

Composição — acção de compôr.
Confissão — acção de confessar.
Destruição — acção de destruir.
Operação — acção de operar.
Profanação — acção de profanar.
Submissão— acção de submetter, ou de submetter-se.
(Veja-se *Ensaio de synonymos,* artigo 103.)

Ura

Exprime o effeito, o resultado de alguma acção, ou trabalho, ou operação. Assim:

Amargura — o effeito do amargor.
Criatura — o effeito do criar, o producto da criação.
Escriptura — o effeito do escrever.
Pintura — o effeito do pintar.
(Veja-se *Ensaio de synonymos,* artigo 325.)

Ante, ente e inte

Terminação que nos adjectivos verbaes exprime o estado presente do objecto, ou a sua acção tambem presente, ou o que presentemente succede e se faz, v. gr.:

Estudante — o que actualmente estuda ou anda estudando.

Negociante — o que actualmente negocêa, tem este estado, &c.

(Veja-se *Ensaio de synonymos,* artigo 114.)

Em alguns adjectivos formados dos verbos em *en* e em *ir* a terminação é ás vezes em *ente,* como: *Adstrin-*

gente, carecente, concludente, dissolvente, dormente, impediente, mordente, padecente e *temente.*

Talvez em *inte,* como: *Ouvir, ouvinte; pedir, pedinte.*

Ex

Preposição latina, que exprime a circumstancia de *tirar de dentro, pôr á vista desenvolvendo,* v. gr.:

Explicar — tirar das dobras.

Expôr — pôr ás claras.

Exterminar — pôr *fóra do termo;* lançar de *dentro do termo.*

Extemporaneo — fóra do tempo.

Extrahir — tirar de dentro por força.

Intro

Outra preposição latina que significa *dentro, para dentro,* acha-se em *introduzir, introito* e *intrometter.*

Ob

He tambem preposição latina que exprime *em presença, em face, diante de,* &c. Em portuguez a transformâmos em *om, ou, os,* &c., seguindo a *eufonia* e facilidade da pronunciação. Assim dizemos:

Observar — pôr ou *ter diante* dos olhos.

Occorrer — correr ao encontro.

Ommittir — lançar de diante de si; *deixar* de parte.

Ostentar — mostrar com affectação; *fazer ver,* &c.

Vocabulos que se achão em Moraes materialmente identicos, mas de mui diversa significação e origem, e que por isso se devem escrever em artigos separados

Ha no portuguez, bem como nas outras linguas, muitos vocabulos que, constando das mesmas articulações

e syllabas, tem comtudo significações diversissimas, por serem tomados de raizes ou origens totalmente diversas em significação.

Moraes põe muitas vezes estes vocabulos debaixo de hum só artigo, o que nos parece muito inconveniente; porque o leitor pouco instruido, e que deseja aprender a lingua, achando significações inteiramente diversas, e sem analogia alguma entre si, fica desconhecendo a etymologia do vocabulo, a relação dos dous entre si, cuidando que a devem ter, e a regularidade e analogia da lingua, e talvez vai usar dos dous vocabulos com impropriedade, &c.

Adobe—Tijolo de barro cru; e *adobe,* grilhão. O primeiro he arabe.

Anta—Animal; e *anta,* pedra elevada, pilar nos angulos dos edificios, &c. Significão diversamente, e vem de diversa origem.

Ar—Fluido em que vivemos e respirâmos, latim *aer;* e *ar;* geito, maneira de fazer as cousas, talhe e fórma dos objectos, &c.

Assoar—Limpar o monco do nariz; e *assoar,* fazer assoada. Devem separar-se, não só porque tem mui diversa significação e origem, mas tambem porque o segundo deve escrever-se *asuada* ou *assuada,* e não *assoada.*

Azado—De *ala, alado;* e *azado,* de *azo,* opportuno em boa conjuncção, &c. Damos o primeiro como adjectivo ao que tem *azas;* damos o segundo ao que he proprio, accommodado, geitoso, *azado,* &c.

Cabala—Especie de interpretação da Escriptura Sagrada; e *cabala*, conspiração para fazer mal.

Caçar—Tomar aves ou animaes na caça; e *cassar*, annullar, quebrar, romper.

Calar—Com differentes significações, que se devem distinguir e separar.

Camelo—Animal; e *camelo*, calabre.

Capella—Lugar religioso; e *capella*, loja de fazendas.

Enxova—Peixe; e *enxova*, prizão. Tambem devem notar-se em artigos separados.

Esteira—Tecido de junco ou palma, do latim *storea*; e *esteira* do navio, do grego στεῖρα, quilha.

Maceira—Arvore que dá maçãas; e *maceira* (ou antes *masseira*), de amassar o pão; e *masseira* da nora, assim chamada pela sua figura, que he como a da masseira do pão. A primeira destas palavras deve ser separada das outras duas: estas podem hir juntas no mesmo artigo.

Seda—Producto do bicho chamado de seda, latim *sericum*; *seda*, especie de cabello da cauda, coma, &c., de certos animaes, v. gr. do porco: *seta*.

Sellar—Marcar com o sèllo, latim *sigillari*, *pôr o sêllo*: sellar o cavallo, do latim *sella*, *pôr a sella*.

Tacha—Defeito, nodoa; *tacha*, prègo pequeno; devem separar-se. Mais adiante põe Moraes em hum só

artigo *taxa*, preço das cousas; *taxa* defeito; *taxa*, tributo.

Vocabulos componentes

Alem das varias terminações de que temos tratado, e de outras muitas, que poderamos acrescentar, admittem os vocabulos portuguezes outras palavras componentes, que alterão a significação do typo primitivo, ou da raiz original. Destas daremos alguma idéa nos seguintes artigos.

Ante

Esta palavra, anteposta ao vocabulo, acrescenta á sua significação huma idéa de *anterioridade;* assim:

Anteposto — *posto antes*, o contrario de *posposto*, que he *posto depois*.

Antecipado — feito, dito, opinião, juizo, acontecido, ou *tomado antes*.

Antecessor — o que teve o emprego ou lugar *antes de outrem*, e o deixou.

Antepassado — o que passou *antes*.

Antehontem — *antes de hontem*, &c.

Esta preposição componente, de que ha sessenta e seis vocabulos, deve sempre escrever-se *ante*, e não *anti* (como Moraes a escreve em *anticipado* e *anticipação)*, não só porque a etymologia e a significação pede *ante*, mas tambem para se não confundir com a outra preposição grega *anti*, que tem significação mui diversa, e tambem se acha na composição de muitos vocabulos nossos derivados daquelle idioma.

Anti

He preposição grega, como acabâmos de notar, e significa *contra*. Vejão-se no diccionario os vocabulos, que

por ella começão, que todos são trazidos do grego: nem nos occorre algum propriamente portuguez, em que se ache *anti* na sua composição.

Antre por entre

Veja-se *entre*, que os nossos antigos muitas vezes dizião *antre*, seguindo (ao que parece) o genio do orgão portuguez, mais inclinado ás vogaes abertas e sonoras.

Des

Esta particula, que entra na composição de muitos vocabulos portuguezes, *desfaz* ou *destroe* a significação do simples, priva a pessoa ou cousa da qualidade significada pelo vocabulo *simples*, ou já composto a que se ajunta; v. gr.:

Desaggravar — he tirar o *aggravo*, dar satisfação ao *aggravado*, &c.

Desamorado — privado dos affectos *amorosos*.

Descompôr — desfazer, tirar a *composição*.

Desconsolado — privado de *consolação*.

Desembaraçar — tirar o *embaraço*.

Deslustrar e *desluzir* — tirar o *lustro*, o *luzimento*, &c.

Destruir — tirar, desfazer a *estructura*.

Per

Esta preposição latina, adoptada em muitos vocabulos portuguezes, trouxe a significação que tem naquella lingua, e significa muitas vezes a perfeição, acabamento e complemento da acção, ou qualidade significada pelo verbo ou nome; assim:

Percorrer — acabar de correr, &c.

Perdoar — *doar inteiramente*, não querer paga ou satisfação alguma.

Perfazer — acabar de fazer, completar.

Perfilado — posto exactamente na fila.

Permanecer — ficar para muito tempo.

Perseguido — seguido pelo inimigo com teima, *muito seguido.*

Pertinaz — tenaz com grande excesso, completamente *tenaz.*

Pre

He outra preposição que nos veio do latim, e significa ou exprime na composição dos vocabulos a idéa de procedencia, prioridade, &c. Assim, por exemplo:

Precaver — tomar cautela antecipada.

Predizer — he *dizer antes,* annunciar antes.

Prefazer — fazer antes.

Preferir — pôr antes de outrem.

Preordenado — ordenado com antecipação, &c.

Prever — ver antes.

In, en ou em

Estas duas preposições, que entrão na composição de hum grande numero de palavras portuguezas, parece-nos que nem sempre são empregadas como convem á sua origem e significação. *In* he preposição latina. *En* ou *em* he preposição grega. A primeira significa as mais das vezes *negação.* A segunda, pelo contrario, exprime, digamos assim, a encorporação e existencia no sujeito, o estado, habito, situação ou disposição delle. Assim *incorrecto, indecente, incompleto,* &c., quer dizer o que *não he* ou *não está* correcto, decente, completo. Ao contrario *enamorado, empégado, enfaixado, enfeitado,* &c., quer dizer o que está todo mettido, entranhado em *amor,* no *pego,* nas *faixas,* nos *enfeites,* o que está, digamos assim, todo possuido do amor, &c., todo *encorporado* nelle. Daqui vem, que deveriamos fazer sempre esta differença, e dizer, v. gr., *infermo,* e não *enfermo, implumado*

(da ave que ainda não tem pennas), e *emplumado* (da ave que já as tem), não confundindo estes dous vocabulos em hum só, como faz Moraes, attribuindo-lhe significações contradictorias: *encorporado,* e não *incorporado* como tambem diz Moraes, acrescentando que he melhor ortografia ao mesmo tempo que se differença do *incorporeo.*

Com ou con

Estas particulas, de que se compõem muitos vocabulos do nosso idioma, significão *companhia, ajuntamento, conjuncção* de cousas ou pessoas; indicão huma especie de simultaneidade, talvez de reciprocidade e commutação, &c.

Commercio — commutação simultanea de cousas, de mercadorias, ou de objectos huns pelos outros.

Comparar — examinar ao mesmo tempo duas ou mais cousas, e cotisal-as, &c.

Composição — posição de cousas juntas — humas *com* outras.

Comprazer — unirmo-nos a outrem no mesmo gosto, fazendo por lhe agradar.

Condescender — descer a par de outrem, como para nos unirmos a elle em opinião, ou sentimento.

Conseguir — seguir até alcançar, até tomarmos a cousa que desejavamos, &c.

Constituir — estatuir em *união* com outras pessoas, juntamente com ellas.

Contratar — tratar huma pessoa com outra reciprocamente.

Convenção — ajuste de duas ou mais pessoas.

Dis ou di

Exprimem *separação, apartamento, discrepancia, diversidade,* v. gr.:

Discernir — separar as cousas humas das outras, desfazendo a mistura e confusão, &c.

Discordia — separação dos corações, discrepancia de affectos ou opiniões.

Difficuldade — apartamento de facilidade, separação della.

Diffuso — estilo diffuso, o que se estende, se espraia, se alarga derramando-se para cousas differentes e desvairadas.

Disformidade — discrepancia das fórmas regulares.

Disparidade — desigualdade, apartamento da igualdade.

Distracção — apartamento do objecto a que deveramos attender.

Disturbio — as turbas, cada huma para sua banda, sem unidade, &c.

Diversidade — volta de cada cousa para bandas oppostas ou varias.

Dico

Esta terminação puramente latina póde fazer lembrar a sua derivação de *dico*, e significar analogamente *o que diz:*

Fatidico — o que diz o fado.

Maledico — o que diz mal.

Veridico — o que diz a verdade.

Fico

Semelhantemente esta terminação latina, tomada do verbo *facio*, fazer, conserva muitas vezes esta mesma significação em:

Benefico — o que faz bem.

Malefico — o que faz malificio.

Morbifico — o que faz doença.

Prolifico — o que faz prole.

Ficar

He o modo com que traduzimos *facere* nos verbos compostos.

Clarificar — fazer claro.
Justificar — fazer justo.
Rectificar — fazer recto.
Santificar — fazer santo.
Verificar — fazer verdadeiro, &c.

Se

Particula tomada do latim com a significação de *á parte, separadamente, com desvio*, &c.; v. gr.:

Seduzir — *guiar desviando* do dever.
Segregar — *apartar do rebanho.*
Separar — *pôr á parte.*
Sequestrar — *pôr á parte em deposito.*

Sob

Outra preposição latina que exprime o mesmo que *debaixo, de debaixo, por debaixo*, &c.; v. gr.:

Sobescrever — *escrever debaixo*, ou *em baixo.*
Sobjeitar — *lançar de baixo.*
Sobmetter — *metter debaixo.*
Soccorrer — *correr a sustentar alguem na sua decadencia*, como *pondo-se-lhe de baixo*, &c.
Sopportar — *levar, indo debaixo.*
Subordinação — *acção de ordenar pondo em lugar inferior.*
Suppôr — *pôr huma cousa* como *debaixo de condição.*

Pl em pr

Pleco (grego) — *pregar, prégo.*

Do uso e abuso de alguns vocabulos, e de algumas classes delles

Ha em todas as linguas muitos vocabulos, e classes de vocabulos, cuja significação se não deve empregar e applicar sem alguma precaução. E postoque isto não seja proprio de hum simples diccionario, não he comtudo tão alheio delle, que não possa ter aqui algum cabimento, e que não deva merecer a attenção do diccionarista. Nós falaremos primeiro de algumas classes de vocabulos, e depois diremos de alguns em particular. O nosso fim he apontar exemplos, e excitar a attenção dos estudiosos.

Vocabulos de significação relativa

Todos os vocabulos desta numerosissima classe devem ser empregados com circumspecção, quando se pretende escrever em estilo claro, preciso e verdadeiro. Pertencem aqui os vocabulos *rico* e *pobre*, *grande* e *pequeno*, *alto* e *baixo*, *muito* e *pouco*, *sabio* ou *ignorante*, *cortez* ou *incivil*; e infinitos outros. Hum homem será *rico* em hum paiz, ou em huma terra, o qual será *pobre* em outra, com iguaes rendimentos: v. gr. na *aldea* ou na *cidade*, nas *provincias* ou na *côrte*, em *Portugal* ou em *Inglaterra*. O mesmo homem, e no mesmo lugar será *rico* se for moderado e regular em suas despezas, e bem governado na sua casa; e será *pobre* com iguaes recursos, se for desordenado na sua administração, gastador ou prodigo. Em hum paiz, em que se não cultivão as letras, será *sabio* o que em outra parte passará por *indouto*, ou mediocremente *instruido*. O homem tido por *cortez* e até polido em alguma terra das provincias, hirá talvez passar por *grosseiro* e *incivil* no meio do apuramento, da chamada delicadeza e das exquisitas e ceremoniosas e talvez fastidiosas civilidades da côrte, &c. Moraes desembaraça-se

ás vezes de hum modo bem singular das difficuldades de bem definir estes vocabulos. Por exemplo, no artigo *Grande* diz que he o opposto de *pequeno*; e no artigo *Pequeno* diz que he *não grande*: e assim nos deixa na ignorancia do que he *grande* e do que he *pequeno*, e da differença que ha entre palavras de tão differente e contraria significação. No artigo *Rico* diz que he *rico* o que tem *superabundantes bens de fortuna;* e depois em *Pobre* diz que he *pobre* o que *não é rico,* e logo explica *o que não tem o necessario para a vida;* mas se o *pobre* he o *não rico,* a explicação devêra ser *o que não tem superabundantes bens da fortuna,* cousa mui differente de *não ter o necessario para a vida.* Por aqui se vê a difficuldade que ha em dar boas definições destes vocabulos, e ao mesmo tempo a necessidade que ha de as dar em hum diccionario que deve servir ao conhecimento e ao justo e adequado uso da linguagem.

Vocabulos sympathicos ou antipathicos

Denominâmos assim certos vocabulos, a cuja propria e natural significação se tem ajuntado huma idéa estranha, que os faz entender em sentido favoravel ou odioso, segundo a intenção ou a preoccupação de quem os profere ou de quem os ouve. O nome, por exemplo, de *filosofo,* nome tão honroso e tão digno do homem que desempenha a sua originaria significação, tem contrahido huma idéa accessoria e estranha, tal, que na linguagem de muitos vem a ser nome de infamia e de execração, ou pelo menos de desconsideração e quasi desprezo. Chamão *filosofo* ao homem impio e irreligioso; chamão tambem *filosofo* ao que despreza as decencias da sociedade, que não traja, nem vive, nem procede segundo pede o uso das pessoas bem educadas. Este abuso he indigno de hum idioma civilisado e polido; deve evitar-se

cuidadosamente por quem quizer falar com propriedade, com acerto e com decoro; e se for lembrado no diccionario, deve ser tamsómente para soffrer bem merecida reprovação. Deste genero de abuso poderamos dar muitos exemplos; mas bastará apontar em geral as denominações que em differentes tempos se tem dado ás pessoas de certos partidos, seitas, sociedades, ou communhões politicas ou religiosas, a humas para conciliar a veneração do povo ignorante, a outras para as fazer odiosas e abominaveis, mas sempre desnaturando as palavras, e ajuntando-lhes accessorios que de nenhum modo lhe pertencem.

Póde entrar nesta classe huma denominação frequente até nas nossas leis. Queremos falar da que se dá ás corporações monasticas e religiosas, chamando-lhe *corpos de mão morta.* Qualquer que tenha sido a origem desta denominação antipathica, he certo que se fez della hum estranho e iniquo abuso, pretendendo quasi despojar estas corporações e os seus membros de todos os direitos civis e politicos, como se houvessem *morrido para o mundo,* e devessem ser por isso totalmente alheios de seus negocios e interesses, e como se a expressão *mortos para o mundo* devesse ter huma applicação real e totalmente em sentido proprio e absoluto. O que porém he mais digno de notar-se, he que ao mesmo passo que se reputavam aquelles homens privados dos direitos de cidadãos e de membros vivos da republica, erão comtudo gravados com obrigações e deveres, e as proprias leis que os consideravão como *mortos* para o gozo das prerogativas communs aos outros cidadãos, os consideravão todavia *vivos* para se aproveitarem dos seus bens, dos seus trabalhos, do seu prestimo e dos seus serviços. Em hum escriptor estrangeiro, que escreveu: *Principios do Direito Canonico,* lemos não sem admiração, que *os ecclesiasticos regulares não são cidadãos; morrêrão para o mundo; não*

possuem nada no estado; não gozão de direitos alguns civis; não fazem cabeça na republica. Logo porém este mesmo escriptor, no proprio lugar em que estabelece aquelles principios, fala *dos privilegios dos religiosos, dos seus bens,* &c., e conclue dizendo que os *religiosos em particular, morrendo para o mundo pela sua profissão, não devem ser considerados como cidadãos;* mas sim *como partes ou membros de huma communidade politica!*... &c. E aqui temos huma *communidade politica* composta de *partes ou membros mortos.* A estas incoherencias e contradicções nos leva algumas vezes o mau uso das palavras de que temos falado neste artigo.

Concluiremos este artigo com apontarmos o abuso que ás vezes se faz de vocabulos singulares.

Arbitrio

He este um dos vocabulos, cuja significação dá lugar a graves equivocações, quando não he bem definido. A cada passo dizemos, v. gr., que o Principe póde distribuir graças e mercês a seu *arbitrio;* que o magistrado tem pelas leis, em alguns casos, a liberdade de impôr ou aggravar a seu *arbitrio* a pena dos delictos; que o cidadão, o pai de familias póde reger a seu *arbitrio* os negocios da sua caza e familia, &c. E commummente se entende, que este *arbitrio* he totalmente livre, e só dependente da *vontade,* da inclinação, do gosto ou dos affectos daquelles a quem he concedido; mas he hum erro gravissimo. O *arbitrio* não he originariamente *acto da vontade,* mas sim do entendimento e *do juizo;* he huma sentença pronunciada depois de rasoavel deliberação. Moraes define muito bem o arbitrio, dizendo que he hum *juizo,* huma *sentença do arbitro;* mas parece que logo se esquece desta sua definição applicando-a á frase «*metter alguem debaixo do arbitrio de outrem*».

e explicando «*que he o mesmo que fazer alguem dependente da vontade de outrem*». Nem o Principe, nem o magistrado, nem o pai de familias, nem cidadão algum, por mais livre que seja, póde ou deve usar do *arbitrio* cegamente, e sem motivos justos e preponderantes. As meras graças do Principe devem sempre recahir sobre alguma consideração do bem publico e da utilidade que dellas póde resultar ao estado. Os nossos Reis não costumão usar do seu *arbitrio* sem que apontem algum ou alguns motivos da sua resolução, e quando não julgão necessario ou conveniente indical-os, sempre dizem em geral «*por justos motivos que me foram presentes*». As formulas talvez usadas de alguns Principes estrangeiros «*porque tal é a nossa vontade*» «*porque tal he o nosso prazer*» nos parecem pouco dignas da prudencia do governo, ainda suppondo (como se deve suppôr) que a *vontade* e o *prazer* do Principe tem sempre por base o amor do bem e interesse publico, e por elle se regulão. O arbitrio do magistrado, do juiz, do homem publico, ainda deve ser mais restricto. As leis criminaes (por exemplo), que nem sempre podem prever todos os casos e suas circumstancias, nem calcular com exacção toda a influencia dos crimes sobre a felicidade publica, nem a das penas sobre os criminosos, deixão talvez ao *arbitrio* do juiz este calculo; mas o *calculo*, quero dizer, o exame e ponderação de todas as circumstancias, he indispensavelmente necessario para d'ahi se deduzir o justo emprego do *arbitrio* e se tomar huma resolução rasoavel. Emfim, o cidadão particular, o pai de familias póde reger, e rege a seu *arbitrio* os negocios da sua caza e da sua familia: mas será este *arbitrio* cego? será dirigido pelas paixões, pelos affectos, pelo mero gosto ou pelos impetos de huma vontade inconsiderada? Certamente não. O homem que assim procedesse seria tido por hum louco. As proprias leis atalhão (como devem)

este mal da sociedade, este abuso do *arbitrio*. Os justos interesses da caza e familia, calculados e ponderados com prudencia, são os que devem presidir ao governo da caza e familia, ao tracto dos seus negocios, á direcção das suas resoluções. O mesmo se deve dizer de todos os casos que se deixão ao *arbitrio* do homem, em qualquer estado ou situação que elle se considere.

Catholico

Dá-se esta denominação a todos os Christãos que pertencem á verdadeira Igreja de Jesu-Christo, que he a catholica, apostolica, romana; que tem com ella a mesma doutrina da fé e dos costumes, os mesmos ritos, praticas e ceremonias, e que vivem na união e obediencia dos legitimos pastores e do centro commum da unidade catholica. D'aqui parece seguir-se, que he tão proprio e tão necessario ao verdadeiro catholico ter a fé da Igreja, como observar os mandamentos e preceitos que constituem a parte moral da sua doutrina. Comtudo nada he mais ordinario do que vermos dividir (em certo modo) o catholicismo em duas ametades, dando-se o nome de catholico aos que tem ou dizem que tem fé, ainda que por outra parte sejão cheios de vicios e maldades, e totalmente vasios da caridade para com Deos e para com os homens, que he o fundamento de toda a lei e moral evangelica, dos quaes diz com razão hum escriptor judicioso, que são *christãos de meias*, isto he, *catholicos do credo e herejes dos mandamentos*. E outro escriptor portuguez reflecte, citando a S. Jeronymo, que *he cousa de graça chamar idolatra a quem põe dous grãos de incenso nas brazas sobre o altar de Mercurio, e não pôr este nome a quem toda a sua vida adora a prata e o ouro*. (Arraez, Dial. 5.°, cap. 7.°). E não só se faz neste ponto o maior abuso daquelle vocabulo, mas ainda se observa a cada

passo outro não menos estranho e reprehensivel; porque para denominarem a alguem *catholico* não se contentão de que elle creia tudo o que a Igreja ensina e manda crer, senão que compõem hum credo novo a seu arbitrio, e negão o nome de catholico a quem não crê em tudo o que elles crêem, e do modo que crêem, a quem não crê... por exemplo, em milagres recebidos sem auctoridade e sem exame, na existencia de magicos, feiticeiros e vampiros; na apparição de espectros, duendes e fantasmas; nos prodigios obrados por certas imagens, em que talvez se julga residir alguma particular virtude, &c. Do qual abuso nasce a facilidade, verdadeiramente anti-christãa, com que talvez são appellidados de impios, irreligiosos, suspeitos na fé, e *não catholicos,* aquelles a quem a malevolencia, o odio, o interesse ou outras semelhantes razões pretendem desacreditar perante o vulgo, sempre ignorante e sempre maligno, ou perante pessoas de boa fé, mas pouco reflexivas. Este abuso deve corrigir-se dando ao povo catholico pastores dignos deste nome. Mas em todo o caso cumpre que os escriptores, os mestres, os homens de letras e as pessoas illustradas reformem a ordinaria linguagem, e se abstenhão de usar do vocabulo com tão notavel impropriedade, não o applicando jámais senão com a devida reflexão, e a quem desempenhar o que elle significa.

Heroe

Postoque alguns escriptores tenhão já notado a impropriedade com que frequentemente se emprega este vocabulo, nem por isso se tem corrigido e rectificado o seu uso. Ainda talvez se denominão *heroes,* v. gr., os Principes ambiciosos que á força de armas conseguírão subjugar e tyrannizar povos e reinos inteiros; os grandes conquistadores, açoutes da humanidade e flagellos

do mundo; e até alguns famosos scelerados, que por suas maldades e atrocidades deixárão nome na historia. Não sem admiração notâmos em hum escriptor da nossa historia, que falando do celebre pirata Cunhale, que tantos males fez na India, não duvidasse dizer: «*que toda a sua vida constára de acções grandes e admiraveis, e que para ser verdadeiro heroe sómente lhe faltárão a justiça e a virtude*». Estranho abuso de linguagem! Chamar acções *grandes* as de hum insigne facinoroso, a quem para *heroe* sómente faltou a justiça e a virtude! Mas que acções se podem dizer *grandes* ou *heroicas* quando lhes faltão estes essenciaes fundamentos de toda a verdadeira grandeza moral? Quem quererá ser o panegyrista deste e de tantos outros malfeitores famosos, que tem enchido o mundo de seus crimes, só porque tiverão valor, pericia militar, robustez, industria, destreza e ousadia? Bastarão acaso estas qualidades, ainda em gráo eminente, para fazerem o homem verdadeiramente *grande*, e as suas acções *heroicas*? (Veja-se *Ensaio de synonymos*, artigo 165.)

Evidente

He este hum dos vocabulos de que se faz mais frequente abuso, tanto na linguagem vulgar como na scientifica. A cada passo ouvimos dizer *isto he evidente*, isto se colhe *evidentemente* do meu discurso, &c.; comtudo nada mais raro que a verdadeira evidencia. A natural fraqueza do entendimento humano, as illusões dos sentidos, o influxo dos affectos e paixões, o espirito de seita ou de partido, as preoccupações que desde a infancia começámos a embeber, o respeito ou o temor do poder e da auctoridade, e mil outras causas que muitas vezes influem até sem o pensarmos nas nossas idéas e juizos, devem fazer-nos desconfiados das nossas *evidencias*, e

acautelados contra as dos outros. Não houve, nem ha quasi seita ou systema algum filosofico, que não presuma e se não glorie de ter da sua parte a *evidencia*, e comtudo humas a outras se contradizem e combatem. Se muitas e mui fortes razões nos persuadem, que a verdade se não esconde totalmente ao filosofo, que trabalha por descobril-a, muitas outras nos convencem de quam difficultoso seja alcançal-a, e quam necessario he ter sempre diante dos olhos quando a indagâmos a imbecilidade do nosso entendimento, para suspendermos prudentemente o nosso juizo até que repetidas tentativas o confirmem e assegurem. O escriptor sincero, modesto e amigo da verdade, mui raras vezes empregará o vocabulo *evidencia* sem precaução, e ainda quando mais evidente julgue a sua proposição ou discurso, dirá sempre *isto me parece, isto se me representa evidente*, e não em tom dogmatico, *isto he evidente*.

Atroz

O vocabulo *atroz*, assim como muitos outros de significação vaga ou não bem determinada, dão ordinariamente occasião a interpretações arbitrarias, são pouco proprios para o estilo exacto e preciso, e devem sobretudo evitar-se na linguagem das leis, ou não se empregarem sem preceder a sua mui acurada e clara definição. Muitas vezes se fala de crimes *atrozes*, de injurias *atrozes*, de calumnias *atrozes*, &c., mas em nenhuma parte achâmos definida a palavra *atroz*, sendo que por esta qualificação se aggravão, talvez com excessivo rigor, as penas de alguns delictos. Moraes explica *atroz* por *enorme, cruel* e *muito feio*, mas qualquer destes vocabulos he tão vago e indeterminado como o primeiro. Enorme, cruel e feio he matar hum homem voluntariamente e de proposito; e comtudo na linguagem juridica

não se chama *crime atroz* o simples homicidio voluntario. Cousa enorme he, cruel e feia, que o homem, v. gr., que goza na sociedade as prerogativas da nobreza e fidalguia, negue ao pobre o salario que lhe deve pelo seu trabalho, e não vemos que esta especie de maldade se qualifique de *atroz*, e ainda menos que seja punida como tal. Podemos discorrer ácerca deste vocabulo, e de muitos outros semelhantes, do mesmo modo que discorremos ácerca das sensações que recebemos pelos orgãos dos sentidos externos. São (digamos assim) sensações internas: sentimentos moraes indefiniveis em si mesmos, e que só podem ser explicados por meio de exemplos ou analyse mui circumstanciada de factos que tenhão sido denominados *atrozes*. Taes são os sentimentos de *atrocidade*, de *fealdade* e de *enormidade* moral, de *horribilidade*, e outros infinitos, que lhe são semelhantes.

Quasi

Tambem este vocabulo, com ser tão simples e de bem conhecida significação, póde em alguns casos dar occasião a graves erros, equivocações e falsas intelligencias. Diz-se ás vezes, por exemplo, que dous systemas de filosofia são *quasi identicos* em seus principios ou opiniões; mas se entrarmos no particular exame de suas doutrinas acharemos talvez entre elles importantes e substanciaes differenças, como se póde notar, v. gr., no systema de Bacon comparado com o de Locke, ou no de Descartes com o de Malebranche. Quer-se dar a conhecer huma fructa, huma flor, huma arvore ou hum producto natural pouco vulgar, dizemos, v. gr., que he *quasi semelhante* a tal outro conhecido; mas de qualquer modo que se queira entender o *quasi*, não ficaremos fazendo justa idea do objecto que se nos pretende dar a

conhecer, porque o que não he absolutamente semelhante, he differente; e o adverbio *quasi*, que he susceptivel de mais e de menos, nem determina o grão de approximação que ha entre os objectos comparados, nem nos dá noção alguma com que possamos avaliar a sua verdadeira differença.

Nas quantidades fysicas he o erro de menos consequencia, porque se dissermos, por exemplo, que huma caza tem frente *quasi* igual a outra em longura, póde prudentemente arbitrar-se que terá menos huma braça, ou meia braça, ou tantos palmos, que emfim são quantidades determinadas e conhecidas; mas nos objectos puramente intellectuaes e moraes, em que não ha determinação precisa de gráos, corre isto de differente maneira. Assim, v. gr., quando se diz que huma opinião he *quasi certa*, como avaliaremos este *quasi?* Em hum escriptor portuguez de moral, notâmos dizer elle que certa opinião he *quasi evidente;* mas que quer dizer quasi evidente? porventura tem a evidencia differentes gráos? quererá o escriptor dizer que aquella opinião he *clarissima*, com alguma *obscuridade?* Emfim ser *quasi evidente* não he ser *evidente*, e o *quasi* não serve senão de enganar o leitor desprevenido.

Bem, mal, bello, formoso, feio, horrivel, &c.

Estes vocabulos devem caracterisar-se da maneira que dissemos no artigo *Atroz*. Basta notar a estranha variedade com que ordinariamente se costumão caracterizar as pessoas, as cousas, as acções, &c., de *bem*, de *mal*, de *feias*, *formosas*, *horriveis*, &c., para se conhecer a ambiguidade que deve haver no discurso a este respeito. Nestes casos, a não se adoptar a doutrina do *instincto* moral, que ainda assim não desvia de todo a incerteza da expressão, ou a outra doutrina não menos incerta do

racionalismo; he forçoso recorrer a miudas e exactissimas analyses, que nos dêem a verdadeira noção daquelles vocabulos e fixem a sua significação ao menos na linguagem filosofica, em que a confusão e o erro teria mais sérias consequencias.

Natureza

Esta palavra tem no idioma portuguez, e em outros antigos e modernos, duas bem distinctas significações. Ora se toma n'huma significação (digamos assim) activa e generica, ora em huma significação passiva e mais particular. Quando se fala da *natureza* pura e simplesmente, significâmos com este vocabulo huma especie de ser ideal, abstracto, a que referimos como a *causa* todos os fenomenos do universo, todos os seus effeitos constantes, todas as operações dos seres; por onde se vê que neste sentido se confunde em certo modo a noção de *natureza* com a do seu auctor. Assim dizemos, v. gr., que a *natureza* he próvida; que as suas leis são simples, constantes, invariaveis; que a *natureza* procede sempre com admiravel sabedoria nos seus planos e na execução dos seus designios, &c. A outra accepção de *natureza,* que dizemos passiva e particular, exprime e comprehende na sua significação a collecção de todas as propriedades e qualidades constitutivas dos seres individuaes. Assim, a *natureza* das aves, a *natureza* dos astros, das pedras, das plantas, &c., quer dizer o complexo de propriedades, qualidades, faculdades, &c., com que a *natureza* (activa) dotou os individuos destas classes de seres, &c. Quando dizemos que Deos he o auctor da *natureza,* vê-se que tomâmos *natureza* pelo complexo dos seres que compõem o universo, pela totalidade desta grande maquina, a que chamâmos *mundo,* &c.

Vocabulos que exprimem as qualidades, accidentes ou attributos dos corpos, conhecidos por sensações

He esta classe de vocabulos huma das origens mais copiosas de equivocações e erros no discurso. Os vocabulos que significão puras *sensações* são indefiniveis como ellas, e apenas se podem explicar até certo ponto por exemplos, comparações ou analogias. Assim, v. gr., querendo nós definir a palavra *branco,* que significa hum dos accidentes da côr dos corpos, sómente podemos dizer que *branco* que he o que mostra a *côr branca,* e que esta côr he a do papel, da cal, do leite, da neve, &c. Mas todas estas *brancuras* são differentes humas das outras, e consequentemente não nos podem dar huma idéa justa, precisa da verdadeira côr do objecto. O mesmo nos succede quando dizemos que hum fructo, v. gr., he *azedo,* por que são mui varios, não só na intensidade, mas no proprio sabor, o azedo do vinagre, do limão, da laranja, da uva, da massa que fermentou de mais, &c.; e como seja quasi impossivel dar nomes particulares a esta grande variedade de sabores *azedos,* fica sempre a linguagem com alguma incerteza e obscuridade na sua verdadeira intelligencia. Nos vocabulos que exprimem algumas outras côres tem o uso da lingua estabelecido algumas gradações e variedades, como, por exemplo, em *azul, azul* claro, *azul* de esmalte, *azul* celeste ou ceruleo, *azul* ferrete, &c. Em *vermelho,* vermelho *acceso, carmezim,* vermelho *escuro,* vermelho *sanguineo,* &c. Mas estas mesmas gradações não são bastantes para exprimir as infinitas variedades e modificações d'estas côres, nem as quasi insensiveis differenças que entre muitas d'ellas se achão. O que dizemos das côres he applicavel a todas as sensações que nos vem pelos outros orgãos dos sentidos, e tudo isto faz difficil a applicação e uso dos voca-

bulos quando se quer falar com exacção, clareza e precisão filosofica.

Vocabulos de significação equivoca

He hum grande argumento da pobreza das linguas, e até da imperfeição e dos estreitos limites do nosso entendimento, a inevitavel necessidade, em que nos vemos, de empregar hum só vocabulo para significar muitas cousas differentes, que apenas ás vezes tem entre si alguma ligeira semelhança ou mui remota analogia. O nosso espirito, que não póde adquirir hum inteiro conhecimento do quasi infinito numero e variedade dos individuos que ha na natureza, nem poderia, aindaque os conhecesse, dar a cada hum seu nome particular e caracteristico, vai (digamos assim) pelo atalho. Reduz os individuos que conhece a certas classes, nota em cada classe algum caracter ou qualidade que lhe parece commum e essencial a todos, accommoda-lhe hum nome que exprime essa qualidade, e julga ter com elle caracterizado toda aquella classe de objectos que entrárão na sua analyse. Assim se formárão, por exemplo, os vocabulos *animal, vivente, vida, racional, espirito, arvore, pedra*, em summa todos os nomes genericos com que depois denominámos não só a classe, mas cada hum dos individuos d'ella, julgando-os sufficientemente designados por aquelle nome. D'aqui porém nasce hum infinito numero de erros e falsas idéas, e quasi sempre a falta de clareza e precisão no discurso. Façamos claro este nosso pensamento por alguns exemplos.

Amor — he hum vocabulo generico, que exprime aquelle affecto da nossa alma, que fortemente nos inclina a nos unirmos do modo possivel a algum objecto, que julgâmos conveniente, util ou necessario á nossa felicidade. Mas são tantos, tão varios e tão diversos os

modos com que empregâmos este vocabulo, e os objectos ácerca dos quaes o applicâmos, que forçosamente ha de ficar o discurso pouco exacto, e talvez obscuro, inintelligivel.

Dizemos, por exemplo, *amor* de Deos, o que elle tem aos homens, e o que os homens lhe tem a elle; *amor dos homens*, isto he, de huns para com os outros; *amor* paterno; *amor* materno; *amor* filial; *amor* da patria; *amor* da terra em que nascemos, da caza em que morâmos, do criado que nos serve, do animal que trabalha para nós; *amor* dos estudos, das letras, dos livros; *amor* divino, isto he, de caridade religiosa, e *amor* profano; e finalmente, damos o mesmo nome a huma das mais violentas paixões, que ás vezes agitão o coração humano, desatinão o espirito, e talvez levão o homem a perigosos precipicios. Mas todos estes *amores* são differentes já pelo objecto sobre que recahem, já pelo differente gráo da sua intensidade, já pelos motivos que os inspirão, e pelos fins a que se endereção, já emfim por muitas outras circunstancias que os caracterizão, e cuja explicação positiva e clara os poderia dar bem a conhecer. Quem póde pois duvidar, que sendo o vocabulo *amor* por si só insufficiente para exprimir com a devida clareza e precisão tão varios, discrepantes e até encontrados affectos, forçosamente ha de derramar no discurso alguma obscuridade, e muita incerteza sobre o verdadeiro pensamento do escriptor?

Vida—he outro vocabulo que nos não dá nem póde dar huma exacta idéa do seu objecto, attenta a multiplicidade de cousas a que se applica. Deos, por exemplo, he Deus *vivo*, tem *vida*. Os espiritos puros tambem tem *vida;* tambem a tem os homens os animaes, e as substancias espirituaes, ou *almas* que os animão. He *vivente* a planta; todos os vegetaes *vivem*. Alguns filosofos tem

conjecturado que os mineraes tambem vegetam, e consequentemente tem *vida*. Todos estes seres *vivem* de differente modo. Nós não sabemos bem definir o que he *vida;* como definiremos pois a *vida* em seres de tão diversa natureza, e em que a vida necessariamente ha de ser differente?

Moraes he neste ponto tão pouco exacto, como em muitos outros que temos notado. Diz: 1.º, que *vida* he hum substantivo feminino *opposto á morte*; 2.º, que vida no animal he o *estado em que elle faz as funcções naturaes e animaes;* 3.º, que nas plantas se dá vida *emquanto durão, vegetando, nutrindo-se e conservando-se no estado de perfeição natural.*

Nenhuma, porém, destas definições ou explicações he boa: 1.º, a vida he na verdade *opposta a morte;* mas tambem o he a tudo o que não tem *vida,* aindaque não seja *morto.* Elle mesmo define morte a *cessação da vida animal ou vegetal,* logo *vida* será o opposto da cessação d'ella, e os seres que não cessão de viver serão *vivos,* o que he falso a respeito de todos aquelles que nem *vivem* nem *morrem;* 2.º, o animal *asfixiado* não faz as funcções naturaes e animaes, e comtudo tem *vida;* 3.º, o que diz das plantas he igualmente inexacto, porque os vegetaes *vivem* ainda quando não estão nesse *estado de perfeição,* que Moraes suppõe na sua explicação.

Palavras tomadas metaforicamente

Todos sabem que as palavras se applicão muitas vezes aos objectos em sentido metaforico, isto he, transferindo-as do seu significado natural para outro analogo pela semelhança que ha entre os objectos. Assim dizemos, por exemplo, que os *principes são pastores dos povos;* que o segredo he *a alma* do negocio: que o homem cruel he huma *fera;* que o homem de grandes talentos

e comprehensão nas sciencias he uma *aguia;* que Alexandre foi hum *raio* da guerra, &c.

Desta applicação, porém, bem se vê que devem resultar consideraveis erros e abusos, quando ella não for empregada com grande discrição e attenção; porquanto, fundando-se a metafora na semelhança ou analogia dos objectos, como dissemos, e não sendo esta semelhança perfeita e total, haverá erro e má intelligencia, sempre que o vocabulo se tome em sentido mais amplo do que o permitte a semelhança,

O proprio diccionario, no artigo *Metafora,* nos dará disto exemplo. Ahi diz Moraes, que os Reis são *pastores dos seus povos;* e querendo explicar a metafora, ou o fundamento e rasão della, diz: «*porque devem regel-os e desfructál-os, como fazem os pastores a seus gados*». O erro nasce de ter ampliado a semelhança a mais do que estes objectos comportão. O pastor rege o rebanho, e o protege e defende das feras inimigas, e lhe prepara e offerece pastos abundantes e saudaveis, &c. *Homero* (diz Arraez) *chamou ao Rei pastor dos povos, e com muita razão, porque o pastor mais he das ovelhas, que seu proprio, e tal convem que seja* (Dial. 5.º, cap. 3.º). O mesmo Arraez diz tambem, que o bom Principe deve ser como *pai* dos seus povos, pelo amor, brandura e igualdade de justiça com que os deve tratar a todos, como a *abelha mestra* que, governando as outras, não tem aguilhão com que lastime, &c. Eis aqui, pois, os fundamentos da metafora, com que denominâmos o Rei *pastor* e *pai* dos povos, e da comparação que delle poderamos fazer com a *abelha mestra.* Os Reis nem podem nem devem *desfructar* os povos, nem para isso são postos á frente das nações, e se em algum sentido (certamente improprio) se póde dizer que os desfructão, não he da maneira que os pastores *desfructão os seus gados,* despojando-os da lãa, vendendo-os, matando-os e comendo-os: he sim exigindo delles e dos

seus trabalhos quanto basta e he necessario para o bem da republica e dos individuos de que ella se compõe, e não para seus proprios commodos, interesses e regalos. O contrario só póde ter lugar entre as maximas do politico florentino, cuja opinião era que o *Principe mais deve a si mesmo que á republica, e que esta foi instituida pela natureza a favor do Principe, que não o Principe a favor della.*

Calculo provavel do material da lingua portugueza

Tem os dous volumes do diccionario de Moraes, da quarta edição, 1:722 paginas ou 861 folhas.

Contando o numero de artigos em 10 folhas, achei que tinhão	767
Em outras 10 folhas achei artigos	570
Em outras 10	629
Em outras 10	617
Em outras 10	780
Sommão os artigos comprehendidos em 50 folhas	3:363

Vem a tocar a cada folha, termo medio, 67 artigos com pouca differença, os quaes multiplicados pelas 861 folhas dão em todo o diccionario 57:681 artigos.

Muitos delles vem repetidos tres, quatro, seis, oito, e mais vezes, com importuna prolixidade, unicamente pela razão de se acharem escriptos com alguma differença na ortografia, ou mesmo com ortografia errada, antiquada, &c., tirada de todo o genero de antigos documentos.

Moraes quiz ter neste ponto huma exacção mui escrupulosa e talvez impertinente. Assim, por exemplo, achâmos:

Tarcena, taracena, tarasana, tercena, terciena, terecena e *tarracena* (em 7 artigos).

Turcemão, trugimão, turchimão, trugiman, turgimão, dragomano e *targuman* (em 7 artigos).

Filacterias, filasterias, philacterias, philasterias, phylacterias (em 5 artigos).

Augoazil, aguazil, algozil, alguazil, alvazil e *guazil* (em 6 artigos).

Canemo, canamo, caneve, canave e *canhamo* (em 5 artigos).

Colluio, colluyo, conlyo, conloyo e collusão (em 5 artigos).

Erizado, erriçado, arriçado e *herriçado* (em 4 artigos).

Total 39 artigos em lugar de 7.

Alviçara, alvicera e *alvissara* (em 3 artigos).

Amasia e *amazia* (em 2 artigos).

Assuada, assumada, assummada, assoada, assunada e *asunada* (em 6 artigos).

Cajão, cajom e *chagom* (em 1 artigo).

Aboiz, buis e *buiz* (em 1 artigo).

Afabel, afabil, afavel e *affabel* (em 1 artigo).

Axioma, accioma e *actioma* (em 1 artigo).

Cobiça, cobiçante, cobiçar e *cobiçoso,* repetidos em outros 4 artigos só com a differença do *o* em *u, cubiça,* &c. (4 artigos escusados).

Apricar e *applicar* (em 1 artigo).

Aproveitar e *aprofeitar* (em 1 artigo).

Argulho e *orgulho* (em 1 artigo).

Cazaria e *cazeria* (em 1 artigo).

Chaminé e *cheminé* (em 1 artigo).

Cobello e *cubello* (em 1 artigo).

Airão e *ayrão* (em 1 artigo).

Total 46 artigos em lugar de 18.

Traz além disso muitos artigos de vocabulos gregos em *f* repetidos depois em *ph,* como *farizeu* e *pharizeu; farmacia* e *pharmacia; filosofo* e *philosopho; fosforo* e *phosphoro,* &c.

Outros compostos de *entre,* repetidos em *antre* e *inter.*

Outros muitos com o *a* inicial ou sem elle, como *abastar* e *bastar; achegar* e *chegar*, &c.

Fazendo hum calculo provavel de todas estas repetições, e abatendo o numero destes vocabulos á somma total, podemos affirmar, sem erro notavel, que o nosso diccionario consta de 50:000 vocabulos. Mas quantos destes serão simples ou radicaes?

1.º A nossa lingua he fecundissima neste artificio.

2.º Nós examinámos alguns artigos radicaes, v. gr., *carro, caza, pedra, monte, terra, amor, ferro*, &c., e achámos sómente em 16 delles 710 compostos e derivados, que dão a cada raiz ou palavra simples 44 ditos.

Comtudo como ha muitos vocabulos, principalmente entre os tomados das linguas orientaes, africanas e americanas, que não tem nenhum ou quasi nenhum derivado nem composto, e como muitos outros dos que os tem, apenas tem 1, 3, 5, 8 ou 10, fazendo tambem sobre tudo isto hum arbitramento, que nos não parece desarrazoado, abatemos á totalidade dos vocabulos 10 por cento, e suppomos no nosso diccionario 4:500 raizes ou vocabulos simplices.

Deste numero vem no diccionario com a nota de termos de Asia e Africa, quasi todos sem composto ou derivado algum	672
De vocabulos da America, idem	277
Do arabe 9:300 vocabulos, dos quaes, abatendo os 10 por cento, temos para as raizes	930
Do grego vem no diccionario vocabulos conhecidos á primeira vista 3:467, e podem acrescentar-se mais de 400, cuja origem he tambem grega, mas menos conhecida. Faz 3:867, e abatidos os 10 por cento, teremos de raizes gregas	386
	2:265

Esta somma, abatida ás 4:500 raizes, que dissemos, deixará tamsómente 2:735 raizes, que devem pertencer ás linguas primitivas da peninsula, ás linguas do norte (teutonica, gauleza, da Baixa Bretanha, ingleza, franceza, &c.) e ao latim............................	2:735
As nossas listas de vocabulos, quasi todos simples, vindos do celtico, gaulez, breton, vasconso, germanico ou teutonico, gothico, e de outros paizes do norte, passa de 450 vocabulos................................	450
	2:285

que abatidos áquella somma de 2:735 raizes, ficarão ainda 2:285 raizes, cuja origem cumpre indagar.

Falta de palavras usuaes ou não antiquadas

Acatarroado — que he mais usado que *acatarrado*, doente de catarro.

Albino — os homens que vulgarmente se chamão *negros-brancos*. (Veja-se Bluteau no *Supplemento*, v. *Alvinos.*)

Amarfanhar.

Ansa — por occasião; v. gr., dar *ansa*, tomar *ansa*, &c.

Asobar — açular os cães.

Avagar — vocabulo mui usado no Minho para significar que vai decrescendo a enchente do rio; que se vai a agua retirando ao leito do rio, e deixando livres e descobertas as terras inundadas.

Bagadas — grandes lagrimas.

Banda — falta neste artigo a significação de *banda de porco*, de que faz menção em *calaça*.

Bieito.

Blasfemador, *cingel* (junta de passaros), *colheito* (colhido), *concepto* (concebido), *couvinha*, *crer a alguem*, *cruzado* (marcado com cruz). — Frei Marcos de Lisboa.

Bouzear, e não *bozear* ou *vozear*.

Calaça por *calaçaria* — repugnancia ao trabalho.

Calhoada, *caréca*, *comecilho*, *embrulho*, *godalho*, *guisso*, *macaquice*, *momice*, *nenho*, *pateta* e *patetice*.

Callo (pão de).

Carunho — o caroço duro e quasi osseo de alguns fructos.

Causante, *cibado* (isto he, refeito), *chupar*, *contemplante*, *continuança*, *criamento*, *crucificamento*, *cuydação*, *suspiroso* (suspirosos desejos). — *Espelho de perfeição*, impresso em 1533.

Colonia — vocabulo vulgar, quando dizemos que alguem traz uma terra de *simples colonia*, isto he, de arrendamento sem emphyteuse.

Escarsão — de que se faz menção no artigo *Abobada*.

Estiça — instrumentosinho de espevitar e espertar a luz da candêa.

Fófa — dança antiga, de que aliás se faz menção no artigo *Volta*.

Lacada.

Méco — por homem pêco, acanhado, homem para pouco, excessivamente minucioso, &c.

Misto, e não *mixto*.

Mixordia.

Pallio — falta neste artigo a significação do *pallio* usados dos Gregos e Romanos.

Petado — v. gr., *carne petada*, de que se faz o picado para recheios.

Petar — dar pequenos e amiudados golpes com instrumento cortante, v. gr., *petar carne*, *petar cebola*, &c.

Tanguiço.

Saludador — a que se refere no artigo *saudador*.

Vampyro e *vampyrismo* — de que usou Diniz no *Hyssope*. *Vampyro* he o esclavonio *vampyr*, que quer dizer *sanguesuga*. He bem sabida a historia dos *vampyros*.

FIM DO TOMO IX

INDICE